

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA
HELENA ANTIPOFF – CDPHA

Secretaria: Rua do Ouro, 1.900 – Belo Horizonte

COLETÂNEA DAS OBRAS ESCRITAS
DE HELENA ANTIPOFF

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL

VOLUME III

BELO HORIZONTE
1992

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA
HELENA ANTIPOFF – CDPHA

COLETÂNEA DAS OBRAS ESCRITAS
DE HELENA ANTIPOFF

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL

VOLUME III

BELO HORIZONTE
1992

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA
HELENA ANTIOFF - CDPHA

COLETÂNEA DAS OBRAS ESCRITAS
DE HELENA ANTIOFF

FICHA CATALOGRÁFICA

(Elab. Atividade de Biblioteconomia da Imprensa Oficial)

A633c Antipoff, Helena
Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. — Org. pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, CDPHA. — Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992.

4v.

Conteúdo. — V.I. Psicologia Experimental. V.II. Fundamentos da Educação. V.III. Educação do Excepcional. V.IV. Educação Rural.

1. Psicologia Educacional. 2. Educação — Fundamentos. 3. Ensino Especial. I. Título.

CDD: 370.15
371.9

Imprensa Oficial de Minas Gerais
Av. Augusto de Lima, 270
30190 — Belo Horizonte — MG

**COLETANEA DAS OBRAS ESCRITAS DE HELENA
ANTIPOFF**

VOLUME III

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL

SUMARIO

Introdução 9

DÉCADA DE 1930

A Questão dos Anormais no Estrangeiro (1933) 11
Ortopedia Mental nas Classes Especiais 27
Homogeneização das Classes Escolares 31
 Critérios dos Testes 32
 A Observação Metódica 33
Folha de Observação para Classes de 1.º Ano 37
Plano para Organização das Classes do 1.º Ano 39
Classes Especiais 47
O Papel Educativo e Social das Classes Especiais 49
Seleção dos Professores 53
Progressos Escolares 55
O Ensino nas Classes Especiais 61
Da Ortopedia Mental 67
Inventário das Funções Mentais 75
Origens dos Exercícios de Ortopedia Mental 77
Exercícios de Ortopedia Mental 79

Exercício de Imitação	95
Observação	103
Discriminação da Intensidade e Tempo	105
Ritmo e Orientação Conforme o Ruído	106
Observação Visual	107
Exercícios de Atenção	109
Exercícios de Memória	115
Exercícios de Observação Auditiva	119
Memória Visual	123

DÉCADA DE 1940

Material para Estudo da Experimentação Natural no Trabalho	129
A Função Social da Assistência aos Excepcionais	139
A Educação das Crianças Retardadas	147
Educação dos Excepcionais	149
Campo, Ambiente Natural	150
Vida em Núcleos Familiares	151
Trabalho	153
Assistência ao Infranormal	157
Temas para Cursos Pró-Infância Excepcional e Educação	
Rural	159

DÉCADA DE 1950

Experimentação Natural I	161
A Experimentação Natural II	165
O Problema dos Egressos	175
In Memoriam — Naitres Maria de Resende	181
Os Retardados Mentais	185
Ambiente Escolar	193
Ensino Primário e Secundário	195
Lares Agro-artesanais	201
Oficinas Pedagógicas Rurais para o Excepcional	205
Comemoração dos 20 Anos do Inst. Pestalozzi de BH	207

Educação do Excepcional	209
Para Educar uma Criança Deficiente Mental	213
Quando é que o Projeto dos Egressos para Excepcionais será uma Realidade?	217
Jornadas Educacionais	219
1.º Encontro-Curso Pró-Infância Excepcional no Rosário	223
Pestalozzi	227
Encontro-Mutirão na Fazenda do Rosário	231
Pró-Encontro-Curso — Infância Excepcional	233
De Lustro em Lustro — Três Instituições para Excepcionais	237
Aos Ex-Alunos e Colaboradores da Sociedade Pestalozzi do Brasil	247
O Voluntário na Assistência ao Excepcional	263
Treinamento — Orientação — Avaliação	266
Áreas de Atividades junto a Excepcionais	267
Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais	271
Assistência Escolar	272
Cursos	273
Colaboradores que se Afastam	275
Recreação Infantil	276
Atividade Agrícola	277
Os Ceramistas	278
Artes Domésticas	279
Curso Normal Regional	280
Contribuição da ACRIFAR	283
Expansão do Centro Artesanal	284
Oficinas Pedagógicas e Curso Industrial	285
Exposição	288
Integração dos Excepcionais na Comunidade Rural	289
Aos Educadores Compete	291
A Construção	295
Indústrias Rurais	295

Colocação Familiar de Deficientes na Zona Rural	299
Corporações Artesanais e Hortigranjeiras	303
Temas para Estudo em Grupos	305
Recomendações aos Pestalozzianos	307
A Educação do Deficiente (Plano de Aula)	311

DÉCADA DE 1970

Recuperação do Excepcional	315
Lentidão na Execução dos Projetos Pró-Excepcionais	319
Prefácio do Manual sobre Educação do Excepcional por Otilia Braga Antipoff	321
Carta para Srta. Vera Lúcia Ezagui	331
Trechos de Cartas Redigidas por H. Antipoff	
Tema: O Excepcional	333

COLETÂNEA DAS OBRAS ESCRITAS POR HELENA ANTIPOFF

Introdução

Ao ensejo do centenário de nascimento de Helena Antipoff, em 25 de março de 1992, o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff — CDPHA, representando várias centenas de associados, quer prestar à grande educadora russo-brasileira uma muito merecida homenagem póstuma: a publicação de suas obras, ou melhor, a reedição de muitos de seus escritos, já esgotados ou, quando não, espalhados em artigos, revistas científicas, jornais de épocas passadas.

É o pensamento e a filosofia de Helena Antipoff que se quer divulgar junto às novas gerações, porque até o presente momento revelam-se de grande atualidade. Desde a década de 1920, quando ela se dedicava à pesquisa psicológica, passando pelas décadas de 30 e 40, quando já se encontrava no Brasil, e até a década de 70, legou-nos idéias de grande profundidade relativas à educação em geral, Educação Rural, Educação do Excepcional e Educação do Bem-Dotado. São estudos que merecem ser conhecidos pelos jovens, pois resultam de uma verdadeira e longa experiência pessoal.

Helena Antipoff, em sua ânsia de deixar algo concreto e mais palpável para as populações em geral, tão carentes de tudo, preferiu agir, organizar, construir, fazer demonstrações através de cursos e seminários, enfim, inculzir hábitos de ação construtiva, mais do que simplesmente escrever para uma minoria e daí, talvez, somente manter-se num plano de teorismo. Julgava que, no Brasil, o que seria mais útil seria a visão, o próprio exemplo, a ação pragmática daquilo que ela considerava prioritário.

Num País onde a educação nunca mereceu uma posição de maior destaque, levando-se em conta as ínfimas verbas go-

vernamentais dedicadas à cultura e à escola em geral, Helena Antipoff muito fez para sensibilizar os governantes quanto à necessidade de insistir mais, na aprendizagem, no preparo do homem do campo, visando a sua elevação para a condição de cidadão trabalhador e honesto.

Eis por que tanto empenho fazemos hoje para que uma coletânea das obras escritas de Helena Antipoff possa ser reeditada. São quatro volumes acompanhando cronologicamente as áreas a que, sucessivamente, passou a dedicar toda a sua capacidade de entusiasmo. São obras publicados sob os auspícios governamentais, com a presunção de que uma coletânea dessa natureza possa ser útil, quando distribuída para cada universidade brasileira e grande número de escolas oficiais onde é ministrado o curso de magistério. Com os nossos agradecimentos, pois pela colaboração recebida tanto na coleta dos dados como para o trabalho de impressão tipográfica desses preciosos livros, fazemos votos para que o pensamento e o entusiasmo daquela educadora possam contribuir para melhorar o sistema educacional do País e propiciar a elevação do cidadão brasileiro.

Daniel Antipoff

Obras escritas de Helena Antipoff na década de 1930

A QUESTÃO DOS ANORMAIS NO ESTRANGEIRO

(Bélgica, França e Suíça)

Palestra pronunciada por Helena Antipoff perante o Conselho Técnico da Sociedade Pestalozzi, em 12 de julho de 1933.

Senhoras, Senhores,

Na qualidade de presidente da Sociedade Pestalozzi, não posso deixar de apresentar-lhes, antes de tudo, meus profundos agradecimentos pela ação da Sociedade, em particular ao vice-presidente, Rev. padre Negromonte, ao dr. Fernando Magalhães, secretário-geral, e a todos os membros do Conselho Técnico que, na ausência do presidente, elaboraram os estatutos da Sociedade Pestalozzi, organizaram as comissões técnicas e desenvolveram uma bela atividade.

Antes de dar a palavra ao secretário-geral, julguei dever falar-lhes sobre algumas impressões da minha recente viagem à Europa, onde visitei vários estabelecimentos para anormais e estudei, na Suíça principalmente, o problema dos retardados. As anomalias financeiras atuais e a impossibilidade atualmente de obter troca contra o mil-réis brasileiro reduziram consideravelmente meus projetos e limitaram a minha viagem à França e à Suíça. Tive a boa sorte de me encontrar com mr. Rouvroy, diretor de um estabelecimento central para a infância anormal da Bélgica, que me deu informações interessantes sobre seu país.

Começarei por esse último, dizendo duas palavras sobre o Instituto Moll Hutte, próximo a Anvers. A particularidade desse estabelecimento consiste em que ele representa um centro de observação para todas as crianças processadas pela justiça, na Bélgica. Os meninos passam ali dois, três meses ou o tempo

necessário para o estudo mais completo de seu estado de saúde corporal e mental, de suas aptidões, de seu caráter, de suas possibilidades profissionais. Uma vez estabelecido o diagnóstico, o diretor coloca a criança em um dos estabelecimentos para crianças delinquentes, ou em uma das múltiplas famílias que, na Bélgica, são cuidadosamente escolhidas para esse fim.

O papel do centro de Moll Hutte não se limita ao trabalho interno com os alunos; sua ação foi extremamente fecunda na organização dos estabelecimentos para delinquentes, enviando crianças de certa categoria para cada um dos estabelecimentos diferenciados e assegurando assim a cada um uma educação determinada. Essas instituições não tinham, antes do trabalho de Moll Hutte, nenhum caráter particular: recebiam crianças de todas as espécies, mentalmente retardadas ou anormais, sãs de espírito ou doentes, com aptidões profissionais de uma categoria ou de outra... A ação de Moll Hutte foi, pois, extremamente benfazeja sob este ponto de vista, porque não se pode, realmente, esperar a educação de crianças delinquentes deixando-as aglomeradas em uma promiscuidade de níveis, tendências e de taras as mais nefastas para os alunos.

A influência de Moll Hutte estende-se, porém, mais ainda, controlando regularmente a educação das crianças e seus progressos morais e profissionais nos estabelecimentos para os quais os envia. Graças à personalidade de mr. Rouvroy, diretor de Moll Hutte, esse controle não é apenas administrativo, mas essencialmente pedagógico e psicológico, porque estuda as condições em que os jovens delinquentes continuam a desenvolver-se e a corrigir-se, e analisa, com os diretores dos estabelecimentos permanentes e com as famílias adotivas, medidas individuais para cada criança.

Esse interesse e controle sistemático dos estabelecimentos e das famílias adotivas, ou das próprias famílias das crianças, corrige muitos defeitos e orientam os jovens delinquentes na via da verdadeira regeneração moral.

Na França, se bem que a preocupação das crianças retardadas fosse posta em ordem do dia desde 1904, e apesar da contribuição eficiente de Alfredo Binet e do dr. Simon, não se faz grande coisa pelos anormais. Apesar do elevado número de crianças — uma pesquisa recente registrou 49.000 retardados, dos quais 10 a 12.000 no Departamento do Sena — a França não dá assistência a mais de 2.000 crianças em todo o país. A Suíça, com seus 4 milhões de habitantes, educa e ampara 5.700; a Holanda, com seus 7 milhões — 6.397. Enfim, a Alemanha ampara 72.000 e os Estados Unidos do Norte 96.000.

(Dados do Comité nacional d'éducation et d'assistance de l'enfance anormale).

Queixam-se na França, e com razão, de que os anormais são abandonados. É digno de nota, entretanto, o agrupamento de professores, "le foyer-centre d'hygiène" da Associação Léopold Bellou. Essa associação dos professores públicos de crianças retardadas tomou a iniciativa do trabalho, organizando conferências sobre o ensino especial. O dr. Simon presta-lhe seu apoio e sua palavra competente. A associação mantém uma publicação periódica, Notre Bulletin, que serve de traço de união ao trabalho dos professores públicos de retardados; além disso, publicou um pequeno volume resumindo as conferências feitas sobre a educação dos anormais.

As classes especiais, chamadas classes de aperfeiçoamento, que nos foi possível visitar em Paris, nada oferecem de interessante; ao contrário, mostram antes um regresso relativamente ao que eram em 1911, quando tivemos ocasião de visitá-las.

Atualmente é o serviço social — os patronatos da infância e da adolescência — que parecem ter um papel mais considerável, talvez impulsionados pelos trabalhos interessantes feitos nos Estados Unidos, se bem que ali, graças aos cuidados e energia devotados do juiz Rollet (esse trabalho existe desde 1890), têm sido observadas e assistidas mais de 40.000 crianças.

Assinalemos ainda o consultório do dr. Léopold Lévy, no Instituto Profilático, onde, perante numerosa assistência de médicos e de pedagogos, dr. Lévy faz tratamentos opoterápicos das diferentes formas de insuficiência e das perturbações psíquicas e nervosas: atraso mental, agitação, tiques, gagueira, escrita defeituosa, etc., conseguindo, em grande número de casos, melhoras notáveis.

Passemos agora ao pequeno país vizinho, a Suíça, onde a assistência aos anormais é bem mais sistemática, amparando, como dissemos, cerca de 5.700 crianças. Notaremos desde logo que todo o trabalho, particular ou público, está englobado em uma associação: a Associação Suíça para Crianças Anormais, com duas secretarias: uma para a Suíça alemã, outra, o Centro Romando, para a Suíça francesa. Essa associação recebe do governo federal uma subvenção de 300.000 francos por ano (cerca de 900 contos) que distribui por seus diferentes centros e instituições; assim, existe um centro para indivíduos *débeis mentais*, outro para *crianças difíceis*; para indivíduos *profissionalmente insuficientes*; para *cegos, surdo-mudos, aleijados* e para *epiléticos*.

Cada uma das sete categorias de anormais possui, pois, seu próprio centro de ação. Além dos centros, fazem parte da Associação numerosos estabelecimentos pedagógicos que formam o corpo docente e técnico das classes e estabelecimentos especiais.

Destaquemos especialmente dois membros dessa Associação: o Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, com o curso especial de Melle Descoedres e do Dr. Brantmay, e o consultório médico-pedagógico para crianças débeis ou difíceis, do ponto de vista educativo, no qual tomam parte ativa os alunos do Instituto Rousseau, sob a direção de me. Loosli — Usteri. Notemos ainda o Heilpädagogisches Seminar de Zurich, anexo à Universidade e que, sob a direção do professor Hanselmann, forma especialistas para os diversos ramos do ensino dos anormais.

Esta associação, que centraliza assim tudo que se refere aos anormais na Suíça, é muito ativa: organiza congressos, pesquisas (notamos uma sobre a enurese), convida conferencistas para os dias educativos, convida pessoas competentes de outros países para controlar e dar consultas, com o fim de melhorar os estabelecimentos (foi assim que encontrei na Suíça mr. Rouvroy, da Bélgica), fornece revistas, livros e aparelhos aos estabelecimentos (microfones para os surdos, aparelhos ortopédicos para os aleijados, etc.) enfim, como ficou dito, distribui, conforme as necessidades, a subvenção federal.

É de se notar, em Genebra, uma criação recente: em uma bela propriedade de Charmilles dada por um filantropo, nos arredores da cidade funciona um *centro de observação* para todas as crianças das escolas públicas de Genebra que revelam alguma particularidade de conduta. Algumas vezes são crianças retardadas mas, na maioria, trata-se de crianças perfeitamente desenvolvidas sob o ponto de vista intelectual, apresentando perturbações de caráter. Nervosas, psicopatas, com aberrações do sentido moral, essas crianças são retiradas dos grupos escolares e freqüentam a escola desse estabelecimento, dirigidas por professores primários competentes e visitadas por um médico especialista. Desse modo, são mantidas em observação médica e psicológica, sem interromper o curso de seus estudos.

A análise desses casos revela freqüentemente uma causa mosológica: **influência nociva do meio familiar**, provocando os diversos desvios do caráter normal. Depois de algumas semanas de observações e de pesquisas sérias junto às famílias, essas crianças são colocadas, se for preciso, em fa-

mílias adotivas ou em internato anexo à escola. Muitas vezes, entretanto, o simples ambiente da escola de Charmilles, tranqüilo e cheio de solicitude pela pessoa da criança, basta para acalmá-la e dar-lhe o equilíbrio moral necessário, e a criança volta transformada para sua escola, ou para outra escola primária. Trouxemos desse centro de observação as melhores impressões e o julgamos um verdadeiro socorro para os numerosos casos de desequilíbrio nervoso e moral que se encontram tão freqüentemente nas escolas públicas das grandes cidades.

É no cantão de *Zurich*, entretanto, que o problema da infância anormal se acha mais bem-tratado. Isso é devido, de um lado, à grande influência que exerce o Heilpädagogisches Seminar do dr. Hanselmann; de outro, ao fato de se achar desde alguns anos nas mãos dos socialistas, não só o Departamento de Instrução Pública, como todo o Governo do Cantão de *Zurich*: ora, sabe-se que o programa de ação desses últimos dá uma atenção toda especial à instrução pública. Eles teriam, certamente, razão, se não entortassem um pouco o bastão na outra extremidade, e não gastassem o dinheiro público em um luxo exagerado no arranjo dos jardins da infância e das instituições para crianças anormais, que podiam dispensar uma parte das coisas que ali se vêem.

Na cidade de *Zurich*, sobre uma população escolar de 16.528 alunos, 291 crianças fazem parte das classes especiais, o que dá 1,7% ou 17 por mil. Essas classes são mistas e há de muitos anos, a estatística acusa mais ou menos um terço de meninas sobre dois terços de meninos.

As classes especiais só recebem crianças educáveis, isso é, apresentando quocientes intelectuais acima de 0,60 — 0,70. As crianças de níveis mentais inferiores são guardadas em casa ou internadas nos *asilos* para anormais. O problema da perfectibilidade ou de educabilidade dos anormais merece toda a nossa atenção, tanto do ponto de vista teórico como prático, sendo absolutamente necessário estabelecer critérios exatos para se saber se tal criança retardada ganha em freqüentar uma classe especial. Esta limitação deve ser o objeto de um estudo futuro para as classes especiais dos grupos escolares de Belo Horizonte, onde, até hoje, são recebidas crianças simplesmente retardadas e anormais profundos.

Sobre as 18 classes especiais de *Zurich*, ao lado das classes para simples *retardados mentais*, existe uma classe para *repetentes* (o fenômeno de repetição do ano escolar é tão raro que exige uma classe à parte), duas classes para *retardados de mais idade*, com o ensino manual muito desenvolvido,

duas classes para *crianças com perturbações da palavra*, três para *crianças duras de ouvido*, duas classes para *crianças fracas de visão* e, enfim, duas *classes de observação* para *crianças com perturbações do caráter*.

As crianças anormais que freqüentam as classes especiais são objeto de tais cuidados e de uma educação tão competente e eficiente que, ao sair da escola, deixam de ser parasitas da sociedade. Demais, o *bureau* escolar que se ocupa da orientação profissional de cada criança, normal ou não, em vésperas de deixar a escola, não abandona criança alguma, saída das classes especiais, sem colocá-la e assegurar seu ganha-pão.

Detivemo-nos mais demoradamente no Serviço Médico-Pedagógico para as crianças anormais de Zurich. Encontramos nesse serviço a *Policlínica Psiquiátrica*, que funciona uma vez por semana e que recebe, para um exame ambulatorial, as crianças apresentadas pelas escolas públicas, pelos pais, pelas instituições de proteção à infância, pela Justiça, etc...

Para conhecer as condições da vida da criança em casa a Policlínica manda fazer investigações especiais. Se o caso é benigno, o tratamento se faz pela própria Policlínica; senão as crianças dos grupos escolares são dirigidas para as *classes de observação* (*Beobachtungsklassen, BK*), para um estudo mais demorado.

Cada uma das duas classes de observação de Zurich contém de 12 a 15 alunos, pertencendo a todos os degraus escolares, onde o ensino é ministrado por competentes professores, versados na psicopatologia infantil.

O tratamento das crianças nas BK classes é inteiramente individual; o ambiente da sala é mais vivo, as ocupações são mais variadas: duas horas por dia somente há aulas propriamente escolares; o resto do tempo é reservado ao trabalho manual, desenho, excursões e ao exame psicológico.

Nesse regime de maior liberdade, de confiança e de atividade, os alunos se revelam mais espontaneamente, o que facilita o seu diagnóstico e prognóstico. Eles ficam ali um tempo indeterminado, até completar as observações. Às vezes, no ambiente especial dessas classes os alunos recuperam suas falhas e voltam para as classes comuns bastante melhorados. Outras vezes, são dirigidos para a Casa de Observação, onde eles são internos, ficando o dia e noite sob a observação mais aprofundada ainda; outras vezes, enfim, são colocados nas classes especiais de Zurich; ou nos estabelecimentos educativos de que vamos falar adiante.

O papel das classes de observação é complexo: elas auxiliam a discriminar bastante cedo crianças nevropatas e disarmoniosas; cuida de mandá-las para as instituições especiais (classes e estabelecimentos); realiza uma obra de higiene mental, pois, muitas vezes, como já dissemos, guardando a criança por mais tempo, os defeitos dela desaparecem em pouco tempo. Enfim, as classes BK organizam pesquisas sobre os anormais mentais, fornecendo ao professorado dados importantes sobre a infância anormal, e dão oportunidades de fazer estágios de alguns meses aos educadores dentro das próprias classes.

Quando se trata de casos mais complexos, a Policlínica Psiquiátrica ou as classes de observação dirigem as crianças a Stephansburgo, casa cantonal para crianças psicopatas. Ali o indicado fica tanto tempo quanto é necessário para um diagnóstico mais seguro, geralmente de algumas semanas a alguns meses.

A casa de Stephansburgo recebe, no máximo, 25 crianças dos dois sexos, de 3 a 14 anos. Esse último limite é condicionado pelos meios materiais da casa, que impedem uma separação completa entre diversas partes da casa, logo, uma separação suficiente entre a moradia das meninas e meninos.

O Stephansburgo está situado ao lado do estabelecimento para os adultos alienados (Burgholzli), porém as crianças nunca podem se encontrar com seus vizinhos maiores. O diretor do Stephansburgo e os médicos estão em contato sistemático com o diretor do Burgholzli — prof. Bleuler, nome de grande relevo na psiquiatria européia.

De 1921 (data de inauguração de Stephansburgo) a 1930 passaram por Stephansburgo mais de 600 crianças, com uma média de 70 a 80 crianças por ano.

As diversas categorias mórbidas se distribuem assim sobre estes 600 doentes:

- 132 — psicopatas constitucionais
- 91 — psiconeuróticos
- 85 — débeis mentais
- 54 — com estados orgânicos adquiridos
- 12 — epiléuticos
- 6 — cretinos
- 2 — com estados esquizofrênicos.

O restante se refere a outras doenças.

Dois terços de crianças aproveitaram bem da sua estada em Stephansburgo, deixando a casa em estado bem melhorado; um terço não lucrou e foi dirigido para outros estabelecimentos de educação e tratamento médico.

Notemos ainda em Zurich o *Estabelecimento Suíço para Epiléticos*.

Segundo estatística recente, a pequena Suíça conta com cerca de 20.000 epiléticos. Só o estabelecimento de Zurich recebeu cerca de 6.000 durante os últimos 40 anos. Atualmente ele ampara 320 doentes.

Criado em 1886 pela União Cristã, o estabelecimento foi subvencionado pelo povo suíço e auxiliado pelos numerosos donativos particulares. Hoje o *estabelecimento* representa uma verdadeira aldeia com 16 construções, distribuídas num plano centrífugo. Cada edifício tem seu próprio feitio, e seu próprio modo de mobiliar o interior da casa. Cercado de uma grande área de jardim, produz um efeito de umas chácaras bem-tratadas.

Homens, mulheres, rapazes, moças e crianças têm cada uma das categorias seu próprio pavilhão. O pavilhão das crianças nos interessa especialmente. Ali veremos uma mobília feita de acordo com as necessidades e gostos das crianças: pinturas alegres em forma de frisos nas paredes, mesinhas e cadeirinhas de acordo com o tamanho dos pequenos; estantes com livros, armários com brinquedos.

O pavilhão das crianças faz lembrar mais uma *nursery* que uma clínica. A vida dos pequenos se passa em ocupações escolares (os que podem), em brinquedos, trabalhos manuais e jardinagem.

Cada criança tem seu *dossier* médico-psicopedagógico, onde se registram todos os dados sobre ela, resultados dos numerosos exames, e observações sobre a moléstia e a conduta feitas diariamente.

O exame psicológico é bastante completo: cada criança, além do exame de Binet-Stanford, faz ainda o de Rorschach, sobre as particularidades do caráter, como também a prova de Kraepelin do cálculo mental. Os numerosos resultados deste último teste, aplicado aos epiléticos orgânicos, feito durante mais ou menos uma hora, seguem uma curva específica: depois de um ligeiro aumento do trabalho nos primeiros cinco minutos, nota-se uma descida gradual até um mínimo bem baixo no fim dos 40 — 50 minutos, para, depois, outra vez subir ligeiramente no fim.

A escrita dos epiléticos é também assunto de um estudo atencioso: as características *ausências do petit mal* se traduzem na escrita por traços automáticos introduzidos dentro das palavras, para continuar depois normalmente a palavra interrompida, uma vez a crise acabada.

O *Estabelecimento Suíço para Epiléticos* fornece uma interessante nota do efeito do tratamento médico e regime alimentar sobre a frequência dos acessos epiléticos.

No período de 1898 a 1906 os doentes foram tratados pela bromoterapia. Durante estes 30 anos, sobre 218 doentes observados houve uma média de 64 acessos por ano e por doente; em 1907 foi introduzido o regime alimentar sem sal, ou muito pouco, continuando o tratamento com bromo. Sobre 301 doentes, observados durante 5 anos os acessos deram uma média de 43; enfim, a partir de 1912 a bromoterapia foi substituída pela do *Sedobrol*, ficando o regime alimentar sem sal — os acessos diminuíram a uma média de 14 sobre 358 epiléticos no período de 1912 a 1928.

No perímetro da *Schweizerische Anstalt für Epileptische* acha-se desde alguns anos já um pavilhão dedicado aos rapazes psicopatas (sem ser epiléticos). Um donativo generoso do pai de um menino doente permitiu construir este pavilhão tão útil que pôde amparar 18 jovens.

O passatempo dos rapazes psicopatas se faz de preferência nas oficinas, de vários trabalhos, cujo fim é fornecer aos jovens meios de existência futura, mais ou menos independente. Os jovens psicopatas trabalham ali, como numa instituição moderna de Artes e Ofícios, onde a atividade é estimulada pelas mais interessantes ocupações que se podem imaginar: assim, a oficina de mecânica constrói, sob a direção de um talentoso engenheiro, pequenas máquinas e aparelhos originais, onde entra em jogo a invenção; outra oficina constrói aviões, nos quais os jovens pacientes vão subir ao ar; nas oficinas de carpintaria os alunos fazem toda a mobília para seu pavilhão e alguma dos outros; a oficina de pintura se encarrega de executar frisos e decorar as casas; todos esses trabalhos de arte decorativa têm um cunho de uma estética harmoniosa e alegre.

Os mestres e contramestres são todos especialmente preparados para a tarefa educacional, ao mesmo tempo em que são excelentes técnicos. O lema dessa casa de saúde e de educação é o seguinte: tanto quanto possível disciplina e seriedade durante o trabalho, e tanto quanto possível de liberdade e de alegria fora do tempo de trabalho. As portas são todas abertas para a rua, e os jovens não sentem nenhum constrangimento

imposto: eles ficam no estabelecimento porque são convencidos de que ali eles acham as melhores condições para a vida. Os mestres são para eles apenas amigos mais idosos. Essa educação, diz o Dr. Braun, seu diretor, é ao mesmo tempo difícil e cheia de gratidão.

Como o trabalho tanto com esse grupo de rapazes como também com os epiléticos exige uma séria formação pedagógica de todos os seus empregados, no perímetro da *Schweiz Anstalt für Epileptische*, vê-se ainda um pavilhão reservado à preparação dos educadores para diversos ramos de trabalho social. Entre os alunos desse estabelecimento há tanto operários como pessoas diplomadas pela escola secundária. O curso é de três anos. Tem um caráter semi-religioso da igreja evangelista.

Entre os estabelecimentos de educação especial em Zurich, notemos ainda o *Erziehungsanstalt* Regensberg. Fundado em 1882 no antigo castelo medieval de Regensberg, cercado de grandes terrenos e constituído por vários edifícios, é um excelente lugar para os débeis mentais, de dois sexos, para as crianças abandonadas, fisicamente retardadas, sofrendo da enurese, etc.

As crianças são distribuídas ali em pequenas famílias; os pequeninos, em grupo de 10 a 12, são confiados ao cuidado de uma nurse; os maiores fazem grupos de 15 a 20 crianças passando o tempo em ocupações escolares, trabalhos manuais, como trabalhos de vime, oficinas de vassouras, encadernação de cadernos, tecelagem de tapetes, obras de carpintaria, jardinagem.

O estabelecimento de Regensberg tem vários fins: ele serve de estação de observação de orientação profissional, de pré-aprendizagem profissional, enfim de asilo, mais ou menos durável para os órfãos e abandonados; contém, simultaneamente, cerca de 80 crianças e guarda para a pré-aprendizagem durante três anos por menos.

Um dos recentes relatórios mostra que graças a esse centro pré-profissional 80% dos casos mandados a Regensberg foram perfeitamente educados e preparados ao futuro trabalho profissional.

Notemos ainda a fundação de Erlenbach — *die Hastinsstiftung* — inaugurada em 1894 e amparando simultaneamente 60 crianças dos dois sexos, como também mulheres débeis mentais. Situada em pleno campo, ela educa os alunos num contato íntimo com a natureza, em trabalhos do campo e dos jardins. A obra é confiada aos cuidados das diaconisas evangelistas.

Outro estabelecimento, conhecido sob o nome de *Erziehungsanstalt Pestalozziheim*, a Pfaffikon, foi fundado desde 1900.

Até 1926 foram educadas 158 crianças, 89 meninos e 69 meninas.

Sobre estes 158 casos:

29 permanecem ainda no estabelecimento.

11 morreram.

74 deixaram-no inteiramente preparados para o trabalho profissional.

23 deixaram-no estando só em parte preparados.

21 deixaram-no absolutamente incapazes de qualquer ocupação profissional.

O *Asilo de Uster* para débeis mentais, fundado em 1904, mantém cerca de 150 indivíduos dos dois sexos. As crianças e os débeis profundos são confiados às *nurses*, cujo papel é de dar cuidados maternos, pode-se dizer: cuidam da higiene e da alimentação. Os que são mais aptos recebem uma educação tipo Froebel. Poucos alunos do asilo chegam ao cálculo mental, à leitura e escrita, tão baixo é o seu nível mental.

Os aptos para o trabalho ajudam no jardim, na fazenda e nas oficinas (vime). As meninas fazem ainda o *croché* e ajudam nos trabalhos de casa.

A alimentação no asilo é quase toda semilíquida pois poucos são os que sabem mastigar. Sobre 150 internados, há 45 empregados de todas as espécies.

Duas palavras merece ainda a *Sunnehalde*, em Tostal, que é um estabelecimento pré-profissional para as moças débeis mentais.

O *bureau* de orientação do prof. de Wintertur, notando a dificuldade de colocar os retardados num trabalho qualquer, teve a iniciativa de fundar um pensionato para moças depois de acabarem elas o curso primário. O curso da *Sunnehalde* é de 2 anos, em média. As meninas são guardadas ali tanto tempo quanto precisam para achar-lhes uma colocação conveniente. A instituição serve de estação de observação profissional e de lugar de educação e tratamento. O tratamento opoterápico da tireóide deu resultados bem positivos para o melhoramento geral de seu estado físico e mental.

Não podemos terminar nossa já bem longa palestra sem mencionar um estabelecimento de educação para meninos e jovens moralmente depravados e com perturbações do caráter. A uma hora, mais ou menos, de Zurich, em pleno campo, cercada por

uma paisagem de beleza impressionante, acha-se a imensa propriedade de um filantropo, que foi legada com terras e edifícios à *Land Erziehungsheim des Stiftung Albisbrunn*. A moradia de Albisbrunn guarda simultaneamente perto de 80 alunos, enviados pela justiça, pelos pais, pelas escolas, quando não sabem mais o que fazer deles.

Albisbrunn é um estabelecimento particular, sempre procurado, que não matricula senão as crianças realmente difíceis e que se transformam, como por encanto, em jovens morais, trabalhadores e úteis, em alto grau, à sociedade. O segredo desse mistério é devido, em primeiro lugar, à presença de alguns educadores de alta qualidade em Albisbrunn e em segundo lugar às suas condições materiais extraordinárias.

Os alunos são distribuídos em cinco grupos, de 10 a 15, ocupando pavilhões e andares separados e vivendo uma vida de família em companhia de um professor e de um casal — marido e mulher. Digno de se notar é que grupos de moços os mais difíceis e rebarbativos à educação, de 12 a 20 anos, são confiados aos cuidados de educadores, mulheres aliás simplesmente admiráveis e altamente dotadas.

O interior da casa, os quartos dos jovens, que os ocupam um a um ou no máximo quatro em cada, são mobiliados com gosto e dão a impressão de um interior bem-cuidado, confortável e essencialmente familiar.

Ao lado das ocupações escolares, seguidas regularmente pelas crianças em idade escolar, há para todos uma série de ocupações técnicas dirigidas por especialistas competentes e talentosos. Conforme as aptidões e inclinações, os jovens são indicados para trabalhar em uma das seguintes oficinas: trabalhos de rotim, de argila e cerâmica, cartonagem, tecelagem, carpintaria, trabalho sobre metal e galvanoplastia, além de jardinagem e trabalhos de campo dirigidos por especialistas.

Além de tudo isso têm ainda lições de música, de ginástica rítmica e de religião.

É preciso ter visto o trabalho em Albisbrunn para se poder julgar a eficiência da educação e das medidas pedagógicas: todo o regime, todo o imenso trabalho que aí se fazem estão impregnados de uma reflexão profunda sobre seu valor educativo. O dia começa por uma reunião geral de todos os habitantes de Albisbrunn, acontecendo o mesmo durante as outras refeições principais. Todos os habitantes: alunos, professores, contramestres, criados, costureiras, lavadeiras, todos, exceto os doentes, se reúnem na grande sala que serve de sala de jantar no momento das refeições, e de salão nos outros momentos.

O diretor dirige aos reunidos uma curta palavra sobre um assunto moral qualquer, contando uma parábola, analisando um pensamento filosófico, tomando dos grandes sábios ou dos grandes poetas o primeiro alimento espiritual do dia.

Antes de se sentarem à mesa, antes de todas as refeições, há alguns momentos de silêncio, de recolhimento. Como em Albisbrunn há alunos tanto católicos como protestantes ou israelitas, maometanos ou livres pensadores, o silêncio deixa a cada um a liberdade de orar conforme sua religião, ou simplesmente de recolher-se sobre um pensamento. Lá os alunos sabem refletir e são habituados a ter pensamentos próprios e elevados.

Durante as refeições cada mesa é ocupada por 7-6 pessoas, das quais duas adultas: diretor, professores ou trabalhador manual de qualquer categoria e quatro crianças, pertencendo, cada uma, a um grupo diferente, o que se distingue imediatamente pela cor azul, verde ou vermelha das camisas, do mesmo corte, fazendo lembrar a camisa russa, bordada na gola e nos punhos, muito bonita aliás, e produzindo um efeito estético e alegre ao mesmo tempo.

O dia de minha visita foi uma terça-feira. Convidando-me para jantar em Albisbrunn, a professora que se achava de serviço para receber os numerosos visitantes e dar informações preveniu-me que o jantar seria frugal e consistiria apenas em uma sopa e pão. Aquele dia ficara tradicional em Albisbrunn desde uma reunião dos alunos, feita muitos anos antes, e na qual eles resolveram espontaneamente privar-se dos outros pratos (salvo a sopa e o pão) em benefício de pessoas ou instituições necessitadas. Na véspera um grupo de alunos decide, numa reunião especial, qual será a destinação da quantia assim economizada, não pela fome (a sopa é bastante espessa e o pão pode ser comido com discrição), mas pelo sacrifício do apetite mais sutil. Cada semana os alunos deverão descobrir uma família em miséria ou uma obra que necessite assim da generosidade deles.

Fora das refeições e da reunião de manhã, as aulas de ginástica e algumas outras, os alunos quase nunca acham-se aglomerados em número de 4-6 pessoas no mesmo tempo: as ocupações escolares se fazem em pequenos grupos; nas oficinas também nunca vimos mais de quatro com um mestre e às vezes com auxiliar desses escolhidos com muito critério.

Essa educação individual por excelência não só facilita a eclosão das aptidões de cada um dos educandos como também faz evitar as influências de um aluno sobre outro, podendo ser perniciosas fora da presença do mestre.

As condições de trabalho e os resultados que consegue Albisbrunn em grande parte são devidos às condições materiais extraordinariamente propícias. Na parte do trabalho industrial, a qualidade dos objetos fabricados pelas oficinas de Albisbrunn, onde trabalham mestres e alunos sem o mínimo diletantismo, atinge uma perfeição tão grande que são procurados no mercado comercial de Zurich e fora, dando assim uma renda de mais de 15 contos de benefício por ano. A fazenda onde trabalham os jovens dá também uma renda considerável.

Como já tive ocasião de dizer, a formação da juventude delinqüente anormal, psicopática e nervosa, em Albisbrunn, faz-se fora das aulas de religião e das palestras morais, pela estética.

Constantemente, o ambiente natural, como o interior da casa, contém os objetos que usam e que fabricam os educandos, falam-lhe da harmonia, do equilíbrio, da perfeição. O trabalho manual das oficinas não serve apenas em ocupar o tempo e evitar a ociosidade, nem tampouco para escoar somente as energias num rude esforço muscular, mas serve para sublimar as tendências e as forças instintivas desses rapazes, transformando-as em meios para produzir coisas não só úteis como belas. Todos os trabalhos de Albisbrunn possuem um feitiço artístico particular: os lindos brinquedos para as crianças, instrumentos de música (gongos, xilofones, pratos, triângulos, etc., para as orquestras escolares e sobretudo para a educação do ritmo nas crianças anormais, surdos-mudos, com deficiência de linguagem, cegos, etc.), cartongem para fabricação das lindas caixinhas, blocos de papel, encadernações artísticas de livros de valor, "chefs-d'oeuvre" da literatura; tecelagem de tapetes, cortinas, toalhas, tecidos para mobiliário; objetos artísticos de cobre e prata; molduras para quadros, — enfim, qualquer, trabalho com cunho altamente estético, porém singelo e sóbrio. A educação estética nas instituições para os delinqüentes psicopatas parece trazer um efeito bem eficiente, empregada, bem-entendido, pelas pessoas de alta cultura geral e moral.

O estabelecimento de Albisbrunn contém simultaneamente cerca de 75 meninos de 10 a 20 anos, — alguns ficam poucos meses apenas, passando assim pelo estabelecimento cerca de 150 meninos por ano. Além dos internos, Albisbrunn recebe ainda uns 40 jovens externos. Sobre esse número são empregadas 45 pessoas, educadores, mestres, contramestres, pessoas de administração e empregados.

O custeio total de um aluno interno é de 7 francos suíços, por dia, inclusive todas as despesas do estabelecimento, menos

as de construção. O capital de Albisbrunn eleva-se a mais de um milhão de francos suíços.

Mencionarei ainda em Zurich o *estabelecimento para surdos-mudos*, onde uma forte parte original deste ensino especial baseia-se no emprego, paradoxal à primeira vista, dos instrumentos de música; piano, tamborim e os instrumentos orquestrais fabricados em particular pelos alunos de Albisbrunn.

Compensando o sentido lacunário ou totalmente ausente, procura-se desenvolver o sentido vibratório que a psicofísica nos últimos anos estudou bastante (*pallesthesia*) e cujo órgão de percepção e transmissão parecem ser os ossos e as articulações (*Déjerire, Katz*).

A senhorita Scheiblaue, professora de música no Conservatório de Zurich e diplomada pelo Instituto de Dalcroze, de Genebra, emprega, com todas essas crianças com deficiência auditiva, a ginástica rítmica e grande quantidade de jogos, pondo as crianças num estado de reatividade a mais pronta, a mais precisa. Assistimos às aulas da mesma professora no manicômio de Burghölzli, em Zurich, dando a 25 alienados simultaneamente ginástica rítmica, jogos movimentados, rodas com canto e acompanhadas pelo piano.

Essas aulas com as crianças psicopatas e alienadas adultas servem não só de tratamento, como também ao diagnóstico das doenças mentais, como da hebefrenia, por exemplo. Esses doentes não são capazes de reproduzir ritmos miúdos e tempos rápidos.

Ao lado desses estabelecimentos educacionais, Zurich possui vários centros e serviços que cuidam dos interesses da criança. Notemos assim o *Serviço da Proteção à Infância*, funcionando desde 1908.

Alguns artigos dos estatutos deste Serviço referente aos anormais davam-nos uma idéia de seus fins e funcionamento:

Art. 7.º — Para se esperar um resultado satisfatório com as crianças deficientes, é mister levá-las mais cedo possível ao Serviço da Proteção à Infância.

Art. 31 — Para os deficientes mentais (débeis e psicopatas) o Serviço procura geralmente os estabelecimentos especiais. Se os pais não se deixam convencer da necessidade desta medida racional — colocar num estabelecimento especial, ou se os meios para isso não se acham, o Serviço organiza se possível um auxílio junto com os pais.

Art. 37 — Se os pais não são capazes de cobrir as despesas necessárias para a educação dos seus filhos — o Serviço procura

esses meios junto às instituições públicas ou particulares *ad-hoc* quanto possível e mesmo concorre com uma quantia para facilitar a matrícula.

Um outro Serviço, o *Serviço de Juventude* (Jugendamt), foi criado em 1919. Ele constitui o centro para toda espécie de informações, iniciativas e esforços de caráter tanto público quanto particular — que auxilia a escola ou a família a garantir o bem-estar da juventude do cantão de Zurich.

Uma atenção especial é dada pelo Serviço da Juventude aos anormais, sobretudo no terreno profissional. Como é difícil a colocação dos débeis ou nervosos em qualquer trabalho — o Serviço arranjou com algumas fábricas, mediante um contrato e remuneração, lugares para operários débeis. Assim, uma fábrica de vassouras, outra dos tapetes e outra de meias recebem sistematicamente indivíduos débeis mandados pela Jugendamt.

Uma comissão desse Serviço estuda especialmente as condições de trabalho profissional para todas as formas de anormais e todos os graus de debilidade mental.

Notemos, enfim, uma fundação interessante *der Albert Fisler Fonds*, cujo fim é de estimular, pelos prêmios de 50 a 150 francos, mestres, contramestres, ou fiscais de fábricas que, por habilidade ou paciência, conseguiram preparar um débil para os trabalhos profissionais.

A maioria dos estabelecimentos citados são grandemente auxiliados pela filantropia, que na Suíça é extremamente generosa.

Resumindo, direi que a Suíça, Zurich em particular, possui uma organização de ensino e tratamento dos anormais verdadeiramente modelar, não só pela variedade das instituições, não só pela amplitude do movimento, não só pela organização centralizadora da Associação Federal, como também pela originalidade e eficiência dos métodos que se não tornam o deficiente normal, tornam-no pelo menos bastante apto a ganhar seu pão com meios honestos.

ORTOPEDIA MENTAL NAS CLASSES ESPECIAIS

Secretaria da Educação e Saúde Pública — Inspetoria
Geral da Instrução

BOLETIM N.º 14 — Belo Horizonte — 1934

por *Helena Antipoff e Naitres Resende*

PREFÁCIO

O trabalho que apresentamos hoje é o resultado de vários anos de observações e de experiências, feitas nas escolas primárias de Belo Horizonte, onde desde 1931 está introduzido o sistema das classes homogêneas, segundo o desenvolvimento mental das crianças.

Ainda que a maior parte das diretoras de escolas, assim como professoras técnicas diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento, se pronunciem nitidamente em favor das classes selecionadas, achando que o trabalho escolar se faz nelas com mais eficiência, não temos ainda podido colher, sobre esta medida pedagógica, senão apreciações subjetivas. Os resultados dos testes de promoção do fim de ano, aos quais são submetidos todos os alunos do 1.º ano escolar, não nos deram ainda as provas necessárias e, de um ano ao seguinte, não pudemos observar um progresso verdadeiramente notável.

Aliás, não podemos mesmo esperar grandes vantagens dessa medida, empregada isoladamente. Por que motivo as crianças, agrupadas simplesmente em classes mais ou menos homogêneas quanto ao seu desenvolvimento intelectual, aprenderiam com mais eficiência do que os meninos não selecionados? Não é a homogeneidade dos alunos que determina o seu sucesso, mas é, cremos nós, o ensino correspondendo ao desenvolvimento das crianças.

Há muito tempo a pedagogia reclama o ensino individualizado, a educação sob medida, o trabalho escolar correspondendo

às necessidades de cada idade, aos interesses de cada meio, ao desenvolvimento de cada indivíduo.

A homogeneidade do agrupamento, segundo o desenvolvimento mental das crianças, facilita ao mestre a determinação do programa e dos métodos próprios ao nível intelectual das crianças. Assim, em uma classe inteiramente composta de crianças de inteligência viva, de compreensão fácil, de interesses múltiplos, poder-se-á adotar um programa de estudos mais extenso; ao contrário, as crianças de inteligência lenta, de compreensão obtusa, de obstrução difícil, não poderão ter senão um programa de estudos muito reduzido e domínios de estudos limitados a trabalhos muitos concretos e mais manuais do que intelectuais.

As vantagens das classes selecionadas residem precisamente na individualização do ensino. A cada tipo de crianças correspondendo um ensino apropriado, a criança não perderá seu tempo ou em repetir sempre a mesma coisa, se se trata de um menino bem-dotado, instruído em uma classe misturada, ou sofrendo de nada compreender, se se trata de um menino pouco dotado, retardado, nesta mesma classe média, o primeiro estando acima e o segundo abaixo do nível da classe.

A eficiência que esperamos do regime das classes selecionadas não é senão a consequência de um ensino mais individualizado. Terá esse sido realizado?

Há quase três anos, as classes para crianças retardadas, orientadas pelo Laboratório de Psicologia, têm adotado, ao lado dos processos escolares comuns, alguns processos especiais e um horário próprio, consagrando muito mais tempo, em particular, ao trabalho manual, à ginástica, ao canto e aos exercícios de ortopedia mental. A maior parte dos grupos escolares admitiu esta diferenciação do ensino nas suas classes especiais.

A presente publicação compreende duas partes; a primeira reproduz o nosso relatório apresentado à IV Conferência da A.B.E. e já publicado, sobre a seleção das crianças em classes homogêneas; a segunda, em parte já publicada também, é consagrada ao ensino especial das crianças retardadas. Essa se limita a um dos processos, à ortopedia mental.

Essa publicação não é um manual de ortopedia mental. É apenas uma ligeira coleção de exemplos que podem e devem variar ao infinito. A vantagem dos exercícios aqui indicados é que todos foram experimentados e aplicados nas classes de retardados de Belo Horizonte por uma de nós e pelas professoras dessas classes.

Os resultados animadores que têm revelado estimularam as autoras a fazerem a publicação deles em volume separado, para o uso das professoras das classes especiais.

A ortopedia descrita aqui, repetimos, se reduz a alguns espécimens de exercícios para cada uma das faculdades fundamentais. Para que o método tenha todo o seu alcance, é preciso ter à sua disposição uma série rica e variada de exercícios para cada função psíquica defeituosa que o mestre encontrará nos alunos.

Esperamos que as professoras das classes especiais saibam organizar outros exercícios e que não-os comuniquem, afim de que suas invenções possam ser utilizadas por outras classes além das suas.

Helena Antipoff

A HOMOGENEIZAÇÃO DAS CLASSES ESCOLARES

Helena Antipoff

Crítérios da seleção e vantagens que dela decorrem

A tentativa de agrupar as crianças em classes seletivas é uma conseqüência racional que decorre das observações acerca das diferenças individuais entre as crianças em idade escolar.

Como tudo o que é de ordem biológica e psicológica, a personalidade da criança, com seus interesses e aptidões, suas atividades e energias, suas faculdades intelectuais e conhecimentos, oferece ampla margem a diferenças individuais extremamente variadas.

Uma vez que se verifique essa adversidade de tendência e capacidade, resta escolher os meios para educá-las de modo mais eficiente, de maneira a não agregá-las uniformemente em um só e único feixe de ação pedagógica.

Uma das medidas mais elementares e comuns, o primeiro passo no sentido da individualização do ensino, é a seleção das crianças em classes homogêneas.

Constituindo a criança, antes de tudo, um ser em estado de evolução, o agrupamento de acordo com sua marcha evolutiva e as etapas biopsíquicas por ela atingidas seria talvez o melhor critério para tal seleção.

As crianças, nascidas mais ou menos na mesma época, tendo todas partido de um mesmo ponto, crescendo e tendendo ao estado adulto, realizam essa trajetória com ritmos diferentes; umas caminham rapidamente; outras, com lentidão; umas serão as primeiras a chegar; outras chegarão por último. É fato digno de nota que, enquanto umas, a maioria, atingem o fim, percorrendo etapas sucessivas, outras, em minoria, jamais o atingem. Essas nunca se tornarão adultas no sentido biopsicológico da palavra, seja porque tenham iniciado a vida com uma reserva

de forças insuficiente para perfazer o caminho total, seja pelo fato de sobrevirem acidentes em meio do caminho. Destacam-se, assim, em uma das extremidades da escala, crianças precoces, e em outra, herdadas e retardadas, deixando ver na parte central um conjunto bastante denso de crianças cujo desenvolvimento se faz no ritmo médio.

Ao lado das diferenças de velocidade da evolução biológica, existe ainda um grande número de outros caracteres que diferenciam entre si os robustos e fracos, os bem-dotados e os mediocres ou desprovidos de todas as aptidões especiais; as naturezas completas e plenas de seiva e, ao lado, os seres incompletos e pobres em vitalidade física e mental, as naturezas organizadas e harmoniosas, e as desorganizadas e sem equilíbrio.

A variedade de tipos humanos entre as crianças da idade escolar é já muito rica, e as personalidades *sui generis* nessa idade são já bastante pronunciadas.

O respeito ao ser humano deve levar o educador a ter em vista todos esses caracteres, a fim de encontrar um meio que lhe permita proceder eficientemente, dando a cada um o que lhe for necessário, segundo o espírito da *parábola dos talentos*.

Critério dos testes mentais e a necessidade de conhecer a idade exata dos alunos

Conforme dissemos, o primeiro passo no sentido de individualizar o ensino é agrupar os alunos tendo em vista o ritmo do desenvolvimento mental. O processo mais empregado em nossos dias é a seleção das crianças e sua concentração em classes homogêneas de valor forte, médio e fraco, de acordo com os resultados dos testes de inteligência geral, organizados em escalas de idades mentais.

São numerosos os testes de inteligência global, de aplicação individual e coletiva, destinados às crianças em idade escolar.

Como se sabe, os resultados dessas provas são expressos em termos de quocientes intelectuais, que exprimem a relação entre a idade mental fornecida pelo teste e a idade real, vital, da criança.

O critério do quociente intelectual, conforme a experiência demonstrou, é superior ao simples critério da idade mental, para a formação de classes homogêneas, porquanto aquele, não cogitando apenas de mostrar o que é a mentalidade da criança,

isoladamente, procura antes saber o que representa seu desenvolvimento mental comparado ao das outras crianças da mesma idade.

O processo para se obter o QI da criança torna-se muito simples, caso seja conhecida exatamente sua idade real; no caso contrário, porém, oferece enorme dificuldade. Era o que acontecia com os alunos das escolas públicas de Minas, pela não-exigência da apresentação de um documento oficial sobre a data do nascimento dos que se matriculavam na escola. Tal informação era obtida com os pais ou com as próprias crianças.

As pesquisas empreendidas pelo *Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento* vieram revelar que uma boa parte das idades dos alunos não estava correta, o que anulou muitas investigações iniciadas em 1929.

Pesquisando, com o auxílio do Rotary Clube de Belo Horizonte, e, em particular, com a constante participação de seu presidente, dr. Henrique Marques Lisboa, as causas da inexatidão dessas informações, verificou-se haver uma simples e pura ignorância dos pais ou das crianças, bem como negligência em efetuar o registro escolar nos livros de matrícula e mesmo de fraude por parte dos pais, que às vezes diminuem ou aumentam intencionalmente a idade de seus filhos, segundo as conveniências.

Tornou-se necessário o espírito reto dos homens de governo, como o presidente de Minas, sr. Olegário Maciel, e seus auxiliares na pasta da Educação, para remediar tal estado de coisas, dotando o Estado de Minas com o Decreto n.º 10.133, que veio afastar conseqüências muitas vezes funestas para as próprias crianças. Assim, tornou-se obrigatória a apresentação do certificado de nascimento, fornecido gratuitamente no cartório de registro civil, para a matrícula nos grupos escolares.

Os benefícios trazidos por essa medida de importância social tão grande permitiram iniciar em 1932 a organização do ensino primário em Minas Gerais com um proveito infinitamente maior.

A OBSERVAÇÃO METÓDICA

Não nos deixemos iludir, porém, com os resultados dos testes mentais. Os melhores dentre eles nunca dão diagnósticos inteiramente exatos e precisos sobre o desenvolvimento espiritual da criança.

A alma humana, o espírito infantil que se desenvolve, suas molas de ação, encerram uma tal complexidade que o mais perfeito teste psicológico é impotente para chegar ao conhecimento de todos os seus meandros que influem na conduta e no progresso escolar.

Os testes que se aplicam às crianças no início de seu tirocínio escolar constituem meios suficientes para a *classificação provisória* dos alunos em classes homogêneas.

Mas limitar-se a essa primeira classificação é reservar à psicologia um papel por demais escasso. A experiência, aliás, mostra que dois ou vários testes de *inteligência*, ainda que muito bem escalonados, sendo aplicados às crianças no mesmo dia, ou com pequeno intervalo, nunca dão para todas as crianças idade mental e QI absolutamente idênticos. O *Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento* possui provas sobre esta divergência; se vários testes, é verdade, podem revelar uniformemente as inteligências de fato brilhantes ou débeis, em todas as suas relações, a grande massa das crianças oferece diante de cada teste variações bastantes sensíveis.

Os testes dia a dia se aperfeiçoam e adquirem caracteres mais psicológicos, mas o diagnóstico formulado à entrada da criança na escola nunca poderá, sozinho, determinar o lugar que cada aluno ocupará mais tarde no meio de seus companheiros, como também influir por si na escolha do método educativo de que terá necessidade em benefício de seu desenvolvimento.

Consagramos uma importância capital às observações metódicas que devem ser feitas na própria classe sobre cada criança que a constitui, com o duplo fim de corrigir a classificação inicial, caso demonstre falhas, e colocar a criança em condições mais apropriadas à sua natureza, como também para introduzir no meio de uma classe, ainda a mais homogênea do ponto de vista do desenvolvimento geral, a educação mais eficiente para cada um de seus membros, de acordo com as tendências, as necessidades e aptidões de que é portador individual.

Os professores nem sempre são bons observadores. Geralmente vêem pouca coisa; alguns vêem mal. As impressões subjetivas mascaram freqüentemente a fisionomia real de muitas crianças, e o retrato global que delas fazem é confuso e freqüentemente desfigurado. Contudo, não há nisso nada de surpreendente, pois a arte de observar e compreender a personalidade humana é uma das mais áridas e sutis. É mister que se abram os olhos sobre o que deve ser visto, e torna-se necessário também exercitar os mestres na observação.

Estabelecer conversas, cursos mesmo, guiá-los na arte de observar, fornecendo-lhes programas de observação, discutindo em comum, analisando com interesse e paciência este ou aquele caso, essa ou aquela conduta excepcional — eis os meios com os quais poderão contar o diretor, o médico, o psicólogo ou o pedagogo para dirigir uma escola nova e cônica de progresso.

Para facilitar às professoras o estudo de seus alunos, que foi entregue aos professores dos diversos grupos de Belo Horizonte, organizamos um formulário para guiar suas observações acerca de cada criança. Recomendamos ter para cada aluno um formulário individual. A professora preenche-os durante os três primeiros meses do ano e os revê de três em três meses, marcando as modificações que foram notadas na conduta da criança.

FOLHA DE OBSERVAÇÃO PARA AS CRIANÇAS DAS CLASSES DO 1.º ANO

(N.B.) — As respostas devem ser dadas o mais concretas possível, apoiadas pelos atos observados.

Grupo:

Classe da Professora:

Ano: Tipo da classe:

Aluno: Q.I: Teste:

Estado físico (por exemplo: normal, saudável, muito pálido, dores de cabeça, faltas freqüentes por doença, anomalias físicas, etc.).

Estado geral (por exemplo: normal, alegre, tristonho, apático, muito excitado, chora facilmente, etc...)

Motricidade (por exemplo: normal, movimentos muito lentos, marcha pouco segura, cai facilmente, ao contrário, todos os movimentos são rápidos, bem coordenados, etc...)

Habilidade manual (por exemplo: normal, jeitoso, ao contrário mãos trêmulas, deixa cair os objetos, pouca força muscular, etc...)

Linguagem (por exemplo: normal ou pronúncia defeituosa, não pronuncia certas letras, gagueja) fala línguas estrangeiras

Visão (por exemplo: normal ou muito míope, estrábico, enxerga mal, etc...)

Audição (por exemplo: normal ou dureza de ouvido, etc...)

Atenção (por exemplo: normal ou tem dificuldade de concentrar-se, distrai-se por qualquer coisa, cansa logo, etc...)

- Compreensão* (por exemplo: normal, compreensão muito rápida ou tem muita dificuldade em compreender mesmo as coisas mais simples, etc...)
- Memória* (por exemplo: normal ou tem grande dificuldade de reter, esquece muito rapidamente, etc.) Revela memória acima do normal, conhece quantidade de trechos de cor. Tem memória especial para Tem dificuldade particular para reter
- Leitura* (Grau de desenvolvimento em leitura):
- Quais são as dificuldades:
- Escrita* (só sabe letras soltas, palavras, faz cópias, ditados, etc...)
- Quais são as dificuldades na escrita:
- Aritmética* (o que sabe fazer):
- Quais são as dificuldades:
- Interesses dominantes*:
- Aptidões especiais* (por exemplo: não manifestou ou revela dons especiais para desenho, modelagem, arte decorativa, música (indicar o instrumento que toca), literatura, (faz versos, escreve contos, etc); eloquência, matemática, mecânica, trabalhos manuais (quais).
- Sociabilidade* (por exemplo: normal ou evita a companhia de outras crianças, se isola, muito acanhado ou sempre briga, bate, denuncia, travesso, etc.) tem papel de líder, é muito apreciado pelos colegas ao contrário, as crianças cortam-no, caçoam dele. Prefere a companhia dos meninos, das meninas, é indiferente
- Caráter moral* (por exemplo: normal ou revela tendência para a mentira, para furtar, para a crueldade, para a impudicícia etc.) Ao contrário revela tendências altruísticas, grande franqueza em dar as opiniões, protege os fracos, revela sentimento de sacrifício etc.)
- Disciplina* (por exemplo: normal ou muito indisciplinado, desobediente, arrogante com a professora, ao contrário, auxilia e mantém a disciplina, etc.)
- Observações gerais sobre a criança*: Data:

V/ estape

PLANO PARA ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES DO 1.º ANO

Passemos agora à organização das classes e vejamos quais são os tópicos que devem considerar-se para promover a melhor combinação do material humano, dentro do Grupo Escolar.

Consideremos as classes do primeiro ano escolar. Nas grandes cidades, um grupo possui geralmente numerosas classes do mesmo ano, pois não é raro encontrarem-se nele várias centenas de crianças do 1.º ano escolar. Entre estas, chamam nossa atenção duas categorias distintas de alunos: os *novatos* e os *repetentes*, quer dizer: os que vêm pela primeira vez à escola e vão iniciar agora seus estudos, e aqueles outros que a freqüentam por um ou mais anos, mas cujo progresso muito lento não lhe permitiu transpor o limiar do 2.º ano escolar.

Há múltiplos e graves prejuízos em ministrar essas duas categorias de alunos; ao passo que grandes serão os benefícios, tanto sob o ponto de vista do rendimento escolar, como para o bem moral dos alunos, se forem separadas, formando classes distintas de repetentes e novatos.

Lembremo-nos de quanto é humilhante para o menino o fato de repetir o mesmo ano, quando seus companheiros de ontem lhe são hoje superiores; pensemos igualmente como será insípido para a criança que freqüentou a escola regularmente durante um ou vários anos refazer o mesmo programa, os mesmos exercícios

(*) Da palestra proferida na 4a. Conferência de Educação, no Rio de Janeiro, por Helena Antipoff.

(*) Como nem sempre o teste está estalonado em idades mentais, para obviar a esta lacuna nos propusemos o critério do Coeficiente Mental (C.M.) que exprime a relação entre o número de pontos obtidos no teste e a idade cronológica do indivíduo. Este quociente, multiplicado por mil, deve ser ainda percentilado sobre um grupo suficientemente grande de pessoas, para se ter a possibilidade de avaliar o resultado do teste de inteligência. (Ver boletim n.º 10 da Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais. Test. Prime).

(*) Nas Escolas Públicas de Minas, este papel é reservado às professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento.

preliminares que se tornam monótonos pela repetição, ao lado desses pequeninos que executarão esse mesmo trabalho com um espírito novo e muito mais interesse.

O aluno repetente sob o ponto de vista psicológico e da técnica escolar, nunca é semelhante àquele que veio à escola pela primeira vez. O repetente, se não progrediu a ponto de atingir a classe superior, acha-se, contudo, em relação aos novatos, com uma superioridade de um terço, um meio ou três quartos do 1.º grau. E', pois obrigá-lo a perder absurdamente o tempo, matar-lhe o gosto e a alegria, se o fizermos assentar-se junto aos novatos.

Ele não tem necessidade de recomeçar sua instrução mas de *continuá-la*, e deve, por isso, ser colocado, segundo seus conhecimentos e desenvolvimento mental, entre as crianças *repetentes* do 1.º ano, que se encontrem em condições idênticas às suas.

Como as duas categorias de crianças, as principiantes e as repetentes, figuram doravante em classes separadas, vejamos como poderão elas ser ainda distribuídas, porquanto cada grupo escolar tem mais de uma classe de novatos e também de repetentes do 1.º ano.

Vejamos os novatos, em primeiro lugar. Se o número deles é aproximadamente de 150-180 crianças ou o ultrapassa, dele podem resultar cinco classes, no mínimo.

Entre as crianças que começam nem todas têm a mesma idade cronológica: umas são mais novas, outras mais idosas. As escolas públicas de Minas aceitam as crianças a partir dos 6 anos e 9 meses (é razoável a tolerância de três meses que faltam para a idade regulamentar de 7 anos: recusando-lhes a entrada no mês de fevereiro, elas virão incorporar-se nos três meses subseqüentes, tendo, então, a idade legal, mas essa entrada tardia e isolada só poderá trazer inconvenientes na organização escolar); quanto às mais idosas, não raro elas contam mais de 8 anos e algumas — devido a várias circunstâncias — chegam a 10 e até 12 anos.

Uma vez que os alunos novatos apresentam um diapasão tão considerável sob o ponto de vista de sua idade, conforme o desenvolvimento corporal, a taxa de experiências adquiridas, os interesses e aspirações, esta massa é por demais heterogênea para grupá-las juntamente, só levando em consideração a diferença dos quocientes intelectuais. Há, pelo contrário, toda vantagem em selecioná-las, desde logo, segundo o *índice da idade real*, formando classes de crianças *mais novas e mais idosas*.

Como as mais novas são em maior número, nas cinco classes de novatos, três classes, no mínimo, serão constituídas pelos alunos

de 6; 9 a 7; 11, ao passo que as duas classes restantes receberão as crianças de 8 anos e as mais idosas.

Uma vez feita a divisão segundo a idade cronológica, podemos diferenciar agora os alunos segundo a precocidade do desenvolvimento mental e a inteligência geral.

Os *novatos menores* formarão três classes: a classe A (n), a mais forte; B (n), a média; e C (n), a mais fraca.

As mais idosas, em menor número, constituirão a classe A B (n), e — a classe BC (n): a primeira receberá os superiores, e a segunda, inferiores, sob o ponto de vista da idade mental.

Passemos agora às crianças *repetentes*. Atualmente ainda, o número delas nas escolas públicas de Minas é bastante considerável. Suponhamos que temos um número suficiente para formar três classes paralelas. Grupá-las-emos, então, segundo o critério do *adiantamento escolar*, de uma parte, e da idade *mental*, pela outra: e teremos assim uma classe B (r) formada de crianças repetentes alfabetizadas, que serão promovidas ao 2.º ano, provavelmente no correr do ano, ou, melhor, no fim do 1.º semestre; a classe C (r) de repetentes menos adiantados e de inteligência um pouco tardia, mas que serão capazes, pelo menos na maioria, de passar ao 2.º ano, no fim do ano escolar; enfim, a classe D, constituída de crianças de inteligência débil.

A seleção dos alunos repetentes corresponde à observação de que há, entre elas, crianças que, em suma, têm apenas um retardamento *pedagógico* — a classe B (r); os que são retardados pedagógicos, mas também um tanto *intelectual*, ou melhor *socialmente* falando classe C (r), enfim, as crianças *retardadas*, propriamente ditas, os *anormais* de toda espécie, tolerados na escola pública comum e que oferecem deficiências biopsíquicas diversas — classe D.

* * *

Para satisfazer a todas as variações de tipos escolares, fora ainda para desejar a criação de classe E, a qual tomaria menos consideração o desenvolvimento mental e a inteligência do que o conjunto do procedimento ou do caráter.

Em cerca de 300 crianças do 1.º ano escolar, encontra-se certamente um número de crianças que bastem para formar uma

NOTA — As classes E, estão em vigor na rede escolar da cidade de Berlim, de Zurich e outras, onde essas Erziehungsklassen produziram os melhores resultados.

classe de educação individual, no sentido mais estrito da palavra, e quem agrupasse as crianças particularmente difíceis de educar — os agitados, os neuróticos, os anti-sociais, as crianças moralmente defeituosas — e cuja presença na classe comum e muito cheia só prejudicará a seus múltiplos companheiros sem que elas mesmas possam dali retirar a necessária melhoria.

Resumamos, num quadro de conjunto, a organização das classes de 1.º ano escolar, com um total de cerca de 285 crianças grupadas em 9 classes.

NOVATOS	Cr. de 6; 9-7; 11		CI. A (nj) — Q.I. mais elevados (40 crs.)
			CI. B (nj) — Q.I. médios (35 crs.)
			CI. C (nj) — Q.I. inferiores (30 crs.)
NOVATOS	Cr. de 8 anos e mais idosas		CI. AB (ns) — Q.I. superiores (40 crs.)
			CI. BC (ns) — Q.I. inferiores (35 crs.)
REPETENTES			CI. B (r) — crs. alfabetizadas (40 crs.)
			CI. C (r) — retardados escolares e de inteligência tardia (35 crs.)
CASOS EXCEP- CIONAIS			CI. D — crs. retardadas e anormais do ponto de vista mental e sensorio-motor (20 crs.)
			CI. E — crs. com anomalias de caráter (15 crs.)

NOTA — O número de crianças por tipo de classe é relativo e deve ser diminuído proporcionalmente, de acordo com o número de salas e professoras disponíveis.

CLASSES A, B, e C, SEU CONTINGENTE

Antes de prosseguir na nossa exposição não será talvez destituído de interesse determo-nos um instante no contingente das classes não especiais e ver o que representam as crianças que povoam as classes A, B e C.

Essas crianças foram selecionadas de acordo com os quocientes intelectuais que revelaram nos testes de inteligência e por sua assimilação, mais ou menos rápida e profunda, das matérias do ensino.

Proponhamos nós a questão seguinte: a que se deve essa capacidade de assimilação e esses graus de inteligência que revelam tanto o comportamento da criança diante do estudo com os Q.I., em resposta aos testes psicológicos?

Deixando de lado a maior ou a menor aplicação e o interesse pelo estudo, que contribuem grandemente para os progressos escolares, abstraindo essa camada afetiva e volitiva da personalidade da criança, abranjamos de mais perto o lado puramente intelectual do problema.

A disciplina mental, a compreensão das questões abstratas, a lógica do raciocínio, a extensão dos conhecimentos, a riqueza do vocabulário, em uma palavra — todas essas técnicas mentais e os instrumentos do pensamento requeridos pelas dificuldades dos testes da inteligência geral empregados para a seleção das crianças segundo o seu desenvolvimento mental dependem somente da idade, da estrutura cerebral e das disposições inatas das crianças, ou dependem, ainda, e talvez numa medida considerável, de uma ordem de coisas inteiramente diferente?

Há muito tempo já, sustentamos a idéia de que a *inteligência natural* para a grande maioria das crianças, tirante as excepcionalmente dotadas e as excepcionalmente desprovidas sob esse aspecto, é um conceito irreal e confusamente artificial. Já alhures escrevemos que a capacidade de resolver a maior parte dos testes chamados de inteligência geral, é menos uma inteligência natural do que uma *inteligência civilizada*. Mostramos que os testes de inteligência geral atuais diferenciam de um modo considerável as influências de ordem social — o meio, o ambiente e a educação — a que foram as crianças submetidas, desde o berço, durante a sua vida pré-escolar.

Um estudo que empreendemos no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, de Belo Horizonte, acerca da inteligência das crianças e sua relação com o meio social, é muito concludente. Aplicando o teste de Inteligência e o do Vocabulário, do dr. Simon, em mais de mil crianças de 7 anos; elaboramos, em seguida, o resultado, confrontando-o com as profissões dos pais dessas crianças.

As profissões foram grupadas em quatro categorias, desde a mais privilegiada, constituída pelas da alta magistratura, dos engenheiros, médicos, advogados, industriais e capitalistas, numa extremidade da escala, e pela mais humilde, na outra, representadas pelos operários não qualificados, os trabalhadores manuais de todas as espécies, as lavadeiras, os soldados, enfim, até os mendigos e os socorridos pelas Sociedades de S. Vicente de Paulo. Calculando os Q. I. médios para todas essas quatro categorias, encontramos uma grandíssima dispersão, indo de 120, para a primeira, e 90 para a última, com o Q. I. mediano — 100 para a categoria mais numerosa, constituída pelas crianças cujos pais são operários qualificados e artífices.

Essa dispersão mediana dos Q. I. dá, para as crianças de 7 anos, uma diferença de mais de 3 anos de idade mental, o que representa uma variação verdadeiramente considerável, submergindo, por assim dizer, todas as variações de que se serve a psicologia experimental para especificar quer o índice de desenvolvimento, quer o de aptidão.

Sendo mais poderoso o índice social (ai está uma verdade de grupo, mas não individual, entenda-se bem), somos, pois, obrigados a reconhecer que a seleção das crianças na sua entrada para a escola primária pública obedece, para a maioria delas, menos à diferença de desenvolvimento mental *sui generis* e a dispersão das disposições inatas, do que a variação do grau de civilização que caracteriza cada grupo social do meio familiar da criança.

Chegados a essa verificação de coisas e continuando a preconizar a seleção das crianças segundo os testes, chamados de inteligência, não vamos cometer um atentado contra os princípios da escola única? Não vamos de encontro as aspirações da democracia, que vê na escola pública o melhor meio para a formação de um povo único, sem separações sociais, sem castas? Não pensamos assim. Primeiro, porque todo indivíduo, seja filho de um rico ou de um proletário, indiferentemente, se apresenta um grau de desenvolvimento mais baixo ou mais alto do que a média de seu meio, será localizado em tal ou outro tipo de classe escolar, não segundo a sua condição social, mas, pelo contrário, segundo o seu valor individual. Uma certa porção de crianças do grupo social privilegiado se encontra nas classes fracas, como um bom número de crianças da categoria mais modesta nas classes fortes.

Vimos também que essas diferenças intelectuais dependentes do meio tendem mais e mais a nivelar-se no decurso dos anos escolares (os testes aplicados nos últimos graus da escola não atestam, no teste P. V., do mesmo dr. Simon, uma dispersão média, senão de um ano apenas para as categorias sociais extremas). De sorte que a aproximação das crianças das diferentes classes sociais se faz ainda na própria escola, onde elas se encontram indistintamente umas ao lado das outras, nas classes superiores, nos mesmos bancos, tendo atingido mais ou menos o mesmo desenvolvimento mental, conforme as disposições e as capacidades de que cada indivíduo, está dotado debaixo da ação civilizadora da escola pública.

Há ainda que notar uma vantagem de selecionar assim as crianças desde os seus primeiros tempos escolares, porque esse contato entre as crianças das classes sociais diferentes não se faz repentinamente, o que poderia provocar uma desadaptação por demais intensa, mas, pelo contrário, opera-se gradualmente, e as trocas sociais se fazem de maneira mais harmoniosa, e, por conseguinte, mais tenaz.

CONCLUSÃO

A integração das classes sociais é uma tarefa que se realiza através da educação, e esta deve ser planejada de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares. Este contato deve ser feito de maneira gradual e harmoniosa, para evitar a desadaptação por demais intensa que poderia ocorrer se fosse feito repentinamente.

Para isso é necessário que se criem condições que favoreçam o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares. Estas condições devem ser planejadas de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais de maneira gradual e harmoniosa, para evitar a desadaptação por demais intensa que poderia ocorrer se fosse feito repentinamente.

É importante que se tenha em mente que a integração das classes sociais é uma tarefa que se realiza através da educação, e esta deve ser planejada de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares.

Para isso é necessário que se criem condições que favoreçam o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares. Estas condições devem ser planejadas de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais de maneira gradual e harmoniosa, para evitar a desadaptação por demais intensa que poderia ocorrer se fosse feito repentinamente.

É importante que se tenha em mente que a integração das classes sociais é uma tarefa que se realiza através da educação, e esta deve ser planejada de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares.

Para isso é necessário que se criem condições que favoreçam o contato entre as crianças das diferentes classes sociais desde os primeiros tempos escolares. Estas condições devem ser planejadas de modo a promover o contato entre as crianças das diferentes classes sociais de maneira gradual e harmoniosa, para evitar a desadaptação por demais intensa que poderia ocorrer se fosse feito repentinamente.

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

...the study of the...
...the study of the...
...the study of the...

CLASSES ESPECIAIS «D» E «E»

MODO DE FORMÁ-LAS

A diferenciação das classes pode ir ainda mais longe e, com ela, um agrupamento mais homogêneo, se o número de crianças de um mesmo ano é bastante grande. Mas é raro encontrar num só grupo escolar mais de 10 classes do 1.º ano e, sobretudo, o número dos professores é, em geral, insuficiente para permitir a organização das pequenas classes, pouco numerosas, para a seleção dos casos um tanto especiais. Ora, ali exatamente é que seria mais desejável a homogeneização.

Que representa, em suma, o contingente das classes D e E?

Ali selecionamos todas as anomalias mais diversas, tanto sob o ponto de vista da inteligência geral, como sob o ponto de vista dos sentidos da linguagem, da motricidade, do sistema nervoso, como ainda sob o ponto de vista do caráter social e moral das crianças.

Todos os desvios do tipo comum se acham assim reunidos em um bloco heteróclito e cuja influência mútua, sem a ação niveladora de uma grande massa de crianças perfeitamente normais e equilibradas, pode tornar-se-lhes nefasta.

Preveêm-se facilmente as dificuldades que vão deparar-se ao educador com a vizinhança, lado a lado, dos simples débeis mentais com os nervosos e os agitados, simples agitados como as crianças que gaguejam ou que têm crises nervosas ou epilêpticas; crianças simplesmente indisciplinadas e turbulentas ao lado das crianças anti-sociais e com perversões morais.

Nessa mistura heteróclita só muito dificilmente o mestre poderá opor a sua influência educativa à quantidade de influências negativas que seus alunos irradiam, cada um a seu modo, sobre os seus companheiros.

Para prevenir esse inconveniente, propomos a medida seguinte, que nos parece facilmente realizável para uma cidade relativamente grande e que possui numerosos grupos escolares:

reunir vários grupos escolares de perímetros limítrofes em uma unidade administrativa quanto à distribuição das crianças em classes homogêneas especiais.

Se um só grupo escolar não está nas condições de se permitir o luxo de ter mais de uma classe, D e E, três ou quatro escolas vizinhas, com suas mil crianças do 1.º ano, oferecerão juntamente a probabilidade de ter várias classes especiais.

Se essas escolas se acham sob a inspeção de um mesmo assistente técnico, não lhe será impossível organizar, em cada um dos grupos escolares, duas classes especiais, uma do tipo D e outra do tipo E, cada uma com caráter bem definido, só recebendo, do perímetro dos três ou quatro grupos, alunos com tais ou quais anomalias determinadas.

O grupo X, por exemplo, terá a classe D para a educação exclusiva das crianças débeis mentais e com anomalias de visão e de audição; o grupo Y se especializará na educação dos débeis com perturbações de motricidade e de linguagem, ao passo que o grupo Z terá a seu cargo os débeis nervosos e agitados.

O mesmo acontecerá com as classes E, isto é, com as classes para crianças com anomalias de caráter, sem deficiência intelectual: um grupo receberá as crianças indisciplinadas, ou associas puros, os rixentos de alma grosseira e brutal que, muitas vezes, sem constituição patológica e tarada, não fazem senão revelar a miséria social de seu meio; outro grupo recolherá os psicastênicos, os mitomanos, as crianças com um sistema nervoso frágil e complexos psíquicos lesados que entram a expansão normal da sua personalidade; enfim, um terceiro grupo terá que educar crianças cujas perversões morais e hábitos inveterados nefastos exijam cuidados especiais.

O PAPEL EDUCATIVO E SOCIAL DAS CLASSES ESPECIAIS

Anunciamos, desde o início, que o agrupamento das crianças em classes homogêneas constitui a primeira medida, a mais simples e a mais racional, para assegurar às crianças uma educação individualizada, de acordo com o que cada uma delas reclama para o próprio aperfeiçoamento. Não é muito fácil distinguir desde logo, e achar o método adequado, em seguida, a todas essas diferenças individuais de inteligência e de caráter numa mistura de crianças muito disparatada. A observação desse mundo heteróclito não permitirá quase colher senão as diferenças mais impressionantes, mais grosseiras, as inteligentes e as imbecis, as apáticas e as agitadas, as crianças obedientes e indisciplinadas, as boas e as más... O mestre será incapaz de compreender nessa massa o "como" da conduta de cada aluno, e ele, de certo, não terá quase tempo, nem ocasião, de destrinçar o porquê de seu comportamento particular.

Jamais a educação e o ensino se tornarão eficazes se deixarmos de lado o estudo da criança viva, do aluno-indivíduo, sem o cuidado indispensável de compreender a fundo todos os mecanismos biopsicológicos que o fazem crescer e desenvolver-se às avessas. Jamais a educação dará resultados seguros e de acordo com as nossas previsões e os nossos ideais se deixarmos nossa ação pedagógica sem a experimentação contínua e implacável na procura dos meios mais adequados para achar a verdadeira ação que o adulto deve à criança para ajudá-la a expandir-se na mais perfeita harmonia consigo mesma e com os seus semelhantes.

Jamais a educação se tornará a cura que dela espera a sociedade e os governos para diminuir, num futuro mais ou menos próximo, o rebotalho humano miserável, que enche os hospitais, os manicômios, as prisões, se ela não abandonar o mais depressa possível seu diletantismo superficial e não se transformar numa arte precisa aplicada ao melhoramento da espécie humana e munida dos meios que lhe forja a ciência, que nunca se cansa de as aperfeiçoar.

Ninguém se torna louco, nem assassino, da noite para o dia; mas é na infância, sobretudo na idade escolar, que se desenvolvem os germes das moléstias mentais e as impulsões que levam aos delitos os futuros alienados e criminosos.

Não é na idade adulta que a gente se torna repentinamente ocioso e vagabundo, mas é já desde os bancos escolares que o indivíduo, ainda criança, não passou de um débil mental ou de um desequilibrado imerso num cismar doentio...

Para que todas as perdas da sociedade possam diminuir, julga-se que a escola pública, uma e única quanto ao seu programa e aos seus métodos, poderá fazer algo nesse sentido? De certo que não!

Todavia, que uma educação especializada e racional tenda, desde já, a diminuir-lhes consideravelmente o número: um inquérito alemão demonstra que cerca de 75% dos anormais que fizeram o curso das classes especiais chegam a exercer um mister que aprenderam na escola; uma sociedade de padronagem, de Frankfurt, constata que os ex-alunos das classes especiais comparecem diante dos tribunais de menores numa proporção mais fraca que as outras de inteligência reduzida e que deixaram as classes comuns depois do terceiro ou do quarto ano de estudos, com as crianças normais; durante a grande guerra, o fato de a caderneta militar dos recrutas trazer a indicação do estágio deles nas escolas especiais durante a sua infância contribuiu para evitar uma série de faltas e de desgraças que teriam de certo sobrevindo sem esse conhecimento.

Aliás, os benefícios dessas classes especiais não se limitam exclusivamente à educação das crianças que aí estão atualmente, mas podem ainda prestar outros serviços preciosos, transformando-se em verdadeiros laboratórios, tanto para o estudo aprofundado das anomalias de toda espécie, como para a elaboração dos métodos científicos do tratamento médico e pedagógico, como ainda para a formação dos educadores especialistas para o trabalho com os anormais, ou dos educadores competentes que aí faziam o seu estágio de alguns anos apenas para, depois, com os frutos retirados desse trabalho nas classes especiais, voltar aos normais com métodos mais individuais e mais eficazes.

Quem ignora a enorme influência, na pedagogia geral, dos trabalhos de Itard, de Montessori, de Binet, de Decroly, do próprio Freud, que, ao mesmo passo que procuravam métodos eficazes para a educação dos anormais ou dos doentes, descobriram os princípios fundamentais e as aplicações as mais fecundas para a educação dos normais?

Bem disse Alfred Binet: "Folgamos de ter, durante tempo, lidado com anormais, porque temos a firme esperança de que o estudo dos anormais servirá aos normais, da mesma forma que vemos em outro domínio o estudo dos alienados servir à psicologia do indivíduo normal".

Os jogos didáticos, hoje tão espalhados nas classes primárias comuns, a educação dos sentidos, nos jardins de infância, o método global para a aprendizagem da leitura, a necessidade de educar sobretudo em vez de instruir simplesmente, tudo isso se deve enormemente aos esforços desses médicos e psicólogos que tinham que lidar com os anormais.

Não pensamos que as classes especiais sejam apenas um luxo supérfluo na rede do ensino público; consideramo-las, pelo contrário, com toda a seriedade necessária para a sua organização e o seu desenvolvimento, porque o seu funcionamento racional contribuirá para solver uma porção de problemas de ordem teórica e prática, de ordem científica profissional e social.

... das ideias com o intuito de proporcionar aos alunos a possibilidade de desenvolverem suas habilidades de raciocínio lógico e matemático. A metodologia utilizada foi a de aulas expositivas com exercícios resolvidos em conjunto e atividades individuais para a fixação dos conteúdos.

Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados aos alunos antes e depois da realização das aulas. Os resultados foram analisados estatisticamente para verificar se houve uma melhoria significativa no desempenho dos alunos após a intervenção pedagógica.

Conclui-se que a utilização de recursos pedagógicos inovadores, como o uso de jogos matemáticos e atividades práticas, contribui para o desenvolvimento das habilidades de raciocínio lógico e matemático dos alunos. Além disso, a metodologia utilizada mostrou-se eficaz para a fixação dos conteúdos e a melhoria do desempenho dos alunos.

Como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos que avaliem o impacto de outras estratégias pedagógicas inovadoras no desenvolvimento das habilidades de raciocínio lógico e matemático dos alunos. Também é importante considerar a importância da formação continuada dos professores para a utilização eficaz dessas estratégias.

Em suma, a presente pesquisa demonstrou que a utilização de recursos pedagógicos inovadores, como o uso de jogos matemáticos e atividades práticas, contribui para o desenvolvimento das habilidades de raciocínio lógico e matemático dos alunos. Além disso, a metodologia utilizada mostrou-se eficaz para a fixação dos conteúdos e a melhoria do desempenho dos alunos.

Por fim, é importante ressaltar que a educação deve ser um processo contínuo e colaborativo, envolvendo todos os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. A utilização de recursos pedagógicos inovadores é uma das formas de promover essa melhoria contínua e garantir a qualidade da educação.

SELEÇÃO DOS PROFESSORES PARA CADA TIPO DE CLASSES

O selecionamento das crianças em classes homogêneas é uma das medidas mais racionais para a elevação do rendimento escolar e para a educação das crianças.

Essa organização não dará resultados se não mediocres, ou mesmo insuficientes, se não for seguida de muito perto por outra diferenciação tão racional e objetiva como a que guiou a seleção das crianças. Temos em vista dois outros grandes problemas de ordem diferente, mas que devem ser encarados com a máxima atenção, a fim de garantir à escola o maior rendimento possível.

Longe de nós a preocupação exclusiva de facilitar aos mestres o trabalho com as crianças. Evidentemente é mais fácil trabalhar com grupos homogêneos. Mas não é absolutamente com o espírito maquiavélico — dividir para reinar — que tão insistentemente preconizamos a homogeneização das classes. Muito pelo contrário, parafraseando o aforismo, nossa divisa é — dividir para fortalecer e melhorar — toda a massa de crianças, quaisquer que sejam, bem-dotadas ou mediocres, normais ou retardadas, boas ou más. Todas sem exceção, pois que são educáveis, devem ser auxiliadas para se erguerem mais alto, sempre mais alto, na sua ascensão para o aperfeiçoamento intelectual, social e moral.

A primeira vista, o trabalho educativo nas classes dos bem-dotados se afigura mais fácil do que nas classes dos retardados ou dos anti-sociais. Mas isso não passa de uma ilusão. Pensemos ainda uma vez na admirável parábola cristã dos talentos e para logo compreenderemos que o esforço educativo deve ser idêntico em qualquer grupo de crianças, porque se exigirá de cada um segundo a sua capacidade.

Assim aconselharemos ao diretor que designar o professor para tal ou qual classe de crianças, que reflita bem na escolha de cada um, porque há nisso uma fonte importantíssima para se contribuir, ou não, para o progresso da escola.

Que o mestre incumbido, por exemplo, da classe dos bem-dotados, reflita bem sobre suas próprias forças e sobre a responsabilidade enorme que assume não só para as crianças, mas para com a escola e, mais talvez ainda, para com o País. Suas faculdades intelectuais, sua cultura, suas aptidões profissionais são deveras suficientes para se responsabilizar pela educação do escol da futura geração? Porque os bem-dotados foram selecionados não só para dar uma escolaridade regular e trivial, mas para lhes assegurar o máximo desenvolvimento das capacidades de que a natureza generosamente os dotou.

Se na escolha do professor para as classes dos bem-dotados a inteligência e a competência profissional desempenham o papel mais importante, a designação dos mestres para as classes dos retardados e dos instáveis deve obedecer aos critérios que fazem sobretudo realçar, ao lado da competência pedagógica, ainda as virtudes de caráter, tais como a afeição às crianças, o espírito altruísta e muitas vezes cheio de verdadeira abnegação, muito de paciência, e a busca incessante dos meios para tornar eficiente a educação dessas crianças.

Ao lado, pois, da seleção das crianças, outra seleção deve fazer-se, — a dos professores, para achar *the right man in the right place*. Como essa seleção encerra grandes dificuldades para o diretor e pode facilmente melindrar alguns mestres por juízos precipitados, propomos, sem receio, que se apele para o critério dos próprios professores.

Em um grupo escolar em que tudo corra bem, o corpo docente nada mais deve ser que um conjunto harmonioso, uma verdadeira família, cujos membros se compreendam e se respeitem mutuamente, para os quais o bem da escola esteja acima das vantagens ou das ambições pessoais. Porque não crer, então, que a escolha dos professores para as diferentes classes possa ser objeto de uma reunião do corpo docente, ele próprio proporá os candidatos, pondo em evidência as suas capacidades e, finalmente, procederá às eleições, nas quais, todavia, o diretor ou o assistente técnico terá papel decisivo. Parece-nos que este estado de coisas só tenderá a elevar a responsabilidade dos professores no trabalho das classes que lhes forem confiadas por determinação do conselho escolar.

PROGRESSOS ESCOLARES DE CADA TIPO DE CLASSE E MEIOS DE CONTROLÁ-LAS

Uma vez selecionado o material humano, resta ainda estabelecer para cada classe o método mais apropriado ao grupo de crianças que a compõem, pois o programa de estudos como os processos do ensino não podem ser idênticos. É mister, antes de tudo, levar em conta a desigualdade do ritmo de desenvolvimento mental. Um programa igual, as classes fortes, médias e fracas o executam em tempos diferentes.

Se um ano de estudo basta aos alunos das classes A para aprenderem a ler, escrever e calcular nos limites da primeira dúzia, já as classes B, classes médias, desde que há somente quatro horas, por dia, de trabalho escolar e os inúmeros feriados tão abundantes no Brasil, terão necessidade de um ano e meio para vencerem as dificuldades do primeiro grau escolar, — as classes C atingirão o mesmo nível só ao fim de dois ou mais anos de estudos. Quanto à classe D, será mister provavelmente estendê-la a três ou quatro anos, segundo os alunos que a compuserem.

Verificado isto, cumpre modificar completamente a atitude dos diretores das escolas e das secretarias de instrução, em face dos resultados finais do ano, que têm a tendência para julgar a competência dos mestres pela percentagem das promoções. Num grupo escolar organizado em classes homogêneas, a taxa das promoções estará em relação íntima com a qualidade dos alunos que as compõem. Das classes A temos o direito de esperar cerca de 100% de promoções, mas essa taxa decresce proporcionalmente desde a classe B, à classe D.

Insistimos nesse assunto sensíveis às queixas de algumas professoras das classes C e D das escolas de Belo Horizonte que, só tendo tido promoções medíocres, malgrado todo o esforço desenvolvido, foram severamente censuradas pelos seus diretores. A exigência, uniforme sob esse aspecto para todas as categorias das classes, é coisa absolutamente injusta.

Como o controle dos progressos é de toda necessidade, ele não pode, entretanto, medir-se unicamente pela percentagem das promoções (que, aliás, já muito bem vimos, é arbitrária e cujos critérios variam muito de uma escola para outra).

Para assegurar uma medida objetiva do trabalho escolar, é indispensável ter à disposição uma bateria dos testes escolares e de desenvolvimento mental capazes de registrar os progressos de todas as classes do 1.º ano, aí compreendidas as que não puderam fazer adquirir por seus alunos a leitura e a escrita.

A experiência feita pelo Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento no mês de outubro de 1931, aplicando um teste misto de conhecimentos escolares e de desenvolvimento geral em cerca de três mil crianças das cem classes do 1.º ano, de Belo Horizonte, mostrou que as crianças que tinham dado, no mês de fevereiro do mesmo ano, níveis inferiores a 6; 6 no teste de vocabulário e de inteligência, do dr. Simon, só excepcionalmente de todo puderam passar para o 2.º ano, isto é, aprender a ler e a escrever... (*)

Quando as idades das crianças forem exatamente conhecidas, seus Q.I. estabelecidos no principio do ano permitirão com mais probabilidade prognosticar a percentagem das promoções no fim do ano, não para todas as crianças, evidentemente, mas para aquelas, sobretudo, que tiverem Q.I. inferiores. Notamos (entre parêntesis) que em psicologia como em medicina, certas conclusões sobre o estado da criança ou do doente não podem ser pronunciadas senão sob certas reservas. E, como a reação negativa de Wasserman nem sempre significa a ausência de lues, ao passo que a reação positiva tem muito mais probabilidade para constata-la, assim também os testes psicológicos, muitas vezes incapazes de dizer se a criança progredirá normalmente ou muito bem, têm grande probabilidade de prever as que não farão progressos suficientes.

Esperemos, pois, dos testes, que se aperfeiçoem sensivelmente uma melhoria tanto no ponto de vista do diagnóstico das aptidões como do prognóstico para o progresso escolar; esperemos também que os testes escolares e psicológicos aplicados periodicamente nos dêem meios preciosos para a medida do trabalho pedagógico, mas não esqueçamos também de registrar, por observações metódicas, os progressos espirituais, sociais e morais que cada criança na escola renovada é chamada a realizar.

RESUMO

1) As diferenças individuais e a variedade dos tipos de escolares nas escolas públicas primárias exigem, para o seu melhor desenvolvimento geral e melhor rendimento escolar, a individualização da educação.

2) O agrupamento das crianças em classes homogêneas é a primeira medida a ser adotada para assegurar o ensino individualizado.

3) A criança é um ser em evolução contínua, por excelência. As etapas de sua evolução corporal e mental podem servir de índices para a seleção das crianças em classes homogêneas.

4) A ciência pedagógica, incapaz ainda atualmente de fornecer à pedagogia normas acerca do desenvolvimento completo da criança, está, entretanto, em condições de ajudar as escolas, dando-lhes meios de diagnosticar os níveis de desenvolvimento intelectual global, úteis para a seleção dos alunos.

5) Os resultados do diagnóstico por meio dos testes de inteligência geral só podem, entretanto, servir para seleção provisória, tendo em vista o número de fatores que contribuem, ao lado da inteligência, para a formação do indivíduo e lhe asseguram o progresso espiritual.

6) As crianças selecionadas pelos testes devem ser metodicamente observadas nas próprias classes, a fim de corrigir, por essa nova fonte de informação, os erros possíveis da primeira classificação e repô-las em tempo oportuno nas condições pedagógicas adequadas às suas forças.

7) Ao critério do desenvolvimento mental, expresso em termos de Q.I., melhor que pelas idades mentais, devem ser ainda juntados outros indícios a fim de dar às classes primárias caráter mais homogêneo. Assim, há toda a vantagem, tanto no ponto de vista da eficácia do ensino, como do ponto de vista moral para as crianças, de separar, no primeiro ano escolar, os alunos novatos e os repêntes, organizando classes separadas para cada uma dessas duas categorias de crianças.

8) Atendendo-se a que os alunos novatos não têm todos a mesma idade na sua entrada para as escolas e que essa idade se estende de 6 a 9 anos e, não raro, até 10 e 12 anos, está no interesse do ensino levar em consideração diferenças da idade real dos alunos, selecionando em classes as crianças mais moças (6; 9, a 7; 11) e crianças mais idosas (de 8 anos e mais).

9) Num total de cerca de 200 crianças novatas do 1.º ano de um grande grupo escolar, pode-se, assim, levando-se em conta a idade real e o desenvolvimento intelectual delas, formar as cinco classes seguintes: a) a de crianças mais moças: classe A, de crianças de Q.I. mais elevados; classe B, de Q.I. médios; classe C, de Q.I. inferior. b) crianças mais idosas e menos numerosas que as primeiras formarão a classe AB, dos melhores Q.I., e classe BC, de Q.I. mais baixos.

10) As crianças repetentes serão grupadas em classes, tendo em conta o grau de adiantamento escolar, de uma parte, e o desenvolvimento mental de outra. Nas três classes dos repetentes, haverá vantagem em grupar juntamente as crianças de melhor escolaridade e que poderão atingir o nível escolar do 2.º ano no fim do primeiro semestre — Classe B (r); as crianças menos alfabetizadas formarão a classe C (r), em que serão reunidas as crianças pedagogicamente retardadas e de inteligência mais lenta; enfim, a classe D será formada pelo restante das crianças que apresentem um retardamento mental notável e anomalias sensório-motores, toleráveis na escola pública comum.

11) Está no interesse de todas as classes do 1.º ano bem como no de certa ordem de crianças nervosas, agitadas e que apresentam anomalias de caráter, selecioná-las igualmente em classes especiais E, para a educação individualizada por excelência.

12) Como as classes do tipo D concentram todas as crianças débeis, que apresentam, não raro, as mais variadas anomalias (sensorial, motriz, perturbações nervosas), assim como as classes do tipo E selecionando as crianças com todas as anomalias de caráter (indisciplinadas, associas, nervosas, amorais), essa promiscuidade pode oferecer um verdadeiro perigo e relativamente pouco benefício, frenando o trabalho educativo do mestre pela complexidade dos problemas com que uma tal classe heterólita depara; fora para desejar a organização das classes D e E diferenciadas para várias categorias de crianças bem determinadas.

13) Como não é fácil formar muitas classes D e E no interior de um mesmo grupo escolar, há toda a vantagem em estabelecer um entendimento entre vários grupos vizinhos, a fim de que cada um desses se especialize na educação de certa categoria das classes D e E apenas. Essa organização permitirá educar, pelos métodos mais apropriados, todas as crianças de tal categoria especial de todo o perímetro escolar de vários grupos em que tal entendimento se realizou.

- 14) Prevêem-se facilmente três grupos de classe D:
- 1) débeis mentais e com perturbações de visão e de audição;
 - 2) débeis mentais com perturbações de motricidade e de palavra;
 - 3) débeis mentais com perturbações nervosas diversas.

As classes E igualmente poderiam formar três unidades distintas: 1) para os indisciplinados de origem mesológica, sobretudo; 2) para os neuróticos; 3) as crianças com defeitos de ordem moral.

15) O funcionamento racional dessas classes especiais bem diferenciadas, ao lado do seu valor pedagógico imediato, terá ainda a vantagem de permitir o estudo sistemático das crianças anormais, bem como a procura dos métodos adequados tanto para sua terapêutica médica como para sua educação. O trabalho nessas classes igualmente poderá servir de estágio para a formação dos especialistas, médicos e mestres para as crianças anormais.

16) Sendo o número de crianças em cada uma das classes homogêneas, deve ser feita a seleção dos professores disponíveis, o número não pode ser fixado exatamente. Observar-se-ão nesse particular os regulamentos *ad-hoc* para as classes médias, e tomando em consideração que, da classe A para a classe E, o número deverá diminuir progressivamente, não se tolerará na classe A mais de 40 crianças e na classe E mais de 12 a 15.

17) Paralelamente ao selecionamento das crianças em classes homogêneas, deve ser feita a seleção dos professores segundo seus dons pessoais, sua cultura geral, sua competência profissional e as classes para as quais sua personalidade é mais adequada. Assim as classes A das crianças bem-dotadas devem ser dirigidas pelos professores melhores quanto à inteligência e à cultura, assim como quanto à competência pedagógica. As classes D e E necessitam de professores que se distinguem por um caráter equilibrado, altruísta e que tiverem uma competência especial para o ensino das crianças anormais.

18) Os programas, bem como os métodos de ensino, devem ser organizados de acordo com o tipo das classes selecionadas.

19) É necessário organizar baterias de testes psicológicos e escolares apropriados e aplicá-los periodicamente e em intervalos suficientemente aproximados, a fim de que seus resultados sirvam de critérios objetivos para a melhoria progressiva do trabalho educativo, coletivo e individual. As observações a respeito da conduta geral, social e moral dos alunos devem

ser igualmente continuadas com método, e revistas, para os casos difíceis, todos os meses ou trimestres, em reuniões periódicas com o psicólogo e o médico escolar.

20) Esta apreciação objetiva de base psicológica e o balanço que se lhe segue substitue vantajosa e equitativamente o critério da percentagem das promoções, o único em vigor atualmente, para se julgar a eficácia do trabalho pedagógico e o valor profissional dos mestres.

15) O funcionamento racional de uma escola depende em primeiro lugar das condições de trabalho de cada professor. O trabalho de cada professor deve ser considerado em termos de eficiência e não em termos de quantidade. O trabalho de cada professor deve ser considerado em termos de eficiência e não em termos de quantidade.

16) Quando o número de crianças em cada sala de aula for homogêneo, deve-se fazer a seleção dos professores de acordo com o número de crianças a serem ensinadas. O número de crianças em cada sala de aula deve ser considerado em termos de eficiência e não em termos de quantidade. O número de crianças em cada sala de aula deve ser considerado em termos de eficiência e não em termos de quantidade.

17) Particularmente no relacionamento das crianças em classes homogêneas, deve-se levar em conta a seleção dos professores de acordo com a cultura geral, as condições profissionais e as classes em que as crianças pertencem. Assim, as classes A das crianças pertencentes devem ser dirigidas pelos professores melhores quanto à inteligência e à cultura, assim como quanto à capacidade pedagógica. As classes B e C necessitam de professores que sejam capazes de ensinar e de avaliar adequadamente as crianças.

18) Os programas devem ser feitos de acordo com as condições de ensino de cada escola e de acordo com o tipo de alunos que nela estudam.

19) É necessário organizar laboratórios de testes psicológicos e laboratórios de testes pedagógicos e aplicar os resultados em testes de inteligência, testes de personalidade, testes de aptidão, testes de rendimento, testes de esforço, testes de velocidade, testes de precisão, testes de resistência, testes de flexibilidade, testes de adaptação, testes de integração, testes de diferenciação, testes de generalização, testes de transferência, testes de retenção, testes de recuperação, testes de consolidação, testes de consolidação, testes de consolidação.

O ENSINO NAS CLASSES ESPECIAIS

A criação das classes especiais, nos grupos escolares, para crianças retardadas, débeis e instáveis, colima dois fins: descongestionando as classes numerosas dos elementos heterogêneos que entravam a marcha escolar, permitir à massa normal o progresso regular, de uma parte; grupando, em classes menos numerosas, esses elementos irregulares do ponto de vista escolar e do desenvolvimento mental, assegurar-lhes o máximo de rendimento.

Qual deve ser o ensino das classes especiais? Vejamos a opinião abalisada de uma autoridade nesta matéria, mele. Alice Descoendres, que, há longos anos, dirige com êxito as classes de anormais na cidade de Genebra. Para Melle Descoendres, o ensino especial deve obdecer aos cinco princípios diretores seguintes:

1) a atividade própria do aluno: "cumpre que a criança aja corporalmente, manualmente, intelectualmente", é o princípio fundamental. "Agir por si mesma e achar por si mesma — é o unico meio de tornar as crianças capazes de desenvolvimento".

Para garantir essa atividade, as professoras das classes especiais não se limitam a tolerar uma liberdade maior entre seus alunos, deixando-os agir e mover-se mais durante as horas escolares, mas elas tratam de criar oportunidades para a ação. Longe, pois, de exigir das crianças débeis uma disciplina rígida, imobilizando-as nos bancos, essas classes devem, ao contrário, oferecer um ambiente mais apropriado para atividades variadas. Se o próprio espaço da classe é restrito, as crianças se deslocarão o mais possível fora, no jardim, no pátio escolar, em excursões pela cidade, pelos parques, pelas oficinas, por toda a parte onde as ocasiões de atividade sejam maiores e mais bem motivadas.

2) O segundo princípio é a importância da educação sensorial e do ensino intuitivo. As crianças das classes especiais por vezes

não sabem nem olhar nem escutar ou, então, se olham, não vêem, se escutam, não ouvem convenientemente.

O conhecimento imediato das coisas e de suas qualidades é defeituoso; as impressões são flutuantes, imprecisas. "Por uma ginástica especial dos órgãos sensoriais, as crianças serão exercitadas em utilizar essas portas de entrada da inteligência, em inteirar-se das sensações que elas transmitem."

3) O terceiro princípio é o da *concentração* dos diversos ramos de ensino em torno de alguns assuntos concretos e ao alcance do interesse das crianças. Esse ensino concêntrico ajudará a inteligência enfraquecida a formar associações múltiplas entre as coisas e a compreendê-las nos seus aspectos variados. O espírito será alimentado de conhecimentos concretos relacionados entre si e vívidos em muitas circunstâncias.

4) A *individualização* do ensino é o quarto princípio que deve ser posto em relevo nas classes especiais. O ensino é orientado de tal modo que procura satisfazer as necessidades de cada criança, levando em conta as suas particularidades físicas e mentais:

5) Enfim, o último princípio é o caráter *utilitário* do ensino especial. Ele visa um fim social — o de preparar as crianças para a vida — descobrindo em cada uma delas as aptidões mais salientes, desenvolvê-las e orientá-las para aplicações práticas, a fim de que mais tarde essas crianças, malgrado toda a sua debilidade, possam depender de outrem o menos possível e sobrecarregar a sociedade o menos possível.

Analisando esses princípios de ensino especial, preconizados pelo competente pedagogo, vemos que a maior parte, senão todos, não diferem quase dos princípios da escola moderna para o ensino das crianças normais. A atividade livre e variada, o ensino sob medida, os centros de interesses, a preparação para a vida, — tudo isto faz parte do A B C da pedagogia geral. Quanto ao ensino intuitivo e à educação dos sentidos, eles formam a base do trabalho nos jardins da infância.

Nada há que admirar de que o ensino especial obedeça aos princípios da pedagogia normal, porque em se tratando de educar as crianças, no sentido funcional dessa palavra, os recursos fundamentais da educação são os mesmos em toda a parte.

Para estar em condições de educar crianças normais ou classes especiais, os mestres, inspirando-se nos princípios da escola ativa, aí encontrarão as diretrizes necessárias para a organização geral do seu trabalho. Quanto mais compreenderem o

que é a criança, o que são as suas necessidades e de que maneira se desenvolver a atividade movida por molas internas, tanto mais terão o ensejo de triunfar com os seus alunos.

Se, entretanto, nos princípios diretores, o ensino especial difere pouco do ensino geral, há, sem dúvida, diferenças notáveis nos programas e na distribuição do trabalho, bem como em alguns dos métodos particularmente usados.

Tomemos ainda a Melle, Descoedres a sua opinião supra: "Cumpre mudar as proporções em diversas partes do programa, dosá-las de outra maneira, chegar a combinar um *programa de instrução didática*, destinada a transmitir ao aluno os conhecimentos indispensáveis à vida, com um *programa de ginástica psicológica*, que vise exercer as diferentes funções mentais e suas reações recíprocas" (Op. cit., pág. 51).

A título de exemplo, vejamos o programa e o horário das ocupações numa classe especial dirigida por Georges Rouma, de Bruxelas, e relatado nas suas "Notas pedagógicas sobre uma classe de anormais" (citação da mesma autora).

Educação dos sentidos	2	horas
Educação da atenção	1	"
Trabalhos manuais	6	"
Exercícios de linguagem	3	"
Exercícios de cálculo intuitivo	2½	"
Exercícios de desenho	3	"
Jogos Froebel	2½	"
Ginástica eurítmica	2½	"
Canto	1½	"
Excursões	3	"
Recreio	2½	"
Total por semana	29½	"

Como é fácil de ver, as ocupações escolares propriamente ditas estão longe de representar um lugar predominante; ao contrário, o pedagogo belga lhes reserva apenas um tempo mínimo de 5 horas e tanto por semana. É verdade que se trata de uma classe de crianças bastante retardadas e anormais.

As proporções entre os exercícios didáticos e os exercícios psicológicos, o trabalho manual, os jogos educativos e as ocupações livres devem ser estabelecidas de acordo com o estado mais ou menos deficiente do desenvolvimento mental das crianças.

Não esqueçamos que essas crianças que hoje são selecionadas em classes especiais não dariam boa conta de si nas classes

ordinárias, apesar de uma freqüência regular. E por quê? Por causas diversas e de caráter psicológico, sobretudo, Binet, que pôs tanto interesse em estudar essas crianças, pôde distinguir entre elas, em consequência de um inquérito pedagógico e dos exames médico e psicológico feitos nas escolas de Paris, os caracteres seguintes: 1.º) essas crianças oferecem um atraso de desenvolvimento geral; 2.º) esse atraso é acusado especialmente em certas faculdades, menos em outras, donde uma falta de equilíbrio; 3.º) algumas vezes uma perturbação particular, de cunho patológico, das faculdades mentais (Binet Th. Simon. "Les enfants anormaux" pág. 21)

Que a criança seja simplesmente retardada, desequilibrada ou tarada, ou que esses defeitos se combinem para dar seres menos adaptados ainda, que esses defeitos se encontrem num grau fraco ou acentuado, compreende-se a impossibilidade de empreender com elas um trabalho escolar ordinário antes que elas sejam aptas a recebê-lo. Há um longo trabalho preliminar a realizar — o de preparar as suas faculdades e organizá-las de tal forma que o ensino escolar lhes sirva para alguma coisa.

Fazemos mal em caminhar demasiado depressa com as crianças débeis e desequilibradas. Seu espírito é ainda tão primitivo, os instintos são, em grande número delas, ainda tão selvagens. A predominância dos interesses orgânicos e egoísticos é ainda tão em desacordo com as exigências intelectuais e sociais impostas pela escola, as faculdades mentais são a tal ponto anquilosadas ou caóticas, e a insuficiência sensorial e motriz, como a insuficiência da atenção e do esforço voluntário são tão flagrantes na maioria delas, que é pecar contra o bom senso querer a todo o custo fazer inculcar-lhes a sabedoria escolar antes de ajudá-las a desenvolver, uma por uma, suas faculdades e educar o próprio caráter.

Nas classes especiais, a parte educativa deve certamente primar sobre o ensino propriamente dito. Trata-se muito menos de instruí-las, essas crianças desamparadas, do que de organizar-lhes a personalidade, educando-lhes os instintos canalizando-lhes os interesses, formando hábitos de observar, fixar a atenção, refletir, dominar-se, coordenando o funcionamento psíquico.

Nas classes especiais, cumpre pôr em *segundo plano* a preocupação de ensinar as crianças a ler e a escrever, coisa imensamente difícil para elas. Outras ocupações são mil vezes mais úteis para elas, como o trabalho manual, a cultura física e mental, a socialização. Quando aquelas forem metodicamente administradas, o desenvolvimento geral dela se ressentirá muito

depressa. Somente então é que a criança estará nas condições de se interessar pelas matérias escolares e só então o ensino delas dará resultados úteis às crianças.

Não temos o intuito de entrar na consideração de todos os processos pedagógicos em uso nas classes de ensino especial. A obra de Melle. Descobredres e um tesouro para quem quisesse ter uma idéia geral de como conhecer pormenores das aplicações práticas de certos processos que ela própria criou com tanto engenho ou que ela recomenda entre os dos outros autores.

(1)

Deter-nos-emos somente num gênero de exercícios pouco conhecido em Minas, mas de que o vigente Regulamento da Instrução Primária Oficial fala e os recomenda para as classes dos retardados (art. 380). Temos em vista os exercícios da *ortopedia mental*, de que julgamos útil dar um certo número de exemplos fazendo-os seguir por uma técnica suficientemente pormenorizada, a fim de que possam ser empregados nas classes especiais das escolas primárias, pelas professoras desejosas de as aplicar.

devised formulae which are a mixture of the two, and which are the only ones which are not subject to the criticism of being too complicated.

The formulae which are given in this paper are the only ones which are not subject to the criticism of being too complicated. They are the only ones which are not subject to the criticism of being too complicated.

It is not possible to give a complete list of the formulae which are not subject to the criticism of being too complicated. It is not possible to give a complete list of the formulae which are not subject to the criticism of being too complicated.

The formulae which are given in this paper are the only ones which are not subject to the criticism of being too complicated. They are the only ones which are not subject to the criticism of being too complicated.

It is not possible to give a complete list of the formulae which are not subject to the criticism of being too complicated. It is not possible to give a complete list of the formulae which are not subject to the criticism of being too complicated.

DA ORTOPEDIA MENTAL

A arte de corrigir as deformidades do corpo, e, assim assegurar o funcionamento normal do organismo, tem o nome de ortopedia.

Alfred Binet não hesitou em estender a analogia a certos exercícios cujo fim é endireitar, adestrar e fortificar as faculdades mentais. Ele deu a esse sistema de exercícios o nome de *ortopedia mental* e que ele criou em 1910, com Belot.

Binet é otimista. Ele tirou da psicologia experimental a conclusão seguinte: "Tudo o que é de pensamento e de função em nós é susceptível de desenvolvimento."

Treinando as funções mentais, submetendo-as a exercícios repetidos e metódicos, chega-se facilmente a melhorá-las. Isso se evidencia quando o efeito desses exercícios é susceptível de ser medido e apreciado quantitativamente: registrando os resultados sucessivos das diversas experiências a respeito de tal ou tal função mental num gráfico, percebe-se que eles se inscrevem em uma curva ascendente típica, "a curva do progresso".

É verdade que no estado atual da ciência psicológica ignoramos se as disposições, elas próprias, são susceptíveis de desenvolvimento; se, por exemplo, a sensibilidade visual ou auditiva, se a memória, se o pensamento... se a finura ou a força, ou o potencial dessas diversas faculdades são aptos, em consequência do exercício, para aumentar realmente. O que é fora de dúvida é que o indivíduo que os exerce melhora "a arte de se servir delas", e, portanto aumenta, necessariamente o rendimento de suas faculdades. Sob o ponto de vista prático, é esse aliás, o único critério que importa, pois, que sentido pode ter, por exemplo, que a memória de uma pessoa tenha melhorado sem que ela desse provas de que saiba mais depressa fixar e reter por mais tempo, e com mais exatidão, as suas impressões? É muito provável que sua *memória* como faculdade inata não tenha mudado absolutamente; o que se modificou e aperfeiçoou, entretanto, para tornar as lembranças melhores, é o modo de organizar

essas diversas faculdades, a atenção, a compreensão, a associação com outras experiências, com outros sentidos, e outros conhecimentos.

Dr. Th. Simon, de Paris, numa nota relativa à educação dos anormais, exprime assim a sua opinião sobre a ortopedia mental: "Estes exercícios são susceptíveis de desenvolver realmente as faculdades às quais eles se destinam? Podemos supor pelo menos que eles impedem a atrofia, que permitam um rendimento mais amplo". E mais adiante: "Os exercícios de Binet e Belot foram mais especialmente destinados, cremos nós, a dar ao espírito uma atitude determinada e o hábito dessa atitude".

Assim, sem ter o direito de pensar que a educação pode criar ou mesmo aumentar o potencial das faculdades inatas das crianças, temos a convicção de que o exercício racional e sistemático pode organizá-las pela maneira mais profícua, criando na criança os hábitos mais eficazes para fazê-las funcionar e aumentar-lhes a produção útil.

Nascemos com pouquíssimos mecanismos cerebrais bem montados. Temos de montar um número indefinido deles à custa de esforços e de estudo indefinidos, não tendo ao nosso serviço o automatismo natural que regula a maior parte dos animais. "Se o hábito não viesse trazer-nos os seus aperfeiçoamentos e as suas economias de dispêndio nervoso e muscular, seríamos pobres diabos". "Esta citação de W. James é muito oportuna, sobretudo para o caso que nos interessa, isso é, quanto às faculdades das crianças retardadas e desequilibradas que nos propomos educar.

Em grande número de crianças retardadas, o déficit intelectual e moral é talvez menos atribuível ao nível inferior de suas faculdades do que a uma falta de coordenação interior; e são muitas vezes "pobres diabos", porque os mecanismos sensoriais e musculares não foram formados a tempo para reagir de maneira automática, por hábitos eficientes, aos estímulos mais comuns.

As crianças retardadas são seres inadaptados antes de tudo. Os sentidos, a motricidade, a afetividade, o pensamento, a vontade se desencadeiam sem direção e sem ordem, de um modo caótico em umas, e inibido em outras. E é obrigação do educador ajudá-las, estimulando-as e organizando nelas os mecanismos psicológicos adequados aos fins.

CARACTERÍSTICAS DA ORTOPEDIA MENTAL E SEU VALOR EDUCATIVO

A *ortopedia mental* visa precisamente este fim. Ela é uma ginástica psicológica cujos exercícios, variados e repetidos, vão

pôr as faculdades em forma, adestrá-las, uma por uma, tonificá-las e endireitá-las, se preciso.

Como, entretanto, uma faculdade não pode ser homologada a um membro corporal, em que uma intervenção externa e sem a participação voluntária do paciente pode curá-lo, quando se trata de endireitar ou adestrar tal função mental cumpre que nos asseguremos da participação mais ativa da própria pessoa, submetendo-a a esses exercícios de ortopedia mental com o máximo de boa vontade de sua parte.

A criança faz uma coisa de boa vontade, quando essa coisa a interessa. É, pois, indispensável que esses exercícios artificiais, a que vamos sujeitá-la, sejam *atraentes*.

Para isso será mister que nos esforcemos por variá-los, a fim de evitar a monotonia e fazê-los muito curtos, a fim de que o esforço que vamos pedir à criança não a fatigue e nem a desgoste. Por mais artificiais que sejam esses exercícios, o caráter inesperado, a variedade e a curta duração, eles serão aceitos prazerosamente pelas crianças.

Para tornar-lhe a execução rápida, o mestre que os administrar deverá estudar-lhes precisamente a técnica, prever todas as condições, para não ser entravado, justamente no meio da execução, por alguma coisa imprevista, a falta de material ou de lugar, por exemplo, que fará fracassar o exercício ou o alongar inutilmente, com procura de meios que deveriam ter sido preparados de atemão.

Para assegurar-lhes a boa execução, o mestre deve ter um grande ascendente sobre a criança. Deve fazer-se ouvir e obedecer instantaneamente. Em caso contrário, os exercícios de ortopedia mental perderão todo o valor e degenerarão em um passatempo antipedagógico.

O mestre que empregar a ortopedia mental deverá assumir a atitude que toma o psicólogo quando administra um teste coletivo. Cumpre preparar o espírito das crianças, suscitar o interesse, tonificar a atenção, estabelecer a disciplina mais estrita, e só depois disso poderá aplicar o seu teste. Do contrário, o valor do teste é nulo, e o psicólogo terá perdido o seu tempo inutilmente.

Nossa experiência com as crianças normais e retardadas, delinqüentes e nervosas, fora dos casos extremos, mostrou que é sempre possível obter delas uma atenção para os testes psicológicos, quando bem preparados e curtos.

Durante esse breve tempo, alguns segundos, às vezes, a criança que está ocupada em fazer o exercício deverá fazê-lo de

maneira impecável; se se trata de guardar silêncio, que ele seja o mais completo; se é preciso reagir logo a um excitante, cumpre fazê-lo também tão rapidamente quanto ela pode, se ela deve fazer um movimento preciso, que o faça do melhor modo.

Assim, cumpre começar só com exercícios fáceis, ao alcance das crianças. Como queremos formar hábitos de bem agir "os êxitos da estréia são de uma necessidade precisa. Um fracasso inicial ameaça paralisar todos os esforços futuros, ao passo que os triunfos passados são uma fonte de energia para o futuro" (James).

Dosando-se a dificuldade dos exercícios e não passando os degraus mais difíceis senão depois que as crianças tiverem vencido os primeiros, dar-lhes-emos por esse meio oportunidade de se saírem sempre melhor, e asseguraremos a possibilidade do progresso.

Para que essa marcha progressiva seja evidente e constitua uma fonte para estimular os esforços cada vez maiores por parte das crianças, cuidar-se-á de registrar os resultados obtidos, transcrevendo-os, se possível, em um gráfico compreensível pelas crianças.

Trata-se, por exemplo, de um exercício de que falaremos mais adiante, e que consiste em reagir tão depressa quanto possível a um excitante dado. Poder-se-á muito bem calcular rapidamente o tempo médio que as crianças levam para responder. Indicar-se-á o tempo do primeiro exercício no quadro-negro; depois se repetirá ainda várias vezes, registrando de cada vez o resultado. As crianças, naturalmente, quererão ver o tempo diminuir e farão o máximo de esforço para triunfar.

Quando o mestre vir que nesse dia as crianças deram tudo o que puderam e que o progresso "não é mais possível" fará bem interrompendo-o, porque, aliás, se arrisca a fazê-las perder o interesse e a descoroçoá-las.

Sabe-se que a emulação entre as crianças é um grande estimulante para a sua atividade. O instinto combativo utilizado desencadeia forças e a vontade de vencer, num grau muito elevado. Apesar do caráter dinamôgeno, empregaremos, entretanto, a competição o menos possível, porque ela cria nas crianças o espírito de luta, indesejável e anti-social.

Esse estimulante, utilizá-lo-emos de outra maneira, pela emulação consigo mesmo: hoje, o resultado individual, ou o meio para toda classe, deverá ser superior ao de ontem, e amanhã deverá ser melhor que hoje. Não tendo essa emulação as desvantagens do que falamos, guarda a sua força positiva na marcha para o progresso.

Quem ler mais adiante o exposto dos exercícios de ortopedia mental poderá objetar-nos que os processos por nós recomendados apresentam apenas, no ponto de vista pedagógico, um passo atrás, para a educação formal. Sim, certamente a ortopedia mental nada mais é, que a educação formal das faculdades, uma ginástica psicológica. Apenas esse método é administrado de maneira muito diferente da que a pedagogia moderna combate com tanta convicção.

Achamos a propósito mencionar o ponto de vista do prof. Sante de Sanctis, psiquiatra de Milano bem conhecido. O autor preconiza dois tipos de trabalhos escolares. Um, de regime *optimum*, é aquele que a criança escolhe livremente. Respondendo aos seus interesses e aptidões, esse trabalho é atraente e permite ao indivíduo entregar-se a ele por muito tempo sem manifestar sinais de cansaço.

O outro trabalho, de regime *maximum*, consiste em exercícios com tarefas impostas, cuja finalidade é despertar novos interesses e sobretudo desenvolver na criança a vontade e o domínio de si mesmo. Esse segundo gênero de trabalho de Sanctis acha eminentemente educativo, completando assim a educação atrativa e natural. (*)

O regime maximal tem, assim, bastante semelhança com nossos exercícios de ortopedia mental.

Enquanto o ensino formal da escola tradicional era o seu alfa e ômega, enquanto ele reinava senhorilmente em toda a escola, rígida e invariável, a ortopedia mental não exige da criança senão 15 a 20 minutos de atenção por dia.

Se bem que a ortopedia mental consiste em exercícios isolados, independentes do interesse central, e é imposta pelos mestres sob a forma de processos artificiais, esses exercícios, já o vimos, devem ter atrativo para as crianças, quer pela novidade e a variedade do conteúdo, quer pelo modo de executá-los, rapidamente, com desembaraço, e mostrando-lhes de cada vez suas capacidades sempre crescentes.

Ao passo que a escola formal, com os seus exercícios monótonos, sempre os mesmos, longos e fatigantes, só podiam adormecer a atividade dos alunos, esses exercícios, pelo contrário, visam especialmente tonificar e adestrar suas faculdades.

(*) — Sante de Sanctis; *Travail et educattion*. Revue Internationale de l'Enfant, vol. IX, 1930.

Pouco importava ao mestre dos tempos passados que as crianças se achassem aborrecidas por infundáveis análises gramaticais, estafadas por horas inteiras de memorização de nomes e de datas, — o essencial era que, como papagaios, elas recitassem, sem o menor interesse, a tarefa imposta.

Para aquelas dentre essas crianças que tinham uma boa memória natural, essas tarefas não reclamavam grande esforço, mas para aquelas que a tinham medíocre, ou que eram dela desprovidas, constituíam uma verdadeira fonte de sofrimento e de esgotamento.

A criança, de natureza calma e passiva, não tinha dificuldade em se manter tranqüila e “disciplinada”, com as mãos corretamente cruzadas atrás das costas, mas já se pensou alguma vez que essa disciplina que se lhe impunha nada mais fazia do que agravar-lhe a passividade e a preguiça física e mental de seu temperamento destituído de vigor. Ao contrário, essa mesma disciplina prolongada imaginava-se que apresentasse uma verdadeira tortura para os vivos e alertas que, uma vez em liberdade, não podiam senão vingar-se dela, desenvolvendo mil malícias que, sob pressão, elas engendravam.

Preconizando tais exercícios de ortopedia mental, artificiais e impostos, é evidente que só podemos tolerá-los se o mestre que os administra pôr todos os olhos e ouvidos para seus alunos. Ele deve velar para que a classe inteira esteja bem disposta, alegre, ativa e enérgica durante esses poucos minutos de ginástica mental. Se vê indiferença, descuido, preguiça, cumpre-lhe mostrar a sua arte para estimular e arrastar a massa inerte. Atento às atitudes das crianças, o mestre interromperá imediatamente o exercício se perceber que, após um bom tempo de atividade organizada e produtiva, as crianças começam a relaxar-se e a manifestar sinais de tédio e de fadiga. Após poucos minutos da mais estrita disciplina, o mestre terá o cuidado de dar um trabalho mais espontâneo e menos apertado.

Curtos, variados, flexíveis e tônicos, os exercícios da ortopedia mental, por mais formais que sejam, na sua essência, não apresentam e nem devem apresentar os perigos de que se livra a escola ativa hodierna dos processos lânguidos, monótonos, rígidos e embrutecedores do ensino formal.

Cumpra igualmente não crer que a ortopedia mental seja um método de “dressage”. Se bem repetimo-lo, que a aparência desses exercícios seja artificial, se bem que eles não sejam mais que exercícios isolados, estão longe de querer formar autômatos, isso é, de engendrar, nas crianças, um certo número restrito; de

hábitos de agir de um modo estereotipado em tais e tais condições. Longe disso, como se verá, poremos sempre a bom recato, na parte técnica dessa exposição, as pessoas um tanto preguiçosas que, em lugar de variar e inventar novos exercícios bem como novas situações, só queiram empregar os mesmos, obrigando as crianças a reagir a isso apenas de um modo aprendido e mecânico. Vemos perfeitamente o perito desse lado, mas ainda uma vez é compreender mal o papel da ortopedia mental.

A ortopedia mental visa “pôr em forma as faculdades mentais”, ela representa um meio de adestrar o mecanismo psico-senso-motor; ela ajuda a criança a tornar todas as suas faculdades mais disponíveis, mais prontas a pôr-se em jogo; ela visa ainda a atividade do pensamento e da vontade, tornando-as mais robustas e mais bem governadas.

Ouçanos Binet a esse propósito: “Segundo a opinião de todos, esses exercícios são excelentes; favorecem não uma faculdade em particular, mas todo um conjunto delas; facilitam a disciplina, ensinam as crianças a olhar melhor para o quadro-negro, a escutar melhor, reter melhor, a julgar melhor; há em jogo o amor próprio, e emulação, a perseverança, o desejo de sair-se bem e todas as sensações excelentes que acompanham a ação; e, sobretudo, aprende-se também a querer, a querer com mais intensidade; e querer é, precisamente, a chave de toda a educação; e a educação moral se faz, por conseguinte, ao mesmo tempo em que se faz a educação intelectual”.

PROGRAMA GERAL DE ORTOPEDIA MENTAL

Como a ortopedia mental visa o treino das faculdades, damos abaixo o programa das funções mentais e das modalidades intelectuais e volitivas segundo as quais grupamos os exercícios de ginástica psicológica. Muitas vezes tal exercício faz parte de vários grupos do programa: é indicado no lugar em que a faculdade que ele põe em jogo é servida de maneira mais saliente.

Entretanto, esse programa e os exercícios correspondentes a cada grupo não devem ser tomados muito ao pé da letra. Na hora atual não é fácil dizer quais as faculdades que exatamente estão na base de tal ou tal atividade no exercício. A psicologia experimental ainda não penetrou todos os domínios da conduta humana: o que nos parece antes de mais nada, fazer apelo sobretudo à memória, por exemplo (na experiência da repetição dos algarismos) pode não depender, pela maior parte, senão da

atenção; em outro exercício fazendo-nos supor sobretudo a sensibilidade tátil ou muscular, na realidade pode revelar, sobretudo, a faculdade de discriminação e o juízo. Não insistimos absolutamente na classificação do nosso programa e nos equivalentes psicológicos dos diversos exercícios da ortopedia mental. Damo-la provisoriamente, antes a título de um simples índice, as matérias de um verdadeiro programa de ginástica psicológica.

PROGRAMA DE GINÁSTICA MENTAL

Como a ginástica mental visa o fortalecimento das funções psíquicas, é necessário que os exercícios sejam realizados em condições que favoreçam a concentração da atenção e a mobilização das forças psíquicas. Para isso, é necessário que o indivíduo esteja em condições físicas e psicológicas favoráveis. O programa de ginástica mental deve ser realizado em condições que favoreçam a concentração da atenção e a mobilização das forças psíquicas. O programa de ginástica mental deve ser realizado em condições que favoreçam a concentração da atenção e a mobilização das forças psíquicas.

**INVENTÁRIO DAS FUNÇÕES MENTAIS E DAS
FACULDADES, SEGUNDO AS QUAIS ESTÃO
DISTRIBUÍDOS OS EXERCÍCIOS DE
ORTOPEDIA MENTAL**

- I — Grupo — *Acomodação e reação aos estímulos* (sensoriais) ou “tempo de reação”.
 - a) tempo de reação simples (auditiva, tátil, visual).
 - b) tempo de reação discriminativa, com escolha.
- II — *Esforço dinâmico* (positivo).
 - a) de rapidez.
 - b) de força.
- III — Grupo — *Coordenação sensório-motora*.
- IV — *Esforço estático* (inibição).
- V — *Imitação* (conformidade com o modelo dado).
- VI — *Compreensão de ordens verbais*.
- VII — *Observação*.
- VIII — *Fixação e Reconhecimento*.
- IX — *Extensão do campo de consciência*.
- X — *Memorização e Conservação das lembranças*.
- XI — *Atenção*.
 - a) concentrada.
 - b) dividida.
- XII — *Imaginação reprodutiva*.
- XIII — *Imaginação construtiva, criadora*.
- XIV — *Inteligência*.
 - a) Compreensão.
 - b) Invenção.
- XV — *Raciocínio*.

INVENTÁRIO DAS FUNÇÕES MENTAIS E DAS
FACILIDADES, SEGUNDO AS QUAIS ESTÃO
DISTRIBUÍDOS OS EXERCÍCIOS DE
ORTOPEDIA MENTAL.

- I -- Grupo -- relacionado a reação nos estímulos (sensitiza-
ção) ou tempo de reação.
- II -- Grupo diferenciado (qualitativo)
a) de reação.
b) de força.
- III -- Grupo -- coordenação sensorio-motora.
- IV -- Grupo variável (qualitativo).
- V -- Indicação quantitativa com o modelo dado.
- VI -- Comparação de objetos espaciais.
- VII -- Observação.
- VIII -- Imagem e associação.
- IX -- Relação de causa de consequência.
- X -- Memória e conservação das lembranças.
- XI -- Atenção.
a) concentrada.
b) dividida.
- XII -- Imagens representativas.
- XIII -- Imagens constitutivas, abstractas.
- XIV -- Inteligência.
a) simples.
b) avançada.
- XV -- Intuição.

ORIGENS DOS EXERCÍCIOS DE ORTOPEDIA MENTAL

Como se perceberá, alguns exercícios desse repertório são técnicas bem conhecidas daqueles que estão um pouco familiarizados com a psicologia experimental. Bom número deles são tomados ao método dos testes psicológicos. Temos a grande satisfação de utilizar assim, para um fim prático e educacional algumas das enormes riquezas que a paciência dos cientistas acumulou nos laboratórios de psicologia experimental, e cujo valor, para a psicologia, nem sempre correspondeu ao imenso esforço que esses métodos e processos custaram aos seus autores.

Alguns exercícios foram tomados de Binet, do seu capítulo sobre a educação da inteligência, do livro "*Les idées modernes sur les enfants*"; alguns ainda foram sugeridos por exercícios a que pudemos assistir nas diversas classes especiais de Paris, principalmente na do sr. Roguet, este mestre talentoso que fazia com seus alunos débeis, maravilhas de inteligência. O sr. Roguet se propunha publicar um repertório completo de ortopedia mental que applicava com tanto êxito, mas infelizmente não chegou a fazê-lo por ter morrido na grande guerra.

Tomamos muitos exercícios de melle. Descoedres da sua já citada obra: "*Education des enfants anormaux*"; outros ainda foram sugeridos pelo método de Maria Montessori; alguns, enfim, foram introduzidos por nós mesmos.

As páginas seguintes apresentam apenas um número restrito desses exercícios. Não é propriamente um repertório, mas antes uma série de amostras para os professores das classes especiais que quiserem introduzir a ortopedia mental como método auxiliar na educação das crianças retardadas.

NOTA — No momento de iniciar esta resenha de exercícios de ortopedia mental, nós não tínhamos outra preocupação senão de auxiliar as classes especiais na educação dos retardados.

Mais tarde, vimos que esses exercícios podiam ter sua utilidade nas classes normais do 1.º ano escolar, com as crianças novatas, não habituadas ainda com o trabalho em conjunto, ou mesmo nas classes de todos os degraus primários, onde a atividade é caótica e a disciplina relaxada.

Os ensaios feitos nas classes anexas da Escola de Aperfeiçoamento e os êxitos obtidos com esses exercícios bem compreendidos, tornam a ortopedia mental um método eficiente mesmo com as crianças normais.

Notamos ainda que Baden Powell emprega freqüentemente exercícios semelhantes na técnica educativa do Escotismo.

Alguns exercícios foram tomados de Janet de seu capítulo sobre a educação da inteligência de livro "Les idées nouvelles sur les enfants"; alguns ainda foram sugeridos por exercícios a que pudemos assistir nas diversas classes especiais de Paris, principalmente na de St. Honoré, onde tivemos a honra de fazer uma sessão pública de inteligência de inteligência. O Sr. Bonnet se propõe publicar um relatório completo de ortopedia mental que applicava com tanto êxito suas idéias e não chegou a publicá-lo por ter morrido na grande guerra.

Tornamos muitas vezes a ouvir a expressão de sua vida obra "L'écrit de l'élève" e outros ainda foram sugeridos pelo método de Maria Montessori; alguns outros foram introduzidos por nós mesmos.

As páginas seguintes apresentam alguns em número de dezesseis exercícios. Não é propriamente um relatório, mas antes uma série de amostras para os professores das classes especiais que quiserem applicar a ortopedia mental como método auxiliar na educação das crianças retardadas.

NOTA — São tomadas de Janet, esta seleção de exercícios de ortopedia mental, não há dúvida, entre as vantagens de se utilizar as classes especiais na educação dos retardados.

EXERCÍCIOS DE ORTOPEDIA MENTAL

I Grupo — *Acomodação rápida e resposta motora a estímulos sensoriais*

1) *Tempo de reação simples* — “Cadeia de Claparède”. Todas as crianças da classe fazem uma roda, dando-se as mãos (este exercício pode ser feito tanto no pátio como na própria classe). O professor aí está, junto às crianças, munido de um cronômetro. Explica-lhes que vão fazer um exercício muito interessante, a fim de verificar se elas sabem “escutar”, com as mãos, as ordens que lhes vão ser transmitidas. “Escutamos as ordens com o ouvido, não é? Vamos tentar “escutar” com as mãos, isto é, sentir a ordem que vai ser dada. Quando a tivermos recebido, imediatamente, o mais depressa possível, nós a transmitiremos ao nosso vizinho.

Em geral, damos as ordens com a voz, mas vamos dá-las também com as mãos. A ordem é muito simples: quando João (o aluno que se encontra na roda, à direita do professor), sentir que eu lhe aperto a mão esquerda, ele vai, sem perda de tempo, apertar a mão de Pedro (vizinho à direita de João). Quando Pedro sentir a pressão, depressa ele transmitirá a ordem com a mão ao seu vizinho, e esse fará a mesma coisa ao seu vizinho, e assim por diante. Vamos fazer esse exercício com os olhos fechados, para vermos se, verdadeiramente, as mãos só podem compreender as ordens e transmiti-las, e fazer isso muito, muito rapidamente, o mais depressa que pudermos. Como eu tenho um relógio, e que pode medir o tempo por mais rápido que seja, saberemos exatamente quanto gastamos para transmitir as ordens a todas as crianças da classe”.

Depois de tornar bem compreensível o que pedimos às crianças, realizemos então o primeiro exercício, com os olhos abertos, para treinar as crianças. Mede-se o tempo do seguinte modo: no momento em que o professor aperta, com a mão direita, a mão do vizinho que desse lado se acha, ele põe em movimento o cronômetro com a mão esquerda e fica atento,

observando se a ordem é dada a todas as crianças, sem paradas nem interrupções. Quando ele próprio sentir a pressão produzida pelo vizinho da esquerda, interromperá com a mão direita a marcha do cronômetro, que assim terá marcado o tempo do percurso inteiro.

A duração obtida para a primeira experiência será escrita no quadro-negro. Far-se-á depois uma segunda, uma terceira vez, e assim por diante, até dez vezes por exemplo, tendo-se o cuidado de marcar o tempo no quadro, para cada vez.

As crianças perceberão que o tempo do percurso decresce com as repetições (o que geralmente acontece se as crianças compreenderam bem) e isso estimulará seus esforços para fazer cada vez melhor. Quando as durações começarem a igualar-se, uma vez ou outra, ou se tornarem mesmo mais longas, isso significará que as crianças, tendo feito um esforço máximo, sua atenção começa a enfraquecer-se. É o aviso para que se interrompa o exercício.

Acontece, freqüentemente, que algumas crianças "interrompem a corrente", quer dizer, não transmitem a ordem para diante. Aquelas que assim procedem são crianças que compreendem com dificuldade, ou se distraem constantemente e não percebem o sinal transmitido pelos vizinhos.

No protocolo da experiência, o professor terá o cuidado de anotar o nome dessas crianças, pois isso constitui indicações objetivas sobre a atenção das mesmas. Geralmente acontece serem as mesmas a interromper a ordem diversas vezes, devem então, essas crianças, ser delicadamente eliminadas da roda, para que seja permitido à classe continuar o exercício. Contudo, para treiná-las e encorajá-las, poder-se-á organizar, em atenção a elas, uma pequena cadeia formada por cinco ou seis crianças, em que será mais fácil prender-lhes a atenção.

Este exercício permitirá ao professor observar entre alunos as diferenças individuais quanto ao tempo de reação; alguns reagem com extrema rapidez; outros se revelam bem mais lentos. Os enérgicos, os vivos, como também os apáticos e lentos, revelam-se claramente, e do mesmo modo as crianças nervosas, de movimentos espasmódicos, exagerados, violentos, incapazes, pelo menos nos primeiros exercícios, de reagir tranqüilamente, limitando o movimento somente às mãos. Nós os veremos, pelo contrário, fazer contrações em todo o corpo, e acompanhar a pressão com mil gestos e caretas. Tudo isso representa indicações preciosas sobre a reatividade das crianças e que deverá ser educada, chamando-se, para isso, a atenção das mesmas, a fim

de que se corrijam de tais defeitos. Pouco a pouco, saberá a criança dominar-se, aprendendo a se concentrar melhor, a inibir sua excitação e a diminuir os movimentos supérfluos.

"A cadeia de Claparède" (assim a denominamos porque o ilustre psicólogo a empregava em seus cursos de psicologia experimental, para a demonstração dos tempos de reação simples), fornece, sem aparelho complicado, uma medida bastante exata dos tempos de reação *táctil* tomada sobre um grupo de pessoas.

Os tempos mais curtos, obtidos para o percurso da ordem através da cadeia, divididos pelo número de pessoas fornece, para adultos, a média de 15 a 16 centésimos de segundos, o que corresponde aproximadamente aos tempos médios, obtidos por meio de aparelhos especiais. Para as crianças, segundo as experiências realizadas em 442 crianças das treze classes de II ao IV anos escolares, a média foi de 0,33".

Como esse exercício geralmente agrada às crianças, pode-se repeti-lo várias vezes durante a semana. Os resultados, que serão de cada vez registrados em um caderno especial, tornarão possível ao mestre verificar "a curva do progresso". Os exercícios de ortopedia mental são úteis, tanto para treinar as crianças e educar suas faculdades como para a observação e medida de seu desenvolvimento.

2 — *Tempo de reação auditiva* — As crianças, alinhadas uma ao lado da outra, com os olhos fechados, deverão contar-se. A criança que se encontra em uma das extremidades é o número 1; ela diz esse algarismo; sem vizinho deverá imediatamente dizer: dois; o terceiro, três, e assim por diante, até o último, cujo algarismo representa o número total de crianças presentes. Como no exercício precedente, o professor poderá medir o tempo dispendido durante a contagem total. Anotando o tempo sobre o quadro, repetirá o exercício duas, três vezes, com o fim de verificar se as crianças conseguem maior rapidez.

Terá o cuidado de marcar em seu caderno não só o tempo, mas também as crianças que parecem "no mundo da lua", pois quase sempre se encontram uma ou duas que custam a executar a ordem. Esse exercício poderá ser feito pela manhã, à hora da chamada.

A princípio, será empregado diariamente, durante uma semana; depois, só será empregado uma vez ou outra para "treinar" a atenção e medir o progresso.

O uso muito freqüente desse, como de outros exercícios, é antipedagógico, pois é preciso não perder de vista que os exercí-

cios de ortopedia mental não são administrados nem para formar autômatos, nem para embrutecer as crianças com a monotonia fastidiosa. É preciso, observar que todos eles se façam com satisfação, estimulando e tonificando a atividade.

3 — *Tempo de reação visual* — As crianças, alinhadas uma atrás da outra, deixando entre si um pequeno espaço, seguram, cada uma, uma folha de papel, que pode ser colorido, ou um cartão sobre o qual se vêem algarismos que vão até ao número correspondente ao total de crianças. Colocam-se estas segundo a ordem dos números que cada uma recebeu. A primeira eleva seu cartão (com o algarismo 1 voltado para trás) e assim que a segunda a vir suspender o cartão por sobre a cabeça, eleva o seu, depois o terceiro, e assim por diante, até o último. Mede-se, então, o tempo despendido durante a elevação de todos os cartões.

Façamos as mesmas observações que nos exercícios antecedentes, acrescentando ainda a observação sobre as *reações antecipadas*.

Havemos de ver crianças impacientes elevar seus cartões antes que a precedente tenha erguido o seu.

Para interessar mais ainda a atividade das crianças, poderá o professor designar uma ou outra para auxiliar na observação.

O mesmo exercício sobre o tempo de reação visual pode ser executado com a diferença seguinte: os alunos, de posse dos cartões numerados, formam uma grande roda sem que os algarismos dos cartões estejam em ordem natural. A criança que traz o cartão número 1, estende-o ao centro, bem horizontalmente; depois disto, fará o mesmo o que tiver o cartão número 2, depois o número 3, assim em seguida, até ao último. Se as crianças conhecem os números pares e ímpares, poderá o mesmo exercício ser feito, primeiramente com os pares, e depois com os ímpares.

4 — *Tempo de reação discriminativa* — Reagir do mesmo modo a um sinal dentre vários sinais dados. Reagir a dois, três, os quatro sinais dentre muitos que serão apresentados. Começa-se pelos exercícios mais simples; depois, quando vencida a dificuldade e não se enganando mais a maioria das crianças, passa-se aos mais complicados.

O professor proporá às crianças que reajam (o modo de reagir pode variar; — não automatizar as crianças — por exemplo, uma vez terão que se levantar ao aparecer o sinal; outra, o marcarão por um leve batido de lápis sobre a carteira; uma terceira vez levantarão a mão com um papel colorido, etc., etc.), somente quando ouvirem uma palavra começando pelo som determinado.

O professor pronunciará um certo número de palavras, e as crianças reagirão o mais depressa possível, a todas que começarem por esta ou aquela letra escolhida. A lista de palavras pode conter, por exemplo, como no conhecido brinquedo "O passarinho voa", somente nomes de animais que voam, ou que nadam, etc

O professor poderá ainda fazer, para que as crianças ouçam, vários ruídos e sons (por exemplo, bater o lápis sobre a mesa, bater as palmas das mãos, tossir, cantar, soar a campainha, rasgar papel, bater com o pé sobre o assoalho, etc. etc.), e as crianças, de olhos fechados, só terão que reagir a um desses excitantes: bater as palmas, por exemplo.

5 — *Tempo de reação discriminativa complexa* — Discriminar o sinal e a reação.

É o seguinte o processo: o mestre pronunciará diferentes palavras; as crianças deverão reagir somente aos nomes próprios (pessoais) e aos nomes comuns, deixando de reagir aos outros; aos nomes próprios reagirão com a mão direita que segura um cartão vermelho, e aos nomes comuns, com a esquerda, que traz um cartão azul.

Esses tempos de reação com escolha podem variar ao infinito, não só quanto ao conteúdo, mas quanto ao número de ordens a executar. O mestre mostrará, por exemplo, cartões com diferentes desenhos e formas geométricas. Reagir ao quadrado, estendendo a mão para a frente; ao triângulo, levantando a mão direita; ao círculo, elevando a mão acima da cabeça.

Podem-se ainda variar os exercícios e torná-los mais atraentes, ensinando às crianças os sinais do telégrafo de Chappe, ou o alfabeto dos surdo-mudos, por meio dos quais terão que reagir às palavras que começarem por essa ou aquela letra indicada.

Para que as crianças se interessem por uma execução melhor, podem, durante tais exercícios, dividir-se em dois grupos: um age, outro observa; por exemplo, distribuição de papéis às crianças de uma mesma carteira, ou de carteiras vizinhas, uma executará, a outra anotará seus resultados e vice-versa.

Se não for muito fácil medir os resultados desse exercício, poderá, pelo menos, o professor observar bem seus alunos. Haverá alunos capazes de o fazer muito bem; outros revelarão talvez uma grande incapacidade para associar as reações aos sinais e se enganarão muitas vezes. Cuidará então o professor de ver se eles se educam aos poucos.

Esses exercícios, por mais artificiais e abstratos que sejam, possuem, contudo, uma utilidade notável. No trabalho industrial,

no manejo de máquinas, na condução de um automóvel, não estamos constantemente agindo diante das reações com escolha? Se a faculdade de reação discriminativa rápida é educável, por que não exercitá-la com as crianças, enquanto são jovens?

Para preencher seus fins, o professor deve multiplicá-los engenhosamente, saber administrá-los de maneira agradável, e observar os sintomas pressentivos de aborrecimentos para não continuar.

Lembremos ainda, a propósito desse grupo de exercícios, que os tempos de reação simples e discriminativa se encontram na base psicológica de muitos jogos de salão e ao ar livre, como, por exemplo, "passarinho voa", "não dizer nem sim e nem não" a perguntas feitas, jogos da bola e muitos outros que cada professor saberá encontrar nas recordações de seus jogos infantis.

Com a diferença que, enquanto nos jogos conhecidos existem sempre a emulação ou luta entre os partidos, em nossos exercícios de ortopedia mental evitamos quanto possível o elemento combativo.

II Grupo — *Esforço dinâmico* (rapidez)

1) *rapidez dos movimentos*: execução rápida de uma tarefa.

Trata-se de exercitar nas crianças a faculdade de usar esforço voluntário e de produzir o máximo em determinado exercício.

2) *Corrida* — Mede-se, por exemplo, no pátio escolar, uma distância de 25m, por onde correrão as crianças, uma a uma, ou duas a duas, indo e vindo com a maior rapidez. Mede-se o tempo necessário para vencer a distância de 50m.

O tempo será, para cada criança, marcado uma vez todos os quinze dias, ou todos os meses, para ver se a rapidez da corrida aumenta regularmente, em média, para a classe inteira ou para cada criança, separadamente.

A corrida simples pode ser substituída por saltos com um pé, com os pés juntos, saltos de cócoras, ou ainda pela corrida com "obstáculos", isso é, por exemplo: partir com uma bola na mão; num lugar determinado por um traço, lançar a bola três vezes e correr ao lugar seguinte; depositar a bola, tomar um objeto colocado aí, e correr mais adiante, onde encontra outro objeto com o qual o primeiro irá ser trocado; continuar a corrida até o fim.

Em classe, esse esforço dinâmico pode ser treinado por diversos exercícios, — da *mão*, principalmente. Uma prova muito clássica em psicologia experimental é a experiência do "tapping". Durante um determinado tempo as crianças, munidas de uma folha de papel, marcam com um lápis tantos pontos quantos lhes sejam possível fazer. A duração é curta, 5-6 segundos, 10-15, no máximo 30 segundos, pois o trabalho é fatigante e a dificuldade de registrar os pontos aumenta com o número existente no papel (durante 6 segundos, as crianças de Genebra, de 7 a 12 anos, marcaram em média 60 a 70 pontos, ao passo que os mais rápidos chegaram até 100).

Para que tenha o exercício todo o seu valor, é muito necessário estimular as crianças para que o façam o mais depressa possível. Não devem preocupar-se com a ordem segundo a qual vão marcar os pontos; é preciso somente preveni-las para que não façam dois pontos em um mesmo lugar.

Feito o exercício, se a criança for capaz, contará ela própria o número de pontos. Aconselhá-la-emos, para maior facilidade, a contar de cada vez só cinco pontos, fazendo ao redor deles um círculo. E, para conhecer o total, nada mais terá que fazer, senão multiplicar por 5 o número de círculos.

3) O "tapping" poderá ser feito uma ou duas vezes por semana. O resultado será escrito numa folha especial do *caderno de ortopedia mental*, que cada aluno possuirá, individualmente. Indicando todas as vezes a data do exercício e seu rendimento, a criança e o professor poderão verificar se existe progresso.

Esse processo não significa uma nova aprendizagem para a criança, mas prova que sua energia aumenta e que se põe em ação com maior facilidade.

A experiência feita com as crianças nos tem mostrado que elas gostam desses exercícios; apreciam-nos, porque eles constituem alguma coisa de novo, porque lhes comunica um estado de pressa, porque é agitador, porque o ruído do lápis sobre a carteira ressoa de um modo agradável, porque, enfim, e isso talvez seja o essencial, poderão conhecer imediatamente o efeito e o valor do trabalho executado contando o número de pontos feitos.

Não nos parece bom, já o dissemos, dar aos exercícios de ortopedia mental um caráter de emulação. Sabemos perfeitamente que a competição é fortemente dinamogênica. Preferimos, porém, não a usar e não muito raramente, reservando-a para os jogos livres ao ar livre. Desse modo, para não salientar o valor pessoal de João, Pedro ou Paulo, ou de um dos partidos combatentes, vencedor ou vencido, aconselhamos utilizar os resultados desses exercícios de um modo anônimo, chamando a atenção para o valor

da classe (total de pontos dividido pelo número de crianças) na presente data, por exemplo, comparada aos resultados da vez precedente.

Para isso, cada criança poderá levar ao quadro o resultado do exercício; os algarismos se escreverão em coluna, e, se as crianças forem capazes, farão elas próprias a soma e a divisão (média para a classe); em caso contrário, o mestre fará rapidamente as operações e indicará os resultados em um gráfico suspenso à parede, à vista da classe.

Se a curva sobe, cada uma das crianças olhará o progresso como seu, satisfeita consigo mesma. Se, pelo contrário, o ponto hoje marcado sobre a curva a faz descer mais que da última vez, cada criança pensará também que isso aconteceu, talvez porque não tivesse ela dado todo o seu esforço, e, não satisfeita, desejará corrigir-se na próxima vez.

Realizar melhor para o êxito de todo um grupo e não admitir o regresso, nem o estacionamento, mas aprender a nada mais desejar que o progresso desse grupo, — eis aí um conjunto das mais elevadas virtudes.

Depois de ter a ortopedia mental exercitado as faculdades, o dever do pedagogo consistirá em fazer com que seus alunos encontrem as verdadeiras aplicações do progresso coletivo. Hoje, saberão marcar o maior número possível de pontos, numa folha de papel; amanhã, tratar-se-á, por exemplo, de realizar o maior número de boas ações, não visando de maneira nenhuma recompensa pessoal, nem o sentimento de superioridade sobre os outros, mas unicamente pela consciência do dever cumprido diante de si mesmo e diante do grupo.

4) Outros exercícios de rapidez: *traçar figuras, letras* em um determinado tempo (um, dois minutos). Traçar uma figura ou várias figuras alternadas geométricas (um triângulo, um círculo, por exemplo); escrever uma palavra, uma frase curta, seu próprio nome, etc.; o maior número, de vezes possível. Aprecia-se o resultado pelo número de figuras ou de letras escritas.

O mesmo processo para o registro dos resultados no caderno individual e sobre a curva coletiva, pois o exercício pode também repetir-se uma duas vezes por semana, ou ainda mais, se as crianças por ele se interessam.

Como o objetivo da rapidez pode prejudicar a qualidade do trabalho — coisa antipedagógica — o mestre habituará seus alunos a analisar também a maneira como foi feito, avaliando-lhe o grau de perfeição. Os pontos indo de 1 a 5, que a si mesmo dará a criança, ou distribuirá o professor pelo trabalho menos ou mais bem feito, darão uma idéia para a qualidade, ao lado da quantidade.

Se a criança for capaz de progredir na última, não o deverá fazer com prejuízo da primeira. Para que a apreciação da qualidade tenha um caráter mais objetivo, poderão ser organizadas escalas modelo, para cada frase da escrita, que serão construídas com amostras graduadas, (ver mais adiante a propósito da cópia, no capítulo da atenção).

Podemos introduzir, ainda no mesmo parágrafo, esforço dinâmico, o seguinte exercício: o professor proporá a duas ou três crianças *contarem*, em silêncio, o mais depressa possível as crianças presentes, assentadas em suas carteiras; todas as crianças, ou meninos e meninas separadamente. Mede-se o tempo da contagem, e a exatidão, comparando o resultado das três crianças.

Um outro exercício de rapidez está ligado à *articulação verbal*. Contar o mais depressa possível, até 10.100 ou mais. Se as crianças possuem conhecimentos além, repetir o mais rapidamente possível, uma frase, por exemplo "eu quero pronunciar muito depressa esta frase", anotando-se o número de vezes que a criança pôde pronunciar a frase, durante um minuto, por exemplo.

Esse exercício é difícil, mesmo para o adulto, e torna-se necessário um considerável esforço para não embaralhar e tomar a frase inarticulada. As diferenças individuais são muito grandes e merecem uma especial atenção para se verificar se em alguns casos há apreciável deficiência verbomotriz.

DISTRIBUIÇÃO E COLETA DE OBJETOS VARIADOS

Como se compreenderá, é preciso que nas classes especiais, ao lado do material escolar habitual, livros, cadernos, lápis, haja também uma grande quantidade de outros objetos, muito familiares, como, por exemplo, grãos de feijão, pedrinhas, botões, carretéis vazios, rólhas, contas, pedacinhos de madeira, talhada ou não e uma porção de coisas das quais a maior parte será trazida pelas próprias crianças, ou de suas casas, ou de um passeio ao campo, ao jardim e onde a generosa natureza brasileira, oferecerá sem dúvida, àqueles que procuram, verdadeiros tesouros.

Esse material será guardado em caixas ou saquinhos, individuais para cada criança, ou então em depósitos comuns. Ter-se-á um cuidado especial para que todas as coisas muito heteróclitas se mantenham em ordem, debaixo de um aspecto mais ou menos agradável à vista.

Tomamos a liberdade de insistir nessa recomendação, embora um pouco fútil, pois temos visto que as pessoas, ao come-

çarmos a introduzir esse gênero de material em suas classes, abandonam facilmente seu lado estético, transformando-as em quartos de despejo, muito pouco atraentes.

Conservar em ordem todo esse material exigido pelos exercícios de ortopedia mental, constitui ainda um trabalho pedagógico. Os alunos mais ordeiros em seus próprios objetos serão designados pelo professor ou pelas próprias crianças, a fim de valerem para que tudo se encontre bem colocado, ao alcance da mão, e fáceis de serem encontrados, graças aos rótulos que sobre os mesmos serão colocados (relacionar às lições de leitura e de escrita).

Como muito provavelmente o armário oficial da classe não comportará todo esse material, as crianças construirão estantes, farão caixas, costurarão sacos, etc., etc. Eis aí atividades que darão à classe um ar de vida e aspecto doméstico e de tarefa útil para substituir a monotonia da escola formal e vazia.

Cada criança irá ao armário, que poderá mesmo transformar-se em "armazém", onde uma das crianças ocupará o lugar de caixeiro, e a esse apresentará a lista dos objetos de que tem necessidade. O caixeiro, mediante esta lista, ou em troca de moedas convencionais, fornecerá mercadoria de acordo com seu valor. Depois do exercício, crianças reconduzirão de novo o material ao armazém, trocando desta vez os papéis; eles serão agora os vendedores, e o negociante, o comprador.

Bem-entendido, não automatizar esses processos, pois o uso exclusivo do "armazém" em todos os exercícios de ortopedia mental, vem a torná-la muito pesada.

Quando queremos administrá-la mais rapidamente, terá o professor, ao contrário, o cuidado de abreviar a distribuição do material, em si, a fim de passar ao exercício em questão.

Recebem as crianças um bom punhado de grãos de milho, de feijão, de pedrinhas, de contas de cor; terão que separá-los no menor espaço de tempo possível, em três ou quatro grupos ou caixas de fósforos vazias. O exercício será feito em um tempo determinado: um minuto, por exemplo. Depois, cada um contará o número de unidades de cada espécie, por ele separada.

A *distribuição rápida* pode ser feita por meio de cartas, de antemão preparadas pelas crianças, e representando desenhos das formas geométricas, louças, habitações, construções, espécimens do reino animal, instrumentos, etc., constituindo os jogos, ditos de família.

Como é difícil fornecer a todas as crianças o mesmo jogo, não o poderão fazer ao mesmo tempo senão dois ou três. Os outros observarão, aguardando sua vez.

Outros exercícios — As crianças de pé, ou assentadas no chão, formando uma roda, vão passar, o mais rapidamente possível, e sem deixar cair, um objeto qualquer; (uma almofada, uma bola, um lápis, um fósforo, um grão de feijão); marca-se o tempo dispendido para cada objeto e o número de vezes que ele caiu das mãos. O exercício é interessante, porque a passagem de cada objeto terá sua duração própria; muito rápida para a almofada, e muito lenta para o grão de feijão. Repetir 3 vezes, por exemplo, para cada objeto, e tirar a média do tempo gasto.

Quando as crianças conhecem as operações aritméticas, é evidente que a soma e a divisão podem ser feitas por elas mesmas, aproveitando-se, assim, desses exercícios para cálculo.

ESFORÇO DINÂMICO (FORÇA)

Incluimos no presente grupo os exercícios do gênero daqueles que obtemos com o dinamômetro, quer dizer, produção do esforço muscular máximo, sob o impulso voluntário.

a) O *dinamômetro* usual e igualmente o mais barato é o de Collin, fabricado pela firma Boullitte, em Paris. Consiste em uma mola metálica, de forma elíptica, cuja elasticidade sob a influência da pressão ou tração da elipse, colocada em uma das mãos do paciente, poderá ser lida em uma escala graduada em unidades de kg.

Esse instrumento, um por grupo, poderá servir tão bem para o exame médico e físico das crianças como de aparelho para os exercícios de ortopedia mental.

Sabemos perfeitamente que tudo o que é aparelho, mais ainda se seu aspecto é brilhante, prende muito as crianças (os meninos, digamos melhor). É sempre com uma visível satisfação que as crianças dispendem seu esforço, a princípio para manusear essa coisa interessante; depois, para ler os resultados do trabalho produzido, que é uma questão de satisfazer a curiosidade relativa à sua própria pessoa.

O dinamômetro caracteriza a tal ponto as diferenças individuais de certas crianças, as apáticas, as vivas, as enérgicas, as fortes, as débeis, as controladas, as sinquinésicas (particularidade) da motricidade, quando os movimentos necessários para se atingir o fim são acompanhados de movimentos inúteis, supérfluos, que é para se aconselhar a existência desse pequeno instrumento no grupo escolar.

O dinamômetro não é somente um instrumento para medir as diferenças de aptidão, mas também o desenvolvimento segundo a idade. A criança, crescendo de um ano a outro, realiza notáveis progressos na força muscular. O caso contrário fará supor uma causa que inibia esse desenvolvimento, tanto físico quanto mental: pois não basta somente possuir um tecido muscular desenvolvido, mas ainda querer, sob seu comando, em uma contração enérgica, mostrar a reserva nervosa, ou antes, verificar de que é capaz, sob esse aspecto.

Cada criança executará a pressão com a mão direita e a esquerda, alternativamente, quatro vezes, quer dizer, duas vezes para cada mão; o resultado escrito sobre a folha individual do caderno de ortopedia mental será obtido pela soma dos máximos de cada mão. Idem, para a média da classe.

Para termos um ponto de comparação, digamos que de 7 a 12 anos a força média dos dois máximos de cada mão aumenta de 15 a 42 kg e que os meninos mais fortes, a esta idade, têm obtido até 60 kg, enquanto que os mais fracos apenas deram 27 kg para as duas mãos reunidas (meninos de Genebra).

b) O exercício de *espirometria* é muito para se recomendar também. Seu resultado depende tanto da capacidade da caixa torácica, que, e talvez mais ainda, do esforço de que a criança é capaz de fornecer durante a experiência.

Para esse fim pode-se empregar o espirômetro seco de Barnes, o de água, fabricado nas oficinas de instrumentos fisiológicos ou psicológicos, ou melhor ainda, e é o que recomendamos, o modelo abaixo, facilmente fabricável pelo professor mesmo.

Recomendamos com insistência esse exercício: muitas crianças apenas respiram muito superficialmente, sem que nunca seus pulmões fiquem ventilados convenientemente. O presente exercício lhes dará oportunidade para aprender a inspirar e expirar o maior volume de ar, ao mesmo tempo que as treinará também em dar o máximo de esforço objetivamente apreciável. O resultado da espirometria é medido em cm³ da "capacidade vital".

O registro dos resultados será feito tanto no caderno da criança como no da classe, e a curva acrescida a cada nova medida falará eloqüentemente se a energia das crianças é constante ou se ela aumenta.

c) Um terceiro exercício relativo ao esforço voluntário positivo poderá ser executado com *trapézio de ginástica*, caso haja, ou com o auxílio de um galho horizontal de uma árvore, ou simplesmente com uma barra de madeira bem forte, colocada

sobre duas extremidades sustidas por um suporte facilmente imaginável, em jardim ou pátio da escola. A criança terá que se apoderar da barra que ultrapassa a altura de sua cabeça, e segurando-se fortemente nela, levantar-se-á pelos músculos do braço e descerá tantas vezes quantas lhe for possível. Anota-se o número de vezes que o realizou, sem se desprender.

O ESPIRÔMETRO DUPONT se compõe de dois frascos A e C, de grandes diâmetros, ligados entre si na parte inferior por um tubo de borracha B de 0,50 a 0,75 m de comprimento: um dos frascos fica aberto, enquanto o outro é fechado hermeticamente, passando, porém, na rolha, um tubo de vidro de 8 a 10 mm de diâmetro, prolongado por outro tubo de borracha "T". Esse tubo, por sua vez, tem um registro "R". O frasco fechado é graduado de 0 a 5 litros, de 100 cm³ em 100 cm³.

Calculam-se os frascos sobre um mesmo plano horizontal e se os enche de água até o meio.

A experiência exige uma série de operações:

1.º — Abrindo-se o registro R, suspende-se o frasco A de tal modo que o líquido passe para o frasco C, e venha chegar ao ponto O da graduação. Fecha-se então o registro R e tornar-se a colocar o frasco A sobre a mesa; o nível da água ficará no O, no frasco C, pois que toda a comunicação é fechada, para esse frasco, com o ar exterior.

2.º — A pessoa de quem se toma a capacidade vital segura a extremidade do tubo T; faz uma inspiração, a mais profunda possível e, depois desta terminada, leva imediatamente à boca o tubo, abre o registro R e sopra, dentro do frasco, o ar que contém seus pulmões.

3.º — Logo ao terminar a expiração, o paciente deve fechar o registro.

O abaixamento do nível da água no frasco graduado C mede, precisamente, o de ar expirado.

O uso do espirômetro Dupont exige algumas precauções de higiene: empregar-se-ão boquilhas de vidro, móveis, que possam ser desinfetadas entre cada experiência, em vez de se levar à boca, diretamente, o tubo de borracha, depois de tomada a capacidade vital de uma pessoa, abaixar-se-á, igualmente, o frasco em que esta soprou, a fim de o esvaziar de todo o ar que lhe foi introduzido.

Enfim, a própria experiência, sem ser precisamente difícil, requer uma certa aprendizagem e uma observação atenta,

é preciso que o paciente não seja embarçado na inspiração máxima que deve preceder a expiração como é conveniente que, durante esta última, não perca ar e não sobre muito rapidamente.

Melhoram-se os resultados pelo exercício. Conclui-se que o resultado ou número obtido não é, apesar de tudo, senão uma indicação um pouco incerta. Faz-se ordinariamente dois ou três ensaios e considera-se o melhor.

Como se trata de achar o máximo, é conveniente ainda experimentar que a criança siga, com a vista, a elevação do líquido. Assim se esforçará por dar o máximo, o limite mais exato de sua capacidade.

O espirômetro de Mme. Hondré difere dos outros em que ele mede não a expiração, mas a inspiração. Ele se compõe de uma garrafa de 5 litros, com uma abertura inferior; a extremidade superior está fechada por uma rolha atravessada por um canudo que prolonga um tubo de borracha. A garrafa é graduada em cm^3 .

A garrafa se coloca numa bacia de vidro de grandes dimensões, onde se derrama água até chegar ao nível do zero.

A pessoa faz primeiro uma expiração tão completa quanto possível, para depois, com a extremidade do tubo de borracha na boca, inspirar o mais profundamente possível. A ascensão do líquido na garrafa mede o volume do ar inspirado.

ESFORÇO ESTATICO (INIBIÇÃO)

Os exercícios componentes desse grupo são caracterizados pelo esforço empregado em manter-se imóvel e refrear toda espécie de movimento.

Um dos mais típicos para esse gênero é o exercício do "Silêncio", usado com tanto sucesso por Montessori nas "Case dei Bambini".

Convidam-se as crianças a sentar-se, com as cabeças apoiadas sobre as mãos, e essas sobre as carteiras, e assim permanecerem quietas durante instantes. A princípio esse exercício parece de uma dificuldade invencível: ora é uma cabeça que se eleva, ora é uma risada que se ouve, depois um pé que se esfrega no assoalho, depois um grande suspiro que se ouve...

Mas, com o treino as crianças vêm alcançar um silêncio e imobilidade perfeitos, em que nada se escuta, por assim dizer.

Se, a princípio, o exercício consistia em um processo fortemente inibitório destinado a reprimir a mais leve excitação,

com o decorrer do tempo, e experimentado o gosto pelo silêncio, facilmente permanecerão as crianças imóveis e silenciosas.

Em semelhantes condições, esse exercício valerá como um calmante repousando e refreando completamente o organismo e os nervos. Seu papel não será, pois, desenvolver o esforço estático, mas de detenção física e psíquica.

Para verificarmos o efeito do exercício, poderemos medir o tempo; não tanto o de persistência do silêncio, mas principalmente o tempo da adaptação necessário ao silêncio.

No começo, ao se anunciar esse exercício, seja a viva voz, seja pela apresentação de um cartaz no qual, em grandes letras, se tenha escrito a palavra *silêncio*, seja ainda por qualquer um sinal predeterminado, agitar, por exemplo, uma bandeirinha branca ou roxa (há no roxo qualquer coisa que acalma), as crianças necessitarão, sem dúvida, de muito tempo, para se imobilizar, mas depois bastarão alguns segundos, somente o necessário, para se porem nas posições corporais mais cômodas e assim se manterem durante dois ou três minutos sem constrangimento.

O exercício de silêncio e de recolhimento é indicado com maior vantagem para depois do recreio ou em seguida aos trabalhos um tanto violentos em que a atividade das crianças se manifesta de um modo ruidoso e enérgico.

Estando as crianças completamente calmas, e vendo que uma ou duas começam a revelar impaciência, o professor fará então com que os alunos escutem, na vitrola, uma música suave (hoje a vitrola não é mais um luxo inacessível, mas, pelo contrário, um instrumento que, sem custar muito, começa a prestar muitos serviços à educação, como, por exemplo, na ginástica). As crianças poderão ainda permanecer tranqüilas, escutando a música, ou então, sendo suficiente o espaço da sala, marchar levemente ao som da música, acompanhando; marchar com os braços em movimento cadenciado, como em ginástica rítmica.

Se em alguma classe a música for impossível, poderá o mestre aproveitar a tranqüilidade das crianças para recitar mil maravilhas que a leitura infantil ou o folclore oferecem como precioso meio educativo.

Um dos exercícios mais típicos do esforço estático é o dar-lhes uma poesia ou contar-lhes uma história, uma dessas de "Estátua", preconizado por Binet na educação das crianças anormais. Consiste em tomar uma pose qualquer e mantê-la imóvel, durante o maior intervalo de tempo possível.

Para interessar as crianças por esse exercício, poderá o mestre mostrar-lhes diversas reproduções de estátuas antigas, ou lembrar-lhes as que se encontrem nas praças e nos parques da cidade, propondo-lhes imitar uma dessas poses durante o mais largo espaço de tempo possível. Com o propósito de variar as posições, o professor proporá, por exemplo, às crianças, imaginarem uma estátua com a mão erguida, empunhando a bandeira do seu país, ou então dobrada sobre um joelho, a estátua representa um caçador que aponta um animal feroz, por ele descoberto ao longe, ou então, de cócoras, a cabeça oculta entre as mãos, reproduz a posição de uma pessoa que se oculta para não ser notada; ou ainda, mantendo-se sobre um dos pés, lembrarão alguma cegonha, que viram no jardim zoológico, em algum parque, ou livro de história natural...

Não será unicamente o professor que ditará as posições, mas as próprias crianças se empenharão com engenho para inventar estátuas novas e interessantes.

Uma das mais simples posições e já diversas vezes experimentadas por nós é aquela em que a criança, de pé, estendendo os braços para os lados, os mantém horizontalmente ao nível dos ombros. Temos empregado esse exercício com o fim de observar a resistência das crianças. As diferenças individuais reveladas são enormes: enquanto umas mal podiam imobilizar-se durante 20-30 segundos, as outras e entre estas, mesmo as muito pequeninas, permaneciam imóveis mais de 10 minutos. Há crianças que relaxam os braços, mal experimentam a primeira sensação desagradável, devida à tensão nas articulações e músculos dos braços e da nuca. Não empregam o menor esforço para arrostar a dor física, e capitulam imediatamente, pondo-se a acompanhar, com interesse, os resultados dos colegas que lutam. Outras, pelo contrário, empregam esforços inauditos; elas não agüentam mais, e isso se revela através de mil pequenos trejeitos e contrações quase imperceptíveis, mas fazem o esforço maior possível para resistir e impor o moral, a vontade. Outras se imobilizam sem grande esforço e suportam a contrariedade, como se não sofressem; e ainda outras, embora conheçam a recomendação para que permaneçam completamente imóveis, sabem aproveitar o momento em que o professor está com os olhos voltados em direção a outro lado da sala, para descer momentaneamente os braços entorpecidos e recuperar alento. Suportarão a tarefa, não somente pelo esforço da vontade, como também pela força da astúcia.

Como se vê, esse exercício revela diferentes aspectos físicos e morais das crianças, cujo conhecimento é muito precioso para educar em cada uma aquilo de que mais necessita.

EXERCÍCIO DE IMITAÇÃO

Julgamos útil introduzir na ortopedia mental exercícios de imitação, cujo escopo é exercitar as crianças em bem observar e comandar a execução de seus movimentos em formas precisas.

Poder-se-á começar por movimentos de ginástica sueca, rítmica e outras, em que o mestre mostrará alguns, e as crianças os executarão imediatamente.

Quando as crianças estiverem familiarizadas com um certo número de movimentos, poder-se-á fazê-las reproduzi-los segundo os esquemas gráficos das diversas atitudes. Se o mestre sabe desenhar, esboçará rapidamente no quadro-negro, em traços simples, tal ou tal atitude, e as crianças deverão reproduzi-las, em movimentos, a princípio, e em desenho, depois.

Nota — O professor terá talvez ocasião de notar em classe esta ou aquela criança que chama sua atenção pela enorme facilidade com que realizará o exercício de *estátua*. Normalmente a imobilização só se faz à custa de um esforço considerável para lutar contra a dor, muitas vezes violentíssima, no caso de a imobilização prolongar-se muito. Em algumas pessoas, pelo contrário, a impassibilidade se efetua em virtude de certas perturbações psicomotoras, e a facilidade com que se imobilizam não é mais do que um sintoma daquelas perturbações. O dr. Collin incluiu esse caráter patológico no sintoma de debilidade psicomotriz.

(Dr. A. Collin et Henri Rollet, *Traité de Médecine Légale Infantile*, e Wallon, *L'enfant turbulent*).

Outro exercício de imitação pode ser tomado ao teste de atenção, de Knox. Na cátedra do professor acham-se quatro, cinco caixas ou objetos quaisquer semelhantes — os livros, por exemplo. Cada criança também na sua carteira, em número igual e disposto da mesma maneira, caixinhas de fósforos ou fósforos simplesmente. O professor, chamando a atenção das crianças para o que vai fazer, toca com a ponta da vara, e em

certa ordem, as caixinhas. As crianças terão que reproduzir o movimento, tocando nas suas próprias caixinhas com um lápis. A princípio as crianças reproduzirão um movimento ao mesmo tempo, depois terão que fazer uma série inteira: por exemplo, o mestre tocará as caixinhas na ordem seguinte: 1-5-4-2-3 ou 2-4-1-5-2-1. Esse exercício exige das crianças muita atenção e a representação das relações de espaço e de tempo.

Para melhor comandar a execução desse exercício poder-se-á dar-lhe a forma empregada por Meili, chefe dos trabalhos no Instituto J. J. Rousseau, nos seus testes analíticos de inteligência. Em vez dos objetos reais, servir-nos-emos das imagens, ou de quaisquer sinais, letras, algarismos, figuras geométricas distribuídas de certa maneira sobre o papel. Uma grande folha com desenhos suficientemente visíveis a todas as crianças está pregada no quadro-negro; os mesmos desenhos policopiados em pequenas folhas são distribuídos a cada criança. O mestre tocará com a vara, numa ordem determinada, os desenhos do quadro, ao passo que as crianças reproduzirão esses movimentos desenhando a lápis o caminho percorrido. Dessa maneira será fácil verificar o trabalho observando a trajetória traçada por cada criança.

A esse mesmo grupo de exercícios de imitação poderemos ajuntar todas as espécies de cópias. Por exemplo, cópia de um desenho simples que o mestre fará no quadro; poderemos variá-lo da maneira seguinte: em lugar de reproduzir o desenho a lápis, as crianças o reproduzirão por meio de fósforos ou de pauzinhos quaisquer.

EXECUÇÃO DE ORDENS VERBAIS

Julgamos útil grupar alguns exercícios sob esta rubrica: compreensão e execução de ordens verbais. A observação das crianças menores — as das classes infantis ou do 1.º ano escolar, nas primeiras semanas de sua freqüência à escola, mostra a dificuldade que as crianças têm em executar um comando dado à classe inteira. Até então, a criança tinha que obedecer a uma ordem individual, dirigida a ela pessoalmente; agora, que se acha num círculo mais largo, em sociedade mais numerosa, a de sua classe, ela não deixa de sentir-se um pouco desadaptada. Custa-lhe compreender o que se lhe exige, porque as indicações não lhe são dadas diretamente, mas ao grupo inteiro de pessoas de que ela é um membro quase anônimo.

(Em situação mais ou menos semelhante acha-se o jovem recruta de um meio social modesto, um rústico sobretudo, que não teve jamais ensejo de trabalhar numa coletividade mais ou menos numerosa. Não é sempre por falta de compreensão in-

telectual que ele não sabe executar o comando militar; as mais das vezes é a inadaptação social às novas condições que o fazem assumir esse ar abobalhado que se vê na fisionomia dos camponeses recrutados).

As crianças das classes especiais durante muito tempo se adaptam à disciplina coletiva. Por falta de atenção, por falta de compreensão e pelo fraco desenvolvimento social, elas reclamam do professor cuidados quase individuais, no início: só depois é que as classes se constituem em grupo, e as crianças começam a agir coletivamente.

Os alunos serão treinados mediante exercícios graduados, dados individualmente; depois, a um grupo de crianças, 3 — 4; depois, à metade da classe; enfim, à classe inteira. A princípio, dar-se-ão ordens simples, e uma de cada vez; depois serão aumentadas a várias, e as crianças deverão executar, depois de ter ouvido apenas uma vez.

Sabe-se que uma criança de 2 anos já é capaz de compreender e de executar uma ordem simples, como, por exemplo, dar a bola, fechar a porta, abrir uma caixa, etc.

Cumprir ter já 6 ou 7 anos para poder executar três ordens ouvidas uma só vez. (Testes de Binet-Simon). Para estar em condições de fazê-lo, a criança não deve só compreender a senha verbal, mas ainda deve empregar bastante atenção para reter as três, e, sobretudo, apanhar a ordem em que elas foram encadeadas. Esse exercício exige da criança direção no pensamento e a compreensão da ordem cronológica.

Os exercícios desse grupo poderão ser feitos em classe como no campo. Previne-se às crianças de que se vai fazer um **jogo de obediência**. Esse jogo consistirá em executar o mais depressa e exatamente possível o que se lhes vai dizer. Ver-se-á se elas sabem obedecer e quais, entre elas, são as mais rápidas e mais exatas. (Para observar a execução, o mestre poderá dividir sua classe em dois grupos: umas agem, outras observam e vice-versa. Essa maneira já foi indicada a propósito de vários exercícios).

Eis algumas ordens que damos, a título de exemplo: levantar os braços. Bater o pé. Baixar a cabeça. Dar um passo à frente. Girar sobre si mesmo. Erguer-se nas pontas dos pés. **Fechar os olhos. Apoiar-se no cotovelo. Abaixar-se. Voltar à esquerda, à direita. Dar dois passos para trás, etc., etc.** Pode-se tomar à ginástica uma porção de ordens dessas e inventar muitas outras que podem ser executadas em aula.

Depois das ordens simples, dar-se-ão séries de ordens que as crianças só executarão depois de ter ouvido a série inteira.

Como as ordens exigem regular atenção, poderemos pronunciar-las em voz baixa. Notamos quanto esta audição aumenta a concentração das crianças e quanto as diverte também. Eis aqui alguns exemplos: levantar a mão direita e pôr a esquerda atrás das costas. Saltar no mesmo lugar e bater as mãos simultaneamente. Levantar-se, caminhar na ponta dos pés em direção à janela; respirar profundamente três vezes; voltar ao lugar, e, descansando a cabeça no cotovelo, fechar os olhos...

Quando essas ordens são dadas a duas, três crianças ao mesmo tempo, em vez de o serem à classe inteira, será fácil achá-las mais variadas.

Um exercício interessante encontramos num jardim infantil na Rússia (Sventitzka). Trata-se de ditado cromático: cada criança tem amostras de cores ou retângulinhos em cartão, de cores diferentes; depois de elas os terem alinhado, o professor faz, por exemplo, o ditado seguinte: "A amostra vermelha para a frente e no meio da mesa; uma amostra verde à direita da vermelha; uma amostra azul à esquerda da vermelha; uma amostra amarela em cima da verde; uma amostra roxa abaixo da azul". Dar-se-á, a princípio, cada ordem separadamente; depois, quando as crianças estiverem familiarizadas, poder-se-á dar duas, três ordens, conjuntamente. Por exemplo: alinhar três amostras amarelas; duas amostras azuis acima da amarela do meio; uma amostra roxa abaixo da amarela da esquerda, etc., etc.

As crianças se familiarizam assim com o nome das cores, bem como com as noções de esquerda, de direita e outras relações do espaço.

Depois desses exercícios de *obediência*, que não devem durar mais que alguns minutos, o professor deve permitir às crianças, e mesmo estimular, uma atividade livre.

GRUPO — COORDENAÇÃO SENSÓRIO-MOTORA

Este grupo de exercício é muito importante, porque visa educar a destreza geral da criança e a destreza, manual, em particular, que não raro lhe faltam e sem as quais ela não pode desenvolver-se em escrita.

Como o nome o mostra, a coordenação viso-motriz resulta do acordo entre dois domínios, — sensorial e motor. A impulsão motriz não se escapa livremente, como aconteceria, por exemplo, numa simples carreira, ou no exercício do "tapping" de que falamos a propósito da rapidez de movimentos; mas é canalizada e se escoia em movimentos bem dirigidos sob o controle visual.

experiência de Uggobk?

Sabe-se quanto os movimentos livres das crianças são ligeiros, plásticos, graciosos. Mas, desde que elas devam mover-se nos limites precisos para executar uma tarefa imposta, então a criança é lerdada e desajeitada.

Num estudo sobre as funções psicomotrices (*) que fizemos com as crianças genebrenses vimos, por exemplo, que grande dificuldade apresenta para elas a execução, a lápis, de um simples ponto. É raro as crianças chegarem a fazer um. Deixam no papel traços verticais ou horizontais, fazem pequenos círculos, vírgulas, sem chegarem a marcar o que se lhes pede: um ponto bem simples. Os músculos extensores ou flexores não estão ainda bem coordenados, e o controle do olhar é pouco disciplinado.

Nas crianças normais, a coordenação viso-motriz progride muito rapidamente com a idade: pelos 12 anos, elas diferem pouco dos adultos sob esse aspecto. Mas nas crianças débeis essa coordenação é por vezes muito defeituosa, como vimos, experimentando na classe de Melle. Descoedres, de Genebra, com as crianças intelectualmente retardadas.

O professor terá, pois, de esforçar-se por achar exercícios variados para os empregar quotidianamente nas classes e treinar sistematicamente esse mecanismo útil.

Sabe-se que a criança menor é mais hábil em seus grandes movimentos do que nos movimentos limitados. Começamos, pois, pelos primeiros: em uma grande sala, cujo assoalho é formado de tábuas compridas, ou no pátio, em que se podem traçar linhas de uma dezena de metros, faremos marchar as crianças sobre essas linhas retas, bem depressa e com a maior precisão possível, isso é, só pondo os pés sobre essas linhas. Para interessar mais às crianças dir-lhes-emos, por exemplo, que essas linhas representam uma pinguela estreitíssima sobre um rio, ou, ainda, que são cordas suspensas no ar, como nos circos, sobre as quais caminham acrobatas. As crianças imaginam facilmente uma e outra, executam geralmente esse exercício com uma seriedade e uma atenção notáveis, envidando grandes esforços para manter o equilíbrio e sair-se o melhor possível. A linha reta pode ser substituída mais tarde por uma linha sinuosa, uma espiral, por figuras fechadas, grandes retângulos, triângulos, estrelas, etc., em que a dificuldade da coordenação viso-motriz é aumentada pela presença dos ângulos e pelas mudanças de direção.

(*) L'évolution et la variabilité des fonctions motrices. Arch. de Psych., 1928.

Para a coordenação dos olhos e da mão poder-se-á inventar uma porção de exercícios. Eis alguns exemplos:

Coloração dos desenhos de que são dados os contornos apenas. Esse exercício figura na série didática de Montessori como preliminar para o ensino da escrita. As crianças recebem ou fazem, elas próprias, os contornos das figuras geométricas (círculo, triângulo, quadrado, etc.), ou contornos de diferentes objetos, ou de animais, folhas, utensílios domésticos, bandeiras, vasos, vestuário, etc.); recebem um só lápis ou vários lápis de cor e devem encher o interior do contorno, tendo o cuidado de não o ultrapassar com traços muito longos.

É muito instrutivo guardar esses trabalhos de coloração: os primeiros são, geralmente, muito defeituosos, farpados, com traços irregulares e ultrapassando o contorno muitas vezes. Se a criança os consegue desde o começo, é porque ela os faz muito lentamente, mostrando sua prudência e cuidado. Com o exercício a mão se torna muito mais obediente ao comando da vontade, sob o controle da vista os desenhos melhoram, e a coloração se faz em tempo muito mais curto. Para seguir esse progresso das crianças, não esquecer de datar cada desenho e de notar, sendo possível, o tempo da execução.

Em vez de colorir figuras, podia-se igualmente dar às crianças duplos contornos das letras do alfabeto, algarismos, ou, mesmo, palavras inteiras (esses contornos, aliás, algarismos poderiam fabricá-los elas próprias, contornando letras, algarismos ou outros desenhos, cujas chapas o professor preparará em cartão ou madeira fina).

Traçar linhas paralelas entre duas pautas do papel — Sobre simples papel pautado, pedir-se-á às crianças que tracem, o mais depressa e o melhor possível, pauzinhos (ou outra figura, cruzes, letras), prestando bastante atenção em que suas extremidades não excedam as duas linhas vizinhas.

O exercício será curto a princípio — 10 segundos; depois, 30 segundos. A criança contará o número de pauzinhos que teve o tempo de traçar justamente subtraindo, por exemplo, os que excedem a linha de mais de 2-3 mm (a verificação poderá fazer-se com uma régua milimétrica). Repetir-se-á esse exercício, e comparar-se-ão os resultados posteriores com os precedentes.

Pontuação — As crianças receberão folhas de papel quadriculado (15 cm x 5 cm). O professor as mandará fazer um ponto em cada quadro, com o lápis. Deverão fazê-lo o mais depressa possível; começando pelo quadrado da esquerda e de cima, sem saltar um só e sem o pontuar fora do quadrado da

linha que elas vão seguir da esquerda para a direita (quando a linha estiver acabada, tomar a linha seguinte, etc.). A duração, para começar, não será de mais de 15 segundos; depois se estenderá até a um minuto.

O mesmo exercício, porém, mais difícil, consistirá em fazer pontos exatamente na intersecção das linhas e não no próprio quadrado do papel quadriculado. A coordenação viso-motriz deverá ser mais fina, porque não se contarão senão os pontos que toquem ao menos as duas linhas dos dois quadrados vizinhos.

Nesse exercício, deve-se observar bem que as crianças façam um ponto, e não um traço, uma vírgula, um círculo. A insuficiência da coordenação se revela precisamente pela incapacidade de o fazer.

Outro exercício ainda é o de seguir com um lápis de cor o contorno de um desenho, feito a lápis preto.

A *enfiagem das contas*, teste de habilidade de Melle. Descoedres, é também um excelente exercício de coordenação. As crianças têm cada uma 50 contas cilíndricas de vidro e uma agulha enfiada, terminando por um grosso nó, ou, mesmo, uma conta fixa na ponta do fio. Dado o sinal, as crianças deverão enfiar as contas o mais depressa possível.

Contar-se-á, depois, o número das contas enfiadas durante um minuto, por exemplo.

Corte — Os mesmos contornos das figuras geométricas, desenho das frutas, animais, etc.; as crianças terão de recordá-los o mais depressa e o melhor possível. A qualidade poderá ser verificada pelo número de incisões feitas por desenho ou pelos zigzagues que excedem o contorno.

Para treinar mais a habilidade manual das crianças e a coordenação visomotriz, mandar-se-lhes-á fazer construções com cartas ou com retângulos de cartão. Esses castelos de cartas agradam às crianças e as obrigam a um grande esforço de atenção. Com caixinhas de fósforos poderão erigir torres. Ver-se-á o número máximo dessas caixinhas que as crianças podem pôr umas sobre as outras sem que essas se desmoronem. O mesmo exercício pode ser feito com grossas rolhas de cortiça, facilmente obtidas no comércio.

Um excelente jogo de destreza é o seguinte: palitos ou fósforos empilhados uns sobre os outros — devem ser retirados por meio de um palito, sem que se toque ou se arrede mais que um só. Várias crianças — duas-três — podem fazer o jogo ao mesmo tempo. Toda vez que o fósforo for retirado conforme a regra, a criança o toma para si, e continua a tirar

até o momento em que outro fósforo, que não o que se retira, tenha sido arredado. Nesse caso, é outra criança que faz a pesca, e assim por diante, até o último fósforo. Comparar-se-á o número de fósforos retirados por cada criança.

Transporte dos objetos — Um copo cheio de água e posto numa bandeja deve ser transportado com o máximo de rapidez e de precisão a uma distância de 5 a 10 metros. A duração será contada no relógio, e a precisão pela quantidade d'água derramada na bandeja.

Uma torre de caixinhas de fósforos superpostas deve ser transportada, sem cair. Ver-se-á o tempo e o número de caixinhas postas umas sobre as outras, que a criança poderá transportar a uma distância determinada. A mesma espécie de exercício poderá ser feito colocando-se na cabeça das crianças uma caixa leve ou um prato em cartão. Várias crianças poderão, simultaneamente, tomar parte nesse exercício no pátio da escola.

A — OBSERVAÇÃO

Os exercícios da observação são particularmente importantes na educação das crianças retardadas. Seguin, Montessori, Bourneville, Decroly consideram-na uma larga parte no seu sistema médico-pedagógico, e o quarto capítulo sobre a educação dos sentidos e da atenção do Livro de Melle. Descoeudres é um dos mais profícuos.

Com efeito, habituar as crianças a observar é torná-las atenta ao mundo ambiente e fazê-la apreender as nuances, as diferenças e as semelhanças das coisas e dos fenômenos. A criança chegará a conhecer o mundo exterior não só por suas funções, mas também por suas múltiplas qualidades.

Sem incidir nos erros dos sensualistas que atribuíam aos sentidos o papel dinâmico na formação do pensamento, sem exagerar o alcance da educação sensorial tal como foi concebida por Seguin, seu iniciador, a pedagogia dos débeis mentais se servirá dessa educação como de um meio certamente muito eficiente, para o desenvolvimento intelectual geral.

As interessantes experiências de Claparède acerca da inteligência, pelo método de reflexão falada, provam quanto a formação das hipóteses na solução de um problema, na interpretação de uma cena depende da observação, dessa leitura sensível, fiel aos fatos e de suas qualidades. O material da percepção é o ponto de partida, a base material da elaboração da cadeia dos juízos e das construções lógicas. Um fato mal-observado desvia o pensamento num sentido errôneo, e a interpretação do conjunto muito provavelmente será de todo falsa.

Montessori não hesita em escrever que, preparando a observação, preparamos também os caminhos que levam às descobertas espirituais, e, mais adiante: "A educação dos sentidos, formando os homens *observadores*, não desempenha apenas uma função genérica de adaptação à civilização atual; ela prepara ainda, diretamente, para a *vida prática*" (*Pedagogie scientifique*, vol. I, pág. 102). E, mais longe, Montessori mostra toda a

vantagem que a vida prática nas diferentes profissões (médicos, cozinheiros, vendedores, compradores) pode tirar do funcionamento aperfeiçoado dos sentidos.

Nas crianças anormais, que pecam muito freqüentemente pela incapacidade de *ver, de ouvir, de sentir*, embora possuam os órgãos dos sentidos em perfeito estado, o treinamento desses órgãos é de grandíssimo proveito para a evolução geral do espírito adormecido ou caótico.

A educação sensorial terá, pois, como fim, dotar a inteligência dos instrumentos precisos, que são os sentidos bem exercitados.

Nota — Os exercícios da observação que se seguem podem também figurar no grupo da atenção. É que os dois processos são intimamente ligados entre si, e sem a atenção é impossível que nós representemos a observação. Já mencionamos quanto toda classificação é artificial e quanto a distribuição dos exercícios nesse ou naquele grupo é difícil. A causa disso é a extrema complexidade dos fenômenos, e, o exercício, por mais simples que seja, nunca é bastante elementar para colocá-lo em uma das rubricas com exclusão das outras. Aliás, os exercícios de observação que vão seguir-se podem, sem dúvida, figurar em um ou outro grupo. Tratamos de grupar aqui os exercícios que fazem especialmente apelo à percepção das qualidades sensoriais dos objetos e suas ligeiras variações.

1 — Nas mesmas condições que no exercício anterior, far-se-á com que as crianças adivinhem o material dos objetos sobre os quais o professor dará pancadas com uma varinha. A mesa de *pau*, o tinteiro de *vidro*, o copo de *crystal*, papelão, pedra, caixa metálica, fazenda grossa, etc. (Rouma).

2 — Nas mesmas condições fazer com que as crianças adivinhem o que o professor faz (marchar, saltar, bater palmas, associar, tossir, respirar, soprar, derramar água no copo, pousar o copo numa salva, escovar uma fazenda, tamborilar os dedos numa mesa, escrever, fazer bater dois lápis um contra o outro, tocar um instrumento, reconhecer o som de uma corda de violino ou de violão, de uma trombeta, de uma flauta, de um apito, de uma campainha).

Nota — Todos esses exercícios podem ser feitos, igualmente pelas crianças: cada uma por sua vez pode adivinhar os sons e os ruídos para seus camaradas de olhos fechados ou voltados do lado oposto a eles.

3 — Uma criança fica com os olhos vendados ou então se acha no canto da sala, voltada para a parede. As crianças

a interpelam uma por uma, ela deve reconhecer a criança pela voz (Descoedres).

B — DISCRIMINAÇÃO DA INTENSIDADE

1 — As crianças voltam as costas para o professor ou conservam os olhos fechados. O professor bate várias vezes com as mãos (2-3), fazendo-o cada vez com uma intensidade diferente e pede aos alunos que adivinhem se foi na primeira, na segunda ou na terceira vez que as palmas soaram mais fortes, mais fracas, médias, etc.

Variar o exercício produzindo o som por diferentes meios (falar, tocar o tímpano, bater o pé, etc.).

2 — Fazer marchar uma, duas, três, quatro e mais crianças; seus camaradas de olhos fechados devem reconhecer o número das crianças que marcham.

Idem. Fazer cantar um certo número de crianças diferentes e fazer reconhecer o número pelas outras.

(Descoedres, pág. 97).

3 — Deixar cair pedaços de chumbo de diferentes pesos, e fazer adivinhar qual é o mais pesado.

C — DISCRIMINAÇÃO DO TEMPO

Pronunciar palavras variando a rapidez de pronúncias e perguntar qual das duas, das três ou mais, foi dita mais rapidamente.

Idem. Cantar duas, três árias, marchar, bater palmas, tocar sino, dando séries de diferente velocidade.

D — RITMO

Fazer com que as crianças imitem ritmos diferentes, batendo palmas, o sino, a régua num corpo duro, o pé no assoalho, etc.

Dar duas séries de ritmos diferentes apenas por um elemento.

A . —

B — . . .

C — . — .

D — . . .

E — . . .

N — .

O — — — —

P . — — — —

Q — — — —

R — — — —

F	— . — . — .	S	— . — . — .
G	— — .	T	— — .
H	U	. . . —
I	. . .	V	. . . —
J	. — — — —	W	. — — — —
K	— . — . —	X	— . . . —
L	. — . . .	Y	— . — . — —
M	— — —	Z	— — — . .

Os traços são cortes longos, e os pontos, breves.

Fazer reconhecer uma melodia, uma canção conhecida segundo o ritmo batido.

E — ORIENTAÇÃO CONFORME O SOM E O RUÍDO

1 — As crianças, de olhos vendados, escutarão os passos do professor, que marchará e se deterá em diferentes pontos da sala. Indicarão com a mão o sítio em que o professor parou (para variar, será, depois, uma criança quem marchará). O mesmo exercício poderá ser feito com o auxílio de uma campainha que o professor fará soar, mudando de lugar.

Numa sala maior, as crianças, de olhos fechados, escutarão o som da campainha e se dirigirão para o ponto onde ela soar.

Nesses exercícios será bom dividir as crianças em dois grupos, umas agindo, outras observando e, evitando-se, assim, a aglomeração e a desordem.

2 — Adivinhar a distância que separa a criança do ponto de origem do ruído, avaliando o número de passos. A criança, de olhos abertos, desta vez, verificará se a suposição foi justa.

Nota: O mestre poderá usar séries rítmicas do alfabeto Morse e discriminar as letras segundo a sua sinalização "Morse".

OBSERVAÇÃO VISUAL

Ao lado de muitos lotos que poderão ser utilizados e ao mesmo tempo por um, dois ou por um grupo de crianças, eis aqui alguns exercícios em que todas as crianças da classe poderão tomar parte simultaneamente.

A — DISCRIMINAÇÃO DAS FORMAS

1 — As crianças recebem uma folha de papel mimeografado com desenhos de diferentes formas. O primeiro exercício abrangerá apenas duas formas, — o círculo e o quadrado, por exemplo; no exercício seguinte poderá haver três e mais formas (círculo, quadrado, clipe, hexágono, pentágono, etc.).

O mestre pedirá às crianças que marquem as figuras semelhantes com sinais semelhantes. (Para fazê-las compreender bem o exercício, mostrar o exemplo no quadro-negro).

2 — Nesse mesmo grupo poderão ter lugar os exercícios já descritos (no grupo V, págs. 36-38, da "Revista do Ensino" n.ºs 59-61) da imitação visual, por exemplo, a de imitar atitudes humanas, desenhadas no quadro-negro, o mestre apresentará um quadro de atitudes, ou desenhará, ele próprio, em traços esquemáticos, no quadro-negro; e recomendará às crianças que tomem as atitudes desenhadas no quadro.

3 — Um exercício excelente para a discriminação da forma é o das superfícies coloridas e recortadas no papel com goma, que as crianças escolhem em um maço distribuído pelo mestre.

Elas colarão essas superfícies de uma cor ou de várias colorindo os contornos de um desenho, feito previamente (mimeografado), e imitando o desenho feito pelo mestre. Esse exercício é muito difundido nos jardins froebelianos alemães. (Formen Klebespiel).

B — DISCRIMINAÇÃO DA GRANDEZA

Em folhas mimeografadas serão desenhadas séries de desenhos de diferentes tamanhos, representando figuras geométricas, objetos usuais, letras, algarismos, etc.

Os primeiros exercícios abrangerão apenas duas variedades de tamanhos; nos seguintes o seu número aumentará.

As crianças diferenciarão as dimensões tingindo cada uma com uma cor determinada: por exemplo, vermelho, todas as grandes, preto as médias, e azul, as menores.

C — DISCRIMINAÇÃO DA COR

Este grupo de exercícios abrange uma variedade de lotos, nos quais a atenção das crianças será dirigida pela escolha das cores e tintas idênticas.

Em se tratando de exercícios coletivos, sugerimos os seguintes:

As crianças reproduzem com um lapis de cor um desenho representado em cor no quadro-negro e cujo contorno se acha em folhas mimeografadas.

A coloração se fará ou por meio de um lápis ou de papéis de cor escolhidos em uma ruma de papéis.

A OBSERVAÇÃO ESTEREOGNÓSTICA

É o concurso de todos os nossos sentidos que nos dará um conhecimento cada vez mais exato e aprofundado dos objetos. Por isso, não limitemos a educação sensorial à da vista e do ouvido, mas utilizemos igualmente a mão como instrumento do conhecimento.

Faremos, pois, com que as crianças tateiem objetos de diferentes formas, tamanhos, consistência, e as faremos classificar pelas suas semelhanças ou diferenças estereognósticas. As crianças, de olhos vendados, adivinharão os objetos que lhes apresentará o mestre ou o vizinho da carteira.

Elas poderão igualmente assinalar, sem se servir dos olhos, grãos de diferentes espécies (feijões, ervilhas, favas, panos de diversas qualidades, etc.).

EXERCÍCIOS DE ATENÇÃO

A educação das crianças retardadas exige um trabalho especial para disciplinar sua atenção, insuficiente, na maioria dos casos.

Conforme mostrou a psicologia, a atenção não é uma aptidão, isolada, mas representa um estado psíquico que acompanha os outros estados de consciência. Sem atenção, seriam impossíveis quaisquer sensações ou percepções, ou o raciocínio, etc.

A atenção é "um mode possible de tout processus", diz Ruysseu. Esta participação da atenção em todo trabalho intelectual fez dizer a Meumann que a atenção é sinônimo de trabalho mental.

Do ponto de vista neurofisiológico, o ato da atenção é condicionado provavelmente pela irrigação sanguínea intensa dos centros nervosos, utilizados em dado processo: a atenção deve ser uma mobilização do fluxo nervoso em dada zona cerebral; é "a concentração da atividade cerebral", diz W. James.

Do ponto de vista da conduta exterior do indivíduo, o ato da atenção "é uma atitude de concentração, na qual tomam parte todos os órgãos necessários" (Binet). Essa adaptação sensorio-motora é de tal modo importante na atenção que Ribot não teme dizer que, "suprimindo totalmente os movimentos, suprimiremos totalmente a atenção".

Enfim, do ponto de vista psicológico, a atenção consiste no "aumento de atividade intelectual, seja espontânea, seja voluntária, e na direção desta sobre um objeto ou conjunto de objetos que, na ausência desse fenômeno, ficariam fora do campo da consciência, ou não ocupariam dele senão uma parte mínima". (Vocabulaire de Philosophie, de Lalande). Assim, o caráter essencial da atenção ou o efeito psíquico do ato da atenção é tornar menos confuso, mais vivo, mais nítido, todo estado de consciência. Esses estados tornam-se preponderantes, senão únicos em nossa consciência, com exclusão de todo outro fato psíquico, e é por isso que Ribot qualifica a atenção de *monoidéismo*.

A atenção, que é talvez, entre os fenômenos psíquicos, o que melhor se presta à educação consistirá principalmente em criar na criança um hábito de espírito. A educação moderna preocupa-se grandemente com o problema da atenção, que ela resolve pela utilização do interesse das crianças. A evolução normal dos interesses conduz a criança, formada pela escola ativa, naturalmente, para as formas superiores da atividade: do jogo ao trabalho, pela via do interesse imediato, conduzindo ao esforço sustentador.

Esta é a vida normal. Mas dos seres constitucionalmente deficientes, nos seres dotados, pela hereditariedade, de um sistema nervoso enfraquecido, ou ainda naqueles a que um meio desordenado e uma vida sem regras falsearam desde a mais tenra idade todos os hábitos — nessas crianças a educação da atenção deve ser auxiliada por meios mais analíticos, mais artificiais, pelos exercícios de ortopedia mental.

A educação da atenção pode reduzir-se, grosso modo, a três operações essenciais: à concentração momentânea da energia mental, à sua manutenção sobre dada tarefa durante um tempo mais ou menos longo, enfim, à distribuição da energia sobre várias tarefas, ao mesmo tempo.

Os exercícios de atenção consistirão em despertar na criança a prontidão e a flexibilidade para dirigir os órgãos dos sentidos e adaptar o corpo na direção necessária. Quanto mais ela for treinada nesta ginástica sensório-motora, tanto mais oportunidade terão as impressões, mesmo as mais leves e delicadas, de penetrar no campo de sua consciência.

A atenção não se limita, porém, a iluminar momentaneamente a "noite psíquica". É preciso ainda não deixar fugir a claridade e conservá-la todo o tempo necessário, inibindo as entradas das outras impressões.

Por outro lado, é perigoso deixar-se absorver inteiramente por um objeto: o homem no estado hipnótico — este é o exemplo de um monoteísmo extremo — está, biologicamente falando, mal-adaptado, pois sua consciência fica fechada para tudo que não seja a idéia sugerida. É útil, pois, desenvolver na criança não somente a concentração da atenção, como também a faculdade de distribuí-la por vários objetos ao mesmo tempo.

Aquele que sabe dar sua atenção a muitas tarefas simultaneamente ganha tanto sob o ponto de vista de sua segurança como sob o ponto de vista da atividade. Arquimedes perdeu a vida pelo fato de se ter deixado absorver inteiramente por suas reflexões. Muitos sábios são vítimas das distrações mais

ridículas, porque, absorvendo-se profundamente em um assunto, deixam de lado os fatos mais banais, porém importantes para a vida.

Ao contrário em certos homens de gênio como César, Napoleão, o poder de dividir a atenção era tão grande que eles economizavam o tempo ditando, por exemplo, quatro cartas simultaneamente, e escrevendo uma quinta.

Vamos, pois, nos exercícios que se seguem, procurar desenvolver na criança suas três *atenções*: a fixação imediata, a concentração contínua e a faculdade de distribuir a energia mental por vários objetos ao mesmo tempo. A primeira operação exercitada nos primeiros capítulos de nossa ortopedia mental; na reatividade, a atenção tem um papel primordial, assim como na imitação, na observação; as duas outras serão treinadas pelos exercícios abaixo indicados.

Como há de notar-se, todos eles são ligados apenas às técnicas sensório-motoras. Mas, acreditando no poder, no fenômeno importante da educação — no *transfer*, — esperamos que esse vá favorecer ao mesmo tempo a atenção, ligada aos outros domínios mentais.

a) *Exercícios de atenção concentrada* — Desenhar no quadro ou preparar de antemão, numa prancha, um quadrado ou um círculo, divididos em cinco retângulos ou setores. Em cada uma das divisões, numeradas de 1 a 5, desenham-se pontos, cruces, estrelas, flores ou quaisquer outras figuras visíveis a uma distância de 6-7 metros. A primeira divisão contém poucos desenhos (4-5); a segunda contém maior número (8-9); a terceira, 15; a quarta, 30. Esses desenhos se distribuem sem ordem alguma, mas as aglomerações das primeiras divisões são mais fáceis de contar, ao passo que nas divisões seguintes os desenhos são disseminados ao acaso, e a sua contagem é mais difícil.

As crianças vão contar em voz baixa o número dos pontos de cada divisão e o inscrevem numa folha, em frente dos números, indo de 1 a 5. Se os alunos não sabem escrever, o mestre pede o resultado oralmente, ou, então, as crianças podem marcar na sua folha o número de barras ou pontos correspondentes ao número dos desenhos do quadro (Test de Rybakoff).

b) *Exercício de atenção com escolha* — O mestre expõe no quadro-negro uma prancha com o desenho das frutas ou dos legumes. Entre essas frutas há, por exemplo, três bananas, seis mangas, dez maçãs, doze jaboticabas e dezoito grãos de uva.

Todas essas frutas são desenhadas proximamente no quadro. As crianças terão que contar separadamente, primeiro, as bananas,

depois as mangas, depois as maçãs, as jaboticabas, e, enfim, as uvas, inscrevendo, para cada fruta, o número contado numa folha de papel ou, se não souber escrever, desenhar cada fruta tantas vezes quantas ela se achar no quadro, ou indicando o número oralmente.

c) O mesmo exercício pode ser feito por meio das figuras geométricas, que serão distribuídas em colunas verticais ou horizontais, por exemplo: quadrado, retângulo, círculo, triângulo, trapézio. As crianças deverão contar separadamente, e escrever o número, cada espécie de figuras ou, como precedentemente, marcá-las convencionalmente. Esse exercício se parece com o do professor Sante de Sanctis, em sua série de testes para a distúrgia dos anormais.

d) Um exercício excelente de atenção concentrada e de duração mais ou menos longa pode constituir o teste clássico de *cancelação*, do psiquiatra francês — Bourdon.

Cada criança recebe uma folha do texto impresso: por exemplo, um retalho de jornal, uma circular sem préstimo, etc., a não ser que tenha um texto *ad hoc*. O exercício consistirá em barrar nesse texto certas letras; começar-se-á por grifar uma ou duas; mais tarde, com a prática, as crianças poderão barrar simultaneamente quatro ou cinco: por exemplo, mandar-se-á, no primeiro exercício, grifar durante três minutos todas as letras "a" que se encontrarem no texto; na segunda vez, mandar-se-á grifar, por exemplo, as letras "r" e "s"; depois, as vogais a, o, i; depois, as letras t, f, l, m, e assim por diante.

Uma vez terminado o exercício, as crianças poderão contar quantas letras barraram e verificar se algumas não tinham sido esquecidas ou, então, se algumas outras letras não foram barradas por descuido.

Essas duas últimas categorias, as crianças as marcarão a lápis de cor.

Como já mostramos muitas vezes previamente, os primeiros exercícios podem servir, ao mestre, de prova psicológica (nesse caso, uma vez finda a duração marcada, o mestre recolherá os testes e corrigirá ele próprio, o trabalho, podendo assim julgar o resultado de cada criança em comparação com as outras, obtido nas mesmas condições). O primeiro exercício será, pois, empregado à guisa de teste de atenção; os seguintes, como meio de prática e de educação.

e) Em lugar de um texto impresso, pode-se servir de uma série de letras impressas, sem que estas formem palavras nem frases. Este caminho é mais cômodo para a correção e apreciação

dos resultados, porque é fácil compor a série das letras de tal modo que o número de cada uma delas seja idêntico em uma série de 100, por exemplo.

f) As crianças recebem uma folha de papel quadriculado ou caderno escolar n.º 3 (para maior economia e comodidade, os cadernos são partidos no meio por um corte horizontal, resultando assim duas cadernetas de um caderno). Eles vão colorir os quadradinhos do papel com duas outras cores, alternando regularmente uma cor, depois da outra produzindo assim ou superfícies inteiras ou apenas molduras. No último caso, as crianças poderão fazer dentro da moldura vários desenhos (flores, animais, paisagens, etc.). Vide fig. 83.

Na falta de lápis de cor, poderão utilizar apenas o preto, traçando nos quadrinhos, riscos paralelos, ora horizontais, ora verticais. Poderão ainda, em vez de colorir ou riscar, fazer determinadas figuras dentro dos quadrinhos, alterando sempre ou forma, ou tamanho, ou posição.

g) *Exercício de labirinto* — As crianças recebem uma folha de papel mimeografado, com uma série de linhas embrulhadas. A extremidade de cada uma das linhas é numerada e se acha do lado esquerdo do desenho. O exercício consiste em seguir o trajeto de cada uma das linhas, começando na sua extremidade esquerda e chegar à sua outra extremidade que se acha do lado direito, sem número. Ai chegando, a criança deve escrever o número da linha marcada no início do trajeto. (Teste Mc. Curry).

Como para todos os exercícios de ortopedia mental, começar por exercícios muito simples e complicá-los gradualmente. Um exemplo mostrado no quadro-negro ajudará as crianças a fazer o exercício sobre as folhas individuais.

h) Seguindo os quadrinhos de um papel quadriculado (podendo ser, para isso, utilizado o caderno escolar n.º 3), podem as crianças fazer diversos exercícios que servem, não só como meio de desenvolvimento da atenção, como decoração de páginas, onde será feito qualquer desenho, ilustração, cópia. Depois de bem-explicados ou melhor começados para que sejam bem compreendidos devem ser esses exercícios dados em ordem de dificuldade crescente.

i) Outros exercícios já bem conhecidos e estimados pelas crianças, através dos jornais e revistas infantis e que devem ser adotados como ortopedia, como meio de desenvolvimento da atenção, coordenação motora, são os desenhos de animais, flores, obedecendo a indicações dadas por números, ou sinais convencionais quando as crianças não conhecem esses.

Assim, poderão ser feitos contornos de animais pelo seguimento de algarismos em folha mimeografada, coloração de flores ou animais ainda, divididos em muitos pedaços, por indicação de sinais ou algarismos idênticos.

j) Unindo pontos de duas ou várias cores, em folhas mimeografadas, poderão as crianças, ainda, fazer diversos desenhos, dos quais damos alguns exemplos, à página 93, onde distinguimos, por pontos e linhas diferentes, as cores, como devem ser empregadas.

A professora caberá orientar os alunos, ou dando-lhes explicações ou entregando-lhes o trabalho iniciado, para que compreendam bem o que têm a fazer.

Os pontos serão unidos por cor igual, vindo a formar, no fim, um bonito desenho.

Esses exercícios se complicam ainda mais se os movimentos de duas ou três medidas, feitos com os dois braços, vão ser executados ao mesmo tempo. Conhece-se a dificuldade que apresentam certos Noturnos de Chopin, exatamente pela diversidade de compasso das duas mãos.

k) *Cálculo mental contínuo* — Tomamos ao psiquiatra alemão Kraepelin o exercício que lhe serviu para o estudo do trabalho mental e da fadiga e para a análise das curvas e dos compostos do trabalho mental. (ver pág. 89)

As crianças recebem folhas impressas, com colunas verticais de números de um algarismo. A um sinal dado, as crianças começam a fazer a adição dos algarismos subjacentes, cada um por sua vez: o primeiro com o segundo, o terceiro com o quarto, o quinto com o sexto, etc., inscrevendo a soma à direita do segundo número da adição.

O exercício pode ser feito durante um quarto de hora de trabalho contínuo. Em todos os três minutos, o mestre dará o sinal, e as crianças marcarão com o lápis os algarismos que elas se dispunham a adicionar no momento em que soou o sinal.

Assim, marcando o trabalho de três em três minutos, poder-se-á, contando o número das operações feitas em cada um desses intervalos, como também os erros cometidos durante essas frações de tempo, seguir a marcha do trabalho mental ou, se se quer, as flutuações da atenção.

Esse exercício é um excelente estimulador da atenção; e as crianças das classes ordinárias, a partir do 2.º ano escolar, o fazem com interesse e desembaraço.

EXERCÍCIOS DE MEMÓRIA

Nesse grupo podemos incluir uma quantidade de exercícios que se relacionam com a memória imediata. Esses dependerão também, em boa parte, da atenção que a criança mantiver durante um tempo dado.

As crianças que sabem escrever poderão fazer os exercícios seguintes: memória das palavras, das frases, de um trecho inteiro. O material poderá ser apresentado oralmente ou por escrito.

Memória das palavras — O experimentador ou o professor da classe lerá em voz alta uma série de palavras, 5, depois 10, 15, 30, segundo o desenvolvimento da atenção dos alunos. A leitura deverá ser feita com uma voz uniforme e com uma rapidez determinada, por exemplo, uma palavra por minuto ou dois minutos ou mesmo mais lentamente (a maior ou menor lentidão será devida às pausas entre as palavras e não à da pronúncia de cada palavra).

Eis, a título de exemplo, três séries de palavras com 2, 3 e 4 sílabas:

1 — papel	1 — árvore	1 — avenida
2 — jardim	2 — carneiro	2 — tempestade
3 — carne	3 — banana	3 — automóveis
4 — lápis	4 — tinteiro	4 — camarada
5 — cama	5 — açougue	5 — cachorrinho
6 — planta	6 — cavalo	6 — laranjeira
7 — vaca	7 — borracha	7 — alfinete
8 — casa	8 — folheto	8 — tintureiro
9 — vela	9 — número	9 — percevejo
10 — livro	10 — galinha	10 — caderneta
11 — caixa	11 — gravura	11 — chapuzinho
12 — homem	12 — domingo	12 — verdureiro
13 — folha	13 — caneta	13 — gameleira
14 — cana	14 — revista	14 — colarinho
15 — gato	15 — óculos	15 — canivete

Como para a repetição dos números, assim como para a retenção de palavras —, a diferença entre as idades é menos nítida do que as diferenças individuais das crianças da mesma idade. Isso provém da diferença de aptidões da atenção e também do modo de associar as palavras para serem melhor retidas.

Exercícios da atenção distribuída — Estes exercícios, que Pestalozzi reclamava com insistência para todas as crianças, são muito recomendáveis para os retardados. Trata-se de lhes dar mais de uma tarefa de cada vez, e que elas deverão executar simultaneamente.

Na ginástica, e sobretudo na ginástica rítmica, encontramos uma porção de sugestões. Começando pelas mais simples, poderemos pedir às crianças que marchem a passo, uma atrás da outra, e que batam o compasso de dois, três ou quatro tempos, com os dois braços.

A marcha seria uma ação automática, e a atenção se empregaria no movimento e nos ritmos dos braços a que os pés seguirão maquinalmente. O exercício mais difícil consistirá em dissociar o movimento dos dois braços: permanecendo no mesmo lugar ou continuando a marchar, por exemplo, o braço direito executará um movimento dado, e o braço esquerdo, outro; o direito se levantará e se abaixará, ao passo que o esquerdo fará um movimento de 3 tempos: levantar-se, afastar-se ao nível do ombro, depois abaixar-se, repetindo essa série de movimentos durante certo tempo.

O professor deve aproveitar os primeiros ensaios de cada exercício como um verdadeiro teste, no sentido de colher informações sobre as aptidões dos alunos. Posteriormente, os repetirá como exercícios de treino e de educação e por fim como um meio de controle dos progressos efetuados. Essa regra é geral para a maior parte dos exercícios de ortopedia mental e especialmente aplicável a esse, no qual a avaliação dos resultados individuais é facilitada logo que as crianças saibam escrever.

Se as crianças não souberem escrever, o exercício se fará oralmente, e o professor tomará nota das respostas de algumas crianças que repetirão no ouvido do mestre as palavras que acabam de ouvir. Esse processo não deixará de despertar a alegria dos pequenos conspiradores.

Damos abaixo a técnica do *Teste de 15 palavras* (Clap-rède) e a padronagem, feita no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento com as crianças dos grupos escolares de Belo Horizonte e os adultos — professoras-alunas da escola.

Previne a criança que vai ouvir a leitura de 15 palavras que terá de escrever depois a um sinal dado, sem se preocupar porém com a ordem, devendo somente prestar atenção para guardar na memória o maior número possível.

Lê-se então em alta voz e lentamente (mais ou menos dois segundos para cada palavra), deixando-se um pequeno intervalo de dez segundos entre o fim da leitura da última palavra e o sinal que indica quando a criança deve começar a escrever, a fim de evitar que o resultado obtido seja somente devido à memória imediata.

Procede-se do mesmo modo para a segunda série.

Série A

- Tambor 1
- Pena 2
- Cinto 3
- Café 4
- Rosto 5

Série B

- Cartão
- Padre
- Mesa
- Forno
- Nuvem

EXERCÍCIOS DE OBSERVAÇÃO AUDITIVA

DISCRIMINAÇÃO DA QUALIDADE

1) Estabelecer o mais completo silêncio entre as crianças e exigir-lhes que escutem atentamente tudo o que vai repassar durante esse tempo. Após um ou dois minutos de silêncio, perguntar às crianças o que elas ouviram. Recomeçar-se-á duas ou três vezes o mesmo exercício. (As crianças colhem dessa experiência uma quantidade de observações que o professor ajudará a formular: por exemplo, o bater de uma porta, o marulho d'água, o atrito do papel, o silvo estridente da locomotiva, o apito de uma sirene, o rangido do bonde, etc., etc., aproveitando esse exercício de percepção para o desenvolvimento da língua materna).

2) As crianças ficam silenciosas. O professor mandará que fechem os olhos ou então que se voltem para a parede a fim de não verem o que vão fazer e adivinhem os ruídos que vão perceber unicamente pelos ouvidos.

O professor deixará cair de uma certa altura, em cima da mesa, vários objetos que as crianças determinarão conforme o rumor da queda. Assinalemos os objetos fáceis de serem encontrados para essa experiência: bola, caderno, livro, lápis, chave, caixa de papelão, lâmina de gilete, canivete, grão de feijão, moeda, borracha, fósforo, alfinetes, rolhas, etc. (Esses últimos figuram na lista de objetos que o Dr. Simon, de Paris, utilizou no seu teste relativo à acuidade auditiva. Segundo esse autor, uma criança normal percebe a queda desses objetos, caídos de seis centímetros de altura, a uma distância de 4 a 6 metros).

Campo	6	Livro
Filho	7	Barco
Gorro	8	Pardal
Barba	9	Lápis
Peru	10	Caixa
Casa	11	Serra
Jardim	12	Carne
Porta	13	Sabão
Vela	14	Faca
Peixe	15	Tinta

Memória dos números — O exercício, o mais clássico deste grupo, é a reprodução de números na mesma ordem em que foram pronunciados e ditos uma só vez. A rapidez da enunciação pode variar de dois números por segundo a um por cinco segundos.

	5 3	2 7	6 5
	6 9 7	9 0 8	3 2 7
	7 0 5 9	8 1 4 5	9 2 7 3
	2 0 8 6 1	1 7 6 3 2	4 2 8 9 5
	6 2 9 5 8 7	9 7 4 8 1 3	9 0 5 6 1 7
	2 6 8 1 7 4 0	4 2 5 3 9 7 8	3 5 6 4 2 0 9
	5 3 8 2 7 1 4 6	4 8 5 2 7 1 6 0	8 0 3 3 6 1 5 8
	8 5 7 3 2 4 1 0 6	7 9 8 3 2 2 0 1 6	8 1 5 2 7 0 3 4 6
	6 4 1 0 9 3 7 2 5 7	5 8 9 4 0 6 2 3 7 1	2 0 7 5 3 4 3 1 9 7

A repetição dos números figura, para várias idades, na escala para a medida de inteligência de Binet-Simon, em Terman, em Mme. Descoedres, etc. A experiência mostra que esse exercício põe em evidência menos a memória que a atenção e a extensão do campo de consciência, como lhe chamam certos psicólogos. Com efeito, cada pessoa, sem treino especial, possui a extensão bastante constante e, enquanto certos são incapazes de guardar mais de 5 números, outras pessoas aprendem, sem esforço, 9 ou 10, em igualdade de condições, (é preciso, para comparar, empregar o mesmo método de fixação, isso é, fixar de um modo mais mecânico e retendo os números, sem fazer associações, sem os agrupar em torno de uma idéia).

PADRÃO PARA A APRECIACÃO DA MEMÓRIA (15 PALAVRAS)

6 e 7 anos 203 crianças	8 e 9 anos 309 crianças	10, 11 e 12 anos 330 crianças	Adultos 71 pacientes
100—22 90—14 80—12	100—25 90—17 80—15	100—27 90—20 80—17	100—27 90—24 80—23
70—71	75—14 70—13 60—12	70—16 60—15	75—22 70—21 60—19
55—10 40—9 30—8	50—11 40—10 30—9	50—14 40—13 30—12	45—18
25 20—7 10—5 0—0	25— 20—8 10—6 0—1	25—10 20—19 10—9 0—3	10—14 0—9

Como variação desse exercício, pedir às crianças que reproduzam com pontos ou algarismos, o número de pancadas dadas, às escondidas, na mesa; a criança deverá reter, de cada vez, o número de pancadas ouvidas; ainda para modificar e dificultar, dar pancadas em ritmo diverso e fazer com que as crianças o distingam, reproduzindo-o por pontos mais juntos, mais separados, conforme ouvem as pancadas, mais juntas ou mais isoladas.

A capacidade de reter séries de números mais ou menos longas aumenta com a idade. A escala Binet-Simon (Terman) nos dá as normas seguintes: a criança de 3 anos repete três números; a de 4 anos, quatro; cinco números são retidos pela idade de 7 anos; seis números de 10 e sete de 14, finalmente oito números só são reproduzidos por pessoas especialmente dotadas, adultos. Isso é uma norma geral: os casos individuais são muito variados e a reprodução dos números é um teste que caracteriza mais a aptidão individual do que o desenvolvimento mental geral. As diferenças entre as crianças de uma mesma idade são maiores que entre a média das crianças de idades diferentes.

Técnica da memória dos números — Pedir às crianças que ouçam com muita atenção e não comecem antes da ordem. Vocês vão ouvir alguns números e devem escrevê-los na mesma ordem em que foram falados, mas não escrevam enquanto eu

não disser: "Comecem". Atenção! Levantem os lápis! (Chamar cada vez a atenção das crianças antes de dar a série). Ler os números com voz monótona, sem nenhuma acentuação, sobretudo na última palavra, com rapidez um pouco maior, de 1 algarismo por segundo.

Não deixar que as crianças escrevam sob o ditado, mas aguardem o fim da série e a ordem de escrever.

O exercício permite aumentar a extensão da série de números. Acrescentemos que este exercício pede uma considerável concentração da atenção.

Memória das frases — Foi de Binet e Henri (Annés Ps. N. 1) que tiramos este exercício. Nós o encontramos igualmente na "Escala Binet-Simon" (Terman) para as idades de 3, 4 e 6 anos e adulto médio, os quais dão 6 a 7, 12 a 13, 16 a 18, e 28 sílabas, respectivamente. Como não se trata aqui de uma memória bruta, o exercício pede mais compreensão do que atenção, aumentando os resultados nitidamente com a idade.

O exercício pode ser apresentado oralmente, e por escrito. No segundo caso o professor escreverá a frase no quadro, pedindo aos alunos para voltarem a cabeça em sentido oposto a esse. Uma vez a frase escrita, será apresentada às crianças durante um tempo determinado (15 segundos, $\frac{1}{2}$ minuto ou mais, conforme o adiantamento dos alunos em leitura), apagando-a depois e pedindo-lhes que a reproduzam de memória.

As frases devem ser curtas a princípio (de 5 a 10 sílabas), aumentando com o progresso dos alunos (aproveitar os primeiros ensaios para julgar as diferenças individuais das crianças relativamente à memória).

Na apreciação dos resultados, considera-se o número de sílabas reproduzidas com perfeita exatidão:

o sol é lindo	5 sílabas
a manhã é fresca	6 "
a boneca caiu no chão	8 "
meu lápis escreve muito bem	9 "
domingo, nós iremos passear	10 "
a galinha vermelha botou um ovo	12 "
nós escrevemos bem direitinho nos nos- sos cadernos	16 "

etc., etc.

Pode-se fazer o exercício precedente em forma de um jogo denominado "Telefone". Todos os alunos estão assentados em fileira ou círculo. O professor dirá no ouvido de seu vizinho uma frase curta, uma questão de preferência; esse a transmitirá do mesmo modo ao seu colega, ao lado, e assim por diante, até que chegue ao último, que deverá dizê-la em voz alta. Se a frase estiver alterada, deve-se verificar a partir de que criança a alteração teve lugar.

MEMÓRIA VISUAL

Deixando de lado a *reconhecimento* que foi exercitada sob a forma de observação visual, em um dos capítulos precedentes, tomemos a memória visual sob a forma de reprodução integral.

Mostrar-se-á, por algum tempo, aos meninos, uma gravura, um quadro bastante grande para ser visto pela classe inteira, avisando-os previamente de que o deverão olhar com bastante atenção, porque o quadro ficará diante de seus olhos durante um tempo curto. Querendo examinar a memória imediata, o professor, ao retirar o quadro, pedirá aos alunos para descrever o que nele viram. Se as crianças sabem escrever, cada uma o fará individualmente em seus cadernos, se não contarão o que viram oralmente.

MEMÓRIA DA CONSERVAÇÃO

A experiência pode ser modificada de modo a examinar a memória de conservação: nesse caso, as crianças reproduzirão o que viram em uma hora ou mais, após a apresentação do quadro.

Quando as crianças acabarem de narrar espontaneamente o que viram, o professor formulará questões sobre os detalhes do quadro, a cor, a posição, o número de vários objetos, ação das personagens, etc.

Esse interrogatório se assemelhará ao que se emprega no estudo psicológico do testemunho, se ao lado das questões apresentadas sobre os objetos reais da gravura interrogar-se ainda sobre detalhes inexistentes, "forçando a memória" e impelindo-a pela sugestão a caminhos falsos.

Os exercícios do testemunho despertam nas crianças grande interesse. É curioso ver as crianças verificarem as *deposições* e confrontar suas recordações com o que o quadro representa realmente, quando se lhes mostra a segunda vez, uma vez feita a experiência. É por esse meio que se experimenta educar a capacidade do testemunho justo e amplo.

É curioso constatar como a ciência psicológica não é unânime em atribuir a esses exercícios um valor educativo. Por

exemplo, M. Lipmann, repetindo várias vezes as experiências de física, que servem de bons meios para apreciar os diversos aspectos do testemunho — observação, memória, formulação exata dos fatos observados, etc., nega o melhoramento sensível do testemunho, depois de quatro ensaios. Sem a prova dos números em mãos, temos, ao contrário, sempre visto como as pessoas, após a primeira experiência e depois de ter errado, tornam-se mais prudentes e, portanto, mais exatas, mais precisas em suas respostas posteriores.

A veracidade das respostas sobre a vista é uma excelente virtude que devemos cultivar o mais possível porque é socialmente útil.

Entre as crianças anormais, igualmente, devemos muito nos esforçar para fazer relacionar com exatidão as palavras às coisas e aos atos, que se acham ligados.

REPRODUÇÃO DOS MOVIMENTOS

EXEMPLOS:

- 1) levar as mãos à cintura, depois aos ombros, à nuca e à cabeça; voltar em ordem regressiva;
- 2) colocar as mãos no peito, na testa, levantar a posição vertical acima da cabeça; voltar em ordem regressiva;
- 3) bater palmas à frente, à direita, à esquerda, ao alto, etc.

REPRODUÇÃO DAS ATITUDES

- 1) mão direita colocada na cintura, mão esquerda na altura do peito, rosto voltado para um lado;
- 2) pé direito à frente, braços cruzados, cabeça voltada para trás;
- 3) pés ligeiramente abertos, cabeça pendida para frente, a mão colocada à testa, a outra nas costas, etc., etc.

Poder-se-ia fazer igualmente a experiência ou exercício do testemunho, praticando diante dos alunos um certo número de atos seguidos e pedindo-lhes reproduzi-los na mesma ordem ou indicá-los verbalmente, por exemplo: a) reprodução dos atos:

- 1) o professor tira de sua pasta uma folha e um lápis;
- 2) escreve algumas palavras sobre a folha;
- 3) dobra esta folha;
- 4) guarda-a na gaveta da mesa;

ou ainda:

- 1) vai até ao armário;
- 2) abre a porta do armário;
- 3) aí toma um caderno;
- 4) coloca este caderno sobre a mesa;
- 5) toca no tímpano, etc., etc.

É preciso pedir às crianças que não se limitem a mencionar os atos, mas descrevê-los na mesma sucessão em que foram apresentados.

Memória de um trecho da poesia, etc. (decorado) — Fazer as crianças decorarem um trecho, uma frase, um pouco longa, uma poesia, uma melodia, etc.

Se os alunos sabem ler e escrever, distribui-se a cada um uma folha de papel, mimeografada, com o texto a aprender. O professor fará a leitura do mesmo em voz alta para as crianças ouvirem, deixando depois que o decorem durante um tempo determinado, por exemplo, 5 — 10 minutos. Em seguida, os textos serão recolhidos e as crianças reproduzirão de memória, em uma folha, tudo que tiverem retido.

Para utilizar essa prova como teste de memória, seguir as instruções seguintes para correção e apreciar os resultados segundo o padrão do Laboratório de Psicologia.

As crianças que não souberem ler e escrever aprenderão, de viva voz, o trecho, repetindo-o em coro depois do professor, que anotará, para cada trecho, o número de repetições feitas. Depois, interrogará as crianças e escreverá os resultados para cada uma das interrogadas. Uma semana mais tarde, o mesmo teste pode servir de prova para examinar o grau de conservação da memória: o professor lerá a poesia uma vez em voz alta, fazendo repeti-la em coro; depois chamará as que foram interrogadas da primeira vez.

Notando os resultados e o modo de memorizar e reproduzir de cada criança (em experiências diferentes, bem-entendido, sem o que o exercício se tornará longo e fastidioso), o professor terá pouco a pouco um conhecimento amplo e profundo das capacidades psíquicas de seus alunos.

MEMÓRIA DAS IDEIAS

Foi ainda do gênio de Binet que tiramos este exercício. Ler-se-á ou contar-se-á, para as crianças ouvirem, um fato

qualquer, contendo algumas ações bem nítidas e que se desenvolvam de um modo interessante para o nível mental das crianças, pedindo-lhes contar tudo de que se lembram da história lida ou contada. Não se pede palavra por palavra na reprodução, conta-se o número de idéias repetidas pela criança.

Na escala Binet-Simon (Terman), aos 10 anos, a criança lê um texto impresso e reproduz, de memória, 8 idéias do trecho.

EXEMPLOS PARA INÍCIO

“Uma senhora *comprou* ovos no mercado. No momento em que *ia tomar* o bonde, o cesto *virou* e 3 ovos *caíram* no chão e *quebraram-se*.”

“Maria *passeava* com sua mamãe; de repente um vento forte *começou* a *soprar* e *arrancou* o chapéu de Maria, *atirando-o por terra*.”

“Há dois meses Maria *plantou* flores. Elas *cresceram* muito depois da chuva. Ontem Maria as *colheu* e nos *ofereceu* um lindo “bouquet” de cravos vermelhos.”

“Dois passarinhos *começaram* a *construir* seu ninho. Quando *ficou pronto*, cinco ovinhos muito brancos vieram *enfeitar* o fundo do ninho. Três semanas mais tarde, cinco filhotinhos *abriram seus bicos pedindo alimento*.”

a) apresentar um a um diversos objetos, mostrando durante alguns segundos cada um de uma série de 4, 6, 8, 10, 12 e mais objetos. Depois de toda a série mostrada, os alunos vão escrever o nome dos que se lembrarem. Se não sabem escrever, dirão oralmente, ou desenharão;

b) ao invés de apresentar os objetos sucessivamente, neste exercício os objetos serão mostrados todos de uma vez, tirando por 20-30 segundos ou mais a cartolina ou o pano que os cobria. O professor notará para cada criança qual é o número dos objetos que podem ser retidos;

c) três ou quatro objetos vão ser colocados à mesa, em determinada posição. Depois de observados pela classe durante um curto tempo, serão trocados do lugar e mudados de posição — para que os alunos indiquem a colocação primeira ou os ponham de novo em seus lugares;

d) ainda poderão os objetos ser apresentados de outra maneira. Serão colocados fora da sala. Cada criança irá, separadamente, observá-los. Quando voltar, deve responder, à vista de seus colegas, perguntas alusivas a cada objeto que viu, perguntas que obriguem a adivinhação ou reconhecimento do objeto, tais

como, por exemplo: "qual é a forma do que você viu?"; "qual é o tamanho?"; "a cor?"; "como se chama o" ou "a"?"; "desenhe-o no quadro"; "de que modo você o gosta?"; "o que tem dentro?"

Naturalmente, essas perguntas devem ser feitas de acordo com o objeto, que a professora deve ver antes.

e) ao invés de objetos, poderão ser apresentados no quadro negro, ou feitos em uma folha de cartolina, desenhos simples, sinais geométricos, rosáceas, etc., para que as crianças os reproduzam em seus papéis, depois de observá-los durante algum tempo (30-60 segundos), conforme a complexidade das figuras.

UM MODO DE INVESTIGAÇÃO

por Helena Antipoff

colaboração de Prof. Virginia Barber

Um método de investigação que se desenvolveu na prática pedagógica durante a primeira metade do século dezoito, fundamentado nas ideias de um filósofo alemão, tornou-se um dos métodos mais importantes para a educação de crianças de idade escolar.

Este método, conhecido como método de observação direta, consiste em apresentar ao aluno um objeto real ou uma situação concreta, e pedir-lhe que observe atentamente, registre e descreva o que vê, ouça e sente. O objetivo principal é desenvolver a capacidade de observação e a habilidade de registrar e descrever o que é observado.

Este método é baseado no desenvolvimento da capacidade de observação e da habilidade de registrar e descrever o que é observado. O objetivo principal é desenvolver a capacidade de observação e a habilidade de registrar e descrever o que é observado. Este método é baseado no desenvolvimento da capacidade de observação e da habilidade de registrar e descrever o que é observado.

MATERIAL PARA ESTUDO DA EXPERIMENTAÇÃO NATURAL NO TRABALHO — DÉCADA DE 1940

Escola Rural D. Stívério — Outubro de 1943

COMO MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

por Helena Antipoff e
colaboração da Prof. Yolanda Barbosa

Em 1942, iniciou-se sob a direção da profa. técnica Yolanda Barbosa, numa gleba da Fazenda do Rosário, denominada Chacrinha, um internato de menores amparados pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais.

Num canto pitoresco, à beira de um ribeirão cercado de bambu, de goiabeiras nativas e de coqueiros macaúbas — um grupo de menores da mais variada procedência social e econômica estava chegando à Fazenda para, com esta notável educadora mineira, organizar o núcleo de internos de maior idade. Contavam 12 a 17 anos de idade real, enquanto os de menos idade continuavam a ocupar outras chácaras da Fazenda.

Bem diferentes no desenvolvimento físico e mental, todos, no entanto, segundo suas capacidades e interesses, se enquadravam na vida dessa *família* rural. Sem empregados, exceto a cozinheira, todos os trabalhos domésticos, de horta, jardim e de criação de animais e outros se faziam exclusivamente pelos meninos. Obedecendo a uma distribuição semanal de tarefas que se especificava no quadro na única sala servindo de refeitório, sala de aulas, de capela (no 3.º domingo do mês), e de salão de jogos e de estudos todas as noites — os meninos, no horário previsto, se distribuíam pelas tarefas individualmente, ou em grupos, para cumprir com suas obrigações.

Em se tratando de menores excepcionais, com retardo mental, outros com instabilidade emocional, com deficiências físicas ou desajustamentos sociais, poucos eram suficientemente amadurecidos para fazer o trabalho integralmente e com a necessária independência.

Na maioria dos casos eram capazes de executar tarefas, ou parte do trabalho. Por exemplo: distribuía-se a limpeza doméstica entre diversos meninos, cada um encarregado de uma determinada área, bem-definida e delimitada dentro da casa ou fora dela, no terreiro, no jardim, etc.

Transcrevemos o relatório geral que d. Yolanda Barbosa, em 1943, fez no fim do 2.º ano de funcionamento desta Chacrinha histórica na vida das instituições da Fazenda do Rosário.

O TRABALHO DE LIMPEZA, LAVOURA E HORTA EM SUAS DIVERSAS MODALIDADES, EXECUTADOS PELOS ALUNOS INTERNOS DA GRANJA

Pestalozzi tomava o trabalho como uma condição da formação de uma raça. Nós o tomamos como uma condição essencial na formação de caráter e como um fator de alto valor na educação das crianças excepcionais.

Tomamos o trabalho aqui na escola não somente como um meio de ensinar aos alunos alguns ofícios e técnicas úteis para sua vida, mas como uma fonte onde pudéssemos melhor conhecê-los, e como um meio poderoso de educá-los social e moralmente.

Para melhor apreciarmos o valor do trabalho manual como meio educativo, vamos tomá-lo em relação à idade cronológica, à idade mental e às falhas de caráter dos alunos.

A idade cronológica de nossos alunos varia de 10 a 17 anos e a mental de 3 a 11.

A idade cronológica fica assim distribuída entre nossos 51 alunos:

4 alunos com	7 anos	7 alunos com	12 anos
6	" "	8	" "
6	" "	4	" "
10	" "	1	" "
5	" "	2	" "

Classificamos nossos trabalhos do seguinte modo, a começar do mais simples:

- 1 — Rasgar palha
- 2 — Catar esterco
- 3 — Bater esterco
- 4 — Transportar lenha
- 5 — Debulhar milho
- 6 — Varrer o pátio e os caminhos
- 7 — Varrer as varandas
- 8 — Varrer os refeitórios
- 9 — Varrer os quartos
- 10 — Tirar poeira
- 11 — Lavar a casa
- 12 — Catar feijão
- 13 — Arrumar as estantes
- 14 — Capinar
- 15 — Preparar terreno para plantio
- 16 — Plantar
- 17 — Cuidar dos animais
- 18 — Cuidar da horta
- 19 — Cuidar do jardim
- 20 — Servente de pedreiro
- 21 — Cooperar
- 22 — Fazer mandados
- 23 — Fazer balaio de bambu
- 24 — Fazer cestos de barbante
- 25 — Fazer cestas de cambaúba
- 26 — Fazer cestinhas de jaraguá
- 27 — Enrestar cebola e alho
- 28 — Aprender ofício de sapateiro
- 29 — Tomar conta da roupa
- 30 — Cuidar dos alunos mudos

A distribuição do trabalho foi feita, de início, durante uma semana, no fim da qual fazia-se apreciação por meio de notas e comentários em reunião. Nossa preocupação, ao fazê-lo assim,

era não só educar os alunos, dando-lhes certa responsabilidade e interesse pelo trabalho, mas ainda conhecer a aptidão de cada um para determinados trabalhos.

Temos um aluno, A. A., alto, musculoso, com uma perna mais curta que a outra, mancando, com 17 anos de idade; mental 6,8; que não é capaz de dizer a verdade da primeira vez. Passou por diversos trabalhos simples como varrer a sala, varrer a varanda, tirar poeira, sem mostram nenhuma aptidão e não conseguindo mesmo fazê-los; entretanto, o serviço de copeiro, que aqui não é fácil, fez mais ou menos bem, durante quase um ano. É claro, é bastante guloso e nosso trabalho satisfaz, melhor do que um qualquer outro, seu apetite voraz.

Temos ainda um outro aluno, o F., com 17 anos, e com a idade mental de 5,4, que não conseguiu ainda fazer outro trabalho a não ser apanhar o lixo, folhas de quintal, mesmo assim só o faz bem em seus dias de bom humor ou com a promessa de uma recompensa. Não tem persistência no trabalho e abandona-o ao primeiro obstáculo. Não consegue, por exemplo, rasgar palha ou debulhar milho durante 20 minutos, cansa-se logo, dá uma desculpa qualquer e deixa o trabalho. Entretanto, uma turminha de pequenos de 7 e 8 anos chega a fazer, às vezes, 4 a 5 litros de milho em 2 horas de trabalho. Podemos apreciar ainda o S. L., com 12 anos e com idade mental de 9,2, bem vivo, que passou por quase todas as tarefas sem conseguir executar nenhuma delas, não se interessava pelo trabalho de limpeza e tinha sempre um pretexto para fazê-lo malfeito, entretanto, na fabricação das cestas de barbante, no ano passado, mostrou-se com muita habilidade e chegou a executá-las com perfeição e com certa arte e inteligência. Neste ano faz parte de uma turma que trabalha na lavoura e tem grande interesse. É considerado pelo chefe "um dos bons". Um outro aluno ainda, o P. P., com 14,3 anos de idade real e 9,3 mental, apático, com dificuldade de locomover-se, porque sofreu paralisia infantil, passou também por diversas etapas dos trabalhos, não conseguindo mostrar nenhuma habilidade na limpeza ou confecção de cestas; contudo, mostra-se agora muito interessado pela lavoura. Passa toda a manhã na capina, no preparo da terra, sem apresentar cansaço ou desânimo. Vê-se que se interessa e tem gosto de lidar com a terra. Tornou-se agora mais desembaraçado, bem robusto e mais social.

JULGAMENTO DO TRABALHO

A aprovação do trabalho era feita em cada semana, no domingo à noite, em reunião, recebendo cada um sua nota que variava de 0 a 5, correspondendo 0 a 1 péssimo, 2 mau, 3 regular, 4 bom e 5 ótimo.

Para melhor controlá-los, tomamos os trabalhos sob essas características:

<i>Interesse pelo trabalho</i>	<i>Disciplina</i>
Prontidão em começá-lo	Ordem
Resistência	Bom humor
Capacidade para executá-lo	Iniciativa
Capricho	

Algumas dessas características foram de acordo com as nossas observações e com os novos trabalhos que surgiam. Para melhor compreensão deixo aqui modelo de duas fichas de trabalho, com minha apreciação:

Ficha de fevereiro de 1942 e Ficha de setembro de 1943

Por elas podem-se ainda observar as modificações e modalidades do caráter e fazer idéias de como é feito nosso trabalho e as modificações por que passaram alguns alunos em 1 ano e 7 meses de trabalho metódico, instantâneo e orientado.

DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE LIMPEZA, ARRUMAÇÃO DA CASA, HORTA E CAPINA

1.ª Semana 25 a 28 de fevereiro de 1942

Trabalho	Aluno	Interesse	Fronteirão	Resistência Fadiga	Capacidade	Capricho	Disciplina	Mt
Serviço de copeiro	R.S.	3	3	2	2	4	2	3
Varrer a sala	A.A.	3	3	1	1	1	0	1
Arrumar quarto	H.N.	2	3	2	2	1	1	1
"	D.L.	3	4	3	3	2	2	3,5
Limpeza do quintal	M.F.	3	2	0	1	0	0	1
"	W.C.	2	1	2	2	1	1	1
"	J.D.	1	0	2	1	0	0	1
Apanhar água	J.B.	1	0	0	1	0	0	0
Trazer o leite	W.B.	4	4	5	5	3	4	4
Acender o fogo	L.L.	5	5	4	4	3	3	4
Arrumar a biblioteca	R.S.	1	1	2	1	0	0	1
Trabalhar na horta	L.L.	5	5	4	3	3	3	3,5
"	W.B.	5	5	5	4	3	3	4,5
"	S.M.	4	2	2	0	0	0	1
"	A.A.	1	1	0	0	0	0	0
"	H.N.	3	2	0	0	0	0	0
Fazer o rol da roupa	D.	3	1	1	2	0	1	1

Médias

2,8

2,4

2,0

2,8

1,2

1,1

Foi essa a primeira semana em que o trabalho foi distribuído em ordem, apesar de já estarmos aqui há um mês. O mesmo trabalho ora feito, sendo o aluno indicado na hora de fazê-lo.

Pelas notas acima pode-se verificar sem dificuldade que eles não têm nenhum hábito de trabalho, não podem ainda ter nenhum interesse também.

Acham aqui tudo novidade e querem ver tudo e por qualquer coisa o trabalho fica esquecido. Não resistem a um trabalho mais demorado, cansam-se logo, aborrecem-se e se o fazem é para se livrar da obrigação, sem nenhum interesse e sem capricho. Outros não têm mesmo capacidade, têm boa vontade mas não conseguem compreender a disciplina como o A.

Ele pode varrer bem, por ex.: o alpendre que não tem móveis, aqui dentro da sala ele não tira os móveis do lugar, joga o cisco debaixo, prontidão, mas não tem também espírito de disciplina como o P.

Ele pode tomar um trabalho com interesse e fazê-lo com capricho, mas não tolera nenhuma reclamação de um companheiro ou da professora, por qualquer advertência deixa o trabalho sem dar nenhuma satisfação. Ainda uns têm o interesse momentâneo mas não se responsabilizam pelo trabalho, haja vista o J. B.. No primeiro momento parecia muito interessado mas no segundo dia não quis mais fazê-lo e deixou-o sem dar a menor satisfação e quando o interroguei disse simplesmente: "Não quero fazer, os meninos me chamam de criado". Aponta sempre um companheiro que não faz isto, nem aquilo, tem sempre uma reclamação do trabalho do companheiro. Enfim, essa primeira semana foi exaustiva, tive que atender milhares de reclamações, ora era o copeiro que não queria deixar tirar uma caneca ou uma colher para não sujar, ora outro reclamava do companheiro que sujou a sala que ele varreu, etc. A todo momento eles se esquecem da obrigação e eu tenho que apontá-los um por um, chamando, insistindo com esse ou aquele.

As brigas surgiam pelo motivo mais insignificante, as discussões eram calorosas e os pescoções também não se faziam esperar para resolver qualquer questão. Eu estive a ponto de pensar que era impossível controlar esse grupinho tão variado em idade, caráter e educação.

DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE LIMPEZA, HORTA, LAVOURA E JARDIM, NO MÊS DE FEVEREIRO

Trabalho	Aluno	Interesse	Prontidão	Disciplina	Iniciativa	Responsabilidade	Ordem	Cooperação	MI
Cooperar	A.	3	4	3	2	4	2	4	3
"	V.	2	2	3	3	3	2	4	3
Varrer a casa	A.	4	4	4	4	4	3	3	4
"	P.P.	4	3	3	2	3	3	2	3
" a frente	D.	3	3	2	3	2	2	2	2
" o fundo	J.G.	3	2	2	2	2	1	1	2
" o caminho	L.P.	2	1	0	3	3	1	1	1
Vasilhas almoço	A.M.	4	3	3	4	4	3	3	3
" jantar	A.L.	4	4	3	3	4	2	4	4
Tratar galinhas	P.	4	4	4	4	4	4	4	4
" galinhas	J.B.	4	3	4	4	4	3	2	3
" coelhos	V.	4	4	4	4	4	3	4	4
" coelhos	V.	4	4	4	4	4	3	4	4
Alpendre jardim	A.R.	4	4	4	4	4	2	4	4
Apanhar lixo	F.	2	0	2	0	0	0	0	0
Jardim	R.	2	2	0	2	1	0	0	1
"	J.F.	4	4	3	4	4	4	3	4
Cuidar dos mudos	J.F.	2	2	1	3	2	2	1	3
"	A.T.	4	4	4	4	4	3	3	4
Cuidar das estantes	S.L.	3	2	4	4	3	3	3	3
Lavar sanitários	V.B.	3	2	4	3	3	3	3	3
Arrumar sala	A.T.	3	2	3	4	4	3	3	3
Recolher ferramentas	G.	3	2	3	4	4	3	3	3
"	J.M.	1	1	0	1	1	0	1	1
"	J.M.	1	1	0	2	2	1	2	2
Média		3,0	2,6	2,5	3,0	2,9	2,1	2,5	2,5

Bandeirante — Turna da lavoura
Prontidão — Limpeza na fazenda

Rapidez — Cuidar da horta
Valdemar Oliveira — Cuidar do pomar

Neste mês o trabalho foi bem melhor, apesar de encontrarem-se ainda alunos com nota zero.

Fiz no início do mês divisão dos alunos em turmas, tendo cada uma um chefe ou responsável. Além do trabalho de limpeza e jardim aqui na Chacrinha, as turmas são obrigadas a trabalhar na lavoura ou fazer qualquer trabalho extraordinário na Fazenda.

Foi com prazer que vi mais de um aluno deixar o brinquedo na hora do recreio e sair correndo porque ouviu o sinal de chamada à sua turma. Uma das vezes J.G. e J.M. se deliciavam chupando um pedaço de cana, quando o sinal tocou. Imediatamente entregaram as canas a um companheiro e saíram correndo para atender ao sinal.

Cada qual se entusiasmou mais pela sua turma e cada um tomou uma certa responsabilidade perante o trabalho.

Haja vista o trabalho que a turma Bandeirante fez plantando mais de um carro de manaibas, no Morro da Capelinha. Capinaram, cavaram e plantaram com muita seriedade como trabalho de gente grande.

Na reunião mensal o Sr. Lourival disse-me não ter queixa de nenhum, notando-se, entretanto, entre eles, S.L., J.G., J., alunos tidos e havidos como preguiçosos.

Aqui no serviço de limpeza, com exceção de A.R., L. e C., todos trabalham bem.

A.R. é parado, desatento, sem nenhum hábito de trabalho e difícil de se conseguir dele algum esforço. Pela manhã, mais de 20 vezes eu o chamo para o trabalho, levo-o ao alpendre, dou-lhe a vassoura e às vezes na hora do almoço não conseguiu ainda varrer o alpendre.

L., muito excitado, provocador, não consegue fazer o trabalho dentro do horário porque passa todo o tempo brigando ora por um motivo, ora por outro. Tem boa vontade para iniciar o trabalho, mas não consegue fazê-lo bem. Varre o caminho pela metade, esquece-se do lixo, perde a vassoura com tantas brigas que tem de atender. A cada um que passa ele dirige um insulto, provoca e assim vai o tempo.

C. vive no seu mundo de fantasias; não dá a menor atenção ao trabalho e se se insiste com ele chora e diz que não faz, que não sabe, que não gosta. Nos primeiros dias muito excitado, falando descontroladamente, não percebia nada do que era para fazer.

A FUNÇÃO SOCIAL DA ASSISTÊNCIA AS CRIANÇAS EXCEPCIONAIS (*)

HELENA ANTIPOFF

*Técnica de Educação do Departamento
Nacional da Criança*

Neste dia em que parentes, discípulos e admiradores de Ulysses Pernambucano se reúnem em torno do seu nome com a vontade firme de concluir a obra desse homem extraordinário, sinto-me honrada de poder também juntar a minha fraca voz para que a Fundação Ulysses Pernambucano seja a realização póstuma de projetos do seu patrono.

Tive a felicidade de me encontrar com Dr. Ulysses Pernambucano no primeiro ano de minha estada no Brasil, e de saber que nessa ocasião, em 1929-30, havia no Norte do País, orientado por um mestre tão sábio quanto criterioso, um intenso movimento de pesquisa psicológica. Bem antes que Minas Gerais, com seu laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, tivesse realizado as suas pesquisas, aqui no Recife fazia-se uma abundante colheita de dados sobre a criança, revisão de escalas psicológicas, standardização de um sem-número de testes mentais, para o uso quotidiano da escola, da clínica psiquiátrica, do serviço de orientação profissional. Várias formas adaptadas, traduzidas, escalonadas em Recife foram também por nós adotadas, com os Testes Alfa, Ballard etc.

Tem razão Gilberto Freyre afirmando que os trabalhos de Ulysses Pernambucano e dos seus colaboradores colocam Pernambuco em situação de pioneiro no Brasil em iniciativas e

(*) — Conferência realizada na Reunião da Liga de Higiene Mental de Pernambuco em homenagem à memória do Prof. Ulysses Pernambucano, em 5 de dezembro de 1946, terceiro aniversário de sua morte.

organizações dessa ordem, pelo fato de se ter feito no Recife, há quinze anos, muita coisa que só agora o Rio está tentando fazer para o Brasil inteiro.

Pois bem, após esse trabalho tão intenso quanto valioso houve uma brusca parada; um silêncio imposto pela força maior e durante mais de 5 anos, nós, de fora, deixamos de receber publicações que divulgassem como antes, através dos Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, os frutos da experimentação psicológica.

Sentimos uma grande falta e respiramos quando chegamos às nossas mãos os primeiros números de Neurobiologia. Em torno do mestre, percebia-se outra vez a atividade científica dirigida para o estudo do homem.

Encontrei-me novamente com o dr. Pernambucano em julho de 1943 no Rio de Janeiro, durante as primeiras jornadas psicológicas, organizadas então por um grupo de psicólogos, entre os quais o dr. Ombredane, seu animador principal. Para as segundas jornadas convidamos intensamente dr. Ulysses Pernambucano e seu grupo. Infelizmente não conseguimos o comparecimento de nenhum deles, em outubro de 1943, em Belo Horizonte. Sabíamos, entretanto, que o dr. Pernambucano ia realizar talvez as quartas ou quintas jornadas em Recife, para reunir os interessados pela psicologia no Brasil, de tal forma a sua atuação dinâmica se impunha a todos. Mas um novo silêncio se fez... e de força maior ainda. E agora, em homenagem ao desaparecido, ressurgem novamente as vozes amigas para reunir os esforços e colocar de pé, nos alicerces da Fundação Ulysses Pernambucano, a psicologia, as pesquisas sociais, a pedagogia da infância anormal.

Erguem-se já sólidas ao mesmo tempo que graciosas as colunadas arquitetônicas da Fundação, à espera da última carga a receber: telhados, revestimentos, aparelhamento interno. E são sólidas as esperanças dos amigos de Ulysses Pernambucano, entre os quais me orgulho de estar, fazendo com que a Fundação realize seus fins sociais e científicos em prazo mais breve possível.

A assistência ao ser humano infranormal, fraco e desajustado, na coletividade civilizada, não é somente uma prova moral de solidariedade, em que o homem são e forte presta seu auxílio em nome dos princípios perenes de respeito à pessoa humana — é também fruto da convicção de que servindo à criança mesmo que consideravelmente diminuída no seu potencial psíquico por fatores hereditários ou pela ocorrência de acidentes da primeira infância — se realiza uma obra eficiente ao serviço da sociedade.

A existência de classes especiais que recolhem alunos sem proveito escolar, com isso diminuindo o peso morto do trabalho pedagógico —, contribui bastante para intensificar o ritmo dos processos educativos da massa de crianças comuns.

Temos algumas provas disso com o Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte que, recolhendo cerca de 200 crianças dos grupos vizinhos, facilitou seu trabalho.

A existência de internatos para crianças excepcionais e desajustadas, permitindo o afastamento às vezes indispensável do meio familiar, de indivíduos com manifestações mórbidas, como vêm a ser convulsões, sestros intempestivos, distúrbios não menos graves de caráter — alivia os ambientes, e com isso protege dezenas de crianças normais, prejudicadas pelo exemplo indesejável, onde a mãe sozinha, absorvida pelos cuidados com o filho anormal, está na impossibilidade de prestar atenção aos demais filhos.

Enquanto para pouca coisa servem os métodos comuns de educação e de ensino, para os excepcionais, os resultados, ao contrário, se tornam promissores, quando recebem eles ensinamentos e tratamento especializados. Esses sempre mais concretos, com grande emprego de trabalhos manuais e outras atividades extra-escolares, alcançam efeitos positivos, como consta da verificação do rendimento social efetuado sobre um período de 20 anos, por exemplo, na Escola de Graf, na Suíça, em Basileia — em que dos 2.258 ex-alunos das classes especiais, cerca de 60% de indivíduos se mostraram inteiramente capazes de ganhar a sua vida, e 30% capazes de ganhá-la parcialmente, enquanto apenas 10% eram incapazes. Outras pesquisas, entre as quais a importante da Associação dos Mestres dos Retardados da Alemanha, relativa a 40.000 crianças que deixaram as classes especiais entre 1918 e 1925, mostraram que 90,8% de homens e 93% de mulheres conseguiram manter a sua existência inteiramente ou em parte, encontrando-se os ex-alunos em todos os ramos de trabalho humano, na indústria e comércio e serviços públicos e domésticos, perfeitamente ajustados à sua profissão e aos cargos. Nossa experiência nos mostrou igualmente a grande adaptação após o curso feito mais devagar, na vida profissional.

Alice Descoeudres cita ainda os dados da associação patrocinadora dos ex-alunos das classes especiais de Frankfurt e Mein, notando-se um fato interessante a favor da formação moral dos mesmos: comparecem, perante os tribunais judiciais, em proporção muito menor do que os seus companheiros de classe, porém que deixaram a escola no meio do curso, no fim de 3-4 anos de estudos apenas.

Permito-me agora sugerir uma ligeira modificação de termos na designação dos alunos que virão procurar a escola especializada da Fundação Ulysses Pernambucano. Precisamente Alice Descouedres, há pouco citada, professora do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, e autora de obras de psicologia e pedagogia, tendo usado o termo *anormais*, viu-se moralmente obrigada a mudar a terminologia, achando-a, com muitos outros, imprópria, vexatória. O termo acentua o sentimento de inferioridade do aluno, e principalmente choca os pais do mesmo, geralmente hipersensíveis em relação aos seus filhos menos dotados. Na terceira edição do seu livro, dedicado à pedagogia especial, com um *mea culpa* Alice Descouedres substitui o vocábulo *anormais* pelo de retardados, já anteriormente introduzido por Alfred Binet. O termo *anormal* soa de maneira humilhante, encertando ao mesmo tempo a idéia de definitivo, de irremediável. Ora, muitos dos alunos terão anomalias parciais, insuficiências locais, dentre um conjunto de normalidade psíquica, ou com desvios ligeiros não chegando a constituir verdadeiramente anormalidade definitiva.

Sugeriria assim à Fundação Ulysses Pernambucano que não usasse a palavra *anormais* na designação da sua escola. Preferíamos que escolhessem um termo neutro, como seria, por exemplo: escola médico-pedagógica, ou instituto de educação individual, focalizando menos a espécie de alunos a educar, que a qualidade de tratamento a que os submeterá. Haverá entre eles, presumo, não rara vez, crianças vivas e inteligentes, porém com distúrbios psicomotores, ou de linguagem ou de caráter, e que serão sanados inteiramente ou pelo menos terão melhoras sensíveis, após tratamento adequado; e não ficaria agradável nem a eles nem aos pais a menção da *escola de anormais* no seu currículo escolar.

Vejamos os benefícios que o tratamento da criança excepcional deficiente ou com distúrbios diversos, *pari passu*, pode trazer à comunidade. Precisamos argumentar bem o nosso propósito de servir à criança excepcional, porque existem pessoas que condenam a preocupação com esses seres, considerando que sua assistência é mais dispendiosa, exige um pessoal especializado com preparo pedagógico mais longo e esmerado; exige classes menos numerosas — 15 a 20 alunos no máximo, material didático rico, aparelhamento para trabalhos manuais, matéria-prima abundante para os mesmos.

Um dos partidos a tirar é permitir e favorecer estágios de normalistas e educadores nas classes de crianças excepcionais, a fim de aperfeiçoar, com trabalhos práticos junto a essas crianças, seu preparo psicopedagógico.

Eduardo Claparède, mestre insigne, tachando o preparo pedagógico em geral de muito verbal e livresco, preconizava toda espécie de exercícios práticos para futuros educadores, inclusive a "dressagem" animal. Sugeriu que cada candidata ao magistério deveria previamente exercitar sua habilidade em seres menos evoluídos que a criança da idade escolar, a fim de poder verificar quanto esforço, paciência, perspicácia, encorajamento devia despender para conseguir do animal a aprendizagem de qualquer espécie de novo hábito. Assim, obrigava Claparède seus alunos e assistentes a experiências com galinhas, por exemplo, repetindo com eles as célebres experiências de Gatz, na discriminação de formas, cores, números etc.; com ratos estudava a aprendizagem de labirintos, ou em frente de um cinocéfalo, impaciente e irritado — mandava verificar suas atitudes e reações na gaiola, trancada por taramelas e assim por diante, servindo esses exercícios e outros, de Hachet-Souplet, por exemplo, de interessantes estudos para compreensão dos processos educativos.

Pois bem, nada é tão útil à prática do educador como a compreensão exata dos mecanismos de conduta, em seus detalhes e no contexto da personalidade total do educando. São extremamente valiosos estágios em serviços de distúrbios motores, em que crianças espásticas, atáxicas, ou com seqüelas de paralisia infantil — são reeducadas na sua marcha no manejo dos instrumentos e utensílios simples; como também são instrutivos os exercícios de reeducação da palavra, dos seus defeitos de articulação. Reeducar um gago seria uma das tarefas mais proveitosas para o educador. A criança normal muita coisa aprende espontaneamente ou em contato com o meio, iludindo-se assim o mestre sobre o valor de sua atuação. Com os deficientes, no caso dos distúrbios citados, grande parte do êxito dependerá do educador, e de sua habilidade em pôr os conhecimentos em prática.

Lembraria ainda como é necessário ao futuro mestre-escola o contato prévio com crianças nervosas, histéricas ou acometidas de convulsões. Não rara vez, na própria classe encontrando-se pela primeira vez com tais crianças fica o mestre completamente desorientado, agravando com o seu desequilíbrio o estado nervoso da classe.

Estágios no meio de alunos que apresentam formas mais ou menos graves de distúrbios de caráter, entre crianças agressivas, insubordinadas, impulsivas, mentirosas, tristonhas e inibidas ou inquietas e excitadas, auxiliarão ao futuro educador, orientado por um guia competente e talentoso, a evitar mais tarde, na sua carreira de mestre, muitos erros, abusos e injustiças.

Especialmente se devem recomendar tais estágios, em estabelecimentos para crianças nervosas, deficientes e com distúrbios de caráter, a pessoas que se dedicam à educação da criança desamparada, nos ditos orfanatos e educandários de assistência social. Até hoje não existe ainda, que saiba, estabelecimento algum de preparo pedagógico para inspetores de alunos e para qualquer dos cargos que exigem o contato direto com a criança asilada. Mais necessária se torna ainda a organização desses estágios psicopedagógicos para educadores que lidam com adolescentes delinquentes.

A Fundação Ulysses Pernambucano, admitindo tais estágiários, ao mesmo tempo promovendo cursos de orientação médico-psicológica aos dirigentes dos estabelecimentos, contribuirá certamente para a melhor eficiência deles, hoje ainda tão pouco adaptados ao seu cliente.

Montessori, na sua genialidade, soube aplicar à criança normal, porém de idade menor, aos pré-escolares, nas suas Casas dei Bambini, e mais tarde aos escolares comuns, um material partindo do Seguin, rico, variado, adaptado à criança pequena — permitindo dispensar uma grande parte da intervenção direta do mestre e, ao contrário, um aumento considerável de atividades livres e espontaneamente realizadas pela criança.

Prova disso ainda o exemplo de Decroly que, preocupado em facilitar o ensino da leitura ao surdo-mudo, introduz o método globalizado, tão mais atraente, mais natural e eficiente em relação à criança normal de 7 anos.

Foram os erros de leitura e de cálculo, cometidos muitas vezes por crianças menos inteligentes e capazes, que permitiram a Judd e Buswell realizar seus estudos detalhados sobre as dificuldades seriadas nestas matérias de ensino.

Abre-se agora para nossa época o vasto campo de pesquisas em torno da vida afetiva e da formação de personalidade. Pouca coisa ainda saberemos se o trabalho com os desajustados, com as personalidades psicopáticas, as nervosas infantis e de adolescentes não vierem encaminhar a nossa compreensão de tudo que constitui matéria de inibição ou desvio do seu desenvolvimento.

Quando a Fundação dispuser dos seus laboratórios e arquivos para registros minuciosos de todo trabalho realizado com os alunos de sua escola, e de todos os recursos de que lançaram mão os educadores para solucionar esse ou aquele caso individual, a escola tornar-se-á utilíssima na elaboração de métodos psicopedagógicos à criança deficiente ou anti-social. Esses métodos inventados especialmente para os anormais revestem-se também, quase sempre, em benefício de uma pedagogia do normal.

Prova disso — o trabalho do velho Pestalozzi que, descobrindo ambientes e processos didáticos que necessitavam seus alunos débeis mentais, vadios e depauperados recolhidos por ele em Neuhoef ou Stanz, introduzia ao mesmo tempo, para a criança normal, métodos mais ativos, vida no campo e ensino profissional.

Provam ainda os esforços de Itard e Seguin, dirigidos todos para a educação dos débeis mentais e imbecis, e os de Maria Montessori, médica e antropóloga que iniciou seus serviços com crianças anormais.

Os processos psicoterápicos que hoje experimentam Melanie Klein ou Ana Freud, através de brinquedos e desenhos, Madeleine Rámbert, através dos fantoches, Moreno, através dos "psychodramas", a técnica lúdica que emprega Frederic Allen na reeducação dos distúrbios de conduta, na sua clínica psiquiátrica de Filadélfia, tudo isto são documentos que constituem material cada vez mais rico para compreender a psicologia humana nos seus aspectos ainda misteriosos, desconhecidos da vida afetiva da criança, normal ou desajustada, ou nos limites entre ambos, no meio da constelação familiar, cuja chave a escola individual de Adler pretende nos dar.

Quando Slawson levar mais adiante seus estudos acerca do "Group Therapy" — aplicada a indivíduos desajustados, esses estudos permitirão penetrar mais um domínio onde a conduta coletiva humana acha-se fortemente impregnada pelas formas variadas da estruturação grupal e pela influência da maturidade social dos seus componentes.

Pouco a pouco psicólogos e educadores terão um pouco mais de segurança que hoje nos seus diagnósticos ainda tão vacilantes e nos processos educacionais onde reina ainda tanto empirismo.

Os intensos trabalhos que está realizando a psicologia ocupacional para excepcionais de várias espécies, com distúrbios motores apenas, para débeis mentais de níveis diferentes, para temperamentos e caracteres, para alienados de várias classes, parecem-nos sumamente interessantes para nos orientar nos trabalhos e "hobbies" para adolescentes normais.

Lembramos ainda que a música, o emprego sistemático de discos musicais com crianças excepcionais ou psicopatas nos ajudará a compreender melhor a influência que ela exerce na massa de crianças e de adultos que hoje ainda vivem em pleno caos de ondas com que as estações radiofônicas inundam o espaço. Amanhã provavelmente tal coisa, após estudos feitos, será tida como impossível de ser tolerada.

Enfim, são esses os poucos argumentos, que tomei bastante por alto, porquanto nosso trabalho pessoal com os excepcionais não permitiu ainda entrar na fase mesmo suficientemente objetiva e científica para trazer-vos resultados comprovados próprios.

Esperamos que o grupo que trabalha na Fundação Ulysses Pernambucano com suas classes, seu internato, com laboratórios e estágios para futuras normalistas e estudiosos, dê ao Brasil um excelente centro médico-pedagógico para a pesquisa e o preparo de especialistas em vários ramos de tratamento de distúrbios e deficiências mentais.

Faço votos para que nada venha impedir seu mais breve funcionamento. A Fundação Ulysses Pernambucano deve servir à infância excepcional e desajustada.

Nota — Extraído da SEPARATA da revista NEUROBIOLOGIA — Recife — Dez. 1946

5 / Descoedres

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS RETARDADAS

É sob esse título que Melle. Alice Descoedres, notável pedagoga de Genebra, já bastante conhecida no nosso meio, acaba de publicar a 3.ª edição refundida e aumentada de sua importante obra: "A Educação das Crianças Anormais".

Logo de início, Melle. Descoedres nos dá uma explicação dessa mudança de título, que devemos reproduzir aqui, porque inúmeras vezes cometemos, para com esses infelizes, faltas imperdoáveis, cotando-os como "anormais".

Por que mudamos o título — como disse justamente o Dr. Robin (L'Enfant sans défauts): "Longe de humilhar o novo ser por medidas de exceção, cumpre reerguê-lo do sentimento de inferioridade, resultante de suas imperfeições. Não é com esses qualificativos de "anormais" que se chegará a fins úteis". Esse pormenor, aparentemente fútil, me parece importante. Uma palavra lamentável pode fazer mal maior àqueles mesmo a quem queremos servir.

Se fôssemos tão exigentes na escolha das palavras na linguagem científica como na criação poética, não toleraríamos guardar as que podem chocar a sensibilidade tão delicada dos doentes do espírito.

"Muito humildemente — diz Melle. Descoedres — devemos dizer aqui o nosso "mea culpa", por termos, pelo título duas primeiras edições desse livro, contribuído para popularizar este termo *anormal*, que se deve esperar que desapareça da linguagem popular corrente."

Essa palavra, tão pesada de sentido, tão fatalmente pejorativa, deve, efetivamente, desaparecer da nossa linguagem, não só porque é desumano dirigi-la àquele que é suspeito de o ser, como também porque uma criança, que talvez, com efeito, tenha um atraso considerável, ou uma lacuna, sob o ponto de vista cognitivo, pode ser perfeitamente normal e talvez mesmo bem-dotada, do lado moral.

Há já muito tempo Melle. Descoedres advoga a causa das crianças retardadas e cuida de reabilitá-las o mais possível.

Assim ela mostra, num bellissimo artigo dos "Archives de Psychologie", que, contrariamente à opinião espalhada, os anormais têm não raro uma vida afetiva muito intensa, são capazes de zelo no trabalho, de espirito de abnegação e de sentimentos muito delicados. Ela liga grande apreço à formação ética dos mesmos, susceptível de excellentes resultados. Ela a concebe, sob uma forma viva, em conexão com as mais importantes questões da atualidade — a guerra, o alcoolismo, o centenário de um personagem célebre (Pestalozzi, Beethoven, S. Francisco de Assis, etc.).

Para convencer o leitor de que as crianças das classes D são capazes de uma fineza de sentimentos e de uma profunda compreensão dos fatos de ordem moral, damos acima um excerto do livro de Melle. Alice Descoedres, o qual vale pela melhor illustração dessa capacidade.

Trata-se de uma vida de Pestalozzi, contada por crianças retardadas, que apenas atingiam a possibilidade de se exprimirem por escrito. A história é tão comovente que nos sentimos tomados da mais viva simpatia tanto por aquele louco Pestalozzi, como pelas crianças que a descrevem, e como por Melle. Alice Descoedres, que sabe tão admiravelmente despertar na criança, ainda a menos dotada pelo destino, os sentimentos mais humanos.

O presente excerto é uma amostra do livro, traduzido, com a maior aproximação da linguagem e de estilo, por um nosso colaborador.

Esperamos e auguramos que a obra de Melle. Descoedres a respeito da educação das crianças retardadas apareça o mais breve possível em língua portuguesa, a fim de que os professores das classes D tenham esse manual a sua disposição. Estamos certos de que, com o auxilio dela, as classes especiais se transformarão muito depressa em focos de autêntica educação espiritual e moral e que talvez mesmo os seus métodos vão irradiar até as classes das crianças normais.

EDUCAÇÃO DOS EXCEPCIONAIS

Helena Antipoff

A anormalidade mental, como certas formas de alienação mental, não são conceitos absolutos e sim, relativos. O que torna o indivíduo anormal é, por mais das vezes, que ele não se ajeita às condições de sua família, de sua escola, do seu emprego, enfim, da sociedade em que está vivendo.

E não se ajeita porque a sua inteligência, o seu caráter, as suas aptidões ficam aquém ou além das exigências que o dado meio lhe apresenta. O resultado é uma desadaptação permanente e que se traduz ora por uma passividade deprimente, ora por uma agitação perturbadora, pelas atitudes anti-sociais, de brutalidade ou de revolta surda, ora por outras manifestações doentias. No trabalho o seu rendimento é nulo; na economia do seu país, é um parasita.

Sua característica mental é a predominância dos instintos sobre os processos racionais. Ao ímpeto da natureza impulsiva, a razão lógica é impotente para opor freios que conduzam o indivíduo em equilíbrio com o ambiente em que vive. Mas quantos delinqüentes de hoje não seriam heróis no meio de tribos nômadeas, no meio de povos que vivem pelas e para as guerrilhas!

A educação será uma tentativa de oferecer aos excepcionais, indivíduos tachados de débeis, nervosos, impulsivos, com tendência à delinqüência, um ambiente, um regime de vida, um trabalho que torne a sua anormalidade inoperante.

QUAIS SÃO OS MEIOS PARA O REAJUSTAMENTO DO EXCEPCIONAL?

Não resta dúvida de que a vida trepidante, artificial, de grandes cidades, vida complexa de uma civilização adiantada, não serve para os excepcionais. A natureza desses é, de modo geral, primitiva, pueril, comparada com a dos indivíduos comuns

de nossos dias. Ela se assemelha mais com o que os povos eram 12-15 séculos antes, como o que são hoje certas povoações semicivilizadas.

CAMPO, AMBIENTE NATURAL

Escolas para excepcionais devem ser localizadas fora das cidades. O local natural é o campo. Espaços mais largos permitem movimentos mais amplos. Os ritmos da vida são ali mais regulares: o sol, melhor que o relógio, e os sinos marcam as horas, convidando ao trabalho e ao sono.

Além da serenidade, a natureza dá margem a um elemento que julgo de suma importância na educação dos excepcionais: a beleza. É muito mais fácil deixar a criança ver o que é belo, o que é feio, do que fazê-la compreender o que é bom, o que é mau. A estética do ambiente é o fundo no qual se perfilarão as ações dos adolescentes. Esses, rapidamente, eles mesmos, ou com auxílio de educadores, procurarão a harmonia, fugindo do chocante visível e da cacofonia das discordâncias. E, assim, paulatinamente, se aproximam das regras da vida social e moral.

VIDA EM NÚCLEOS FAMILIARES

O excepcional, por mais das vezes, é um indivíduo cuja personalidade carece de organização interna harmoniosa. Esta não se elaborará senão num ambiente onde ele é considerado como um "todo", como uma pessoa, e como tal, sempre digna de considerações e de carinho. Somente a família unida, com seus laços sentimentais e hierárquicos, dá à criança a plenitude da vida pessoal. Na ausência dessa família, o lar pedagógico fará tudo para insuflar o clima de confiança, a fim de que possam desabrochar, sem constrangimento, as aspirações e as capacidades de cada um dos seus membros ligados por laços de respeito mútuo.

Assim, nunca educaremos os excepcionais em altos falanstérios e sim em casas pequenas, de moradias comuns. Cada morador responsabilizar-se-á pelo aseo, pela ordem, beleza e hospitalidade para com os estranhos.

VIDA EM NOGCEOS FAMILIARES

O excepcional, portanto, vive em um indivíduo cujo comportamento é de natureza intrínseca. Este indivíduo, embora não esteja sob a consideração dos outros, como uma pessoa e como tal, sempre vive em um mundo próprio e de acordo com as próprias regras. Este indivíduo, por isso mesmo, tende a ser isolado e a viver em um mundo próprio, onde as regras são determinadas por ele mesmo. Este indivíduo, portanto, não se preocupa com as regras dos outros, mas apenas com as suas próprias. Este indivíduo, portanto, vive em um mundo próprio, onde as regras são determinadas por ele mesmo.

Assim, temos evidências de exceções em alto grau. Não é um caso peculiar de moradia comum. Cada indivíduo responsável pelo mundo pelo ordenamento e organização para os outros.

TRABALHO

Apropriando à índole e às aptidões de cada um os gêneros de trabalho diferentes, teremos com os excepcionais a triplíce intenção: primeiro, o exercício de aptidões; segundo, pesquisas no terreno vocacional; enfim, aprendizagem em vista de ocupações lucrativas para o indivíduo e a coletividade da qual faz parte.

O trabalho bem-escolhido é um estímulo forte para o desenvolvimento mental e o reajustamento social. Será o trabalho objeto de um estudo acurado e de esforços perseverantes por parte dos dirigentes.

Estabelecimento agroindustrial, será a escola para excepcionais um conjunto de serviços realizados na casa, no campo, nas oficinas, no escritório e nas fábricas. Cada aluno será cooperador da empresa, ao mesmo tempo em que aprendiz na escola. Terá por guia a mão segura de um diretor competente em matérias agrícolas e industriais.

Não serão propícios ao nosso excepcionais trabalhos de técnica muito perfeita, com maquinismos e processos automáticos. Ao contrário, conviria melhor aqueles que possam ser servidos com instrumentos simples, instrumentos que a humanidade empregava antes da era da eletricidade e do vapor. Assim, mais ativa poderá ser a participação do organismo humano em sua musculatura, em seus sentidos. A inteligência terá também maiores oportunidades em compreender, assimilar e resolver situações novas.

Os trabalhos poderão dividir-se em:

1. Serviços domésticos;
2. Cultura agrícola, principalmente para o uso próprio da escola, podendo ser o excesso vendido fora. Além das hortaliças, frutas, flores, poderá a escola cultivar viveiros de mudas, plantas decorativas, arvoredos, etc.
3. Criação de animais: aves, suínos, bovinos, peixes, abelhas, também para uso próprio, principalmente;

4. trabalho de consertos: tudo que a escola exigir nesse ponto particular poderá ser realizado nas oficinas de consertos:
 - a) carpintaria e marcenaria;
 - b) mecânica e eletricidade;
 - c) alfaiataria, sapataria.
5. Serviço de escritório: contabilidade, datilografia, correspondência comercial.
6. Serviços comerciais, na loja, com representação de produtos da casa.

Os trabalhos agrícolas, de criação, de consertos e de escritório, considerados como meio de aprendizagem técnica e para a economia da escola, serão também aproveitados para ensinar aos alunos da escola noções de História Natural, Desenho, Língua Pátria e Cálculo.

7. Indústrias. Essas, visando principalmente lucros para a manutenção da escola e seu desenvolvimento, serão determinadas pelas condições regionais e suas necessidades. Como não poderão ser indústrias modestas, tanto pela qualidade como pela quantidade, procurarão dar-lhe um cunho original, evitando assim a concorrência com as indústrias da região. Temos a impressão de que as indústrias mais adequadas para tais estabelecimentos serão as que cultivarem as "artes regionais".

As "artes regionais" tão desenvolvidas em alguns países europeus e mais ainda em certas colônias, permitem, sem grande aparelhamento, a produção de artigos originais bem-apreciáveis. Prova disso a indústria de tapetes, rendas, brinquedos de crianças, trabalhos de madeira e de couro, de metal, cerâmica, objetos decorativos, ou de uso, mas com cunho sempre estético, em que artistas humildes, anônimos, realizam os seus talentos e aptidões. No Brasil, que eu conheça, essas "artes regionais" não receberam ainda toda a atenção que merecem. Excetua-se o Nordeste que, estimulado pelas secas e ausência de outros lucros, já tem mostrado, em suas famosas rendas, em seus trabalhos de couro, o que a arte popular pode produzir de belo e de habilidoso.

Se as condições climáticas e econômicas em outros lugares não são tão pungentes como no Nordeste flagelado pela seca, não quer dizer que as populações dessas regiões não lucrariam também bastante com trabalhos auxiliares, suplementares ao ganha-pão principal. Para isso bastaria o desenvolvimento de alguns núcleos que tomariam a iniciativa dessas artes, quanto à distribuição do material e de alguns modelos, assim como o escoamento comercial dos artigos confeccionados.

Tenho a impressão que poderão essas "artes regionais" ser exploradas, em parte, nas escolas para excepcionais, e que tomariam a si precisamente a iniciativa e a distribuição de que falamos acima. (Os mosteiros da Rússia antiga mantinham ao redor de si núcleos de colaboradores, simples camponeses, trabalhando em suas próprias casas.

Tecelagem de panos rústicos, cobertores, tapetes, cortinas, toalhas; cerâmica de vasos, pratos, travessas; trabalhos de ferro forjado e outros metais; trabalhos de couro e chifre (Madagascar tem feito coisas maravilhosas com esse material) — sempre com a preocupação máxima de produzir modelos originais e sempre belos.

Para que essa parte possa impor-se ao público é preciso acostumar o povo a apreciá-lo. Isso far-se-á por meio de exposições, concursos, pelestas e conferências sobre suas origens e valores. Para isso também haverá a máxima preocupação em cercar-se de artistas com gosto e de crianças e adolescentes talentosos. Entre os excepcionais de caráter, encontram-se não raras vezes aptidões para o desenho, escultura e pintura. Nada será melhor que aproveitar suas aptidões nessas realizações industriais.

Não cabe a um artigo sumário sobre a educação entrar em pormenores desse trabalho que merece uma atenção especial. Consagramos estas linhas apenas ao intuito de mostrar desde já quanto a questão do trabalho poderá ser desenvolvida e amplamente tratada no seio de uma escola para excepcionais.

OUTRO ASPECTO DO TRABALHO COM OS EXCEPCIONAIS

Formação de educadores — Elaboração de métodos pedagógicos

A escola para excepcionais terá como finalidade maior a formação de caráter dos seus alunos. Caráter e educação representam ainda termos bem misteriosos para os conhecedores mais competentes do assunto. A obra de Freud, que sondou o terreno mais profundo da personalidade, que descobriu alguns mecanismos escondidos de sua dinâmica, mesmo ela deixa na sombra a maior parte de fatos psíquicos. De maneira que a educação continua a ser uma arte de intuição, uma prática empírica. E mais que tudo isso, uma osmose inconsciente entre a personalidade do educador e do educando.

Sendo assim, será de uma importância fundamental achar para o trabalho com excepcionais educadores natos, com cultura pedagógica mais sólida possível, indivíduos desprovidos de complexos, otimistas e entusiastas no que diz respeito à sua profissão.

Devem ser idealistas e possuir uma fâsca de espiritualidade que os transforme, quando preciso, em verdadeiros apóstolos do bem.

Aos educadores, principalmente aos que terão a responsabilidade de um pavilhão, ou de um lar (cada um com 15 a 20 adolescentes), compete:

1. Criar um ambiente propício para a educação, o clima mais favorável ao tipo de alunos que receberá;
2. Imaginar e realizar processos e técnicas educativas apropriadas a cada caso e fato ocorrido;
3. Compreender a experiência, registrar, como cientista, fatos objetivos, a fim de construir, pouco a pouco, a pedagogia, como arte baseada na experiência.

O último tópico é importante. Escolas para excepcionais não são simples escolas. São estabelecimentos onde se educam crianças, onde se estudam problemas e processos educativos e onde se formam educadores.

Assim também a escola-granja, projetada pela Sociedade Pestalozzi para excepcionais, visa simultaneamente os dois fins: ser um laboratório de pesquisas médico-pedagógicas e também uma clínica para estágios dirigidos para jovens educadores, aqueles que se dedicarão principalmente a instituições especiais, como são as classes retardadas, escolas para excepcionais, reformatórios para perversos e delinqüentes, casas para crianças nervosas, e por que não dizer (pois as leis e a técnica são as mesmas), também para instituições congêneras para adultos, porque do que mais precisa um nervoso, um alienado, um delinqüente, qualquer que seja a sua idade, é de educadores, para guiar o seu reajustamento social e a sua readaptação mental.

Ora, dizia ainda há pouco *Alfred Binet*, a pedagogia é uma pseudociência, que afirma sempre sem nada verificar. Com essa pedagogia não iremos longe. Para tê-la como arte segura, teremos que dedicar-lhe estudos e práticas cuidadosas. Nas escolas para excepcionais, esse ramo terá uma aplicação de enorme proveito.

(Palestra da professora Helena Antipoff, na fase inicial da Sociedade Pestalozzi do Brasil). (1945)

ASSISTÊNCIA AO INFRANORMAL

Helena Antipoff

A assistência ao ser humano infranormal, fraco, desajustado na coletividade civilizada, não é somente uma prova moral da solidariedade, em que o homem sã e forte presta seu auxílio em nome dos princípios perenes de respeito à pessoa humana — é também fruto da convicção de que, servindo à criança, mesmo consideravelmente diminuída no seu potencial psíquico por fatores hereditários ou pela ocorrência de acidentes da primeira infância, se realiza uma obra eficiente em benefício da sociedade.

A existência de classes especiais que recolhem alunos sem proveito escolar, diminuindo assim o peso morto do trabalho pedagógico contribui bastante para intensificar o ritmo dos processos educativos da massa de crianças normais.

* * *

A infelicidade dos retardados mentais surge como reação ao ambiente que não os quer ou não pode compreendê-los e os desajustamentos maiores são criados pelos ambientes escolares principalmente. Embora a escola pública seja feita para todas as crianças do País a que pertencem, poucas são ainda as escolas que se ajustam à diversidade mental de seus alunos, sendo duas as categorias mais prejudicadas nesse ponto: a da inteligência inferior e a particularmente superior ao nível comum dos escolares. Nessas condições a escola vem a ser um forte reativo ao aparecimento, entre esses alunos de incomuns de conduta, que se desviam para a vadiagem, vícios, depressão mental (às vezes suicídios), rebeldia e agressividade delituosa para com os mestres, companheiros e de um modo geral, contra a sociedade.

A tarefa do mestre é de tal complexidade que ele se sente completamente desorientado quando, ao deixar a escola comum e os alunos normais, vem, usando métodos rotineiros, agir no meio desses seres excepcionais. Como ensinar as matérias escolares

quando as crianças não sabem ouvir, nem olhar, nem falar, nem compreender as coisas mais elementares, nem trabalhar, nem reagir aos estímulos comuns da vida infantil?

Como despertar nelas os interesses naturais da idade? Como sublimar as tendências que, em algumas, são dirigidas para objetivos ilícitos? E como captar suas energias para fins construtivos? Devemos confessar que o problema é um verdadeiro quebra-cabeças, e que somente um trabalho experimental de longa duração e uma dedicação infinita poderão trazer esclarecimentos suficientes para não se andar às escuras e não se tatear sem direção.

* * *

Sentido do 1.^o ENCONTRO CURSO PRÓ-INFÂNCIA EXCEPCIONAL PARA EQUIPES DE PROFISSIONAIS DE NIVEL SUPERIOR — colaborar junto às DELEGACIAS REGIONAIS DE ENSINO em MG

1 — Dar início a um trabalho de conjunto, nas diversas regiões do Estado de Minas, simultâneo e mais completo possível, de estudos teóricos, de pesquisas, de procura de médicos e de meios próprios a assegurar ao *excepcional* de todas as modalidades, na infância, adolescência, e aos egressos das instituições especializadas, assistência vital, educação, trabalho e sua integração na comunidade que vem colaborando com os problemas e a solução de higiene mental e do bem-estar do menor.

Apresentar, num esquema gráfico, a variedade e complexidade de tarefas a serem encaradas, dentro da prioridade das exigências e disponibilidade dos recursos econômicos, financeiros, culturais e sociais.

2 — Esquematizar a atuação dos diversos recursos da comunidade — no levantamento dos dados estatísticos relativos à infância excepcional e suas necessidades em cada região, circunscrição, município.

3 — Colher dados referentes ao estado de saúde, ao desenvolvimento corporal, fisiológico e mental — intelectual, emocional, social e cívico-moral — incorporando, nessa pesquisa acerca da criança mineira, elementos de censo demográfico, os estabelecimentos de ensino normal e superior — Faculdades de Medicina, Filosofia, Ciências Sociais — suficientemente idôneos e orientados por responsáveis pelos serviços, cadeiras acadêmicas universitárias, e de cursos normais.

TEMAS E ROTEIROS PARA ESTUDO NO 1.º ENCONTRO-
CURSO PARA EQUIPES DE NÍVEL SUPERIOR
PRÓ-INFÂNCIA EXCEPCIONAL E EDUCAÇÃO RURAL.

- Tema I — *Infância Excepcional*
- Tema II — *Educação Especializada e Ensino Emendativo*
- Tema III — *Educação e Higiene Mental Através da Arte*
- Tema IV — *Educação e Higiene Mental Através do Trabalho*
- Tema V — *Meio Rural* — Ambiente e Atividades Rurais na Educação de Excepcionais — Problemas de Higiene Rural em Zonas Rurais
- Tema VI — Assessoramento em Assuntos de Infância Excepcional e de Higiene Mental nas Delegacias Regionais de Ensino Estadual (pré-primário, primário, médio, superior). Papel e Estrutura de Equipos Multiprofissionais de Nível Superior
- Tema VII — Movimento de Higiene Mental no Estado de Minas Gerais
- Tema VIII — Glossário de Termos Técnicos Relacionados com os Problemas da Infância Excepcional

INFORMAÇÃO EXPERIMENTAL E EDUCAÇÃO RURAL
CURSO PARA EQUIPES DE NÍVEL SUPERIOR
E MÉTODOS PARA ESTUDO DO ENCONTRO

1 - Introdução Experimental
2 - Metodologia Experimental
3 - Resultados e Discussão
4 - Conclusões
5 - Referências Bibliográficas
6 - Anexos
7 - Índice
8 - Apresentação
9 - Prefácio
10 - Apresentação do Curso
11 - Apresentação do Livro
12 - Apresentação do Autor

EXPERIMENTAÇÃO NATURAL I — DÉCADA DE 1950

Helena Antipoff

Para quem tem a seu cargo a educação das crianças excepcionais, a obrigação de conhecer a sua personalidade física e mental não se apresenta como um truismo pedagógico, mas se impõe como uma necessidade imperiosa.

O reajustamento da conduta dessas crianças em relação às coisas e às pessoas pode ser conseguido com certo êxito quando se tornam conhecidos o estado biológico do seu organismo, suas tendências, suas capacidades físicas e psíquicas, assim como o mecanismo exato do seu funcionamento.

Se a antropologia, com seus ramos endocrinológico e axonológico, fornece métodos objetivos para o estudo da constituição e do crescimento, se a medicina possui uma série de processos metódicos para o exame dos diversos órgãos e do estado geral da saúde, a psicologia ainda se acha mal-aparelhada no que diz respeito ao estudo do comportamento individual. Pode ser pesquisado com bastante exatidão grande número de aptidões especiais, tais como sensibilidade, motricidade, linguagem, memória, como ainda a forma, do pensamento, o nível do desenvolvimento intelectual, a psicologia geral, etc., mas são escassos os métodos que permitem um conhecimento sistemático do painel caracterológico, tão importante para a educação.

Existe, é verdade, quantidade de testes de caráter, e os laboratórios norte-americanos, principalmente, têm-se esforçado bastante nas pesquisas caracterológicas, mas as suas contribuições não passam de estudos isolados de um ou de outro aspecto parcial do assunto, sem a preocupação de abranger o comportamento no seu conjunto.

Talvez haja alguns que acreditam que a multiplicação dos testes, ditos de caráter, permitirão, no futuro, um conhecimento completo, bastando para isso reunir, numa soma algébrica, os resultados parciais de grande número de testes aplicados ao mesmo

indivíduo, e exprimi-los num perfil geral. Dará este método sem dúvida, alguma coisa de interessante, mas não passará de um mosaico mais ou menos curioso de caracteres, sem refletir, entretanto, o caráter individual na sua totalidade vital e dinâmica. A pessoa humana não é uma simples unidade, mas unidade na multiplicidade (*unitas multiplex*, de Stern); a totalidade da pessoa não é um todo rígido, mas é móvel, contendo potencialidades infinitas.

Tais como os testes de caráter se apresentam atualmente, pecam eles contra essência mesmo do assunto, e duas objeções graves podem ser formuladas a seu respeito: a primeira é não estudar o indivíduo em suas situações naturais, na realidade em que vive; a segunda é não estudá-lo na continuidade do seu comportamento e, sim — esporadicamente, apenas. Ora, o caráter é antes de tudo uma entidade psicológica, cuja característica é coordenar as tendências instintivas, revelando a constância dessa coordenação num campo suficientemente variado de manifestações e num período assaz prolongado. Sem essas duas condições, o resultado da experiência sempre deverá ser suspeitado como uma resposta fortuita e não característica do indivíduo.

Não estimulado pelas necessidades reais, o indivíduo testado não se manifesta com a sua personalidade inteira, mas reage quase sempre de uma maneira parcial. Aquiescendo às solicitações que lhe impõe o experimentador, o indivíduo geralmente toma uma ou outra atitude que lhe pareça mais de acordo com a situação artificial em que se acha. A sua conduta dependerá grandemente da personalidade do experimentador e será, mais ou menos, fraca ou hipócrita, mais ou menos esforçada ou desleixada. Tratando-se de um paciente inteligente, sua perspicácia lhe ditará a resposta que dele "exige" o experimentador. Assim é que dos indivíduos menos escrupulosos na vida obtém-se um perfil caracterológico mais perfeito quanto à moralidade e controle afetivo. A situação artificial do teste, reage ele com uma conduta também artificial, particularmente controlada.

Não sendo repetidos, os testes de caráter atualmente em uso não dão oportunidade de verificar a fidelidade da resposta e a constância de suas reações. Sabemos quanto é variado o resultado dos testes, mesmo daqueles aspectos que são os mais estáveis, como a sensibilidade, a memória, a inteligência, a psicotropia, etc. Tratando-se de condutas mais relacionadas com as tendências instintivas, a afetividade, o esforço necessário para uma necessidade real, elas se apresentam extremamente inconstantes, e o grau de sua estabilidade ou instabilidade é justamente o que tem mais importância na compreensão do caráter individual.

Assim é que, se os testes de caráter poderão, talvez, quando aperfeiçoados, fornecer ao educador alguns resultados interessantes, darão mais vezes informações episódicas e de detalhes que um conhecimento essencial e seguro, isto é, característico de cada um de seus alunos.

Resta à psicologia o método de observação. Tendo a seu favor a naturalidade com que se manifesta o indivíduo e a continuidade da conduta, pela possibilidade de repetir as observações durante o tempo necessário para se concluir que esta ou outra forma de conduta é realmente própria ao indivíduo, carece o método da observação comum de precisão, pois são complexas demais as situações em que se manifesta o observado e dificilmente podem ser isolados os elementos que constituem o reativo mais decisivo.

É difícil, senão impossível, ter-se uma apreciação objetiva da conduta individual. Essa só poderá ser feita objetivamente quando forem possíveis comparações de condutas de muitos indivíduos, reveladas em frente das mesmas situações, constituindo no seu conjunto um padrão definido. Também a observação comum dificulta o estudo pela passividade em que se acha o experimentador; não podendo provocar intencionalmente os fatos que o interessam, torna-se vítima da sua passividade; longo tempo às vezes se passa sem que tais oportunidades se apresentem espontaneamente.

A EXPERIMENTAÇÃO NATURAL II

Os defeitos do método experimental (dos laboratórios e dos testes), assim como os defeitos da observação comum, de um lado, do outro as vantagens do primeiro (possibilidades de provocar a precisão de avaliação) e do segundo (naturalidade da situação e continuidade da observação) devem ser tomados em conta na elaboração de um método apropriado ao estudo psicológico do caráter.

É o que vemos precisamente no trabalho de Lazurski (1), psiquiatra e psicólogo russo (falecido em 1971), quando preconizou o seu método ao qual deu a denominação de Experimentação Natural.

Esse método elabora-se da seguinte maneira: entre as atividades de um ambiente real determinado, escolhem-se alguns comportamentos que fornecem bastante variedade e riqueza de manifestações caracterológicas. Num estudo minucioso desses comportamentos estabelece-se um quadro relativamente completo de todas as atividades possíveis, descritas de modo concreto. Conhecido esse quadro, observam-se nele as reações individuais de um número suficiente de pessoas anteriormente conhecidas através de observações, exames e testes de toda a espécie. A cada reação típica atribui-se uma significação caracterológica; segundo a intensidade da manifestação, avalia-se o grau mais ou menos intenso da reação psicológica.

O quadro de atividades reais, com sua tradução em equivalentes psicológicos, avaliados em três ou cinco graus de intensidade, pode servir doravante de reativo conhecido para a observação da conduta de novos indivíduos.

Lazurski, tendo elaborado seu método no ambiente escolar, através das atividades escolares comuns, exprimiu-se assim: "Experimentamos com as formas naturais do ambiente externo. Estudamos o indivíduo pela vida mesma, e a criança pelos objetos do ensino escolar." Em colaboração numerosa com mestres e professores, estudou Lazurski minuciosamente todas as matérias

escolares, publicando monografias pormenorizadas e psicologicamente analisadas da maneira indicada para cada matéria do curso primário: aulas de Língua Pátria, Aritmética, História Natural, ginástica e jogos, desenho e trabalhos manuais. Em cada matéria foram salientados os exercícios mais significativos do ponto de vista psicológico.

Como muitos exercícios de diversas matérias revelam os mesmos caracteres, procederam os pesquisadores do novo método a um selecionamento, entre todos os exercícios escolares, daqueles que mais riquezas e segurança demonstravam no estudo da personalidade da criança, chegando a fixar um mínimo de nove exercícios, a saber:

1. Memorização de uma poesia.
2. Composição sobre três palavras dadas.
3. Descrição de um objeto.
4. Solução de um problema de aritmética.
5. Análise de uma pequena experiência de física.
6. Desenho de um modelo, do natural, imaginando depois um ambiente apropriado.
7. Leitura e análise de um texto.
8. Alguns exercícios de ginástica e jogo ao ar livre.
9. Confecção de um quadro de papelão.

Esse material escolar, devidamente colhido entre os alunos e analisado psicologicamente, deu a Lazurski a oportunidade de conhecer a personalidade da criança, em relação às seguintes características mentais:

I Movimento

- 1 — quantidade de movimentos
- 2 — coordenação
- 3 — força muscular

II Sentimentos

- 1 — emotividade externa
- 2 — força do sentimento
- 3 — controle pessoal
- 4 — sentimento estético

III Imaginação

- 1 — imaginação criadora concreta, sua originalidade
- 2 — imaginação criadora verbal
- 3 — riqueza de imaginação

IV Percepção e memória

- 1 — observação
- 2 — fixação
- 3 — conservação

V Pensamento

- 1 — compreensão dos fenômenos naturais
- 2 — compreensão das relações sociais
- 3 — lógica

VI Vontade

- 1 — presença de idéias diretrizes no pensamento
- 2 — sistematização de atos complicados
- 3 — atenção

Tendo sido possível a avaliação das respostas numa escala de três graus, conseguiu Lazurski representar o estudo de cada criança em perfis-estrelas individuais, ilustrando concretamente os lados mais ou menos salientes ou deficientes de cada uma.

Essa experimentação natural pode ser aplicada em qualquer ambiente: o método impõe-se principalmente onde se tem necessidade de conhecer de perto, por uma ou outra razão, o pessoal que nele se encontra. Assim, o método torna-se um auxiliar precioso nos estabelecimentos para psicopatas, onde é conhecida a dificuldade de se aplicarem os processos da psicologia experimental e onde a necessidade de um conhecimento caracterológico exato é da maior importância para o diagnóstico e o tratamento. Também será ele de real utilidade numa penitenciária, para o estudo exato dos delinqüentes, tanto para o diagnóstico como para o controle dos efeitos de uma atenção racional visando à sua recuperação.

Numa grande empresa industrial, onde há toda vantagem em aproveitar da maneira mais feliz as capacidades intelectuais e morais de cada um dos empregados, colocando-os em ofícios mais apropriados, também a observação metódica e a experimentação natural poderão ser utilmente aplicadas.

Esse é o método por excelência nas casas de assistência aos menores, onde a máxima preocupação é o reajustamento da conduta dos menores desamparados e delinquentes e a formação de seu caráter social e moral.

A experimentação natural no gênero da de Lazurski, que eu saiba, tem sido pouco empregada até agora. Conheço apenas dois trabalhos no gênero, ambos em serviços de psiquiatria: um da autoria dos drs. Ballet e Genil Perrin, na revista *Encephale* (fev/1914) sobre o "Exame clínico do fundo mental dos dementes", outro do dr. Crocq, no *Jornal de Neurologia e Psiquiatria* (1924), continuando o método sugerido pelos autores anteriormente citados. As manifestações naturais dos doentes, colhidas através do contato comum com os médicos, durante a consulta e a visita clínica, deram margem ao estabelecimento de um quadro de reações relativas às seguintes rubricas: 1. Afetividade, 2. Atenção, 3. Memória, 4. Perversões intelectuais, 5. Sentido moral.

Lembro-me de ter visto, numa revista norte-americana de psiquiatria, um trabalho semelhante, mais pormenorizado ainda que os citados. Não me ocorre, infelizmente, nomes do autor nem da revista. Fora dessas publicações e algumas outras que os discípulos de Lazurski levaram a efeito, após a morte do autor, na Rússia, não conhecemos coisa alguma nesse sentido.

Nós mesmos experimentamos o método na *Maison des Petits*, em Genebra, estudando demoradamente as crianças dessa casa de educação pré-escolar através dos trabalhos manuais variados.

Ficamos satisfeitos com os resultados, pois os trabalhos manuais ofereceram preciosos meios para ampla revelação da personalidade dos pequenos trabalhadores, podendo ser estudados com bastante exatidão e objetividade os variados aspectos da personalidade.

Foram os seguintes os caracteres que o estudo, feito em colaboração com dois alunos do Instituto J. J. Rousseau, de Genebra, permitiu fixar com maior nitidez através dos trabalhos manuais comuns empregados para crianças entre 6 a 8 anos (tecelagem, marcenaria, modelagem, costura e bordados, desenho nos cadernos e pintura, etc.)

1. Interesse pelo trabalho maquinal
2. Interesse pelo trabalho complexo
3. Preocupação com a precisão
4. Preocupação com a ordem

5. Espírito de economia
6. Prudência
7. Perseverança
8. Esforço voluntário
9. Energia
10. Resistência à fadiga
11. Força muscular
12. Rapidez dos movimentos
13. Coordenação visomotora
14. Habilidade manual geral
15. Capacidade de aprender
16. Memória
17. Observação
18. Compreensão
19. Invenção
20. Concepção de um plano
21. Independência
22. Egocentrismo
23. Emotividade
24. Sociabilidade
25. Altruismo
26. Sentimento estético
27. Honestidade.

Em todas as modalidades do trabalho bem-descritas e bem-conhecidas as reações individuais a cada uma de um grupo de 20 crianças mais ou menos, não foi difícil traçar para cada uma seu perfil psicológico avaliado numa escala de 5 graus. É curioso ver as notáveis diferenças entre crianças pequenas, no que diz respeito ao caráter psíquico tão concretamente revelado nestas estrelas do perfil caracterológico. Esse método, aplicado a crianças de diversas idades, não só permitirá estudo interessantíssimo da tipologia infantil como ainda fornecerá elementos valiosos para a gênese do caráter, problema ainda tão pouco estudado e tão mal conhecido.

Sublinhando mais uma vez as vantagens da experimentação natural, devemos frisar que somente pesquisas pacientes no ambiente natural é que poderão dar, no futuro, uma ciência do caráter, e determinar, entre as inúmeras funções psicológicas, aquelas que caracterizam de maneira mais significativa as diferenças individuais.

As construções dedutivas, por mais interessantes que sejam, numa poderão constituir as bases reais de uma caracterologia científica, mas fornecerão apenas uma interpretação subjetiva e arbitrária.

O ser humano, movido pelas tendências instintivas e capacidades, vive no meio das coisas, das pessoas e das idéias. Estudando-o mais objetivamente no seu ambiente real, chegarão, certamente, os caracterólogos a se entenderem uns com os outros a fim de enriquecer a psicologia e fornecer aos diversos campos da psicologia aplicada luzes indispensáveis à melhor compreensão dos homens, para uma educação melhor e um aproveitamento mais eficiente de sua personalidade.

O MÉTODO DA EXPERIMENTAÇÃO NATURAL NO INSTITUTO PESTALOZZI

O conhecimento amplo e mais exato possível dos alunos desse estabelecimento é a base de todo o trabalho pedagógico. Que educar? Como educar? Até aonde pode ser levada a formação desses seres deficientes, retardados, desequilibrados, perturbados? — são questões que podem ser resolvidas depois de ter estudado minuciosamente essas crianças, a sua estrutura e o seu funcionamento biopsíquico. Não há duas crianças entre a centena de matriculadas que se apresentem harmoniosamente constituídas; cada uma tem seu próprio defeito, combinado com grau maior ou menor de desenvolvimento intelectual, desde o idiota bastante rudimentar até o indivíduo excepcionalmente bem-dotado. Cada um representa um *universo sui generis*, que se move pelas suas próprias leis, no meio de uma constelação de elementos endo/exopsíquicos fortemente individuais.

Os excitados e os imóveis, os indivíduos cheios de apetites e de desejos, ao lado daqueles que nada desejam, os retardados inocentes e os pervertidos por influências ancestrais ou do meio, aqueles que tudo aceitam sem discriminação e os que tudo negam — que variedade de aspectos humanos, de formas de vida, de tipos, de níveis se apresentam ao educador, chamado a auxiliar cada um deles, a preparar-lhe a vida no seio dessa sociedade a cuja adaptação se torna hoje tão difícil.

A tarefa do mestre é de tal complexidade que ele se sente completamente desorientado quando, ao deixar a escola comum e os alunos normais, vem, aplicando seus métodos rotineiros, agir no meio destes seres excepcionais. Como ensinar as matérias escolares quando as crianças não sabem ouvir, nem olhar, nem falar, nem compreender as coisas mais elementares, nem trabalhar, nem reagir aos estímulos comuns da vida infantil? Como despertar neles os interesses naturais da idade? Como sublimar as tendências que, em algumas, são dirigidas para objetivos ilícitos? E como captar suas energias para fins construtivos? Devemos confessar que o problema é um verdadeiro quebra-cabeças, e que somente um trabalho experimental de longa duração e de uma dedicação infinita poderá trazer esclarecimentos suficientes para não se andar às escuras e não se tatear sem direção.

Ao lado de exames clínicos minuciosos, exames de laboratório, bioquímico, de mensurações antropométricas periódicas, e polimétricas de testes de inteligência, verbal e prática, do estudo de aptidões especiais e de psicodiagnóstico geral — voltamos nossas vistas para os métodos mais naturais, de observação metódica, durante as variadas atividades do Instituto Pestalozzi, a fim de chegarmos mais tarde à elaboração de um método *sui generis*, de experimentação natural, capaz de preencher as lacunas de outros visando a uma interpretação segura de cada um dos diversos tipos de crianças.

Da observação metódica e de experimentação natural esperamos obter também sugestões para a elaboração de processos educativos mais eficientes e econômicos da pedagogia especial.

Foram alvo de atenção particular as diversas formas de trabalho manual realizado no Instituto Pestalozzi. Chegamos a considerá-lo como matéria educativa de primeira grandeza. Encaramos o trabalho manual não somente como um meio de ensinar aos nossos alunos técnicas úteis para a sua vida adulta, mas como uma fonte de revelações para o seu conhecimento mais profundo, além de ser um auxiliar poderoso para a sua formação intelectual, social e moral.

Desde 1935, isto é, desde o início do funcionamento do Instituto como externato para criança excepcionais de Belo Horizonte, elaboramos o nosso programa de atividades educativas, incluindo nelas, ao lado da didática das matérias escolares e da educação especial das funções mentais, através dos processos especiais de ortopedia mental e do uso sistemático do material didático

apropriado, de Montessori, Vilas Boas, Asen, etc., ainda o ramo particular do trabalho. Nesse último, além do ensino comum de trabalhos manuais e do ensino técnico-profissional das oficinas (sapataria, marcenaria, encadernação), concedemos um papel de destaque ao *trabalho doméstico*. Isso resultou de uma necessidade, pois o IP não contava, entre seu pessoal, nenhum servente para a limpeza da casa e outros serviços caseiros.

Empregamos nesse serviço de limpeza os meninos, entre 10/18 anos, internos do Abrigo de Menores Afonso de Moraes, que, em número de 30/40, passavam o dia no Instituto fazendo aí o curso escolar e técnico.

Como este serviço se fazia, no conjunto, com bastante êxito, era justo que os meninos fossem remunerados pelos seus esforços. Recebiam, em cada semana de trabalho, uma modesta remuneração. No início todos recebiam a mesma quantia de 1\$000, que se ia anotando nas cadernetas do Banco do Instituto, e que seus portadores podiam gastar na compra de objetos à venda na própria loja do Instituto (material escolar, frutas, doces, etc.)

Notavam-se no trabalho doméstico de cerca de 30 meninos (cada semana escalavam-se 10/12) diferenças bastante grandes, o que era de se esperar, pois variavam em idade, em robustez, em inteligência, em habilidade manual, no trato social, na índole, etc. Nem todos faziam o trabalho com a mesma rapidez e eficiência. Enquanto uns se esforçavam honestamente, outros passavam o tempo a tagarelar ou brincar. A remuneração igual para todos não se apresentava com a devida justiça. Surgiu então o problema de um controle objetivo de eficiência do trabalho destes meninos. Foi mais bem-delimitada a função de cada um. No início de cada semana, a nova turma recebia da professora encarregada da vigilância da limpeza as instruções necessárias e eram fixadas também, de comum acordo com os meninos, as obrigações de cada um.

Aos sábados reunia-se toda a turma com a diretora e, na presença dos outros meninos, passava-se em revista a eficiência do trabalho de cada um. Notavam-se as falhas no trabalho de uns assim como ficava bem patente a boa qualidade do trabalho de outros. A remuneração começou também a diferenciar-se: recebiam dez tostões por um trabalho regular, aumentando a quantia quando o trabalho era feito com perfeição e diminuindo quando era imperfeito. Geralmente os meninos concordavam com o veredito do grupo, podendo argumentar contra quando injustamente prejudicados em seus direitos.

A análise do trabalho da semana tornou-se uma parte importante da pedagogia da casa. Nessas reuniões a diretoria procurava mostrar aos meninos negligentes a razão do trabalho defeituoso assim como as razões do trabalho perfeito, formulando-se as críticas em termos. Tornavam-se cada vez mais sutis as suas observações e chamando a criança para análise do seu comportamento mostrava que é o caráter o maior responsável pelo êxito ou pelo fracasso no trabalho.

Pouco a pouco foram introduzidas as fichas individuais do trabalho, formuladas em termos psicológicos acessíveis à compreensão dos meninos, como por exemplo, rapidez do trabalho, cuidado com o material, responsabilidade, iniciativa, bom humor, etc. Cada menino recebia no sábado a nota para cada uma das características reveladas no trabalho durante a semana e a nota média do conjunto. Esta nota serviu como critério para a remuneração, recebendo um mil réis aquele que obtivesse a nota 5,800 réis para a nota 4 e 500 réis para a média 3 nada recebendo a nota abaixo de 3. Quando o menino revelava algo de particularmente valioso no seu modo de fazer a limpeza, inventando por exemplo, como se deu uma vez, um esfregador que chegou a fabricar espontaneamente com tábuas e panos velho, essa sua iniciativa era particularmente elogiada, porque prestava um real serviço à coletividade: a sua nota subia também a um grau extraordinário (8/10) e, paralelamente, seu salário subia a 1\$500 ou 2 mil-réis. Quando a nota média era baixa, o menino tinha a possibilidade de comprovar com exatidão o que lhe faltava para fazer bem o trabalho e porque recebia menos que anteriormente, ou menos que os outros. As crianças, muito sensíveis a essa espécie de avaliação por serem, geralmente, muito utilitaristas, compreendiam melhor o que deles se esperava no sentido de se tornarem bons trabalhadores, e melhoravam rapidamente não só seus hábitos técnicos, mas ainda o seu modo de proceder geral. Assim, compreenderam que o trabalho devia ser feito com alegria e desapareceram os resmungadores; verificaram que o trabalho devia ser feito em boa camaradagem, e diminuíram as brigas e desentendimentos. Ficou particularmente patenteada a capacidade de liderança no grupo de trabalhadores, responsabilizando-se cada vez o mais capaz no conjunto dos "limpadores". Formaram-se entre eles verdadeiros líderes, com rendimento cada vez maior quanto à cooperação e disciplina.

As fichas do trabalho serviam, assim, para mais de uma finalidade: orientavam os professores e os próprios alunos no melhor conhecimento de cada um, serviam de critério objetivo para a remuneração e também guiavam os meninos no aperfeiçoamento de suas habilidades e do seu caráter.

Processo idêntico foi aplicado a todas as formas de trabalho: os variados trabalhos manuais na classe e nas oficinas foram elaborados para todos os alunos do Instituto. Todo o trabalho foi estudado do ponto de vista de seu acabamento técnico, numa graduação progressiva das dificuldades, evidenciando-se neles não só traços de caráter, como os equivalentes psicológicos indispensáveis à boa execução de cada tipo de trabalho.

Publicado no Boletim n.º 20 — *Infância Excepcional*, Ed. SP/Belo Horizonte e na Revista Brasileira de Saúde Mental (1958). Colaboradores: Francisca Ottoni e Cora Duarte.

Nota 1 — O trabalho de Lauzurski, publicado em russo, foi divulgado por um dos autores desse artigo, na revista pedagógica *L'Éducateur* (out. 1925) Estado da Personalidade pelo Método Luzurski, assim como na *Nouvelle Education*.

O PROBLEMA DOS EGRESSOS DE ESTABELECIMENTOS PARA A INFÂNCIA EXCEPCIONAL

Contribuição ao III Seminário sobre a Infância
Excepcional. S. Paulo, 1953

Por Helena Antipoff

A situação da juventude egressa dos estabelecimentos para menores excepcionais, hoje agravada pela crise econômica do País e a desmoralização dos usos e costumes, sistematicamente influenciada pela ação dissolvente do cinema, de revistas juvenis, e da imprensa cotidiana que se apraz na divulgação de delitos e monstrosidades com pormenores técnicos de uma verdadeira didática do crime, exige por parte de educadores medidas inadiáveis a fim de reservar essa juventude da miséria material e moral para a qual fatalmente se encaminha.

Considerando a natureza intrínseca e os fatores mesológicos que levaram-na, na infância e adolescência, à matrícula nos estabelecimentos para deficientes desajustados e transviados considerando que muitos desses estabelecimentos não respondem de modo algum ainda aos critérios de pedagogia emendativa, — facilmente chega-se à conclusão de que a *grande maioria dos egressos, na idade de 12 anos, não apresenta a maturidade social, nem possui o preparo necessário para enfrentar normalmente a vida independente do adulto e os requisitos do trabalho profissional regular.*

É propósito firme dos seminários sobre infância excepcional elaborar normas para o bom funcionamento de estabelecimentos para essa infância em ambientes propícios e promover a formação do pessoal selecionado e especializado nos métodos pedagógicos que se enquadram nos princípios da educação funcional.

O problema do egresso não surge no momento preciso de seu desligamento da instituição, constitui ele nada mais que o vínculo final do sistema educativo a que foi submetido, durante longos anos, a criança internada. O valor da instituição

reside precisamente na maneira, como ela, no decorrer do tempo, contruibui a transformar uma criança em um ser amadurecido e menos dependente possível. O problema do egresso acha-se assim na dependência da ação complexa, médico-pedagógica e social que desenvolvem os estabelecimentos para menores a fim de integrá-los progressivamente na vida construtiva da coletividade.

Muitos estabelecimentos para menores do sexo masculino consideram sua obrigação para com eles perfeitamente realizada quando, atingindo a idade de 18 anos, o jovem, sentando praça, nas fileiras do exército ou da marinha, entre como simples recruta, não qualificado em qualquer espécie de atividades profissionais. Aponta o esclarecido estudioso argentino, Dr. Arenaza, as graves inconveniências resultantes desse modo, em que um regime sem liberdade e preparo profissional, o do educandário, se substitui por outro, no qual se agravam esses inconvenientes, perdurando os efeitos de uma educação incompleta.

Os males semelhantes evidenciam-se para com as moças que saem dos estabelecimentos para serem colocadas no emprego como simples domésticas ou operárias não qualificadas, enfrentando de uma só feita a vida livre do adulto.

O problema do egresso, complexo na multiplicidade de aspectos que representa, abrange a fase preparatória e a definitiva: a primeira cristaliza-se ainda no estabelecimento, num período de um ano, pelo menos, antes de seu desligamento; denominaremos essa fase de pré-egresso; a segunda, a do egresso propriamente dito, estende-se num período mínimo, também, de um ano, após seu desligamento.

Durante dois anos pelo menos os alunos e ex-alunos de estabelecimentos seriam alvo de uma atenção especial em vista de sua integração progressiva na sociedade, exigindo essa integração uma série de medidas, dentro e fora do estabelecimento, entre as quais destacamos às seguintes:

Estágios Pré-Egressos

A — Estudo sistemático do pré-egresso sob o ponto de vista físico, mental e social e sua orientação vital e vocacional de acordo com o nível intelectual, a personalidade e aptidões, bem como seu preparo escolar e técnico. Remate desse preparo a fim de não o deixar sair sem um mínimo de conhecimen-

tos ou habilidades, condizentes com seu desenvolvimento psíquico, o estado sensório-motor e a saúde: orientação especial em assuntos de higiene mental.

B — Estágio probatório em lares, ditos de semiliberdade, anexo ao estabelecimento ou fora dele, durante um período suficiente para habituar o pré-egresso ao uso de sua liberdade em atividades econômicas e sociais, sob vigilância discreta de educadores e assistentes sociais, de preferência.

C — Estudo da família do pré-egresso e dos recursos econômicos e sociais que ela pode lhe proporcionar na ocasião de sua volta ao lar próprio. Orientação da família na compreensão das necessidades e possibilidades do filho e dos deveres da família para com ele, em continuação da obra educativa realizada no estabelecimento.

D — Seleção e orientação de lares familiares para órfãos ou cujas famílias não estejam à altura de recebê-los, na ocasião de seu desligamento na instituição.

E — Seleção de aprendizagem e empregos próprios a garantir aos pré-egressos e egressos ocupações lucrativas, em ambientes adequados. Orientação dos empregadores no sentido de melhor compreensão e acolhimento dos trabalhadores novos, provenientes dos estabelecimentos para excepcionais.

F — Procura de lazeres organizados que sirvam de estímulo ao desenvolvimento cultural dos egressos e de uma recreação sadia que os afaste das más companhias e de passatempos dissolutos, na sociedade.

O plano esboçado, com seu amplo programa de assistência ao jovem ainda dentro do estabelecimento, na sua saída e permanência fora do mesmo, requer um conjunto de esforços repartidos entre várias entidades, prontos a colaborar no melhor ajustamento possível dos alunos excepcionais nessas fases importantes de sua existência.

Sem pretender esgotar os recursos, indicaremos alguns que se nos afiguram como plausíveis para o meio brasileiro, esse ainda com suas formas incipientes de serviço social organizado, e que viriam colaborar com as obras do amparo a menores, como iniciativas privadas, em estreito contato com os estabelecimentos para menores excepcionais.

1 — Associação de pais e educadores de menores excepcionais e desajustados. Cientes da grande dificuldade de se conseguir uma colaboração entre o lar familiar e o educandário,

precisam insistir sobre sua importância, a fim de que a fase preparatória ao egresso tenha maiores probabilidades possíveis de êxito, com a responsabilidade de ambos os lados, no futuro do educando.

2 — Associação de amigos dos alunos de estabelecimentos para excepcionais. Constituída por um grupo local de pessoas abnegadas e dinâmicas, prestaria auxílio aos adolescentes necessitados em vestuário, calçado, livros, ferramentas, sob forma de presentes para os aniversários, na ocasião de festas de Natal, etc. Essas pessoas ofereceriam acolhimento em casa de família aos menores sem família, nos dias da saída, nas férias de verão, etc. Na época precedente ao desligamento do jovem, auxiliariam na procura do emprego, da pensão familiar para sua hospedagem; acompanhariam o jovem em seus primeiros passos na vida dando-lhe uma assistência amigável e tal que o jovem possa, confiante, recorrer a ela, porém sem parasitismo abusivo. (Lembrar a função de madrinhas durante a primeira guerra européia, e, mais ligado ao assunto, dos "Big Brothers" nos Estados Unidos).

3 — Associação de ex-alunos do estabelecimento (para infância excepcional), um órgão que estimularia o auxílio mútuo, a vida social e iniciativas em prol de seus membros, em relação ao trabalho, recreação, moradia, etc.; dias consagrados à visita anual do estabelecimento pelos ex-alunos, costume que o próprio educandário teria todo interesse de incentivar, facilitando o transporte, festivais comemorativos da data da fundação, partidas esportivas e outros atrativos que aumentem a frequência e o encontro dos antigos companheiros da casa.

4 — Corporação Artesanal (Setor de Higiene Mental) — Caberia a esse órgão a criação e fomento de ocupações artesanais, particularmente indicadas para os egressos de estabelecimentos para excepcionais que, segundo inclinações e aptidões, poderiam encontrar, na variedade de artes regionais, as mais adequadas para diversas categorias de seus clientes, garantindo-lhes em oficinas simples de pouco dispêndio aparelhamento e aprendizagem continuada e lucros materiais dentro de um regime cooperativista.

5 — Enfim, devemos focalizar com peculiar ênfase a necessidade de ser criado o Setor de Alunos Egressos de Estabelecimentos no seio da Federação Brasileira de Associações de Assistência à Infância Excepcional, que surgirá desse terceiro Seminário, com estatutos aprovados, e lançado um plano concreto para seu funcionamento ainda no corrente ano.

Caberá ao Setor de egressos fazer sobre a situação dos ex-alunos: examinar as obras existentes e promover as que se fizerem necessárias para a integração progressiva dos egressos na sociedade, sob o amparo médico-social e econômico dessa.

O Setor desenvolveria seus trabalhos no âmbito federal, estadual e municipal, com o aproveitamento de todas as iniciativas públicas e particulares, e com a discriminação de tipos de jovens egressos segundo as categorias de deficiências e distúrbios físicos e psíquicos que, pela própria natureza do excepcional, não podem ser eliminados, mas que a educação e a assistência racional neutralizam no ajustamento do indivíduo às normas da coletividade.

Belo Horizonte, setembro de 1953.

Helena Antipoff

Extraído do Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil

BOLETIM n.º 25 — Rio 1952

IN MEMORIAM

Naitres Maria de Resende

Senhores,

A reunião preliminar do 2.º Seminário sobre Infância Excepcional que ora se realiza com o comparecimento de muitos amigos velhos da Sociedade Pestalozzi e de muitos novos, desejosos, como aqueles, de servir à infância e aos que necessitam de sua assistência especial, inicia sua sessão com a homenagem póstuma àquela que poucas semanas antes ainda trabalhava em prol dessa infância.

Naitres Maria de Resende, amiga desaparecida, surge em nossa mente como um símbolo de educadora.

No lar ou na escola, encontrando seres infantis, imaturos para sua idade ou empecados, Naitres assumia, delicadamente e sem mínimo pedantismo, o papel de irmã mais velha, de amiga solícita, de mestra compreensiva, capaz de levar o mais rebelde caso a uma solução quase sempre satisfatória.

Raras qualidades de inteligência, bondade e força moral reunia Naitres em sua pessoa, desde cedo. Na ânsia de saber e compreender realmente as coisas, fugindo do fácil e do trivial, procurava em sua inteligência a resposta verdadeira para agir acertadamente. No laboratório de Psicologia da antiga Escola de Aperfeiçoamento, onde vigorava a pesquisa, Naitres se revelava como psicóloga sutil. Enquanto seus companheiros de trabalho já se viam com o problema resolvido, sua intuição descobria mais uma sombra, obrigando-a a adiar o parecer final com pesquisas suplementares. Era a consciência viva, a probidade em pessoa, fazendo com que muitas experiências de laboratório ficassem *dormindo* nas pastas já repletas de dados, porém ainda insuficientes para deles tirar conclusões deveras significativas como nos estudos sobre a inteligência em testes múltiplos, aplicados...

Aos excepcionais, crianças retardadas, com distúrbios motores ou da palavra, aos surdos-mudos, aos adolescentes-problema, Naitres dedicou tocantes cuidados e boa dose de coragem: foi ela quem assumiu a direção de uma classe de excepcionais em 1934, junto à Escola de Aperfeiçoamento, quando outros educadores, prevendo as lutas inglórias com crianças extremamente difíceis, fugiam da responsabilidade. Foram grandes as torturas pedagógicas das primeiras semanas, mas, a custo de esforços perseverantes, de material didático e de processos engenhosos especialmente elaborados e de novas atitudes para com a criança assumidas, o caos se foi dissipando ao ponto de constituir a classe no fim do ano letivo um ambiente bastante harmonioso, dentro dos princípios de uma escola ativa, orientada para a vida e necessidades da criança.

Quase autodidata em matéria de reeducação dos mudos, soube Naitres alcançar resultados surpreendentes na demutização dos surdos, no ensino da leitura e demais técnicas escolares.

Um ou outro caso rebarbativo aos seus ensinamentos e métodos pedagógicos, Naitres considerava ainda como capaz de progresso, porém fora de seu alcance, confessando sempre a incapacidade do educador e não do aluno.

Mantinha intercâmbio amistoso com os pais dos alunos difíceis.

Visitava os lares, e nos meses de férias auxiliava as crianças a continuar sem interrupção o trabalho iniciado.

A Sociedade Pestalozzi dedicou incansável labor, orientando o professorado. Com provas periódicas acompanhava o desenvolvimento e os lentos progressos obtidos por métodos especiais. Examinava crianças no Consultório Médico-Pedagógico. Inventava e aplicava exercícios de ortopedia mental, como consta de publicação feita conosco em um boletim já há muito esgotado. Já ultimamente preparava uma segunda parte constituída de grande messe de exercícios novos relativos ao treino do julgamento, do raciocínio e formação de idéias gerais.

Na qualidade de tesoureira da Sociedade Pestalozzi, desincumbia-se Naitres da difícil tarefa com admirável solicitude, não somente guardando o dinheiro ou pagando contas, com todo o escrúpulo, como até aumentando as rendas com a angariação de novos sócios e distribuição de publicações que por seu esforço chegaram a constituir uma pequena mas constante fonte de auxílios financeiros. Assim é que, em colaboração com o Dr. Arduino Bolívar, esse outro amigo recentemente falecido, traduziu

o trabalho clássico de Alice Descoedres. Na revisão das provas, passavam ambos longos serões, esmerando-se na procura de um termo que mais exatamente traduzisse o pensamento da educadora suíça.

Singela, pois, é a homenagem póstuma que nos cabe prestar a ambos esses prestimosos amigos, cuja dupla memória queremos associar no propósito em que estamos de reeditar-lhes a obra, de há muito já esgotada e constantemente reclamada, em que esses dois colaboradores envidaram seus imorredores esforços em prol da infância retardada no Brasil e seus educadores, facultando-lhes no vernáculo a grande obra de Alice Descoedres. Mais completa ainda se tornará essa nossa homenagem se fizermos constar da nova edição os retratos de ambos os homenageados, Naitres Maria de Rezende e Arduino Bolivar, esses fiéis amigos da Sociedade Pestalozzi e da infância excepcional.

Helena Antipoff

... a respeito da situação da indústria brasileira, a Comissão de Inquérito do Senado Federal, em seu Relatório de 1954, afirmou que a indústria brasileira, apesar de ter sofrido uma expansão considerável nos últimos anos, ainda se encontra em condições precárias, necessitando de medidas urgentes para sua recuperação e desenvolvimento. A Comissão recomendou a adoção de medidas que visassem à melhoria da infraestrutura industrial, à criação de incentivos fiscais e financeiros, e à promoção de pesquisas e desenvolvimento tecnológico.

Holger Arndt

... a respeito da situação da indústria brasileira, a Comissão de Inquérito do Senado Federal, em seu Relatório de 1954, afirmou que a indústria brasileira, apesar de ter sofrido uma expansão considerável nos últimos anos, ainda se encontra em condições precárias, necessitando de medidas urgentes para sua recuperação e desenvolvimento. A Comissão recomendou a adoção de medidas que visassem à melhoria da infraestrutura industrial, à criação de incentivos fiscais e financeiros, e à promoção de pesquisas e desenvolvimento tecnológico.

... a respeito da situação da indústria brasileira, a Comissão de Inquérito do Senado Federal, em seu Relatório de 1954, afirmou que a indústria brasileira, apesar de ter sofrido uma expansão considerável nos últimos anos, ainda se encontra em condições precárias, necessitando de medidas urgentes para sua recuperação e desenvolvimento. A Comissão recomendou a adoção de medidas que visassem à melhoria da infraestrutura industrial, à criação de incentivos fiscais e financeiros, e à promoção de pesquisas e desenvolvimento tecnológico.

... a respeito da situação da indústria brasileira, a Comissão de Inquérito do Senado Federal, em seu Relatório de 1954, afirmou que a indústria brasileira, apesar de ter sofrido uma expansão considerável nos últimos anos, ainda se encontra em condições precárias, necessitando de medidas urgentes para sua recuperação e desenvolvimento. A Comissão recomendou a adoção de medidas que visassem à melhoria da infraestrutura industrial, à criação de incentivos fiscais e financeiros, e à promoção de pesquisas e desenvolvimento tecnológico.

OS RETARDADOS MENTAIS

Helena Antipoff

O termo de retardados mentais — dos *arriérés* — foi introduzido por Alfred Binet, quando, solicitado pelo Ministério de Instrução Pública, na França, devia apresentar o projeto para funcionamento de classes primárias para anormais e critérios de seleção objetiva, no primeiro lustro do século XX.

O fenômeno do retardamento mental pode ser verificado no indivíduo durante o processo evolutivo de sua inteligência global e no fim do mesmo, quando adulto. Nesse caso, não apresentando mais progresso na assimilação de formas mais abstratas do pensamento, permanece o indivíduo estacionário num nível inferior ao que caracteriza comumente o desenvolvimento intelectual da massa de uma população a que pertence.

Considerou Binet o *retardamento* de DOIS ANOS para criança menor de 9 anos de idade real, de condições normais quanto à frequência à escola, e não atingida por qualquer espécie de deficiência sensorial ou de distúrbios de saúde, — como índice suficiente para suspeitar nela um atraso *extremamente grave* para o prognóstico de sua inteligência geral. Tratando-se de crianças maiores de 9 anos, o índice de atraso mental verificava-se a partir de TRÊS ANOS de diferença entre a idade mental e a idade da criança.

Binet tachava de *idiotia* o desenvolvimento-teto até 2-3 anos de idade mental, caracterizando-se o idiota pela incapacidade de se comunicar com as demais pessoas por meio da linguagem oral organizada; considerava *imbecilidade* quando, sendo a inteligência um caráter hereditário, ainda sofre ela o peso estigmatizante de doenças e taras que afetam o sistema nervoso e endócrino. As pesquisas realizadas entre nós, os documentos sobre clientes do Instituto Pestalozzi e do Hospital de Neuro-Psiquiatria Infantil de Belo Horizonte, conseguidos pelo dr. Tasso Ramos de Carvalho, revelam não menos de 75% de crianças cujos ascendentes sofrem desses males.

O meio social e econômico, por sua vez, reflete sua influência, verificando o dr. Mira Y Lopes haver 2½ vezes maior número de débeis mentais na parte inferior da escala sócio-econômica.

O grupo de débeis mentais, em seu conjunto, apresenta menores índices de vitalidade que os normais, na proporção do dobro, segundo Pitner, e cinco vezes mais, nos graus mais profundos (*idiotas*), muito mais propensos à contaminação e doenças.

Comparando o sono dos débeis mentais, constatou Terman a seguinte peculiaridade: enquanto nos primeiros anos de vida costumam dormir menos horas, em média, que os normais, a partir dos 13 anos, com a aproximação da eclosão da puberdade, o sono se torna mais prolongado.

Em seu aspecto *corporal*, excetuando-se os grupos evidentes de: a) mixedematosos; b) mongolóides; e c) microcéfalos, aos quais se podem acrescentar os — d) adipso-genitais pronunciados, — os débeis mentais relativamente pouca diferença apresentam no seu exterior físico. Acusam, no entanto, em conjunto, medidas antropométricas mais baixas, no peso, na estatura e em alguns diâmetros cefálicos. Medida no espirômetro a capacidade vital é igualmente mais baixa. O processo de ossificação no esqueleto é tardio. As pesquisas norte-americanas de Prescott (*Harvard University*) estabeleceram elevada correlação entre a idade mental, os QI e a idade anatômica, essa através do índice de ossificação do esqueleto da mão.

Já Binet demonstrou que os *sinais*, ditos de *degenerescência*, embora não tenham a significação que lhes atribuem Lombroso e sua escola, nos débeis mentais encontram-se com maior frequência que nos indivíduos normais de inteligência.

Os órgãos dos *sentidos* e seu funcionamento, sem apresentar déficit acentuado, segundo Doll, igualmente se revelam mais fracos que nos normais; o mesmo se dá em relação à motricidade. Nas provas psicomotoras, aplicadas por nós a crianças retardadas mentais da classe especial, dirigida por Alice Descoedres, em Genebra, verificamos um coeficiente positivo entre o grau de inteligência e os percentuais da psicomotricidade, o que nos normais geralmente não se observa.

Freqüentes dislalias e disartrias afetam a *linguagem* em sua fonética. Quanto às funções da linguagem, adotando a classificação de André Ombredanne, sofrem de progressiva insuficiência à medida que passam das formas primitivas (afetiva, lúcida e prática) para mais evoluídas (a representativa e dialética).

principalmente). Domina no débil mental e retardado a linguagem de *situação*. Sob a pressão da necessidade, impulsionado por uma forte motivação, ou movido por um interesse imediato, é capaz de formar frases e expressões verbais de um nível que seria incapaz de atingir quando não existia essa motivação.

Observamos em alguns débeis mentais, por exemplo, a incapacidade de repetir, a pedido, uma frase que acabam de pronunciar espontaneamente. Certos menores que consideramos serem mudos, em momentos de excitação e de interesse particularmente agudo surpreendem-nos com um vocabulário bastante desenvolvido a aloções corretas, quanto à articulação e construção de frases. Na falta da linguagem de *processo*, existe a de *situação*.

Predominam nos débeis mentais os *interesses* imediatos, pragmáticos, de utilidade pessoal. Os impulsos, manifestações instintivas, automatismos, expressões sentimentais e, de modo geral, a *vida afetiva* tem curso maior no psiquismo do débil mental que na criança normal, da mesma idade. Via de regra, demonstra atitudes pueris; procura, como a criança pequena, a aprovação do adulto para os seus atos; quando não é negativista, aprecia a dependência.

Em ambientes solícitos, revela boa sociabilidade e comporta-se de maneira moral, distinguindo-se, não rara vez, com traços tocantes de altruísmo e de bondade; amorosos, demonstram devotamento para com os companheiros, parentes e mestres.

Alguns chegam a assumir atitudes de líderes, chefes de turmas, no brinquedo ou no trabalho, são queridos e obedecidos pelos companheiros de menor idade, principalmente. Possuem, não rara vez, o sentido de justiça e são defensores dos fracos. Quando possuem qualidades de narrador, facilmente ocupam o centro de atenção e divertem com sua prosa, não raro matizada de *humor* natural. Alguns débeis mentais revelam uma intuição penetrante e surpreendem com o que poderíamos chamar de "clarividência". A jovialidade, freqüente neles, a bondade, o devotamento, capaz de culminar em sacrifício pessoal, tornam o débil mental educado um membro desejado na coletividade.

No *trabalho*, muitos demonstram um zelo modelar, digno de imitação. Trabalham com visível prazer e, estimulados com elogios e êxito, redobram os esforços. Sentem orgulho em verificar que podem ser úteis. Ao contrário, são deprimidos quando notam fracasso. "Sou besta mesmo", repetia com melancolia um pequeno retardado mental. São felizes no trabalho do campo, apreciam a natureza e suas belezas. Muitos são

particularmente aptos para lidar com criações que mansamente lhes obedecem, enquanto com outros menores, inteligentes, os animais ficam rebeldes e selvagens.

Não poucos débeis mentais possuem *aptidões artísticas*; dons para música, por exemplo. De ouvido, alguns *imbecis* chegam a tocar diversos instrumentos de corda, de sopro e de percussão, com bastante habilidade, ritmo e expressão, alegrando os companheiros e levando-os a dançar ou marchar ao som de seus instrumentos. Conheci um menino imbecil que tocava com perfeição a gaita. Nos passeios longos e cansativos, com sua inseparável gaita, levava a turma a se esquecer do cansaço, aliviada pelas músicas alegres e ritmadas que fazia ouvir, marchando à frente de todos. Na modelagem e cerâmica, certos débeis mentais revelam grandes aptidões. Vejamos este caso: um jovem de seus 16 anos repetiu muitos anos a primeira série escolar, com dificuldade, vencendo a aprendizagem da leitura, escrita e aritmética, com grandes esforços, mantendo-se na classe da 2.ª série primária. No entanto, na cerâmica, revela não só aptidões invejáveis mas uma forte expressão estética, resolvendo complicados problemas de espaço, a maneira de enformar as formas modeladas de argila, o cálculo do tempo da queima, a quantidade de lenha necessária para este ou aquele forno, etc., surpreendendo experimentados ceramistas com a precisão de seu julgamento técnico.

Voltando um olhar retrospectivo sobre a assistência proporcionada a diversos níveis de retardamento mental, notamos que foram os *idiotas* que receberam, do médico e do pedagogo, alguma atenção, a partir do século XVIII; com os trabalhos de Itard e Seguin, a assistência estendeu-se a grupos menos atrasados, no século XIX; e com os trabalhos de De Sanctis, Binet, Simon, Montessori, Decroly e Alice Descoeudres, a técnica pedagógica do ensino especial penetrou nas classes primárias para retardados, anexas aos grupos escolares ou em instituições próprias. Finalmente, no segundo quartel deste século, os norte-americanos realizaram valiosas pesquisas sobre adolescentes que, diplomados no curso primário em escolas comuns ou classes seletivas para retardados, lutam com dificuldades nos cursos secundários.

Não nos deteremos nas causas que geram a debilidade mental ou retardamento no desenvolvimento intelectual e que determinam as paradas nos níveis inferiores; o limite intelectual não ultrapassava o nível de 6-7 anos, o que podia ser ainda evidenciado pela incapacidade de aprender a ler e a se comunicar por meio de linguagem escrita; *atrasados* eram os que,

vencendo as dificuldades da aprendizagem escolar da leitura e escrita, desenvolviam progressos lentos até se defrontar, no processo evolutivo da inteligência, com novos obstáculos, especificados na maior abstração do pensamento e uso de símbolos. Apontava Binet a idade de 9 anos de idade mental como sendo característica para o desenvolvimento da faculdade de lidar com os números, ou aptidão aritmética, e que, exigindo do pensamento trabalho mental intenso com símbolos e operações matemáticas, novamente oferece um obstáculo ao progresso mental bem-evidenciado na prática escolar, para os alunos que desde aí demonstram pouco adiantamento, apesar dos esforços dos mestres e deles mesmos.

Na descoberta científica dessa face particularmente sensível ao progresso do pensamento, corroboram as excelentes e exaustivas pesquisas de Piaget e seus discípulos de Genebra. Penetrando os variados domínios da lógica das relações múltiplas, confirmam a importância do período entre 9 e 11 anos para a maturação do pensamento lógico.

As conquistas da técnica pedagógica nos Estados Unidos e o desenvolvimento da rede escolar adequada a cada grupo de alunos, de maior ou menor capacidade de aprendizagem, facilitam ao educador competente vencer os obstáculos até aproximadamente 1-13 anos de idade mental-teto.

Resumindo, podemos estabelecer o seguinte quadro de interdependência mental-escolar:

Idiotas — 0-2 anos — fora da escola, propriamente dita.

Imbecis — 3-7 anos — nível pré-escolar.

Retardados — 8-11 — nível primário atingido pela maioria nos primeiros degraus; poucos concluem o curso completo, alguns alcançam os graus elementares da escola secundária.

Limitados — 11-13 anos — adolescentes dos cursos secundários, alunos fracos que avançam com grandes dificuldades e esforços, raramente alcançando o término do curso completo de grau secundário.

Na vida doméstica, as meninas dos estabelecimentos para débeis mentais afirmam-se excelentes dona-de-casa, uma vez que se sintam responsáveis pela boa ordem, asseio, ornamentação do lar. Recebem visitas com amabilidade e desembaraço e procuram proporcionar momentos agradáveis, servindo habilmente à mesa, durante o lanche, ou organizando festinhas familiares, com números de canto e dança, em que algumas revelam aptidões especiais.

A corajosa reforma escolar norte-americana, admitindo no seio de suas *High Schools* alunos retardados, é amplamente debatida nos meios pedagógicos do grande país e em sessões de órgãos administrativos; essa conquista se afirma através das seguintes declarações:

1.ª — A escola secundária mostra-se desejava de receber alunos retardados (evitando assim a sua segregação), dando-lhes meios de estudar em seu próprio nível de desenvolvimento e segundo um plano especializado de instrução em termos de adaptação adequada às suas capacidades de progredir.

2.ª — Tanto quanto possível é dado ao aluno retardado sentir seu valor pessoal, para que os docentes e discentes da escola secundária o aceitem como membro válido do corpo de estudantes.

3.ª — O centro de gravidade coloca-se na aprendizagem prática, em contraste com o conhecimento teórico, baseando-a na experiência estritamente ligada à vida doméstica, saúde e higienização, civismo, atividades recreativas do lazer, associação com outras pessoas e mui particularmente tudo que visa ao trabalho profissional.

4.ª — Na seleção dos alunos retardados para ingresso em escolas secundárias é considerada de suma importância a maturidade física e social dos candidatos, mesmo atingidos por grandes deficiências intelectuais.

O *Office of Education*, em Washington, termina a publicação sobre ajustamentos curriculares para retardados mentais (*Curriculum adjustments for mentally retarded — A Guide for Elementary and Second Schools* — Washington 25 D. 1950) com as seguintes conclusões a respeito da experiência de alguns anos no país:

1) Nem todos os adolescentes com sérias deficiências intelectuais são débeis mentais. Muitos deles são socialmente competentes, até um certo grau, podendo, assim, auxiliados, tomar conta de seus próprios negócios, uma vez que lhes sejam dadas uma boa orientação e oportunidades educacionais.

2) A escola secundária começou a reconhecer a sua responsabilidade em servir toda a juventude.

3) O ajustamento curricular do curso secundário de quatro anos, e do seguinte (sênior), pode ser feito para um ou dois alunos (incluídos em classes comuns) ou para classes inteiras.

Esse ajustamento pode desenvolver as possibilidades dos jovens retardados, com o trabalho de outros professores, dentro da escola secundária, incumbindo-se esses da maior responsabilidade e aos quais possam ser dirigidos tais alunos.

4) Verificou-se a possibilidade da coordenação do trabalho de professores especializados em ensino aos retardados com os trabalhos de outros professores, dentro da escola secundária.

5) Nesses programas, o desenvolvimento físico e social dos alunos tem sido fator de maior consideração para a seleção. As oportunidades que se lhes oferecem na escola secundária ajudam-nos a melhor ajustamento social e vocacional na comunidade.

6) Somente quando todo adolescente retardado tiver oportunidade de realizar suas maiores possibilidades, pessoal, social e vocacionalmente, então se poderá dizer que as escolas encontraram meios de educar toda a juventude americana.

These statements have been made in the past and are being repeated here for the purpose of making a record of the same.

It is the policy of the Board to maintain the confidentiality of the information received from the public and to disclose such information only when it is necessary to do so in the interest of justice.

The Board has reviewed the information received from the public and has determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

The Board has also determined that it is necessary to disclose such information in order to maintain the integrity of the Board's proceedings.

J. S. Cardoso

OS RETARDADOS MENTAIS E O AMBIENTE ESCOLAR

Em estabelecimentos educacionais bem-dirigidos, o grupo de crianças retardadas se integra indistintivamente, ao meio de companheiros normais, no trabalho como no recreio, não rara vez se saindo com maiores vantagens que estes pela seriedade com que encaram a responsabilidade a eles confiada; a perseverança no esforço contínuo, a benevolência, a simplicidade com que tratam ingenuamente pequenos ou grandes na vida, tudo isso faz com que, aproximando-se do retrato dos "bem-aventurados", mereçam, na sociedade cristã, a justa atenção e o aproveitamento de seus dotes em benefício da coletividade.

A infelicidade dos retardados mentais surge como reação ao ambiente que não os quer ou não pode compreender, e os desajustamentos maiores são criados pelos *ambientes escolares*, principalmente. Embora a escola pública seja feita para todas as crianças do País a que pertencem, poucas ainda são as escolas que se ajustam à diversidade mental de seus alunos, sendo duas as categorias mais prejudicadas deste ponto: a de inteligência inferior e a de inteligência particularmente superior ao nível comum dos escolares. Nessas condições, a escola vem a ser um forte reativo no aparecimento, entre esses alunos incomuns, de condutas que se desviam para vadiagem, vícios, depressão mental (às vezes suicídios), rebeldias e agressividade delituosa para com os mestres, companheiros e, de modo geral, contra a sociedade.

O grupo de retardados constitui na escola um peso morto para a coletividade escolar: nulos no rendimento, repetindo anos a fio a mesma série escolar, ou com esforços desumanos se arrastando nas promoções com notas baixas, ingressam nas séries sucessivas do curso primário ou nos primeiros graus da escola secundária exaustos, irritadiços e sem a satisfação interna das necessidades verdadeiras de sua natureza intelectual deficitária.

Por que essa situação? Pela principal razão: a de que a escola de nossos dias continua a ser, apesar de todas as recriminações dos pedagogos e sociólogos, uma instituição estritamente acadêmica. Agência de um ensino predominantemente verbalista,

com ênfase especial no aspecto mnésico e racional da inteligência de seus alunos melhor dotados verbalmente. Não interessa à escola o desenvolvimento integral do estudante e sua personalidade, em conjunto harmonioso em todos os aspectos, no indivíduo como na coletividade escolar; nem se preocupa tampouco a escola em desempenhar na sociedade o seu papel como agência de primeira ordem no progresso social, econômico, espiritual e moral do País. Daí o lamentável desperdício de energias juvenis dos estudantes, ditos normais, como dos excepcionais, infra ou supradotados. Daí os decorrentes desvios de comportamento dos adolescentes que menos se afastam da lista divisória de inteligência que separa os normais dos infradotados. São estes adolescentes que encontramos nos reformatórios para delinquentes, depois que por inúmeras vezes tenham infringido os regulamentos da vida escolar, para entrar progressivamente nas infrações de caráter mais graves, que os registram, nas delegacias de polícia, como elementos perturbadores da ordem pública.

OS RETARDADOS MENTAIS E O ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

No nível do ensino primário, as classes, ditas especiais, mostraram no estrangeiro, como aqui, que é possível a aprendizagem escolar e que o aluno retardado é passível de consideráveis progressos. Exige-se, porém, do regime escolar, a obediência a certos critérios que Alice Descoedres resumiu nos seguintes tópicos:

1. Aproveitamento da atividade dos alunos. Assim, a escola introduz em seu ambiente, como no currículo de estudos, elementos de vida social;
2. Importância da educação sensorial e da percepção;
3. Concentração e entrosamento de todas as matérias do ensino;
4. Individualização do ensino e seu ajustamento às diferentes necessidades do aluno;
5. Utilidade prática do ensino para a vida posterior à escola.

A esses requisitos, o psicólogo americano Whipple acrescenta ainda a necessidade da instrução cívica e educação do aluno retardado para seus deveres de cidadão.

ANALISANDO ESSES critérios de ensino especializado, podemos notar que estão eles animados do espírito da escola ativa, funcional, reclamada por Dewey, por Claparède e toda a escola moderna de educação para toda criança do ensino elementar. Aquilo que imprescindivelmente reclama a criança empeçada para seu desenvolvimento integral e que os métodos de Montessori, Decroly, Descoedres, as escolas numerosas do ensino emendativo nos Estados Unidos realizam obrigatoriamente e com pleno êxito para criança excepcional, já irradia em escolas para alunos normais a sua benéfica influência, no nível do ensino primário. A socialização da escola da vida para a vida, a escola como agência do progresso integral e não limitada ao progresso escolar é uma reper-

cussão evidente do ensino emendativo e resultante da experiência paciente e heróica dos educadores da infância excepcional. Iniciando-se no nível pré-escolar, até pouco menos de 20 anos, limitou-se a alcançar o nível do ensino primário.

Hoje, o movimento penetra a escola secundária: diversos estados norte-americanos, pelos seus *Boards of Education* (desde 1939, em Rochester, Estado de Nova Iorque, depois de Hamilton, Estado de Ohio), realizam notáveis tentativas para atender, com métodos adequados, aos alunos retardados (com QI 70—85), dos cursos secundários. Sem criar classes especiais para eles, aceitam os retardados em classes comuns, organizando para cada um, individualmente, currículo adequado, dentro das variadas atividades de um regime escolar consideravelmente modificado das *júnior e sênior high schools*.

Verificando que o retardado intelectual é *typically a non-verbal and non academic person*, que seu desenvolvimento racional é cingido a graus elementares, que sua aprendizagem se caracteriza pelos ritmos lentos, estas escolas acolhem-no tal qual é, dando-lhe, porém, meios educativos para o desenvolvimento de sua personalidade em outros gêneros de atividades e que ali florescem com o mesmo caráter de obrigatoriedade quanto as *acadêmicas*.

Os *High School Methods with Slow Learners* conseguem resultados promissores e já se admite abertamente a reabilitação do adolescente débil mental "no plano da escola secundária".

~~Luella Cole, de Califórnia~~, em excelente trabalho sobre a Psicologia do adolescente, resume o essencial dessa reforma pedagógica nos seguintes tópicos:

1. O programa construtivo no curso secundário para retardados mentais abandona o currículo tradicional, que não é somente difícil para eles, mas *irrelevant*, inaplicável para enorme quantidade de empregos e atividades profissionais que poderão exercer na vida adulta. Assim, o programa tomará em consideração as atividades e habilidades essenciais do trabalho escolar primário que tenham aplicação direta nas necessidades comuns do adulto.

2. Serão dados os ensinamentos que os preparam logo para ganhar a vida. Nesta fase da aprendizagem, os cursos secundários para moças incluirão trabalhos de escritório, aulas de datilografia, de educação doméstica, costura, culinária, cuidados de puericultura, etc. A aprendizagem vocacional dos rapazes contará com ensinamentos requeridos pelas profissões semiqualficadas de carpintaria, de construção (cimento, cobertura de telhado), tipografia, sapataria, etc.

3. Serão orientados na preparação para a vida: os cursos incluirão elementos de Higiene Mental que os ajudarão no ajustamento social e na vida doméstica. Em contatos sociais, em entrevistas individuais, cada aluno terá oportunidade para inteirar-se dos importantes assuntos dessa natureza.

4. Será dado necessário treinamento ao bom aproveitamento dos lazeres: experiências em jogos, em leituras de livros e revistas e em toda espécie de formas vocacionais do trabalho manual (*hobbies*).

5. Enfim, dar-se-á ao aluno retardado aquilo que, por falta de melhor termo, o autor chama de *treinamento moral*.

Ao aluno retardado será facultada, na escola secundária, a participação em todas as aulas que achar interessantes e úteis — como nas aulas de línguas estrangeiras, por exemplo. Sua tentativa, porém, de seguir os cursos acadêmicos, cedo lhe mostrará que nesses terá menos possibilidades de êxito que em outros. Visto que a escola secundária norte-americana conta com uma infinidade de atividades extracurriculares, nelas o retardado intelectual, em contato com os companheiros normais, encontrará amplos meios de a eles se ajustar nos esportes, nas atividades artísticas, em reuniões sociais, onde poderá sair-se tão bem quanto os outros, desempenhando, na escola, seu papel de estudante secundário, com currículo escolar especialmente para ele organizado.

PALAVRAS PRONUNCIADAS AO TÉRMINO DE DOIS CURSOS NA SPB

Caros amigos, hoje, neste dia significativo para a Sociedade Pestalozzi, pois mais dois cursos terminam seus trabalhos, em festivos encerramentos, o Curso de Recreação e o Curso de Teatro de Bonecos, aproveitamos o ensejo para tecer algumas idéias em torno da Sociedade Pestalozzi, dos seus objetivos, de suas realizações, e, mui particularmente, em torno de sua maneira de ser e de viver.

Apesar de curta a permanência dos alunos que hoje recebem seus certificados pelos mencionados cursos, o do Teatro de Bonecos — de quase 2 meses, o de Recreação — de um mês apenas — mês de julho, e, portanto, mês de férias — já tradicional, provavelmente tiveram o contato suficiente com essa casa para supor que se trata de uma instituição *sui generis*, de complicada estrutura e de formas curiosas de manifestações.

Tomo a liberdade de dar-lhes, nesse final dos cursos, alguma explicação para que pessoas que vão nos deixar tenham

melhor compreendido o esforço que está realizando a Sociedade Pestalozzi do Brasil para se equilibrar nos diversos eixos de sua existência e garantir o movimento para frente e para cima, com resultados melhores.

Que é, afinal de contas, a Sociedade Pestalozzi do Brasil? Historicamente, é uma associação de pessoas de boa vontade que, em julho de 1945, resolveram unir seus esforços e fundar uma instituição capaz de dar assistência à infância excepcional.

Que devemos entender por infância excepcional? Crianças e adolescentes que, por motivos e causas diversas, não podem adaptar-se, com meios comuns de adaptação, às formas comuns de vida, no lar, na escola, na oficina do trabalho e na sociedade, de modo geral. São seres que, por razões diversas, carecem de desenvolvimento físico e mental ou sofrem de distúrbios de algumas funções importantes, ao ponto de lhes prejudicar a sua adaptação normal às exigências comuns da vida prática, da vida escolar ou de trabalho. Retardados, empecados, sofrendo de insuficiências ou de distúrbios parciais, ou que atingem o núcleo de sua personalidade, todos eles são de ambientes particularmente solícitos, ao mesmo tempo que de pessoa — educadores esclarecidos e com características morais a toda prova.

Para completar, precisam esses seres, além de ambiente e de pessoal selecionado, de métodos e processos especializados para cada uma das peculiaridades que os tornam anormais.

Foi uma preocupação grande a de criar a Sociedade Pestalozzi — um ambiente solícito, aprazível, amplo — tendo-o conseguido com o aluguel deste prédio. Há uma preocupação incessante de achar ambientes melhores onde pessoas que dele necessitem encontram o necessário conforto, silêncio para trabalhos mais delicados, salas isoladas do vaivém e do turbilhão de coisas que se levantam a todo momento, de modo quase imprevisível e perturbador. Essas condições são indispensáveis a muitas facetas do nosso trabalho com os excepcionais e com os educadores que nos chegam sempre mais numerosos.

As mais prejudicadas são as nossas oficinas pedagógicas, que se acham ameaçadas, por uma atmosfera de agitação a tornar-se menos concentradas no trabalho e mais agitadas por sua vez — elas que necessitam de um ambiente particularmente tranqüilo.

Para que todas as funções dessa sociedade possam coexistir e sincronicamente desenvolver o máximo de suas finalidades, torna-se necessário, quanto mais cedo, achar prédios apropriados — e com isso constitui um grave problema, de solução difícil,

dirijome a essa assistência para pedir indicação de alguma casa, de algum prédio para alugar, ou para receber de alguma entidade oficial, a fim de nela instalar uma parte dos serviços dessa sociedade.

Outro objetivo de suma importância para o desenvolvimento da obra em prol da infância excepcional é garantir-lhe a ajuda do pessoal devidamente selecionado e preparado: até a presente data essa sociedade somente procurou dar uma ligeira orientação, através de cursos rápidos, atraindo para o novo campo pedagógico pessoas nele interessadas. Já para onze o número dos cursos realizados na Sociedade — a contar com o primeiro, de Orientação Psicopedagógica em 1945 (out.-dez.) e o último, ainda em realização, de O.P.P., entre junho e outubro do corrente ano, sendo que tivemos 4 cursos de O.P.P. — 3 de Recreação, 2 de Férias para Monitores de instituições de amparo a crianças, e 2 do Teatro de Bonecos.

Notamos que os primeiros cursos foram feitos nesta sede, porém, eram do D.N.Cr. ou com a manutenção da LBA, enquanto a partir de 1947 todos os cursos eram de exclusiva iniciativa, organização e manutenção dessa Sociedade Pestalozzi do Brasil.

Passou pelos cursos grande número de educadores, de assistentes sociais, dando, assim, ao lar, à escola, às obras de assistência à infância ou mesmo a certas obras de assistência a doente mentais, adultos ou crianças, uma necessária orientação para tornar os ambientes que cuidam desses seres infelizes mais humanos, menos sórdidos, mais alegres um pouco.

Reconhecemos nesses cursos seu valor, reconhecemos também suas falhas, e tanto mais que, cada curso, ao terminar seus trabalhos, deixa-nos a sua crítica, solicitada por nós e construtiva, por conseguinte.

Na crítica maior — por nós mesmos feita é a maneira superficial, o primeiro ponto negativo a ser considerado. Em parte se explica pelo modo com que são matriculados os candidatos, os quais, não se exigindo a apresentação dos certificados curriculares em estudos anteriores, oferecem um grupo extremamente heterogêneo. Resultado disso: a necessidade sentida por alguns professores de descerem nas suas explanações, prejudicando assim os alunos com melhor preparo científico.

Parece-nos que já estamos na possibilidade de organizar cursos não só de orientação, mas de preparo ou mesmo de formação, mais tarde. Provavelmente a partir do próximo ano será possível constituir um curso de especialização para a carreira de educadores para a infância excepcional, exigindo-se para a

matrícula títulos de normalista ou de bacharelado (curso secundário completo), para garantir precisamente o nível regular dos cursos. Aumentando a duração a um ano letivo, pelo menos, podem-se esperar resultados mais sólidos e um trabalho com criança excepcional também mais promissor.

Evidentemente, gostaríamos de manter o espírito dos nossos cursos, que não devem ser acadêmicos e verbais, mas sempre mais práticos e de caráter experimental, únicos convenientes para o gênero de trabalho em estudo entre nós.

Acreditamos que o grupo melhor de alunos será aquele que se destacar dos cursos anteriores, para mais um, de teor mais especializado e com professores de comprovada competência pessoal.

Gostaria de abordar mais um ponto — esse referente à direção dos trabalhos dessa casa. No meio de fatores que determinam crises, devemos apontar um que chamariamos crise de pessoal — dificuldade de se acharem pessoas desocupadas e capazes, a uma só vez, para tomar a rede de trabalhos inúmeros em suas mãos para lhes dar uma unidade e melhor proveito possível. Enquanto procuramos essas pessoas verdadeiramente capazes, cabe a todos os membros de cada um desses nossos serviços, a cada um dos colaboradores internos ou mesmo os que simpatizam com a obra e lhes emprestam seus esforços — todos, no presente momento, digamos de crise, juntar-se para solucionar, da melhor forma possível, os difíceis passos que toda instituição em crescimento deve dar.

Desde já temos que pedir considerações e desculpas por esse ambiente improvisado destinado a trabalhos dos cursos, pelo menos por causa de distúrbios constantes a que devem se sujeitar professores dando aulas em salas barulhentas, etc. Mas o maior inconveniente não atinge os cursos, que relativamente tem aqui condições sofríveis: são os adolescentes assistidos pela Sociedade em aulas ou oficinas pedagógicas que carecem do indispensável conforto e que sofrem do tumulto que lhes causam nossos cursos para educadores. Diariamente agitam-se massas de alunos de diversos cursos para adultos, prejudicando o ritmo construtivo dos trabalhos planejados para alunos adolescentes e excepcionais.

LARES AGROARTESANAIS

Helena Antipoff

Antes de tudo, tenho de agradecer a dona Lídia Aragão Vilar o amável convite, recebido ontem, para dizer algumas palavras nesta reunião sobre os planos de assistência aos menores egressos dos estabelecimentos para infância excepcional, assunto que preocupa grandemente todo os que lidam com a infância excepcional: a sorte desses seres — entre os quais os defeituosos físicos, os que sofrem de distúrbios motores, os débeis mentais, os nervosos, os convulsivos, os desajustados sociais depois que, assistidos na infância em estabelecimentos especializados, alcançam maior idade e ali não podem mais permanecer. Devem, para conveniência do estabelecimento reservado à criança, deixá-lo sem, no entanto, ter atingido a maturidade mental e social compatível com a vida independente do adulto, sem possuir um ofício para entrar na carreira profissional e suportar a concorrência do trabalhador normal.

Muitos deles são órfãos ou filhos de famílias igualmente desajustadas.

Que fazer? Deixá-los à própria sorte, soltos no turbilhão da vida urbana? Indefesos, tornam-se facilmente vítimas dos mal-intencionados.

À família, mesmo economicamente privilegiada, não pode resolver sozinha o problema dos filhos anormais. E, por sentimento de solidariedade humana e do dever e justiça, há um trabalho social a fazer-se. Resta descobrir um sistema de melhor alcance, em que a assistência for mais eficaz e menor o parasitismo dos clientes. Muitos deles possuem aptidões apreciáveis, que se devem tomar em consideração, para não sacrificar seus dons positivos com uma atuação de mera caridade.

Entre medidas propostas a fim de atender aos egressos dos estabelecimentos para infância excepcional, no III seminário de

estudos em São Paulo, em 1953, sugerimos a fundação de lares agroartesanais no meio rural, com seu progressivo desenvolvimento numa colônia ou atdeta.

Partindo da necessidade de atender logo aos egressos dos estabelecimentos mantidos por três associações — a veterana Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, a Sociedade Pestalozzi do Brasil, com sede no Distrito Federal, e a Sociedade Pestalozzi do Estado do Rio — tem-se em vista o aproveitamento de um sítio da Fazenda do Rosário, em Ibirité, de propriedade da primeira.

Distante 27 quilômetros de Belo Horizonte, o sítio mede 26 ha de terras de segunda qualidade, mas servidas por excelentes aguadas para irrigação; conta com benfeitorias, que permitem seu aproveitamento para nossos objetivos, com, relativamente, poucas despesas, dentro de um prazo de pouco meses.

O plano inicial visa à criação do primeiro *lar agroartesanar* para 12 a 15 jovens, entregue a um casal de educadores. As condições do sítio são tais que permitem esperar uma relativa auto-suficiência econômica do primeiro núcleo, uma vez realizadas as necessárias adaptações dos prédios, e feito seu equipamento para o internato e o trabalho.

Ele oferece condições para criação de peixes, plantio de hortaliças e flores, de fácil colocação no mercado de Belo Horizonte. Quanto ao artesanato, serão estudados os trabalhos cuja aprendizagem não seja complicada nem exija aparelhamento dispendioso; devem ser escolhidos trabalhos que garantam uma renda certa.

Adjacente ao sítio, encontram-se à venda cerca de 5 alqueires de terras por um preço razoável de Cr\$ 50.000,00, loteados em 25 glebas, as quais poderão constituir pequenas chácaras onde os egressos passem a residir com suas famílias, ou entre famílias para esse fim ali residindo. Em cada chacara seria colocados até cinco rapazes, podendo continuar a trabalhar no artesanato central, ou dele recebendo trabalhos a domicílio, num sistema de regime cooperativista. O conjunto de chácaras formaria a colônia, ou uma aldeia artesanal. Eis o plano geral para ser desenvolvido dentro de um período de 5 ou mais anos, na medida em que os recursos financeiros permitam a formação de novas chácaras, a construção e o equipamento das casas e o preparo dos jovens para esse gênero de vida e de trabalho no meio rural.

Dependerá o êxito do empreendimento que se destina ao amparo dos egressos, da qualidade de pessoal auxiliar e das famílias que aceitem os egressos em seus lares, educando-os e dirigindo-os no trabalho, como na vida de todos os dias. Bom

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

...the case of ...

OFICINAS PEDAGÓGICAS RURAIS PARA O EXCEPCIONAL

Prezad... Amig... Senhor(a)

A Sociedade Pestalozzi, fundada em Belo Horizonte, no fim de 1932, teve a sorte de contar com um seletto e numeroso grupo de sócios, colaboradores e contribuintes. Isso permitiu-lhe realizar uma série de obras e prestar serviços à infância excepcional e à sociedade na Capital como na Fazenda do Rosário, onde concentrou suas atividades a partir de 1940.

Agora no vigésimo primeiro ano desse último período a Sociedade Pestalozzi está reunindo seus antigos sócios e amigos a fim de examinar a possibilidade de melhorar a assistência aos menores e aumentar tanto quanto possível o número de assistidos para atender a justos e insistentes pedidos por parte de famílias e de instituições.

Tem-nos parecido mais viável, no momento atual, estender a assistência a menores excepcionais em semi-internato, cuidando dos maiores que apresentam para os pais angustiantes problemas quanto ao seu futuro, vendo-os crescerem sem nenhum preparo para a vida e sem a incorporação social, fora da família.

Essa forma de assistência, em oficinas pedagógicas rurais, poder-se-á realizar com menor despesa e com bastante resultado, cremos, desde que fossem suficientes os horários e variadas as ocupações artesanais, agrícolas e educacionais propriamente ditas.

Contando com o apoio de diversas entidades públicas e particulares e sobretudo com um grupo dinâmico de sócios desta Sociedade e de associações congêneres, a Comissão Organizadora das Oficinas Pedagógicas Rurais da Fazenda do Rosário pretende inaugurar-las por ocasião do 5.º Seminário de Estudos Pró-Infância Excepcional no período de 15 a 23 de julho, na Fazenda do Rosário.

Com esse seminário e inauguração das oficinas, ela pensa comemorar o Ano Mundial de Saúde Mental, que termina em agosto próximo.

Dirigindo-lhe esta Carta, esperamos que nosso ilustre correspondente não deixe de atender ao apelo que lhe fazemos nesta hora: "Venha juntar seus esforços aos nossos, no sentido de consolidar as obras da Sociedade Pestalozzi, ampliando e melhorando a assistência à criança e ao adolescente que necessita de tratamento, de educação e de previsão de seu futuro em obras sui generis. O êxito desse trabalho dependerá de todos nós, que procuramos compreender e melhorar o estado de saúde mental e o melhor aproveitamento das aptidões desses menores em ambientes mais apropriados à sua natureza".

Solicitamos seu comparecimento à Assembléia Geral da Sociedade Pestalozzi dia 29 de abril, às 16:30h, no Edifício Acaiaca, 21.º andar.

Na certeza de que não deixará de atender ao nosso apelo e cordialmente,

Helena Antipoff

Com esse seminário e inauguração das oficinas, ela pensa comemorar o Ano Mundial de Saúde Mental, que termina em agosto próximo.

Dirigindo-lhe esta Carta, esperamos que nosso ilustre correspondente não deixe de atender ao apelo que lhe fazemos nesta hora: "Venha juntar seus esforços aos nossos, no sentido de consolidar as obras da Sociedade Pestalozzi, ampliando e melhorando a assistência à criança e ao adolescente que necessita de tratamento, de educação e de previsão de seu futuro em obras sui generis. O êxito desse trabalho dependerá de todos nós, que procuramos compreender e melhorar o estado de saúde mental e o melhor aproveitamento das aptidões desses menores em ambientes mais apropriados à sua natureza".

Solicitamos seu comparecimento à Assembléia Geral da Sociedade Pestalozzi dia 29 de abril, às 16:30h, no Edifício Acaiaca, 21.º andar.

Na certeza de que não deixará de atender ao nosso apelo e cordialmente,

Helena Antipoff

COMEMORAÇÃO DOS 20 ANOS DO INSTITUTO PESTALOZZI, EM BELO HORIZONTE

É com o coração cheio de gratidão que saúdo-vos, caríssimos amigos, aqui reunidos a convite de Dona Ester Assunção, para comemorar os primeiros 20 anos do Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte.

Essa reunião é o precioso estímulo aos pestalozzianos de Minas, é o reforço moral que cada um de vós, com vossa presença, vem trazendo à obra pestalozziana para continuá-la em nova etapa, com o mesmo entusiasmo, porém em marcha que melhor assegure a eficiência pedagógica e o progresso em prol da infância excepcional.

Os 20 anos passados foram anos de tateamentos, de improvisações e de adaptações constantes à carência de meios de toda espécie. Chegou a hora de dar ao Instituto Pestalozzi uma estrutura material e um funcionamento nos moldes de uma instituição realmente especializada em educação emendativa.

Clamam as paredes desta casa contra a exigüidade do espaço vital; exigem-se áreas mais amplas, equipamentos apropriados às atividades imprescindíveis ao desenvolvimento das faculdades empeçadas ou distorcidas da criança retardada, nervosa, surda-muda, com distúrbios emocionais e condutas sociais inadequadas. Exigem-se horários mais extensos e ambientes diferenciados para trabalhos artesanais. Exigem-se gabinetes para diagnósticos e exercícios individuais corretivos.

O pessoal aspira a uma segurança mais sólida de seus métodos, a uma técnica profissional realmente acertada para cada um dos variadíssimos casos sob a sua responsabilidade pedagógica.

Não se concebe nenhum progresso sem a contribuição da ciência, da pesquisa minuciosa e do rigor dos métodos em experimentação. Sem o preparo sólido do educador e sem a ciência em dia, estaremos facilmente sob a ameaça dos dois

perigos: a estagnação e o desânimo decorrentes para o educador, ou, pior ainda, ação imprudente, margeando o abominável charlatanismo que levará ao instituição descrédito público e ao abandono social.

Não podemos nos esquecer dos pais dos alunos. Vivem esses na angústia de uma matrícula recusada a seus filhos, ao início de cada ano letivo, por falta de lugar nesta casa pequenina. Sofrem com horários absurdamente reduzidos do regime dos 3 turnos, no qual mais tempo se passa no chegar e no voltar para a casa que no estudo escolar...

A nova etapa do Instituto Pestalozzi deve garantir outras perspectivas para todos que a ele recorrem ou nele colaboram. Por isso, compreenderemos tudo que este Instituto está tentando fazer, batendo em todas as portas e procurando todos os meios para se sair de um status quo penoso, desconfortável.

Dona Ester Assunção, educadora pela graça de Deus, dotada de um raro talento que dela faz uma admirável artista da arte pedagógica, esmera-se nos estudos envida esforços colossais para levar o Instituto Pestalozzi ao destino que merece a infância excepcional e exige sua integração na comunidade sem parasitismo e desajustamentos. O governo do Estado, o da União, compreendendo o problema e a situação angustiante, procuram solucioná-lo, dando esperança de melhores dias.

A vossa presença, repito, é mais um estímulo a todo esse esforço com que a sociedade mineira, belo-horizontina e brasileira acompanha com interesse não platônico, mas eficiente trabalho de auxílios sinceros.

No declínio de minha vida, na perda dolorosa de energias, na consciência lúcida de que pouco ou nada posso dar a este Instituto resta-me apenas a suave alegria de ver todos aqui reunidos, em torno de Dona Ester e seus companheiros, nesse vigésimo aniversário do Instituto, para comemorar o passado e formular voto de um futuro no qual não faltareis.

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL — DÉCADA DE 1960

Contribuição de D. Helena Antipoff para a
Semana da Criança Retardada, no Rio de Janeiro,
em agosto de 1960.

“Como são recebidas as crianças que nascem com algum defeito físico ou que, desde cedo, acusam distúrbios nervosos, retardados de desenvolvimento? Em nossos contatos com os pais dessas crianças, que nos procuravam espontaneamente, tivemos a impressão de que, embora preocupados, muitos genitores conservavam para com elas toda a sua ternura e amor. Grande parte dessas crianças possuem o “dom de simpatia” a que se refere Charlotte Buhler, psicóloga austríaca, como traço natural da personalidade. Fora poucos professores que sentem alguma idiosincrasia para classes especiais, geralmente os educadores gostam dos seus alunos excepcionais.

Pessoalmente sinto-me bem em companhia desses seres que, ao lado de deficiências e distúrbios diversos, muitas vezes revelam aptidões especiais consideráveis: uma inteligência intuitiva pronunciada, que adivinha situações que os alunos comuns não percebem; uma sensibilidade para compreender os outros e para ajudá-los. **Alguns possuem boas aptidões musicais, outros se revelam excelentes ceramistas;** ainda outros são desenhistas e pintores notáveis. Encontramos, entre eles, indivíduos dotados de um fino senso de *humour* e suas narrações, cheias de observações da realidade e de situações cômicas, são capazes de manter em atenção prolongada um público bem-interessado. Hoje em dia, quando a moda e o artificialismo nivelam tanto o físico e o vestuário como o pensamento, a linguagem e a expressão emocional (vejam os cantores da televisão), sentimos nos excepcionais maior naturalidade e conservação de seu próprio jeito.

Essas diferenças individuais precisamente só os autênticos educadores sabem bem explorar, encaminhando cada criança para os seus próprios caminhos. Vejamos os edificantes exemplos por parte de Iolanda Barbosa, Cora de Faria Duarte, Ester Assunção,

Leopoldina Netto, Ivette Vasconcelos etc...; cada criança recebe dessas professoras tratamento individualizado. É um dom especial, não resta dúvida, mas robustecido pelo estudo, análise, experimentação constante, fazendo da educação algo de mais consciente e mais racional de que parece à primeira vista.

Mostra, também, muita engenhosidade para inventar algo de bem-adequado a cada caso e situação. A invenção de métodos e processos para retardados, surdos-mudos, desajustados, etc., por médicos, psicólogos e educadores que lidaram com eles, tais como o grande Seguin, Pestalozzi, Montessori, Decroly, Binet e Simon, Slawson, Parson e outros, dotou grandes massas de alunos comuns, os ditos normais, nos jardins de infância, nas escolas primárias, nos ginásios e clubes juvenis, de benefícios incalculáveis. Graças aos anormais e aos diferentes é que apareceram: nos jardins de infância, o mobiliário e equipamento adequado; o material de educação sensorial e o material de aritmética Montessori, hoje se estendendo para o curso primário e secundário; o método global de ensino de leitura, inventado por Decroly para os surdos-mudos — trazendo alívio e alegria para classes de 1.º ano primário, para milhares de crianças comuns, de 7 anos de idade; os princípios e a técnica do grupo-terapia, inicialmente aplicados a adolescentes viciados e de difícil reeducação — hoje aparecendo nas atividades dos centros sociais; os primeiros contatos de Parson com adolescentes desordeiros e viciados das ruas de Nova Iorque, servindo-os em sua miséria e desajustamentos. Estenderam-se os processos de Parson ao vasto campo da orientação profissional, em sua fase inicial.

Não quero terminar sem tocar em mais um assunto que reputo importantíssimo quanto ao benefício que pode auferir a educação em geral partindo da educação dos excepcionais. Refiro-me às atitudes que assumem os educadores após um estágio mais ou menos prolongado com crianças retardadas e de difícil educação. Desaparecem as prepotências, o orgulho, a inciência, a rigidez, o pedantismo... Ao contrário, formam-se hábitos de resolver as dificuldades e novas atitudes para com a criança.

Resumindo, podemos anotar algumas modificações que observamos pessoalmente na conduta de mestres e professores nessas condições. É claro que os estágios foram dirigidos por especialistas competentes em matéria de ensino emendativo e reeducação; podemos anotar nas atitudes dos estágios maior expressão de:

- a) interesse e amor à criança
- b) respeito ao ser humano
- c) compreensão dos estados e necessidades

- d) procura de ajuda à criança quando esta sozinha não pode resolver suas dificuldades
- e) ascendência moral
- f) serenidade de ânimo e maior controle emocional
- g) capacidade inventiva para uso de novos processos quando a repetição dos antigos não faz surtir efeito
- h) humildade, paciência de esperar, capacidade de perdoar, sem guardar o menor rancor
- i) espírito de observação e de experimentação na escola, junto a diversos grupos de crianças. Maior individualização de ensino, decorrente do melhor conhecimento dos alunos
- j) capacidade de progredir e de se aperfeiçoar em seus trabalhos com os alunos
- k) jovialidade, otimismo, fé na educação e nas possibilidades do aluno de melhorar.

Alguns meses, repito, de estágio nas classes especiais ou num internamento para excepcional, ao lado de uma competente e boa educadora, trazem real vantagem na formação profissional do professor, quer seja do curso pré-escolar, primário, secundário ou superior.

Por mais de uma vez, exprimimos nosso desejo de tornar obrigatórios os estágios, nos estabelecimentos para excepcionais, para todo aluno de cursos de formação de professores primários ou de cursos normais regionais, bem como para alunos do curso de didática das faculdades de Filosofia (pelo menos no setor de Pedagogia).

Os estudos mais apurados de todas as formas e graus de anormalidade mental e de maior número de excepcionais em condições mais propícias ao estudo, como nos estágios dirigidos, somente poderão trazer bons resultados quando forem realizados em estabelecimentos de elevado padrão. Assim, o Instituto do Excepcional que, em boa hora, vai funcionar como órgão especializado em estudos e técnicas médico-pedagógicas para o excepcional, no Estado da Guanabara, permite esperar, em futuro não muito remoto, significativos benefícios para o ensino emendativo para a reeducação e para a educação, *tout court*.

Esperamos ansiosos sua instalação e suas primeiras atividades que tamanhos benefícios a todos vão trazer.

(Educação de Excepcional — Década de 1960)

- 1) promover de modo a garantir a continuidade da aprendizagem dos alunos;
- 2) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 3) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 4) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 5) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 6) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 7) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 8) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 9) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;
- 10) proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento da aprendizagem;

Para a realização de uma avaliação adequada, é necessário que o avaliador tenha conhecimento das características da aprendizagem dos alunos, das condições de ensino e das expectativas dos pais e da comunidade. A avaliação deve ser realizada de forma contínua e integrada ao processo de ensino e aprendizagem, permitindo que o avaliador possa identificar as dificuldades dos alunos e tomar as medidas necessárias para a melhoria da aprendizagem.

A avaliação deve ser realizada de forma adequada, considerando as características da aprendizagem dos alunos, das condições de ensino e das expectativas dos pais e da comunidade. A avaliação deve ser realizada de forma contínua e integrada ao processo de ensino e aprendizagem, permitindo que o avaliador possa identificar as dificuldades dos alunos e tomar as medidas necessárias para a melhoria da aprendizagem.

De acordo com a legislação brasileira, a avaliação deve ser realizada de forma adequada, considerando as características da aprendizagem dos alunos, das condições de ensino e das expectativas dos pais e da comunidade. A avaliação deve ser realizada de forma contínua e integrada ao processo de ensino e aprendizagem, permitindo que o avaliador possa identificar as dificuldades dos alunos e tomar as medidas necessárias para a melhoria da aprendizagem.

PARA EDUCAR UMA CRIANÇA DEFICIENTE MENTAL

por Alfred e Françoise Brauner

Traduzido do francês por

Helena Antipoff
Marieta Aguiar
Marieta Leite

APRESENTAÇÃO

por *Helena Antipoff*

Algumas palavras à guisa de prefácio para esta primeira edição brasileira, tradução da segunda francesa, de 1964. Isso indica que a obra teve bom acolhimento, tendo-se esgotado fácil a edição inicial. Pareceu-nos, ainda, de bom augúrio para o livro do casal Brauner, o fato de serem os autores também dirigentes de uma instituição médico-pedagógica para crianças deficientes, instituição, que goza de bom conceito, tanto do ponto de vista técnico como do excelente trato humano dispensado às crianças ali em tratamento. Desse calor humano e da qualidade do trabalho falou-nos em sua carta de Paris, a nossa colaboradora da Sociedade Pestalozzi do Brasil, posteriormente diretora administrativa e, ultimamente, encarregada do importante Setor de Foniatria e de Reeducação da Linguagem dessa Sociedade. Sua opinião sobre a obra do casal Brauner é mais digna de crédito porque D. Lúcia Bentes tem viajado muito, visitado um sem-número de instituições pró-excepcionais e deficientes mentais e, entre outros muitos, tem valorizado bastante a organização médico-psicopedagógica em questão.

Dá-se, geralmente, e com razão, mais valor a uma publicação desta natureza quando seus autores estão ligados diretamente à obra e se acham em contato direto e diuturno com

a criança inválida, deficiente, incomum. Podem-se escrever bonitos tratados sobre a criança excepcional, apresentar sistemática em quadro e diferenciadas classificações, oferecer, mesmo, esquemas de engenhosos brinquedos e material didático, mas dificilmente se fará sentir, atrás de todos esses estratégias, a realidade pedagógica, a maneira como a criança utilizará tal equipamento e o modo como se dinamizará a sua aprendizagem e se transformarão seus hábitos, nas sucessivas etapas de seu desenvolvimento mental.

No volume do casal Brauner, tanto através do texto como através das numerosas ilustrações — fotografias tiradas do natural — o leitor, o educador estudioso, acompanha como numa demonstração clínica esse ou aquele aspecto do trabalho médico-pedagógico com a criança. É o melhor modo de ensinar e de se conquistarem adeptos do método, prático e já experimentado. Destinado a não especializados, a mães e auxiliares, o livro que ora se oferece ao público brasileiro tem a vantagem de poder interessar e ser utilizado tanto por pedagogos como por pediatras, visto que seus ensinamentos se baseiam em recentes descobertas, teorias e, repetimos, na experiência direta com os clientes deficientes mentais, treináveis e educáveis.

As tabelas e as escalas de desenvolvimento para variadas condutas, funções, habilidades e hábitos representam outra vantagem desse volume, visto que podem todas elas servir de pontos objetivos de referência ao desenvolvimento individual, progressivo, (em maior ou menor grau) ou regressivo ou, às vezes, estacionário, servindo assim de indicação para a atuação de especialistas com terapias novas, quer na área médica, quer na psicoterápica ou pedagógica.

Não podemos terminar estas notas sem nos referirmos à suma gentileza com que foi respondido o nosso apelo de traduzir e publicar o livro "*Pour Élever Un Enfant Déficient Mental*" pelos seus autores franceses. Informados de que a Sociedade Pestalozzi do Brasil não é uma entidade de fins lucrativos e que suas publicações visam ao esclarecimento do público e ao despertar do interesse pelo problema da descoberta precoce da deficiência mental, bem como à difusão dos modernos métodos e processos de seu tratamento, o doutor Alfred Brauner e a doutora Françoise Brauner, pediatra, deixaram-nos à vontade, não estipulando taxa de direitos autorais senão em caso de haver renda suficiente para cobrir as despesas com a impressão. As traduções foram feitas por dedicados colaboradores e as cópias datilográficas também.

Houve muitas outras despesas com papel, tintas, impressão, estas cobertas pela verba da *Cademe* (Companha Nacional de Educação e Reabilitação do Deficiente Mental do Ministério da Educação e Cultura).

Assim, a publicação, em língua portuguesa, do trabalho que hoje apresentamos à atenção do público brasileiro, serve, *pari-passu*, para a divulgação do grande e louvável esforço do importante centro médico-pedagógico francês denominado "*Groupement de Recherches Pratiques Pour L'enfance*" e cujo endereço temos a satisfação de tornar conhecido: 13, Rue Allard, Saint Mandé, (Seine). O estudioso encontrará nesse centro não somente acolhimento fidalgo por parte de seu pessoal, como padrões do mais elevado sentido humano, ao mesmo tempo que trabalho cientificamente orientado para a educação e ajustamento de deficientes mentais e de inadaptados. Aqui vai, com a nossa admiração, o agradecimento ao casal Alfred e Françoise Brauner. Já conhecidos pessoalmente por alguns membros e colaboradores da Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Congresso de Copenhague, em 1962 — em breve outros terão a mesma possibilidade de encontrá-los, em seu próprio país, a França, no Congresso de Montpellier, onde o professor R. Lafon reúne, sob a sua presidência, numerosos estudiosos da Infância Excepcional e da Deficiência Mental, no andamento do plano internacional de encontros. Os que não puderem comparecer terão a possibilidade de conhecer novos rumos e descobertas através dos anais da Associação Internacional para o Estudo Científico da Deficiência Mental e nos quais, certamente, figurarão contribuições do *Groupement de Recherches Pratiques Pour L'enfance* a que nos referimos, o que permitirá maior conhecimento de tão meritória obra.

Rio de Janeiro, julho de 1967

Helena Antipoff

Handwritten text at the top of the page, appearing to be a header or title, possibly mentioning a date or location.

Main body of handwritten text, consisting of several lines of cursive script. The text is dense and fills most of the page.

At the bottom of the page, there is a line of text that appears to be a signature or a date, possibly "1807".

QUANDO É QUE O PROJETO DOS EGRESSOS PARA EXCEPCIONAIS SERÁ UMA REALIDADE

por Helena Antipoff

Ao findar 15 anos desde a data do 3.º Seminário de Educação Pró-Excepcionais, e ao rever os trabalhos apresentados naquele ano de 1953, na capital de São Paulo, vejo que os planos e projetos então discutidos envelheceram ao ponto de considerá-los superados e imprestáveis para os nossos dias.

Ainda hoje, poderiam ser executados em benefício do progresso e do egresso segundo a denominação (um tanto ambígua) que demos naquela ocasião. O progresso refere-se aos jovens excepcionais, um a dois anos, antes de seu desligamento da instituição, enquanto os egressos são aqueles necessitados de uma assistência especial também, durante mais um a dois anos — depois de deixarem o estabelecimento por ter atingido a maturidade suficiente e uma independência maior na vida.

A idade de 16 a 18 anos é para os primeiros, e de 18 a 20 para o segundo grupo, em média, podendo-se tolerar limites menores ou maiores conforme características pessoais e condições econômicas sociais da família ou dos responsáveis.

O que nos entristece, ao rever o trabalho por nós apresentado, é o pouco que fizemos daquilo que foi proposto. Quinze anos se passaram; outros seminários e encontros trataram novamente o assunto do egresso. (Apesar da situação ter melhorado para o excepcional, sendo melhor compreendido e respeitado, apesar de uma série de decretos e dispositivos legais terem penetrado nos códigos de trabalho e da Previdência Social), permanece contudo o problema do excepcional, ao deixar a escola, a oficina pedagógica e o centro de aprendizagem ocupacional. Continua a constituir motivo de angústia para os pais e educadores: “Como será a existência do filho excepcional, quando os pais envelhecidos, sem recursos ou falecidos, não mais poderão dar o amparo necessário?”.

Ventilaram-se e foram propostas novas soluções: haja vista o projeto do Instituto do Excepcional, apresentado pela deputada Marta Nair Monteiro na Assembléia Estadual de Minas Gerais, em 1965. As finalidades do Instituto seriam: abrigar, manter, tratar e educar excepcionais de qualquer idade ou sexo, além de especificamente gerir o patrimônio e cuidar dos interesses dos mesmos.

A instituição, diz o projeto, prestará serviço na medida de suas possibilidades a associados contribuintes, tão logo faleçam seus pais naturais ou adotivos, ou a partir do momento em que esses, por invalidez ou doença, se vejam impossibilitados de cuidar do filho.

Em seu Art. 6, diz o projeto: Será condição para inscrição como associado contribuinte do Instituto a nomeação da entidade como donatária da metade do patrimônio do excepcional, desde que lhe sejam prestados, pelo menos 15 anos de assistência como interno seu *ou se o mesmo vier a falecer*.

Esse projeto, como vemos, apresenta certa originalidade e preenche de certo modo a lacuna a que nos referimos acima: garantir aos filhos excepcionais a proteção vital, mesmo na ausência dos pais, ou quando falecidos esses.

(Ver o BOLETIM INFÂNCIA EXCEPCIONAL n.º 7, da Sociedade Pestalozzi da Fazenda do Rosário, Ibirité, 1965, pág. 16).

Faço votos para que as medidas revistas ou propostas neste encontro de maio de 1968 não fiquem na fase de projetos, apenas.

Ficaremos grandemente satisfeitas ao saber que obras já estão se erigindo não só a favor da *criança excepcional*; que ao *excepcional adulto*, ao término de sua saída compulsória de instituições médico-psicopedagógicas para a infância, as Sociedades Pestalozzi, as APAEs — como instâncias oficiais, continuem a prestar a devida atenção. Isso certamente diminuiria as angústias dos pais e educadores, sob cuja responsabilidade, em cada estabelecimento, dezenas de jovens esperam o dia de sua libertação e início da vida adulta, sob o amparo social.

JORNADAS EDUCACIONAIS COMEMORATIVAS DOS 20 ANOS DA SOCIEDADE PESTALOZZI DO BRASIL

(27 de junho a 3 de julho de 1965)

Retrospecto da S.P.B. nos 20 anos

por *Helena Antipoff*

Naquele 1945, ~~iniciei o trabalho no Rio de Janeiro, deixando Minas e a Fazenda do Rosário para dedicar-me à infância brasileira em geral. Elas, as mães, porém, decidiram que a infância excepcional merecia o mesmo cuidado, possuía os mesmos direitos e a sua reivindicação foi tão intensa que, em poucos meses de preparativos, nascia a Sociedade Pestalozzi do Brasil. A braços com os seus filhos excepcionais, diferentes dos comuns, veio-lhes a responsabilidade de dar-lhes o socorro de uma educação especial e de um tratamento apropriado a sua natureza e às suas necessidades... E logo depois surgiam as oficinas variadas bem-montadas, não só pedagógicas, como agora, as chamadas "oficinas protegidas". Talvez daí tivesse vindo o lema "Da experiência para o progresso". Sim, que ensinamentos nos traz todo este passado para a melhoria do futuro? Quais são as mensagens que vigoram ainda? Quais as que se perderam no passado mas que merecem ser revividas porque eram úteis?~~

O pioneirismo pôs a sensibilidade à frente da realidade. Apesar disso, alguns bons trabalhos se perderam, como o *atelier* de arte e pintura. E como nos faz falta! Tudo o que se faz na escola deve ter um cunho estético: um cartaz, um cenário para o teatrinho de bonecos, um lofo ou qualquer outro material de ensino. Felizmente a tradição ficou... pois era assim que a SPB chegava a todos: o povo, a criança da favela, a criança limitada, a desajustada, em rasgos abertos para a rua e para a comunidade. Pois que todo esse aspecto de arte que se fazia

arte e
educação

no Leme era a grande novidade. E, sobretudo, uma execução diferente, pois feita por educadores voltados para os problemas e distúrbios dos jovens clientes.

A pedagogia não pode ignorar a evolução nem a lentidão com que se sucedem as fases do crescimento. Nem os saltos que a escola exige da criança de 7 anos ou da criança maldotada, limitada, desajustada — ao entrar para a escola — com o regime de quatro paredes da sala, com o mobiliário de bancos fixos enfileirados um atrás do outro — e pobreza da paisagem para os olhos — na qual predomina o meio quadro-negro no segundo plano e no primeiro, as costas do vizinho da frente. Triste, desolador ambiente escolar este, para um passarinho saído dos antigos quintais urbanos da criança pré-escolar ou do curso primário.

Essa pobreza de estímulos externos, esta imobilidade e a matéria árida tão acima ainda da compreensão de muitos alunos e da totalidade das crianças limitadas... na completa passividade somente um ser ativo — a professora que manda, que anda, que grita e puxa orelhas, às vezes — tudo isso vem ofender mais a sensibilidade da criança e enraizar mais seu sentimento de inferioridade.

Sempre reclamei horas de atividades domésticas para nossas meninas de maior idade — horas diárias, praticadas na limpeza, no serviço de mesa, na cozinha, na ida ao mercado. Assim, pedindo ao corpo docente, pensava eu mais no lado da utilidade — isso é, de coisas a serem ensinadas para mocinhas em preparação para a vida de adulto. Mas, pecava eu e aqui vai “mea culpa, mea maxima culpa” contra a lei de autonomia da conduta. A educação não é preparo para a vida, é a vida mesmo”, lei que Jean Jacques Rousseau formulou no século XVIII e Claparède, em sua Educação Funcional, tão energicamente reclamou em sua aplicação prática, real na Escola Moderna.

A escola de quatro paredes, vazia de estímulos para os sentidos e para a ação social, para a vida afetiva mais desenvolvida, essa escola é o túmulo do oligofrênico, mais do que de uma criança normal. Volto a apreciar e a reclamar cada vez mais ambientes naturais, ricos de estímulos externos — para os olhos, ouvidos, pele, para o nariz, para o corpo todo e as mãos que apalpm, que mexem, que pegam, que chegam a imprimir movimentos de veículo a um pequeno galho de árvore ou de juntar pedrinhas, com várias caixinhas, brincando já com objetos como se fosse o próprio brinquedo. Há tantos brinquedos que a rica natureza brasileira, mais do que qualquer outra, pode fornecer, em seu mundo vegetal, mineral ou animal. Tantos insetos, tantos

coleópteros — a amarrar uns aos outros para imitar o trem de ferro... A criança oligofrênica deve ser bombardeada pelo estímulo sensorial e motor, deve viver em ambientes solícitos, de oportunidades múltiplas, sobretudo de caráter social, pois nessas circunstâncias ela, via de regra, se torna menos apática.

Talvez nos primeiros anos houvesse mais um pouco de vida e menos escola. Mas muita coisa tem melhorado, sem dúvida, no Leme, desde 1945.

Um grande progresso advirá na esfera da educação das meninas, com a iniciativa magnífica da aquisição de novo e tão apropriado prédio da Rua Real Grandeza. Sejam abençoados os diretores da Sociedade, por ter bom emprego em dinheiro à disposição da nova obra. Já tenho recebido ecos do bom andamento dessa Casa. Como a mudança de ambiente para condições mais naturais já tem influído no semblante e na conduta das nossas jovens alunas! Mais perto da vida, já se aproximando dos vizinhos, já participando, de certo modo, dos interesses que encontram na comunidade.

Bem, há outro aspecto ainda que gostaria de abordar, junto a tudo que tem aparecido de interessante e de valioso nesta Sociedade, onde tanto esforço, dedicação e talento estão em permanente dispêndio de energias em prol do excepcional e sua família, para uma vida mais feliz e de justiça social melhor observada. Esse outro aspecto é o da ciência, dama exigente sem dúvida alguma; absorvente quando se começa a lhe dar atenção; quantas horas de estudo, de cálculo estatístico, de observações e de experiência a repetir, a melhorar, a analisar.

Todavia, sem este complemento científico, sem o seu método experimental de planejamento, de formulação de hipóteses, de verificação, de novas experiências e novas tentativas de explicação — todo o nosso trabalho seria restrito à mera repetição de uma técnica cujos resultados, mal-interpretados, cairiam no natural desuso, ou se tornariam tão rotineiros e sem significação que nos aborreceriam, com o seu peso morto e sua inutilidade...

Para introduzir a ciência, é preciso contar com amplos meios financeiros, bom equipamento e pessoal especializado e preparado para a pesquisa. Tivemos notícia de uma aproximação com a Fundação Kennedy. Quem sabe se um dia teremos a sorte de conseguir apoio e reconhecimento para as tentativas que se fizeram no sentido de aproveitar o material do Consultório, os casos bem-estudados de uma categoria de clientes, e ter maior chance ainda, qual a de descobrir uma hipótese fértil, que nos leve pelo caminho

objeto à melhor compreensão de alguns problemas apresentados pelas crianças, pelo seu tratamento mais adequado, quer médico, quer psicopedagógico ou social?

Na esperança de que um dia isso aconteça, não deixemos de dar ao estudo da criança e do adolescente, em evolução durante longos anos sob o regime pestaloziano desta casa de educação, toda a atenção e o rigor das anotações objetivas, de observações pormenorizadas, pacientemente colhidas na variedade das situações aqui oferecidas, em confronto com outras, variando-as e sempre observando-as com curiosidade viva...

Um dia isso virá sem que a Sociedade Pestalozzi do Brasil tanto produza na prática como em estudos teóricos — pois sem a conjugação de ambos dificilmente poder-se-á esperar o progresso para o qual tendemos nós, a partir da experiência observada, registrada e meditada...

1.º ENCONTRO-CURSO PRÓ-INFÂNCIA EXCEPCIONAL NA FAZENDA DO ROSÁRIO

— APELO AOS PARTICIPANTES —

Helena Antipoff

Esse encontro-curso, no período de férias, para equipes de trabalho pró-infância excepcional, higiene mental e educação rural, visou em primeiro lugar *despertar o interesse pelos problemas da sanidade mental e do ajustamento emocional do indivíduo dentro de uma sociedade, mais compreensiva da conduta humana: procurou focalizar os problemas de deficiência mental e de distúrbios psíquicos em suas variadas manifestações, causas e repercussões no equilíbrio emocional, social e econômico; mostrou seu crescente aparecimento e a urgência de se tomar providência para dominar, através da ciência e da ação conjugada de esforços, o mal que se alastra, à revelia dos responsáveis, quer seja, por ignorância destes, ou falta de escrúpulos e de caridade.*

Aos participantes do encontro-curso, principalmente aos servidores convocados oficialmente pelos serviços públicos, foi dirigido o seguinte apelo: Na volta às suas regiões e localidades estudem os meios de formar um grupo de pessoas bastante sensíveis a esses problemas, quer pela profissão que exerçam, quer pelo interesse imediato que apresentem para pais e amigos desses seres excepcionais, diferentes dos comuns.

Pode-se prever que surjam no Brasil, principalmente nas sedes das capitais, comarcas, delegacias de ensino, de saúde pública, nos centros dotados de institutos culturais, de faculdades de Filosofia, de Medicina, de Ciências Sociais e Econômicas, que surjam

movimentos orientados para a ciência, a formação do pessoal e o serviço social, abrangendo, assim, o estudo da situação real, sob o ponto de vista estatístico, biológico, clínico, psicopedagógico, etc. a seleção, o preparo ou especialização do pessoal capaz de trabalhar no campo da Higiene Mental e no combate aos males, pela educação e demais meios construtivos no lar, na escola, e na comunidade, constituindo esses meios um plano organizado de trabalho social, sobretudo com a participação estreita da família, dos grupos de profissionais de livre iniciativa ou de servidores de instituições públicas oficiais.

Recomendou-se aos participantes do 1.º encontro-curso que *constituissem, logo, equipes, de pessoas idôneas pró-infância excepcional e de higiene mental*, bastante interessadas e ativas, às quais, em reuniões repetidas, os participantes pudessem transmitir os ensinamentos recebidos no primeiro encontro-curso.

Notas de aulas, visitas às instituições, experiências adquiridas em contato com professores e colegas durante duas semanas em janeiro de 1966, bem como o farto material de apostilas e de folhetos distribuído graciosamente, referências aos expressivos filmes cinematográficos, magistralmente comentados pelo dr. Hélio Alkmim, o dr. Luiz Cerqueira, tudo isso ajudará os contatos de esclarecimentos com os membros da futura *equipe de assessores* para o estudo e assistência à infância excepcional. O material recebido é rico de sugestões e de grande utilidade para quem considera que a situação em que se acham os excepcionais de sua região ou localidade, de sua clínica, escola ou lar está a exigir iniciativa e uma ação planejada no sentido de minorar os males na raiz, através de uma série de medidas de *higiene mental*.

A ser constituída de elementos mais representativos quanto à profissão, ao cargo ou ainda à própria personalidade de elite cultural e moral, a *equipe* deveria contar com um médico (clínico, pediatra, psiquiatra), um assistente social, um odontólogo, uma enfermeira diplomada, um professor de Psicologia ou psicólogo clínico, um professor de Educação Física, de várias artes e de artesanato, um especialista em pesquisas sociais e econômicas, um estatístico, um diretor de grupo escolar, da escola normal, de educandário para menores, um sacerdote... se a realidade brasileira no interior de Minas, principalmente, estiver já com essa expansão diferenciada de profissionais.

Inicialmente, a *equipe* será menor, e de menor qualificação. Com o tempo, ela se ampliará, compreendendo melhor sua função "intotum", ao mesmo tempo que sentindo melhor o papel de cada um dos membros.

Paralelamente com o projeto dessas equipes pró-infância excepcional, de higiene mental e educação rural — enaltecidas no encontro-curso, acha-se em aplicação o *programa de trabalho* para o ano de 1966 da *Fundação do Bem-Estar do Menor*. Obra sob todos os aspectos de relevante importância, está iniciando sua benemérita ação no plano nacional de acordo com as *Diretrizes da Política do Bem-Estar do Menor*, formuladas recentemente e cujos textos foram distribuídos.

É razoável que os esforços se juntem e que os elementos de ambas as campanhas que visam a criança — sadia ou deficiente, comum ou excepcional — se reúnam, e com motivação reforçada de realizar algo de positivo em seu benefício, com medidas preventivas e curativas de uma vez.

Dois processos poderão ser utilizados periodicamente: 1.º — Centrípetos — Isso é, reuniões nos centros e repetidos encontros dos líderes, em Belo Horizonte ou na Fazenda do Rosário. Talvez de semestre em semestre, inicialmente os encontros poderão ser de maior vulto, já não mais estaduais, mas reunindo representantes de várias regiões do País. Poder-se-á pensar em organizar uma associação, a orientar-se com maiores técnicas e recursos financeiros.

2.º Inversamente — através das *equipes volantes*, a que se refere a dra. Aspásia de Oliveira Pires, psiquiatra do Centro de Menores, CROMP, que, treinadas especialmente para isso, deslocar-se-ão das capitais e dos importantes centros culturais, para passar alguns dias nas localidades e regiões que já fizeram alguma coisa, que demonstram alguma iniciativa em reunir o pessoal, de sacudir as consciências e estimular para a ação construtiva, qualquer que seja o campo de trabalho — médico, jurídico, educacional, econômico-social, recreacional... pouco importa a área para o começo.

Assim, dos centros para a periferia, ou no sentido inverso — o movimento Pró-Infância Excepcional e de Educação Rural — intenso e perseverante — levar-nos-á a atestar que o Estado de Minas e outros Estados da Federação, realizam algo de importante em prol do Bem-Estar do Menor e de Higiene Mental para o País.

Muito se deve ao dr. Hélio Durães de Alkimim, o qual, deu uma prova cabal de sua dedicação ao problema da criança excepcional. Extraordinário o esforço da coordenadora, a psicóloga Iolanda Martins e Silva. Louvores merecem, também, os mecanógrafos e datilógrafos, e a diretora-adjunta Helena Teresa de Jesus Silva e suas auxiliares do Instituto Superior de Educação Rural — I.S.E.R.

O movimento de libertação da mulher brasileira é um fenômeno recente, que se inicia no século XIX, com a luta pela abolição da escravidão e pela reforma educacional. A mulher brasileira, durante muito tempo, foi considerada apenas como objeto de proteção e educação, sem ter sua própria voz e sua própria consciência.

A primeira grande luta da mulher brasileira foi a luta pela abolição da escravidão. Durante o século XVIII e XIX, muitas mulheres se envolveram em movimentos de resistência à escravidão, denunciando a situação de opressão e pedindo a liberdade para os escravizados.

A segunda grande luta foi a luta pela reforma educacional. No século XIX, as mulheres começaram a exigir o acesso ao ensino superior e a participação em atividades intelectuais. A criação de escolas para meninas e a abertura de universidades para mulheres foram conquistas importantes.

A terceira grande luta foi a luta pelo direito ao voto. Durante o século XIX, as mulheres começaram a exigir a participação política e a igualdade de direitos com os homens. A luta pelo sufrágio feminino foi uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A quarta grande luta foi a luta pela igualdade de direitos. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de direitos com os homens em todas as áreas da vida: política, econômica, social e cultural. A luta pela igualdade de direitos tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A quinta grande luta foi a luta pela liberdade sexual. No século XX, as mulheres começaram a exigir a liberdade de expressão e de comportamento. A luta pela liberdade sexual tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A sexta grande luta foi a luta pela igualdade de salários. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de salários com os homens. A luta pela igualdade de salários tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A sétima grande luta foi a luta pela igualdade de oportunidades. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de oportunidades com os homens. A luta pela igualdade de oportunidades tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A oitava grande luta foi a luta pela igualdade de tratamento. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de tratamento com os homens. A luta pela igualdade de tratamento tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A nona grande luta foi a luta pela igualdade de respeito. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de respeito com os homens. A luta pela igualdade de respeito tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

A décima grande luta foi a luta pela igualdade de dignidade. No século XX, as mulheres começaram a exigir a igualdade de dignidade com os homens. A luta pela igualdade de dignidade tornou-se uma das principais bandeiras da mulher brasileira.

PESTALOZZI

por *Firmino Costa*

PREFÁCIO 2.ª EDIÇÃO

Por *HELENA ANTIPOFF*

Exatamente há 30 anos atrás foi pronunciada pelo prof. Firmino Costa a primeira de uma série de palestras sobre a vida e a obra de grandes homens e heróis da humanidade.

O galpão do Instituto Pestalozzi, então recentemente instalado pelo governo do Estado de Minas Gerais, para escolares excepcionais de Belo Horizonte, estava nesse dia repleto de adolescentes do último ano do curso primário dos grupos escolares da cidade, especialmente convidados, como os mais dignos representantes, os mais inteligentes e capazes, eleitos pelos seus pares para esse comparecimento.

Essa programação tinha em mira dois objetivos principais: o primeiro, fazer conhecer Pestalozzi aos seus ouvintes — divulgar seus ideais e idéias sobre educação; sua fé no poder do desenvolvimento humano; sua preferência pelo contacto direto com a realidade e as coisas e sua aversão pela palavra dela e o verbalismo; sua intuição para compreender a natureza e o ser humano; o exemplo que dava na observação paciente dos dados e da conduta do aluno nos registros pormenorizados de seus "diários"; suas primeiras experiências com crianças imbecis e profundamente atrasadas nos estudos — enfim, a palestra viria mostrar João Henrique Pestalozzi, cidadão protetor dos humildes e dos pobres de espírito, educador genial, experimentador incansável de processos mais eficientes de ensino de métodos ativos da escola do trabalho produtivo de agricultura e artesanatos rurais, como ponto de partida de uma possível redenção econômica da miséria das populações rurais, então assoladas pelas guerras e arruinadas pelas calamidades sociais.

Outro objetivo da programada série de palestras sobre "Grandes Homens" era atrair para o Instituto Pestalozzi, destinado à infância excepcional não somente dotados, os capazes de liderança, esses todos aos quais a escola deveria dar mais atenção, alargando seus horizontes espirituais.

A idéia dessa realização decorria, de certo modo, da constatação feita pelo laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores, de Belo Horizonte, no término de seu inquérito sobre ideais e interesses dos escolares do 4.º e último ano do Curso Primário, aplicado desde 1929, de lustro em lustro. Nesse inquérito, os alunos, tanto de um como de outro sexo, não revelaram sequer conhecimento nem admiração pelos Grandes Vultos da Humanidade. Pareciam, antes, ignorá-los totalmente, preferindo, ao invés dos homens que se sacrificaram pelos ideais no setor da Ciência, da Arte ou do Governo dos povos — os personagens que iam buscar no mundo do cinema, como os heróis do "far west" e as beldades de Hollywood, os vencedores dos campos de "football". Era preciso elevar a cultura geral dos alunos belohorizontinos prontos a deixar a escola, talvez a única em sua existência.

Seguia-se o conselho do grande Luís Pasteur que preconizava sobremaneira a formação do caráter da juventude francesa daquela época e a elevação dos ideais juvenis através do culto dos heróis, estudando-lhes as biografias, admirando-lhes a coragem e a capacidade de sacrifício próprio em prol do bem-comum e do ideal.

Assim a primeira palestra proferida pelo prof. Firmino Costa, no galpão do novo estabelecimento, fazia ouvir, talvez pela primeira vez, as várias centenas de quartanistas — meninos e meninas bem-dotados, o nome de Pestalozzi, levando-lhes uma verdadeira mensagem de amor ao próximo, na figura do humilde mestre-escola, que deu sua vida para tornar a criança menos infeliz na escola.

Em palavras singelas, mas vibrantes, o orador soube despertar entusiasmo em seus ouvintes, que sentiram, talvez, o quanto eles, jovens brasileiros do século XX, deviam a esse curioso João Henrique Pestalozzi, nascido na longínqua Helvécia, no remoto século XVIII, na Europa.

Lembro-me de como ficou apinhado o galpão e como os moleques vizinhos escalavam os muros para ver os pressupostos "bobos", os "meninos do Pestalozzi", quiçá mesmo com o propósito de se divertirem a custa dos seus defeitos físicos ou das gesticações dos surdos-mudos... E devia ter sido grande a sua surpresa ao depararem com o galpão cheio de meninos ladinos,

de ótima aparência e de comportamento exemplar. Assim o Pestalozzi deixava de ser termo pejorativo, privativo dos excepcionalmente maldotados, servindo para humilhar o débil mental e o doente; nem tampouco o Pestalozzi seria evocado nas escolas e nos lares, pelos respectivos educadores e pais, como a ameaça de matrícula no novo estabelecimento do Barro Preto para correção de seus defeitos e maldades.

Com essas palestras, feitas aos sábados por diversos conferencistas, sobre a vida e a obra de grandes homens — o Pestalozzi tornava-se também marco inicial de um privilégio dos excepcionalmente bem-dotados, aos quais a Sociedade Pestalozzi de Minas planejava dar, um dia, mais ampla e maior assistência.

Ao lançar a 2.^a edição do Pestalozzi, rendemos homenagens póstumas ao seu biógrafo brasileiro.

O prof. Firmino Costa era um notável educador, a quem Minas Gerais muito deve. Fundou a Escola Normal Rural Doméstica em Lavras e foi diretor da Escola Normal Modelo, hoje Instituto de Educação de Belo Horizonte, foi pensador; autor de vários livros de Pedagogia e um dos promotores da reforma de ensino de Minas em 1927. Homem, bom e generoso, um dos primeiros membros da Sociedade Pestalozzi, aceitou sem vacilar o convite para colaborar neste programa de palestras, dando a sua contribuição valiosa sobre um dos seus heróis prediletos — *Pestalozzi*.

... das ist die Aufgabe der ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

... die ...
... die ...
... die ...

ENCONTRO — MUTIRÃO NA FAZENDA DO ROSÁRIO

Os trinta anos da Sociedade Pestalozzi serão comemorados na semana de 4 a 6 de novembro próximo com encontro-mutirão, na Fazenda do Rosário.

Amigos e colaboradores dessa associação em prol da infância excepcional, e da *criança no campo* estão se reunindo aqui, no Rio, em São Paulo, na Bahia e no Rio Grande do Sul para testemunhar-lhe a repercussão que obtiveram os ensinamentos, exemplos e, de modo geral, as maneiras pestalozianas de resolver alguns dos problemas dessa infância, de sua conduta, de seu bem-estar. Entre todas as maneiras essas são provavelmente as realmente eficientes, embora de seara longa e que necessitam de pessoas cheias de amor, de compreensão, abnegação sem limite, além de preparo profissional e do conhecimento técnico, em uma palavra, de educadores.

Há 30 anos a Sociedade Pestalozzi está tentando criar essa arte sutil e segura, paciente e esperançosa no bom proveito para todo indivíduo, enquanto em idade ainda plástica de crescimento pode sofrer melhoras sensíveis e se incorporar na vida social como ser bastante útil e feliz. Grande pretensão, sem dúvida. Mas grande é a arte dos que queiram se dedicar a ela. Precisa-se para isso também de algumas condições.

Uma delas é dar à criança o ambiente que necessita seu organismo em desenvolvimento, seus músculos e sentidos, seu sentimento de liberdade e seu interesse, via de regra, pelas coisas da natureza. Em contato com suas árvores dadivosas, sua fauna multiforme que ela pode acompanhar em seus saltos, seus vôos e mergulhos, em seus cantos e gritos, seus labores e brinquedos. Que estímulos para a criança que veio das quatro paredes de uma escola parada, sem vida e sem atrativos para sua inteligência lerdada, parada, de débil mental... Que riqueza de *material didático natural* — todas essas pedrinhas, tocos de madeira, graveto, caules de milho, folhas e flores, grãos e sementinhas. Tudo isso

lhe vem em contato com as suas mãos que colhem, apalpam, pegam, lançam, com as quais formam objetos, brinquedos, bonitos colares e pulseiras que podem oferecer à professora, à mãe ou à visita...

Às vezes é a própria criança quem inventa, como foi o caso do Luciano, tão atrasadinho, mas que um dia chegou a reunir num bonito e aromático colar os pequeninos cones aromáticos da flor do eucalipto e que, mais tarde, foi imitado não só por seus colegas, da fazenda mas por pessoas adultas, professoras dos cursos pós-graduadas etc. Os inventos dos retardados não são tão raros. Precisam de oportunidades, de material (haja vista a argila, em outros tempos, aqui) e... de um guia. O educador representa, na transformação de uma criança excepcional e seus progressos, uma taxa bem elevada no conjunto de forças que agem para seu progresso e sua felicidade.

PRÓ-ENCONTRO-CURSO — INFÂNCIA EXCEPCIONAL

Promovido pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais em Belo Horizonte e na Fazenda do Rosário, de 4 a 12 de julho de 1966.

Resoluções do grupo de estudos — com revisão da Comissão de Redação

GRUPO B

Tópicos focalizados com especial ênfase:

- 1) Necessidade de estimular a formação de pessoal especializado na educação de excepcionais, alertando o governo;
 - 2) Formação de Comissões Municipais de Educação de Excepcionais a fim de que o menor excepcional seja educado em sua cidade de origem e não somente na Capital.
- A) *Quanto ao pessoal pedagógico, sugere:*
- 1 — A urgente formação (seleção e preparo) do pessoal especializado na educação dos excepcionais;
 - 2 — Incentivo especial a *jovens professores* para se especializarem na educação dos excepcionais;
 - 3 — Estímulo a professores do interior para que façam cursos e estágios de educação emendativa, no internato da Fazenda do Rosário, e outros que foram instituídos no Estado ou fora dele, a fim de regerem classes especiais nos grupos escolares, ou orientarem a educação;
 - 4 — Pedido à Secretaria da Educação que dispense a exigência de possuir estabilidade às professoras e regentes de classes especiais, para lhes permitir a inscrição nos cursos de educação emendativa;

- 5 — Sugestões à Secretaria da Educação para que conste, no currículo do curso de Coordenadoras de Saúde, uma cadeira sobre crianças excepcionais;
 - 6 — Formação de *monitores* ou *atendentes de educação*, não normalistas;
- B) Quanto ao *ensino emendativo, classes, escolas e planejamento, sugere:*
- 7 — O aumento do número de classes especiais em grupos escolares que se destinariam a alunos com leve retardo mental;
 - 8 — Apoio e incentivo, sempre que possível, à criação de escolas para crianças excepcionais em todas as regiões do Estado, seja por particulares ou órgãos oficiais;
 - 9 — Solicitar da Secretaria da Educação inspeção e orientação às escolas particulares de excepcionais;
 - 10 — Solicitar às autoridades governamentais que seja feito o planejamento da educação do menor excepcional, criando-se o Instituto de Educação Emendativa, pelo menos um em cada região do Estado;
 - 11 — Incentivo à iniciativa particular a fundar associações e criar obras educacionais para deficientes, sem esperar que tudo seja feito por órgãos oficiais.
- C) *Quanto à descentralização e divulgação, sugere:*
- 12 — Estimulo à formação de centros médico-psicopedagógicos constituídos por psicólogos, médicos, pedagogos, assistentes sociais, nas cidades do interior que dispunham de maiores recursos culturais.
 - 13 — A formação oficial de equipes volantes de técnicos que percorram cidades do interior para fundar ou assistir às escolas de excepcionais e preparar pessoas da comunidade para realização desses serviços.
 - 14 — A formação de comissões de educação emendativa, com aproveitamento das estruturas das delegacias regionais de ensino, das inspetorias municipais e outras entidades, comissões estas a serem constituídas por representantes de diferentes profissões, tais como: médicos, enfermeiros, juizes, professores, assistentes sociais, agrônomos, membros das comissões regionais da Legião Brasileira de Assistência, Lions Clube, Rotary Clube, etc.

- 15 — Estimular os psicólogos, pedagogos, psiquiatras especializados na educação dos excepcionais da Capital, assistentes sociais, para realizarem nas cidades do interior palestras, cursos sobre a educação de excepcionais.
- 16 — Solicitar da Assembléia Legislativa Estadual que seja apresada a estruturação dos serviços da Secretaria da Educação em relação aos excepcionais.
- 17 — Estimular a criação e difusão de Centros de Assistência a Menores Excepcionais nas cidades em que isso seja possível. Esses Centros deverão ser relacionados com as secretarias de saúde, de educação, do interior e da assistência social.
- 18 — Incrementar a formação de conselhos municipais de educação, objetivando que esses constem de valores capazes de promover a educação emendativa nos municípios; tais conselhos devem manter estreito entrosamento com as delegacias de ensino.
- 19 — Ter um órgão de intercâmbio e publicidade entre todas essas obras e instituições.

D) *Quanto à orientação das famílias, sugere:*

- 20 — A formação de professores visitantes para a educação das crianças excepcionais no próprio lar, dando orientação aos familiares, tendo em vista a carência de escolas para o atendimento desses menores.
- 21 — Divulgar esclarecimentos aos pais para que identifiquem o seu filho excepcional, como tal, o mais cedo possível.
- 22 — Orientar os pais no sentido de dar às crianças retardadas a educação adequada, formando nelas, desde cedo, hábitos sociais e de higiene, e evitando a superproteção.
- 23 — Estimular a formação de clubes de mães, no interior do estado, principalmente onde seriam ministradas noções de Puericultura e Higiene Mental; e preconizar exames pré-nupciais e pré-natais como medida preventiva, visando a saúde de gestantes e da prole. Ex: exames de sangue, (sífilis, RH, toxoplasmose, etc.)

E) *Quanto ao trabalho dos excepcionais e preparo para a vida, sugere:*

- 24 — Incrementar a criação de oficinas pedagógicas, nas escolas já existentes, ou isoladamente.

25 — Alertar os governos e a comunidade para a necessidade de serem organizadas oficinas protegidas de treinamento para excepcionais, a exemplo das que têm sido fundadas com êxito em diversos países do mundo (Inglaterra, Holanda, França, Estados Unidos).

26 — Com o problema dos egressos das escolas de excepcionais, torna-se de necessidade precípua a formação e uso de oficinas especializadas, para treino em ofícios e serviços que esses possam executar, evitando-lhes frustrações e desajustes sociais ao sair dos internatos.

F) *Quanto ao entrosamento de profissões e recursos da comunidade, igreja, etc. sugere:*

27 — Promover o entrosamento entre pessoas de diversas profissões que lidam com meninos excepcionais, e o estreito relacionamento das instituições de excepcionais com os recursos da comunidade.

28 — Apelar a cooperação da Igreja para conseguir colaboração e ajuda financeira nas comunidades do interior que não dispõem de escolas para excepcionais.

29 — Dar ampla divulgação sobre a educação de excepcionais através de publicações, radiodifusão, cursos, palestras, intensificando-os por ocasião da Semana Nacional da Infância Excepcional, na última semana de agosto.

30 — Enviar sugestões ao governador para que no Conselho Estadual de Educação conste o nome de um elemento da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais ou outro que seja interessado e ligado à educação emendativa.

DE LUSTRO EM LUSTRO

**OS JUBILEUS DAS TRÊS INSTITUIÇÕES PARA
EXCEPCIONAIS**

Helena Antipoff

Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte
30 anos — 5 abril/1935

Fazenda do Rosário — Ibirité — Minas Gerais
25 anos — 2 janeiro/1940

Sociedade Pestalozzi do Brasil — Rio
20 anos — 4 julho/1945

*Transcrito do Boletim n.º 29 da Sociedade
Pestalozzi do Brasil, 1965 (GB)*

As obras vencem, realmente, graças: 1) à pureza das intenções em criá-las; 2) à organização; 3) à coesão do seu pessoal; 4) à qualidade de seus métodos de trabalho; 5) aos resultados alcançados.

Creio que em todas as três obras a concepção procedeu dos mais puros desejos de criar algo para os *irmãos menores*, para que progredissem na medida de sua natureza e suas capacidades. Isso exigia ambientes mais amplos, numerosos estímulos, oportunidades para cada tipo, cada indivíduo. Necessitavam de tratamentos médico-pedagógicos com base na ciência, no estudo individual. Mas, sobretudo, de um pessoal selecionado, preparado, compreensivo, solícito, paciente e progressista.

Em todas as três instituições reinava grande entusiasmo e as *luas-de-mel*, apesar das dificuldades materiais, da crítica, às vezes, hostilidades, da falta de segurança técnica, decorre-

ram a contento de todos. Moviam-nos o élan inicial e a fé no poder da ciência e do amor ao próximo — para remover da inércia as inteligências adormecidas, suscitar interesses vitais, equilibrar a agitação dos irrequietos, e amansar a agressividade com exemplos de pessoas de autêntica santidade. Quanto heroísmo não revelou o paciente trabalho das primeiras educadoras dessas obras!...

Instituto Pestalozzi — O primeiro estabelecimento a festejar seus primeiros seis lustros é o *Instituto Pestalozzi* de Belo Horizonte, órgão oficial da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais. Nasceu há 30 anos, pelo decreto de 5 de abril de 1935.

Auxiliado material e tecnicamente pela Sociedade Pestalozzi, associação particular de assistência a excepcionais, o Instituto, localizado na Rua Ouro Preto, 624, no Barro Preto, serviu de externato para escolares que nada ou pouco progrediam nos grupos escolares da capital.

Para minorar a miséria moral em que se achavam, naquela época, os clientes do antigo *Abrigo de Menores*, resolveu a diretoria matricular cerca de 50 desses em regime de semi-internato, entre seus primeiros alunos. Bastante inteligentes, porém filhos da rua, ofereciam, em sua maioria, condutas anti-sociais de extrema agressividade, representando perigo muitas vezes para seus colegas e educadores.

Com tal corpo discente, variando seu nível mental desde o estado de idiotia e imbecilidade até graus de inteligência superior, dotados, alguns, de apreciáveis aptidões especiais (mecânica, pintura, poesia, liderança, sociabilidade), o grupo de professores encontrava sérios problemas em seu trabalho de iniciação ao ensino especializado. Todas eram novatas nesse setor. Um grupo possuidoras, em sua maioria, de diploma da famosa Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, criada por Francisco Campos em cumprimento de sua Reforma de Ensino do Estado de Minas Gerais, em 1929.

A primeira turma dessa extinta escola (substituída pelo Curso de Administração) formou-se em 1930, após dois anos de estudos pós-normais. Aproveitamos a data para assinalar mais um *lustro*, o de 35 anos — desde que as primeiras professoras com nova mentalidade da *Escola Nova e Educação Funcional*, começaram a espalhar a semente pelas escolas do vasto Estado. Entre elas encontramos o nome de *Ester Assunção*, talentosa educadora e diretora do *Instituto Pestalozzi* de Belo Horizonte, desde a sua fundação até a presente data.

Junto, temos de citar as demais pioneiras que dedicaram seus melhores anos à educação dos excepcionais: Cora Faria Duarte, hoje diretora do *Lar Pestalozzi* de Volta Redonda; Iolanda Barbosa, diretora do internato da Fazenda do Rosário; Leopoldina Neto, orientadora de suas classes especiais; Cristina Dias, hoje diretora da Escola Montessori, de Belo Horizonte; Francisca Otoni, de Teófilo Otoni; Esther França e Silva, do ISOP e da Sociedade Pestalozzi do Brasil, RI; Imene Guimarães; Naytres Maria de Rezende — essa, infelizmente, deixou cedo a vida e uma inesquecível imagem em nossa alma. Também da turma de 1930 da Escola de Aperfeiçoamento foi Naytres, que tomou a si a primeira experiência com a classezinha de retardados, em anexo à escola. Essa tentativa de reeducar foi bem dura: o grupo muito heterogêneo e casos de extrema gravidade quanto à saúde mental e conduta social, constituíram constante preocupação e angustiante problema para todos nós que orientávamos a classe e principalmente para a jovem educadora que era Naytres Maria de Rezende. A ela apresentamos nesta comemoração de ensino especializado a nossa profunda homenagem póstuma.

Seria unilateral deixarmos de nos referir com reconhecimento à plêiade de distintos médicos que acompanharam o trabalho do Consultório Médico Pedagógico e Laboratório de Pesquisas Clínicas e de Investigações Científicas. Seguindo a ordem cronológica, devemos-nos lembrar dos Drs. Aureliano Tavares Bastos, Fernando Magalhães Gomes, Teófilo Santos, Milton Gomes, Clóvis Salgado, Clóvis Alvim, Santiago Americano Freire.

Uma lembrança toda especial merece o professor Henrique Marques Lisboa, da cadeira de Bacteriologia e Parasitologia da Escola de Medicina, constante estímulo para a realização dos princípios da escola ativa e escola para a vida.

Lembre-mo-nos ainda do reverendo pe. Alvaro Negromonte, vice-presidente da Sociedade Pestalozzi; durante 12 anos seguidos muito ajudou, com seu prestígio pessoal, a obra do *Instituto*, em boa hora fundado pelo Sec. de Est. da Educação, Dr. Noraldino Lima, que mandou construir o primeiro pavilhão do referido estabelecimento. Ambos repousam em paz e a eles também nossos sentimentos de gratidão.

Em todas essas figuras de educadores, médicos, mestres e em muitos outros que mereciam ser citados via-se a mais tocante dedicação à causa da infância anormal, como era então denominada.

Como testemunha ocular, até 1940, no primeiro lustro, portanto, da fundação do Instituto Pestalozzi, sob a direção da professora Ester Assunção, pude observar, em todos, grande desejo de estudar, de compreender os estados de anormalidade, suas causas, seus efeitos sobre as mais variadas modalidades de distúrbios mentais, psicomotores, emocionais e sociais. A Sociedade Pestalozzi acompanhava de perto o trabalho, ajudando o órgão oficial a melhorar as condições do ambiente, o equipamento dos laboratórios e das oficinas, etc.

A Sociedade realizou cursos de esclarecimento sobre problemas atinentes aos aspectos biológicos da infância excepcional, alertando as famílias e as escolas a dar assistência, o mais cedo possível, enquanto o organismo é mais plástico, à formação de hábitos sociais, de vida, de comunicação pela linguagem, de percepção discriminada e das noções fundamentais com as quais o ser humano deve se ajustar ao ambiente físico e social.

Faltam-nos documentos objetivos para responder às demais situações que enumeramos no começo quanto às características dos métodos, processos e dos progressos realizados pelos alunos do Instituto Pestalozzi, entre milhares de casos que por ali passaram, no consultório médico-pedagógico, nas classes especiais e oficinas. Isso, aliás, vai faltar nos outros estabelecimentos, pois nenhum dos três foi bastante aparelhado e dotado de um pessoal para acompanhar, com medidas objetivas e observações seguidas, o desenvolvimento da obra e sua repercussão na sociedade, bem como o ajustamento dos ex-alunos na vida pós-escolar.

Fazenda do Rosário — Uma das finalidades dessas comemorações consiste exatamente nessa possibilidade de verificação dos resultados obtidos. Qual é o valor da Fazenda do Rosário e qual a sua repercussão, nos meios pedagógicos e econômico-sociais, dos esforços incessantes dos 25 anos? Um grupo de jovens sociólogos, orientado por reconhecida autoridade, realizou, nos anos de 1959/60, uma pesquisa abrangendo a comunidade da Fazenda do Rosário numa área de 65 Km² de superfície, de 4,5 km, de raio em torno do ISER. Visitaram 80 moradias (executando-se as das instituições escolares), com cerca de 500 moradores. Naquele tempo, os resultados, longe de ser positivos, evidenciaram, segundo a pesquisa feita, uma influência bem superficial e precária. Ficamos até desapontados com os resultados publicados pelo Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Belo Horizonte, com o prefácio de seu diretor e ex-ministro de Educação, dr. Abgar Renault. Sem perder a esperança de que a Fazenda do Rosário e suas instituições, bem como seu espírito e perseverança ainda venham a se manifestar na progressiva

transformação do nosso meio rural, pela escola, continuamos firmes no propósito, lembrando o pronunciamento do mesmo dr. Abgar Renault, então secretário de Educação, ao inaugurar o 2.º Curso para Professores Rurais na Fazenda do Rosário, em abril de 1949. Dizia ele: "A tarefa da educação é semear frutos de tardia colheita". Talvez esses frutos se farão sentir em gerações que ainda não nasceram...

A *Fazenda do Rosário* estende-se numa superfície de cerca de 250 hectares. A maior parte pertence à Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, e foi adquirida, em compras sucessivas, a partir de 30 de dezembro de 1939, com auxílio financeiro da campanha dos Diários Associados. Seu diretor, dr. Assis Chateaubriand, foi ao Rio entregar pessoalmente o cheque na importância de 80 contos de réis, aproximadamente, nas mãos da Presidente da Sociedade Pestalozzi. Vale a pena lembrar que um dos primeiros subscritores desse donativo foi Josefina Baker, a famosa bailarina francesa negra que, naquela época dançava no Cassino da Urca.

Distante 26 km, de Belo Horizonte, a Fazenda do Rosário, localizada no Município de Ibirité, representa hoje um centro educacional de bastante importância. No entanto, seus começos foram bem modestos: duas professoras — Dona Cora de Faria Duarte e D. Iolanda Barbosa, com seis meninos do ~~Abriço de Menores e do Instituto Pestalozzi~~ de Belo Horizonte e mais os primeiros apetrechos domésticos — tudo isso transportado num caminhão — entravam na modestíssima casa de adobe, de chão batido. Sem água encanada, sem luz elétrica, sem instalações higiênicas, a vida dos pioneiros da Fazenda do Rosário era dura e sem conforto. Precidou de muita coragem e devotamento infinito à causa da infância desamparada para agüentar esses difíceis inícios. Felizmente não faltou ânimo a nenhum dos primeiros habitantes, entre os quais precisamos mencionar o nome de Dona Nina Stavrovietzki, de D. Ana Bandeira de Melo, Wanda Andrade, Lúcia Leite —, as primeiras professoras e educadoras da Escola Granja da Sociedade Pestalozzi, instalada em 1940.

Tudo que se fazia em matéria de assistência à infância excepcional que, dia a dia, aumentava os quadros do internato da Fazenda do Rosário, distribuindo-se em casebres da rústica propriedade e, mais tarde, em prédios edificadas pela própria Sociedade, com o auxílio do Departamento Nacional da Criança, — escola, assistência médica e dentária, assistência religiosa, recreação, festas cívicas e tradicionais — tudo isso se destinava, indistintamente, à criança internada pela Sociedade, abandonada, desajustada, anormal, como à infância e juventude, da própria população, da comunidade adjacente. E isso, constituindo um

notável benefício para o ambiente social que recebia os forasteiros mais civilizados, representava também uma grande vantagem para os menores internados porque eram recebidos, apesar de todas as suas limitações e defeitos, de braços abertos, com franca amizade. Era tocante constatar como as famílias rurícolas convidavam os meninos para, em suas casas, participarem dos festejos familiares, aniversários, casamentos, etc. Não havia, inicialmente, quase nenhuma barreira entre uns e outros e muito menos se podia falar num enquistamento estranho ao meio. Houve mais tarde, com o desenvolvimento das instituições escolares e aumento da população de camadas econômico-sociais e culturais mais elevadas, principalmente por parte do professorado e da administração, um certo afastamento dos moradores locais adultos, embora seus filhos e netos freqüentassem os diversos níveis de escolas em funcionamento na Fazenda do Rosário. Hoje, muitos deles já se acham integrados nas obras educacionais, na função de educadores, mestres de ofícios, regentes de classe e auxiliares vários.

Aqui vai a lista das instituições em pleno funcionamento na Fazenda do Rosário:

- 1 — Internato para menores excepcionais Sandoval Soares de Azevedo, do sexo masculino;
- 2 — Internato Santa Terezinha, para meninas excepcionais;
- 3 — Escolas Reunidas Dom Silvério e Clube Agrícola João Pinheiro;
- 4 — Instituto de Educação Emendativa;
- 5 — Posto de puericultura com serviço médico, dentário e laboratório de pesquisas clínicas;
- 6 — Centro Social Rural;
- 7 — Hospitalzinho Galba Velloso;
- 8 — Casa de Repouso (em remodelação);
- 9 — Curso Complementar Industrial e Agrícola Dr. Gustavo Lessa;
- 10 — Cerâmica da Fazenda do Rosário;
- 11 — Ginásio Normal Oficial Rural Sandoval S. Azevedo, com internato para moças;
- 12 — Ginásio Normal Oficial Rural Caio Martins, com internato para moças;

- 13 — Inst. Sup. de Educação Rural — ISER — mantém Cursos de Supervisão de Ensino, Curso de Treinamento de Professores Rurais, Museu de Ciências, Posto de Meteorologia, Laboratório de Psicologia e de Pesquisas Sócio-Pedagógicas, Classes anexas, pré-primárias e primárias, Clube Agrícola Fausto Teixeira, com lavouras, hortas, pomares, jardins, criação de aves e de porcos, curso de extensão de economia doméstica;
- 14 — Capela Nossa Senhora do Rosário, com serviço religioso regular ministrado pelos frades franciscanos.

Em projeto acham-se os seguintes estabelecimentos de ensino e educação:

— Colégio de Economia Doméstica e Curso Superior de Educação Familiar, em convênio, ambos com o Ministério de Agricultura.

O Colégio de Economia Doméstica está funcionando no ISER (1966).

— Colégio Rural Oficial para candidatos de ambos os sexos, com sessões diferenciadas.

— Escola do Serviço Social Rural, no nível superior de ensino (4 anos de curso seriado).

— Instituto Rural Edouard Claparède, para menores com problemas de conduta e pré-delinquentes.

Os primeiros 8 anos (1940-47) foram inteiramente consagrados à educação de menores desamparados, retardados mentais, nervosos, com distúrbios emocionais, anti-sociais, etc. Quase todos indigentes, recebiam integral assistência, pesando bastante a sua manutenção para a Sociedade Pestalozzi, visto que o número de internos elevou-se até a mais de cem (100) alunos.

A partir de 1948, outro problema veio inquietar a Sociedade — a criança do campo, cujas lamentáveis condições de vida faziam dela também, um ser desamparado: sem escola, sem assistência médica, dentária, ou religiosa, vivendo em estado de higiene precaríssima, mal alimentada, e doente, verminótica, anêmica, associal, com linguagem pouco desenvolvida, acanhada e triste, recebia pouco da família à qual, desde cedo, prestava seus serviços de criança. Eram-lhe desconhecidos os brinquedos e raramente se referia a qualquer espécie de jogo infantil entre companheiros ou parentes, em casa.

— A escola, por sua vez, não oferecia melhores oportunidades, pois da escola só existia o nome; sem prédio apropriado, sem mobiliário e material didático, dirigida por uma professora leiga — muitas vezes apenas com um curso de 3 anos de escola rural — essa escola devia ser modificada e melhorada em seu ensino.

Foi então que a Sociedade Pestalozzi, mais uma vez, veio em auxílio do Governo de Minas, com o oferecimento de suas acomodações em sítios e chácaras de sua propriedade para, sem demora, iniciar o treinamento do professorado para escolas em zonas rurais. Assim passaram em cursos intensivos de 3 a 4 meses de estudos cerca de 1.000 professores rurais. Mais tarde, a Secretaria da Educação promoveu, em instalações próprias, e em outras localidades, esse tipo de cursos, com bastante repercussão na zona rural, felizmente.

Com a escola normal deu-se a mesma coisa: inicialmente, ao curso foi oferecido, pela Sociedade Pestalozzi, um dos seus sítios, bem como as instalações ainda não utilizadas pelas crianças. Dois anos e meio após a escola normal já entrava em seu próprio prédio, construído numa gleba de 35 hectares, adquiridos pelo governo nas adjacências das terras da Sociedade. Assim, a formação de regentes rurais ganhava tempo e em 1954 diplomava-se a primeira turma.

Surgiram outros cursos oficiais; em 1955, instalou-se o primeiro Curso de Supervisão de Ensino no Instituto Superior de Educação Rural, devendo esse órgão representar a cúpula para o ensino em zonas rurais; em 1956, durante um semestre, o professor André Rey, da Universidade de Genebra, veio ministrar um curso de Psicologia Experimental, de pós-graduação.

Diversos seminários de educação rural, como de excepcionais, mesas-redondas e mutirões têm sido realizados na Fazenda do Rosário, com a participação de pessoas as mais acreditadas nesses assuntos, no Brasil.

Em 1964, um convênio do Estado de Minas com a Sociedade Pestalozzi criou o Instituto de Educação Emendativa (IEEM), em virtude do qual a assistência à infância excepcional pode se desenvolver material e tecnicamente em melhores condições, com maior número de alunos. A Secretaria de Educação vem ajudando tanto o internato como o semi-internato com o professorado oficial, mestres de oficinas e, o mais substancial ainda, com a alimentação, fornecendo os mantimentos através de seu Departamento de Compras. Tudo isso veio aliviar bastante a preocupação da Sociedade Pestalozzi a encarar com maior otimismo o futuro da assistência a excepcionais na Fazenda.

Todavia, falta ainda o mais importante, talvez: pessoal suficientemente preparado e selecionado para a completa tarefa. Espera-se que cursos e estágios pouco a pouco irão diminuir essas dificuldades. Esperam-se auxílios para contrato de técnicos estrangeiros a fim de sanar as faltas em pessoal especializado em educação dos excepcionais. A escassez de acomodação para esse pessoal, em condições de conforto, e a ausência de acomodações para alunos impedem a aceitação de novos candidatos, embora mais de 200 casos já se achem inteiramente estudados pelo serviço social da Sociedade Pestalozzi para internamento, entre mais de quinhentos que desesperadamente esperam a sua admissão na Fazenda do Rosário. Os auxílios financeiros são indispensáveis para construções, visto que não falta espaço para abertura de novas chacinhas para internatos.

Julgando o internamento da criança excepcional (a bastante inteligente para compreender que a família, ao internar o filho, comete um ato de rejeição, o qual não rara vez culmina com o abandono definitivo do excepcional no estabelecimento) iniciou-se em 1964, o sistema de semi-internato, trazendo diariamente menores de Belo Horizonte em ônibus, às 8 horas da manhã, e devolvendo-os às famílias às 5 horas da tarde. O problema do transporte, nesse caso, deveria ser solucionado através de auxílios mais significativos para poder receber maior número de alunos.

Para afastar os males do internato coletivo está sendo estudada a possibilidade do regime de fixação familiar. Certos países (Uruguai, por exemplo) preconizam sobremaneira esta modalidade de assistência. Todavia, para que a fixação beneficie realmente a criança, deve ser tomada uma série de medidas quanto a escolha e o preparo de *lares adotivos* para assistência mais ou menos prolongada e, quiçá definitiva, em se tratando de crianças órfãs, ou abandonadas.

Ainda são poucas as famílias, na comunidade, que possam desempenhar satisfatoriamente o complexo papel de educadores de excepcionais em seus lares. Talvez precisará ainda mais uma geração para conseguir famílias numerosas, entre os rurícolas, capazes de aceitar essa incumbência de maneira higiênica, pedagógica, sem preocupações de exploração e de ganância. Acreditamos firmemente que um dia a Fazenda do Rosário possa ser uma espécie de "Colônia de Gheel" para excepcionais, ao exemplo do que se faz na Bélgica para os alienados. Essa modalidade solucionaria *pari passu* o problema do *egresso* que tanto preocupa a Sociedade Pestalozzi. A manutenção dos crescidos no meio dos novos de menor idade chega um dia a seu limite. Cortar o cordão umbilical que os prende por longos

anos ao internato, em se tratando de órfãos e de rejeitados, constitui um problema de angustiante afetividade. Onde irão os egressos? Para onde encaminhar os menos ajustados? O remédio seria criar, ao lado, nas proximidades da Fazenda do Rosário, uma *Colônia de Lares para Egressos*, como se tem há muito tempo deliberado. Existe mesmo um terreno doado pelas nossas amigas do Rio de Janeiro, dona Renata Silveira e dona Isar Lins, já todo medido e com planta loteada. Precisar-se-iam de outros donativos, e elevada monta para construção dos prédios de residência e demais benfeitorias para a exploração do sítio em atividades agropecuárias e industriais. Isso exigiria, ao lado de um planejamento competente, consideráveis capitais. Não faltarão, um dia, esses recursos indispensáveis, não somente à solução do problema dos egressos da Fazenda do Rosário, como ainda de egressos de outras instituições excepcionais, pois a doação do terreno especifica essa condição, para maiores de 18 anos.

(Transcrito do Boletim n.º 29, 1965
da Sociedade Pestalozzi do Brasil) — GB

AOS EX-ALUNOS E COLABORADORES DA SOCIEDADE PESTALOZZI DO BRASIL

Helena Antipoff

Atendendo às solicitações de alguns pais, justamente preocupados com essa lacuna pedagógica com relação aos seus filhos, diferentes da massa de crianças de sua idade, *surgiu nessa Capital, em 1945, uma associação civil — de amparo e educação da infância excepcional — a Sociedade Pestalozzi do Brasil.* Nos treze primeiros anos de seu funcionamento, desenvolveu um programa de amplas proporções, visando uma série de medidas preventivas e terapêuticas. Entre as tarefas mais importantes figuram o treinamento de educadores especializados. Em cursos de emergência e avulsos, sem poder ainda organizar cursos regulares e isso por falta de maiores recursos econômicos, a Sociedade Pestalozzi do Brasil orientou dezenas, senão centenas, de educadores que hoje concentram suas atividades na recuperação da criança excepcional brasileira. Na sede da Sociedade ou fora dela, porém, quase sempre sob seus auspícios e com a colaboração de seus mestres, surgiram e continuam a surgir no País iniciativas de ordem privada ou pública, em cujas instituições os ex-alunos dos cursos da SPB se esforçam a dar a esse tipo de criança assistência pedagógica adequada à sua natureza.

Neste ano, propôs-se à SPB alcançar esses educadores, espalhados pelo Brasil, solicitando-lhes *informações acerca do trabalho que realizam em prol da infância excepcional.* Aos educadores do Distrito Federal e de estados vizinhos solicitou ainda palestras esclarecedoras sobre suas atividades e amostras do trabalho didático em uso para a exposição pedagógica que hoje se inaugura, em anexo às jornadas.

Convidou educadores de renome para debates de assuntos afins ao problema dos excepcionais, esperando com isso despertar no público maior interesse pelo destino desses jovens brasileiros. Deserdados da sorte desde o nascer ou vítimas de

acidentes, nos primeiros anos de vida, o que compromete seu desenvolvimento regular e sua educação, no meio de outras crianças vivem em estado permanente de inquietações, deprimidos, revoltados, infelizes na escola como, não rara vez, no próprio lar familiar, malcompreendidos pelos pais e professores.

Passemos ao segundo item — o do diagnóstico — das deficiências e distúrbios com que se apresentam no consultório médico-pedagógico as crianças.

Os programas dos cursos de recreação da SPB foram adotados em bom número de instituições de assistência social — A ASA, no Distrito Federal, o SESP, a LBA. Quase pioneira em 1945, a SPB foi seguida por essas instituições em seus próprios cursos, espalhando-se o movimento recreacional, populacionado pela SPB desde 1945.

DIAGNÓSTICO PRECOCE

Vejamos outro aspecto de seu trabalho — o de assistência à infância excepcional. A pedagogia emendativa em classes para crianças retardadas ou em oficinas pedagógicas para adolescentes aqui praticada por dedicados educadores, entre os quais Leopoldina Neto e Olívia Pereira se destacam como figura proeminentes e queridas — tem dado nos 13 anos de perseverante esforço no Leme uma prova de fidelidade digna de apreço e de gratidão. Toda a equipe, sob a orientação dessas educadoras, tem beneficiado várias centenas de alunos e aprendizes e tem formado dezenas de educadores, matriculados nos Cursos de Orientação Psicopedagógica, na técnica de trabalho com excepcionais. Assinalemos como fator importante dessa pedagogia as atividades do educador. Serenidade, paciência, dedicação, confiança, compreensão e respeito à personalidade do aluno, por mais atrasado ou desajustado que seja — são características patentes do educador dos excepcionais. Isso faz parte, por assim dizer, da técnica da pedagogia emendativa. Nenhum manual poderia ensiná-la, mas todos os educadores que vêm aqui estagiar treinam-na e aprendem a adotá-la em suas relações com a criança excepcional. Não são fáceis essas atitudes, mas, tachativas, se formam no exemplo que aqui encontram. Frequentemente chamadas pelas entidades oficiais de ensino ou obras privadas, nos diversos Estados — formam ali outros núcleos de educadores, nos mais longínquos estados do Brasil, levando para eles a sua experiência, seus métodos e as atitudes a que me referi.

O setor de Recreação foi o que mais usufruiu, talvez, da Sociedade Pestalozzi do Brasil. Com perseverança, repetindo duas vezes por ano, realizou os cursos de férias, no início e no meio de cada ano. Vinte e um cursos tem se registrado, com 22 agora em pleno funcionamento. Não se precisou de muita propaganda para contar com inscrições superiores à capacidade do curso, de modo que os que sobram já apresentam sua candidatura para o curso imediatamente vindouro. Foram alunos do primeiro curso de OPP que constituíram o grupo docente dos cursos de Recreação, encarando-os como salutar medida para arregimentar novos elementos para casa e educadores para um sem-número de obras de assistência social pelo Brasil afora — mais de 1.000 alunos têm por eles passado e poucos os estados que não contam com alguns desses educadores em variados serviços. Bem sabemos qual é o papel da recreação infantil e de adultos no regime de vida da nossa época. Principalmente nas aglomerações urbanas, servindo-lhe de descarga emocional e nas agruras crônicas da vida, tem ela sido reclamada para contribuir com os lazeres do trabalhador, sem falar na infância, para a qual a recreação e o jogo são os regimes essenciais de sua vitalidade fatores de desenvolvimento do ser humano. Schheersohn diagnosticou estados de “avitaminose psíquica” em crianças nervosas privadas do jogo e apontou os sinais comprometedores do seu futuro nas estigmatizadas por essa falta de atividade.

O mesmo fenômeno de avitaminose psíquica por carência de elemento lúdico na infância e adolescência, encontramos em zonas rurais. Como sabem, o homem do campo desde cedo incorpora sua infância nas lidas cotidianas do lar e do campo. Ainda brilham as estrelas no céu matinal quando o menino da roça sai à procura do cavalo, junta o gado leiteiro, tirando leite, cuida dos porcos, da galinha — tudo isso antes de ir para a escola, bem distante às vezes do seu lar. Caminha quilômetros gastando energias e encurvando o corpo nos bancos escolares de uma escola mais que triste, regida pela professora sem preparo, quase analfabeta, no entanto exigente e carrancuda às vezes. — Após 3-4 horas de escola, volta ao lar para levar milho ao moinho, recolher o gado, capinar a roça ou colher o café. Talvez aos domingos ser-lhe-á possível retornar à idade infantil, ou no recreio escolar, com a professora melhor orientada — pagar parte da dívida emprestada ao organismo infantil oferecendo-lhe o professor ou algum líder rural alguma recreação ao trivial penoso da existência. Sei, por experiência na Fazenda do Rosário, qual é a necessidade para esses meninos e meninas e como aspiram os moços poder se reunir.

Era nosso desejo pôr em prática o salutar princípio de ser a escola centro de civilização da comunidade. Sonhamos com essa conceituação, pensando na maior aproximação dos moradores da obra pestaloziana tanto por parte dos mais privilegiados, como nos deserdados. Leme, há treze anos, atrás era ainda reduzido a pequenas casas residenciais e habitadas por vários expoentes de cultura — tais como Dr. Henrique Roxo, Dr. Arthur Ramos, Burle Marx — entre os mais proeminentes. Fixemos a tentativa de trazê-los a essa sede, para colaborarem com a obra em termos de boa vizinhança. Foram bem aceitos os convites, porém não foi possível executar o plano — os afazeres, doenças, morte de dois ilustres, entre citados — deixaram o bairro sem a sua preciosa dádiva.

Com relação à população proletária — no mesmo intuito de educação socializada — também não fomos suficientemente perseverantes: adotamos a linha unilateral de assistência do tipo paternalista — que se limitou a prestar serviço através da escola de adultos, sobretudo, descuidando de outros meios, mais construtivos, para a criança, e que mais lhe cai no coração para seu futuro desenvolvimento — o jogo, o brinquedo, as formas variadíssimas da recreação infantil. Lamentamos sinceramente que essa nossa população indigente tenha ficado de lado — pois que, repito, toda escola deve se constituir num centro de irradiação cultural e de civilização para o meio adjacente, para a comunidade. Essa ligação com o ambiente social mesmo para uma escola especializada como a nossa deve obedecer à essa regra, pois que mesmo poderia para nossas crianças oferecer certas vantagens para a compreensão de situações reais. Refiro-me, nesse caso, por exemplo, aos nossos adolescentes das Oficinas Pedagógicas — bastante apoucados mentalmente na sua maioria, mas ainda sensíveis à miséria, dificuldades de vida e capazes de agir de certo modo para incorporar suas energias no auxílio ao próximo, na cooperação que possam prestar com seu trabalho — sentindo-se com isso, menos inferiorizados e mais confiantes em suas forças. É o que Melle. Alice Descoedres, educadora da infância excepcional, em Genebra, fazia e cujos relatos constituem um capítulo original e importante de sua obra publicada e por nós traduzida pela Sociedade Pestalozzi de Minas.

Da Fazenda do Rosário, as professoras que aqui fizeram o Curso de Recreação trouxeram, ao meio rural, sugestivas aplicações, recreando os internos da Sociedade Pestalozzi, os peçoões excepcionais e juntamente com eles lucraram crianças campesinas, seus companheiros da escola primária. Terezinha

Eboli, Luiza Figueiredo, Mirtes Mathias e duas diretoras — Nadir Guimarães e Olga Costa Coelho — têm espalhado de mãos cheias os ensinamentos aqui recebidos aos adolescentes da Fazenda do Rosário e às centenas de mestres rurais que vêm de Minas inteira e de outros estados, recreando-as em toda espécie de brinquedos cantados, de dramatizações, Teatrinho de Bonecos, sobre tudo. Miguel Botandaro, Dona Iolanda Rebelo e Lúcia de Alencastro — professoras dos Cursos da SPB — levaram-lhes sua arte em notáveis realizações, surgindo nos cursos da Fazenda do Rosário verdadeiras revelações, Teatro de Fantoches de Sombra, de Máscaras e belíssimos painéis de mosaico — de papel colorido cobrindo dezenas de metros as paredes do grande auditório.

Do cômputo das atividades que os professores rurais aplicaram em suas escolas do campo, ficou evidenciado que precisamente as atividades recreativas foram as mais bem-sucedidas no meio rural, delas o Teatrinho de Fantoches saindo vencedor, pois nada mais encontrou maior aceitação por parte dos rurícolas, como de crianças e adultos que esse simples Teatrinho de Bonecos. Na Escola Normal Rural do Município de Diamantina, onde Maria de Lourdes Moura, (ex-aluna do Curso de Recreação da SPB) dirige o Teatro de Fantoches — esse funciona regularmente aos domingos, após a missa, constituindo, para a criançada local, seu grande divertimento. Em outros três centros regionais (Divinópolis, Araxá e Viçosa), sem falar do Centro de Treinamento de Teófilo Otoni, confirma-se a regra: os Fantoches figuram como recreações prediletas. São essas as repercussões que tivemos pessoalmente a ocasião de verificar, in loco, no meio rural.

Aliado às matérias do curso, tais como Higiene, Educação Moral e Cívica, o teatrinho tem servido, sob forma ingênua e singela, para veicular preceitos úteis no combate à verminose, à terrível Schistosoma, ao alcoolismo, às superstições da preguiça e desleixo — constituindo, assim, um processo didático de apreciável valor psicológico.

Recreando e instruindo a uma vez, os bonecos têm realmente servido e numa larga escala às populações do campo, alcançadas pelos cursos de mestres e professores rurais que tiveram a chance de contar com a influência de professores que aqui aprenderam essa arte popular.

Neste ano, propôs-se à Sociedade Pestalozzi do Brasil alcançar os ex-alunos dos cursos de educadores espalhados no Brasil, solicitando-lhes informações sobre o trabalho por elas realizados em benefício da infância excepcional. Aos educado-

res do Distrito Federal e dos Estados vizinhos, solicitou ainda palestras esclarecedoras de suas atividades e amostras do material didático empregado na exposição que faz parte desta primeira Jornada Pedagógica de 1957 e que se inaugura hoje.

Convidando educadores de renome para debate de assuntos afins ao problema dos excepcionais, espera a SPB despertar no público o maior interesse pelos destinos desses jovens brasileiros. Deserdados da sorte, desde o nascer, ou vítimas de acidentes nos primeiros anos de vida, que comprometem seu desenvolvimento regular e sua educação no meio de outras crianças, vivem em estado permanente de desajuste, deprimidos, revoltados, infelizes na escola, como não raras vezes no próprio lar familiar, malcompreendidos pelos pais e professores.

ed. pop. em quantidade especial

Não são poucas as crianças que necessitam da atenção especial do educador, do psicólogo, do médico, da sociedade e do poder público. A estatística de 1944 para crianças da Grã-Bretanha registra nada menos de 15% de subnormais em idade escolar, alcançando 20% nos bairros urbanos menos privilegiados e nas zonas rurais. Entre crianças que deveriam cursar a escola elementar no Brasil, tomando por base um mínimo de 10% da população, um total de 60.000.000 de habitantes no Brasil, ou seja, 6 milhões de escolares, teríamos, a grosso modo, 1,2 milhão, ou seja, a quinta parte de crianças que exigem educação em classes especiais e métodos próprios de ensino emendativo.

Essa educação é mais dispendiosa, exige maior número de salas e de professores, relativamente aos alunos regulares. Exige material didático suplementar, sem o qual poucos resultados alcançariam as classes especiais. Exige bons educadores, com treinamento de 1-2 anos pelo menos complementar ao curso normal completo. São essas as perspectivas que devemos encarar corajosamente no plano pedagógico como no plano econômico. Todos os países civilizados asseguram a toda sua infância seu direito à educação e para garanti-la à criança excepcional nos moldes que exige sua natureza os governos e a sociedade unem seus recursos e esforços a fim de não a deixar sem o amparo da lei e do sentimento da solidariedade humana.

É nossa opinião que a educação aos retardados e ao ensino emendativo deve-se dar o mesmo caráter funcional que aos alunos normais. Que a automatização dos exercícios do tipo lápis e papel deve ser bastante reduzida como na repetição demasiada dos mesmos exercícios com o material, dito didático, de tipo sensorial, sem resultado. É tão deprimente para eles verem que o jogo tantas vezes combinado, o defeito logo não

serve para nada, como o seriam esses exercícios sem sentido para meninos comuns de sua idade. Que socialmente falando, uma vez treinados em atividades de utilidade doméstica ou outra, podem realizar mais que nos exercícios escolares, sem utilidade e resultado patente imediato.

Sei que esse trabalho útil é menos apreciado pelos pais desses retardados mentais, para os quais sonham com coisas impossíveis. Não aprenderão a ler, nem a escrever, nem a calcular como escolares de sua idade. Nessas ocupações quase nenhum progresso pode se esperar de crianças de níveis mentais inferiores e com essa estagnação e incapacidade os exercícios são sem sabor e sem vida os deprimem, perdem confiança em si e produzem ainda menos daquilo que poderiam fazer. No campo social há bastante progresso a esperar, uma vez que tratamos com paciência, compreensão e respeito a sua personalidade de pessoa humana. Para cada caso individual, o educador deve revelar bastante sagacidade em descobrir inclinações, aptidões especiais, algo de peculiar ao indivíduo — e aproveitando dessa vantagem em qualquer dos campos revelados, concentrar as ocupações correspondentes.

Proporia para tema de estudo das jornadas pedagógicas de 1959 e durante este ano para experimentação com processos ativos de caráter socializado maior número dessas ocupações úteis, estimuladores dos interesses infantis. Que levem os alunos à mais dinâmica conduta dentro do ambiente mais natural. Não nos esqueçamos que, desde cedo, devido a suas carências físicas e suas limitações intelectuais ou seus desequilíbrios de caráter emocional — essas crianças vivem no regime de uma tutelação excessiva: seus desejos de ação ficaram cercados de tanta solicitude por parte do ambiente familiar que lhes paralisaram a vontade de agir e a confiança em suas forças. Quem de nós não tenha experimentado sobre si esses estados de inibição por que fomos demasiadamente protegidos, prevenidos nos mínimos desejos de ter qualquer coisa em que ela não aparecesse como movidas pela varinha mágica, toda pronta para nós? Devem ter experimentado esse convite à passividade os que ainda alguns anos atrás apenas se submeteram à operação cirúrgica, devendo manter-se em absoluto repouso durante 7-8 dias.

Em assuntos de infância excepcional as incógnitas das causas de sua deficiência ou insuficiência em distúrbios são ainda tão numerosas, como do próprio funcionamento do sistema nervoso e do comportamento cujos estudos vindouros provavelmente nos trarão bastante surpresa. E é possível que a superproteção dos débeis mentais será demonstrada tão inadequada

como o foi provavelmente demonstrado com relação aos espásticos e defeituosos da motricidade. O sistema de Dr. Carlsen — ele mesmo grande espástico, se baseia, além da reeducação motora e de processos ortopédicos, na recuperação da confiança do cliente, no *desarmamento do medo* criado talvez menos pelo indivíduo que pelo seu ambiente social, tolhendo os passos e criando nele o receio de cair. Como sabem, esse fator — medo — um dos quatro gigantes da alma que o dr. Mira em seu livro retratou com bastante eloquência, reside nos povos modernos sob formas ainda arcaicas, estrangulando sua existência e paralisando o progresso. A expressão — *desarmamento do medo* — apareceu nos textos das cartas de entendimento internacional a fim de garantir ao mundo paz e bem-estar social.

Em outro campo, não menos universal, notável esclarecimento quanto ao fator *medo* vem liberando a mulher parturiente do milenar estigma de sua inferioridade, quanto à dor e à apreensão do parto que funcionam como elementos inibidores, dificultando o processo natural; o desarmamento do medo e a confiança, ao lado de processos fisiológicos auxiliados pela ginástica preparatória — levam o organismo ao desempenho de sua função natural com maior rapidez e menor sofrimento.

Penso não ser sem base possível o caso de um bom número de nossas crianças ditas retardadas cuja eficiência no trabalho escolar e na conduta se acham sob o peso desse fator inibitivo, quando processos inflamatórios ou outros da matéria cerebral não forem por demais extensos para comprometer o funcionamento do sistema nervoso central. A anátomo-patologia acusa geralmente uma porcentagem bastante baixa dessas atrofias definitivamente comprometedoras da conduta normal dos ex-clientes de asilos de anormais mentais. Assim, para bom número desses clientes as causas podiam ser de caráter menos taxativo se tivesse dado maior empenho ao trabalho pedagógico de tentar maior confiança em suas capacidades, uma vez desarmadas do peso constrangedor da desconfiança que estigmatizou desde cedo toda a sua conduta.

Desde já pode se afirmar que as classes especiais são mais dispendiosas, no entanto as despesas em parte serão equilibradas pela diminuição da repetência nas classes comuns e melhor rendimento nestas como naquelas. Isso dar-se-á se o ensino emendativo realmente atender às necessidades de seus alunos e se o educador estiver à altura de sua missão.

No seu livrinho de apenas 30 e poucas páginas, sobre o tratamento de criança retardada, um psicólogo inglês, R. K. Robertson, assim se exprime: "Há um modo estúpido e um modo

inteligente de treinar uma criança a fazer qualquer coisa. Se se tem a instruir uma criança de nível mental baixo, há sempre a tentação de adotar o método estúpido: A criança faz o que se lhe pede fazer. A desvantagem é que se ela não der o sinal do aprendizado ela não poderá nada usufruir do novo conhecimento; com efeito, conhecendo um novo fato, obtendo nova habilidade — isso pode até torná-la mais estúpida ainda, porque ela pensa que sabe o que deve fazer e faz isso de maneira cega e mecanicamente, ofuscada com o problema que ela pensa que pode solucionar.

O método estúpido a que se refere Robertson consiste principalmente no uso com crianças retardadas e débeis mentais da tendência de ensinar *antes* que a criança possa compreender e fazer uso consciente desse saber.

“Há uma constante tendência de adotar com crianças retardadas e débeis mentais métodos estúpidos, ao invés de aguardar o momento em que possam compreender. O tempo pode vir, alguns anos mais tarde que o normal. Pode também nunca vir... Quantos adolescentes de 14-15 anos são incapazes de ler com proveito, ou calcular a percentagem de suas rendas, embora eles façam o necessário barulho ao ler e fazer longas contas de dividir sem erros. Às vezes, o que em anos de instrução não lhes ensinaram pode ser aprendido num dia, se nós tivermos esperado até que o aluno necessite desse saber, sabendo que ele deseja saber e que ele está bastante crescido mentalmente para compreender isso.

A regra de ouro do aprendizado inteligente é esperar. Não permitir a interferência dos pais, nem dos orientadores, a forçar o tempo. “Tenham paciência; deixem que venha”.

Assim, é necessário que os débeis tenham o desejo de aprender algo que lhes pareça importante e o educador deve saber se ele pode compreender aquilo que ele quer saber, dando-lhe muitas oportunidades para revelar tudo isso... Daí a necessidade de dar-lhes ambientes sugestivos e grande variedade de material, instrumentos, utensílios, ocupações, jogos individuais e coletivos. As múltiplas ocupações servem de motivação e de oportunidade de aprender.

Com crianças retardadas, talvez mais que com crianças comuns, deve-se fazer “entrar a vida na escola” e colocá-la em situações reais. O número de crianças que necessitam de ensino emendativo é bastante elevado.

Segundo estatísticas estrangeiras — a inglesa, por exemplo — de 1946, os alunos subnormais do ponto de vista de educação registram, em média, acima de 10% da população em idade

escolar, sugerindo que se estabeleça a quota de 15% ou mais para o país todo. Em certos bairros urbanos ela se eleva a 20%, caindo a 1 1/2% nos bairros privilegiados. Nas zonas rurais da Inglaterra ascende a 20%, senão mais.

Essas crianças subnormais — de quociente intelectual 0,85 a 0,70, formam o grupo de retardados ou lerdas; os de Q.I. entre 0,70 e 0,50 os mentalmente deficientes, ou débeis mentais; finalmente, com Q.I. inferior a 0,50 aparece o grupo com 0,4% de crianças ditas ineducáveis do ponto de vista escolar, e que não figuram como escolares propriamente ditos.

Para o Brasil, que não dispõe da rede de ensino pré-escolar senão em proporção mínima, deve-se avaliar em 20% a quota de crianças em idade escolar que necessitem de educação especializada. A quinta parte dos escolares, provavelmente, deve-se dar uma atenção especial e oferecer-lhe ambientes, educadores, processos pedagógicos e material didático que os auxiliem a progredir na escola primária. A isso deve-se acrescentar ainda assistência médica, pois que seu organismo, com relação à infância comum, mais frágil, é sujeito a doenças mais freqüentes e mais graves e requer serviços de enfermeiras e de pediatras, além de especialista em neuropsiquiatria infantil.

O ensino emendativo em nosso País até agora não recebeu uma regulamentação oficial, o que já figura nos Códigos Estaduais de Ensino Público e não tem recebido, via de regra, a devida atenção por parte dos órgãos do governo como das escolas públicas, de seu professorado e da sociedade, em geral. O baixo rendimento escolar e a taxa inferior de promoções e menor ainda, a de conclusão do curso primário — em parte, correm por conta da presença nas escolas comuns de crianças retardadas e débeis mentais cujas capacidades de aprendizagem escolar não se coadunam com o regime em vigor nas escolas, nem com as exigências dos programas. Daí as repetições do ano escolar e a retirada da escola dos alunos antes de sua conclusão do curso primário.

Como para alunos normais, podemos sugerir nas classes especiais alguns projetos cujo método de ensino têm-se revelado muito mais dinâmico e proveitoso para o desenvolvimento mental e social das crianças.

Para que o trabalho seja eficiente, não nos esqueçamos de preencher os requisitos do método-projeto: são quatro itens pelo menos a serem lembrados:

1. boa motivação, com variados e múltiplos argumentos trazidos pelos próprios alunos tanto quanto possível;

2. planejamento do trabalho e discriminação das partes a serem entregues à responsabilidade de cada aluno, ou de grupos de alunos;
3. execução cuidadosa e segura das diversas partes, com observação dos desenhos ilustrados e registros por escrito sempre que possível, em diários, pequenos relatos ou narrações quando são ilustrados;
4. apresentação do resultado concreto à classe. Se for bem interessante esse resultado, apresentá-lo numa reunião com os pais;
5. análise do resultado, visando despertar a compreensão das falhas e dos acertos, a fim de levar os alunos a raciocinar e a aproveitar-se da experiência e dos "bons erros" no futuro.

Os projetos devem ser de curta duração, no início, principalmente. As oportunidades não faltarão para sugerir-los aos alunos, sob a forma de um discreto convite à ação. Por exemplo, na perspectiva de um aniversário de aluno ou de professor querido na casa, a confecção de um bolo poderia servir de ensejo a uma atividade de um dia, senão de semana. Mais complexo poderia ser a confecção desse bolo — mas motivada pela necessidade de apurar uma renda para compra de um objeto — de um utensílio de cozinha, por exemplo, para melhorar a confecção de bolos. Nesse caso, entrariam em exercício o cálculo das despesas, o preço de biscoitos ou pedaços de bolo a serem vendidos aos professores da casa e aos próprios alunos, bem como o cálculo do lucro — que reverterá na aquisição do objeto desejado.

Com alguns meninos das oficinas pedagógicas, uma vez por mês seria interessante introduzir esses pequenos projetos relacionados com suas necessidades e da oficina. Tal como um trabalho coletivo, cada grupo se encarregando de uma parte e resultando em uma venda do objeto ou de vários, cujo lucro poderia custear parte das despesas com uma excursão — passagem de bonde, por exemplo.

Ainda para meninas poder-se-á tentar um trabalho de tecelagem, em pequenos teares quadrados, fazendo cada uma seu quadradinho de lã para uma manta de criança recém-nascida, para um bebê que dela necessite.

Há muitas oportunidades para as oficinas pedagógicas, com meninos mais vivos, realizar outros projetos — com resultados

tangíveis, tais como a confecção de uma estante, a limpeza de sua sala, renovando a pintura das paredes, dos móveis, com a ornamentação do refeitório a ser inaugurada num dia festivo etc.

Aliás, já têm sido feito mais de uma vez tais projetos, porém não foram introduzidos sistematicamente, estimulando os alunos a atividades mais dinâmicas, com maior empenho de terminar cada vez a prazo marcado e resultar em um ato final — que outras classes, professores e pais possam apreciar, aprovar e ressaltar o mérito pessoal ou da classe em seu conjunto.

A pedagogia emendativa, como já vimos, tem em mira não somente ensinar algumas técnicas de trabalho, formar hábitos de trabalho ou fortalecer a atenção — mas, e muito mais, restabelecer no indivíduo empeçado seu equilíbrio psíquico, dando-lhe confiança em suas forças e coragem de enfrentar situações para novos aprendizados. Esses requisitos essenciais serão atingidos à medida que a criança possa constatar sua vitória em pequenos empreendimentos, bem ao nível de suas capacidades e que respondam a algum desejo próprio que, satisfeito, resultaria em prazer para ele e na maior confiança em suas forças.

Diz o já referido psicólogo inglês que o retardo mental provém tanto da deficiência do aluno quanto dos fracassos sofridos na escola e, antes disso, no próprio lar. Ambos exigiram demais e antes do tempo de seu amadurecimento mental, ou reagiram com impaciência e censura à sua lentidão ou qualquer outra característica sensório-motora ou emocional.

E a experiência tem mostrado que a recuperação da criança dita retardada às vezes necessita de alguns meses apenas em classes especiais para que possa voltar à classe comum, emancipada do peso de sua pretensa incapacidade, livre de medo e das inibições criadas na infância e nas idades anteriores, pela inabilidade dos pais e educadores.

Para prevenir esse estado de retardo mental, aconselha-se:

- a) nunca ensinar qualquer coisa até que a criança esteja pronta para isso e necessite disso;
- b) providenciar espécies de atividades que venham lhe trazer sucesso;
- c) obter rápido e preciso diagnóstico em casos em que se suspeita do retardo mental, usando de testes estandardizados. Esse diagnóstico deve abranger também o desenvolvimento emocional e social, através de observações de seu comportamento em confronto com as normas existentes para esses aspectos da

conduta segundo a idade. Quanto ao diagnóstico do ambiente e do valor do professor, isso encontraremos nas expressões dos alunos que ali vivem.

Proporia como temas para as próximas jornadas e a serem estudados durante o 2.º semestre deste ano e início do ano vindouro, até sua realização no mês de maio, creio, data mais indicada, os seguintes:

Relativos à *recreação* — maior diferenciação das atividades recreativas com a possível especialização dos interessados — segundo a idade, o sexo e o meio, a serem recreados.

A recreação para bairros populares, e discriminando a fase pré-escolar, escolar, adolescência, adultos.

— Recreação na idade escolar = meninas e meninos

— Recreação na adolescência e juventude = moços, moças

— Recreação para adultos = senhoras e homens.

A recreação que está sendo dada nos cursos da SPB daria margem a essa discriminação e suscitaria maior interesse dos que desejassem repetir os cursos com a especialização numa das categorias acima.

Outro assunto visaria a discriminação dos meios quanto às zonas rurais e urbanas, dando também uma visão daquilo que as tradições folclóricas podem ainda fornecer de útil. Sem essa conservação, através da escola, tendem a desaparecer, cada vez mais, essas manifestações do gênio popular, rechaçadas pelas conquistas da civilização — rádio, televisão, cinema, bailes e danças modernas...

Quanto ao assunto que rubricamos de diagnóstico precoce, também pode-se aliar ao primeiro tema o de recreação — visto que é nos brinquedos que se revelam, desde cedo, a criança e seu retardo mental, como seus desajustamentos emocionais. As diversas formas de recreação poderiam servir de reativos psicológicos para crianças excepcionais, estabelecendo-se, para isso, uma ficha de observações, do gênero proposto por Schneersohn, por exemplo, ou outros.

Relativamente ao ensino emendativo eu proporia que se estudassem alguns projetos — introduzindo, assim, nas classes de alunos marginais, principalmente, atividades mais dinâmicas, de cunho mais social e que servissem de estímulo para a manifestação mais espontânea de caracteres, de aptidões especiais e

de capacidade pré-vocacionais. Com essa introdução da vida na escola, haverá chances de atender melhor as diferenças individuais, ao mesmo tempo em que se levarão os alunos a se libertarem de inibições, constrangimentos e sentimento de inferioridade para com a escola, trabalhos escolares, matérias para as quais tem-se estabelecido complexa e decorrente falta de progresso mental.

Quais são os objetivos de trabalho em classes especiais com crianças retardadas?

Um autor inglês no-os enumera sob os seguintes itens:

1. Recuperar a autoconfiança e respeito para consigo daqueles que têm sofrido fracassos durante seu curso escolar;
2. Proporcionar a todos a satisfação do esforço bem-sucedido, dado pela livre vontade do aluno.
3. Proporcionar, para alunos agressivos e difíceis, a disciplina do trabalho interessante que não seja demasiadamente difícil para ele.
4. Fazer diagnósticos com especialistas das dificuldades infantis, de modo a poder auxiliá-los, dando exatamente a instrução de que têm necessidade. Isso requer o conhecimento especial de exames psicológicos e de ensino por parte do mestre.
5. Desse modo se pode esperar, se possível, fazer retornar o aluno ao seu lugar no meio de seus companheiros. Se isso for possível, devido às suas baixas capacidades congênitas, torná-lo capaz de aproveitar de todo esse seu potencial de aptidões.

Pode-se notar que esses objetivos da classe especial não somente visam maior rendimento escolar, como em não menores proporções o ajustamento emocional dos alunos marginais, e sua recuperação para o trabalho em classe comuns, uma vez que se lhes formam novas atitudes para com o trabalho escolar e eles se sentem capazes de vencê-lo. Senão, pretende-se dar o máximo rendimento às suas capacidades, instruindo-o de maneira adequada.

Dir-vos-ei que é também a obrigação dos cristãos, fiéis às normas de sua fé e respeito à pessoa humana. Desprezando-as no plano da educação, por motivos econômicos, colocar-vos-ei ao lado do materialismo para cujos adeptos preceitos de ordem espiritual não servem de normas à conduta, nem de base para empreendimentos sociais.

E, para vos tranquilizar, nessa fase de dificuldades materiais, quando se pede ao povo brasileiro e aos governos cortes nas despesas supérfluas, a despesa com a educação de qualquer criança é colocação do dinheiro de mais alto rendimento e juros superiores para a Nação. Vereis que os gastos de educação com a criança — *pari passu* — reduzem a taxa de despesas com a assistência em longos anos de vida de seres anti-sociais, doentes crônicos e parasitas.

Dir-vos-ei ainda que tudo que a educação da criança excepcional inventar em métodos, ambientes, material didático, em preparo de mestres, em formação de suas atitudes para a criança dentro da escola de vida para vida, e justamente com os pais, sem os quais a educação escolar não alcançaria seus fins — tudo isso reverterá em benefício de todos os escolares (para os quais as descobertas pedagógicas com criança defeituosa, retardada, nervosa, desequilibrada, agressiva, transviada, enfim toda essa infância, hoje sem a devida assistência, constituiriam ensaios já experimentados, numa menor escala).

Comprovada sua eficiência, como tem acontecido em inúmeros domínios pedagógicos — leitura global, trabalho em grupos... , alunos dessas escolas esperam a emancipação da rotina pedagógica sem alegria e sem o rendimento desejado.

Caros ex-alunos e colaboradores da SPB, já imbuídos da experiência pestaloziana, aceitem um trabalho em comum, de sentido mais amplo e dinâmico em favor da infância excepcional, já que esse grupo de crianças continua sem uma legislação específica de ensino e sem instituições que lhes garantam assistência escolar pedagógica, segundo o pronunciamento inequívoco da Constituição Brasileira.

Alguma medida de ordem geral poderia ser lançada a partir dessas jornadas pedagógicas, preparando o 5.º Seminário sobre Infância Excepcional marcado para 1957, em Pernambuco. Adiado *sine die*, deverá sem falta reaparecer no próximo ano, quando poder-se-á focalizar a atenção sobre as bases do ensino emendativo, como tema central do Seminário.

Para o 2.º Semestre do corrente ano, proponho-lhes algumas questões: relativamente à recreação — ponto-chave e de partida para a educação funcional e escola ativa: artes e atividades espontâneas, livremente praticadas e escolhidas segundo as aptidões e inclinações de cada um.

El para vos tranquilizar, neces para de dillecibida que
leada quando se para no para prescrito e nos governo colles
as depara subterfugio a depara con a depara de depara
depara e depara de depara de para de depara e de
depara para a depara de para de depara de depara
con a depara — para para — para a depara con
a depara con para con de para de depara depara, depara
de para e depara

Devesi ainda que todo que a depara de depara se
epontal inventar con depara, depara, depara depara
de para de depara, con depara de para de para para a
depara depara de para de para de para de para de para
de para de para a depara de para de para de para de para
de para — todo para depara con depara de para de para
depara de para de para depara de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para

depara de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
de para de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para

depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para

Algunha depara de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para

depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para
depara de para de para de para de para de para de para

O VOLUNTARIADO NA ASSISTÊNCIA AO EXCEPCIONAL

Helena Antipoff

APRESENTADO AO CONGRESSO DE CURITIBA — PA

Como todo trabalho de caráter assistencial, o campo do excepcional não pode prescindir da ajuda de voluntários. E o seu uso tem crescido e ajudado a crescer, quer no mundo, quer no Brasil, a assistência que hoje se presta aos menos dotados ou deficientes de toda ordem.

Acontece, porém, que nenhuma ação humana que tente congregiar esforços pessoais com uma finalidade determinada pode desenvolver-se sem planos e sem controle, correndo, inadvertidamente, o grande risco de criar mais problemas que benefícios, mais desajustes que sucessos.

Entre nós, o trabalho voluntário no campo do excepcional já está a exigir uma estruturação e, talvez, uma formulação ou reformulação de princípios orientadores. Daí a boa oportunidade deste encontro em Curitiba.

Que é Voluntariado — É constituído por atividades de vontade livre, espontaneamente oferecidas ou solicitadas, não remuneradas, exercidas em obras sem finalidade lucrativa e destinadas a melhorar o padrão do trabalho em qualquer dos seus aspectos: material ou técnico, individual ou social, visando ao presente ou ao futuro, visando a uma obra determinada ou à coletividade, ao tratamento ou à prevenção, à assistência imediata ou ao progresso científico. No campo do excepcional, especificamente, tudo pode beneficiar-se do trabalho voluntário — desde o angariar fundos para a manutenção de serviços técnicos até a prestação de serviços no tratamento, diagnóstico e prevenção das diversas modalidades de deficiência mental, distúrbios nervosos e desajustes de conduta social.

II — *Motivações* — O voluntariado pode revestir-se de significação diversa do ponto-de-vista do próprio voluntário:

a) pode advir de uma dedicação incondicional de si mesmo à obra ou à vontade de servir ao próximo. Movida pelo amor ou pela compaixão ao fraco, empedado, infeliz, — a pessoa caridosa presta serviços, ajuda, colabora naquilo que possa ser de maior utilidade, sem se preocupar consigo mesma, com seu conforto, gostos ou interesses. (*Motivação Sentimental*);

b) pode ser motivado por ideais: ideal de justiça social, convicções político-econômicas, princípios de ordem ética ou religiosa (*Motivação Racional-Objetiva*);

c) pode ser baseado em interesses predominantes subjetivos e pessoais: fugir à monotonia da vida, ao ócio, à solidão, aos aborrecimentos do meio familiar ou de qualquer outro meio, necessidade de encher a vida através do serviço ao próximo etc. (*Motivação Emocional-Pessoal*);

d) pode advir de um desejo de aperfeiçoamento. É o voluntário estagiário, é aquele que, ao mesmo tempo em que prestar serviços, espera que sua atividade lhe sirva para melhor qualificação de seus trabalhos remunerados, atuais ou futuros. Procura adquirir experiência, aprender novas técnicas, aperfeiçoar-se. A colaboração desse tipo de voluntário dura o tempo necessário à aprendizagem que deseja ou à procura de serviço mais valioso para si, quer do ponto de vista profissional, quer do ponto de vista econômico. (*Motivação Profissional*);

e) pode derivar do ponto de vista de tomar o voluntariado como um meio de adquirir prestígio: o médico, por exemplo, ou o psicólogo que procura usar em seus cartões de visita ou anúncios profissionais o nome de uma instituição de reconhecida qualidade, ou o que sente que seu trabalho possa resultar em referências e certificados para obtenção de futuros cargos ou funções profissionais...

f) pode advir de necessidades pessoais presentes. É aquele que, prescindindo embora da remuneração, sabe que pode auferir alguns lucros ou regalias, dentro da obra: receber refeição ou quarto residencial, ter oportunidade de usar algum instrumento, aparelho ou máquinas, ou mesmo beneficiar-se de serviços em troca de suas atividades. (*Necessidades Pessoais*);

g) pode derivar de intenções não expressas mas implícitas no desejo de penetrar paulatinamente na categoria de funcionários e servidores remunerados;

h) idem — mas com o agravamento de intenções de futuras atitudes reivindicatórias — tendentes à alegação de direitos constantes em leis trabalhistas: estabilidade, férias, aumento de gratificações, prêmios etc. Esse tipo de voluntário pode tornar delicada a situação de uma instituição quando chega a sujeitá-la a multas, penalidades ou, mesmo, a uma admissão forçada.

Caracterização — De modo geral, o voluntariado, como sistema de colaboração e de trabalho, pode ser classificado em dois grandes grupos: o *autêntico* e o *interesseiro*. Há que discriminar, aqui, os diferentes graus de dedicação, além dos diferentes serviços que possa prestar eficientemente, e o que não é menos importante, as características de harmonia, de capacidade de relações humanas, de sociabilidade discreta e afetiva. Nesse particular convém lembrar logo até que ponto as mais categorizadas e sinceras pessoas podem, muitas vezes, atingir o fracasso ao invés do sucesso desejado. Lembremos, por exemplo, dos tipos inclinados à liderança: revelando-se ativos, com atitudes francas e simpáticas, para com a obra, ou para com as pessoas, iniciativas... mas, muitas vezes, líderes, pela espontaneidade, carecem de outros requisitos; segundo Moreno, carecem das capacidades para a realização da liderança eficaz. Tornam-se logo elementos turbulentos e não raro cometem imprudências. ... Difícil é educá-los e frear seus impulsos de “servir ao próximo e fazer o bem”, dada a sua falta de autocrítica frente aos próprios enlevos altruísticos de toda sorte.

Arregimentação — Pelo que vimos, a arregimentação do voluntariado (aceitação ou convite) exige muita perspicácia e o mesmo cuidado criterioso que se exige para a escolha de um membro remunerado de uma obra para excepcionais. Como para esse último, o voluntário deveria ser submetido a um estágio probatório, de duração determinada, após uma fase de introdução ao serviço e de esclarecimento inicial.

Admissão — O sistema de voluntariado é admissível e desejado quando se submete a condições severas e devidamente observadas tanto na fase de admissão como durante o serviço de treinamento. Exige, em suma, a obediência a uma série de recomendações que poderiam ser resumidas em um *Regulamento ad-hoc*. Inicialmente estruturado, aplicado a título experimental, tal regulamento devidamente estudado, discutido em seminários pró-excepcionais, poderá vir a prestar valioso serviço às obras dessa natureza.

Quanto à admissão, duas possibilidades se apresentam: aceitar uma pessoa que se oferece espontaneamente, ou convidar alguém que possa vir a constituir-se num colaborador não remunerado. Em ambos os casos, será necessário que a direção da casa tenha *referências objetivas* sobre o candidato e tanto mais precisas quanto de maior responsabilidade for o cargo ou função a que se destine. Além da *apresentação* que um membro da congregação possa fazer, referências por escrito deveriam ser pedidas bem como a *apresentação de um Curriculum Vitae*. Isso se torna de necessidade absoluta para cargos de alta responsabilidade como nos serviços médicos, de psicologia, enfermagem, etc., com o fim de evitar o curandeirismo e seus graves perigos.

Como segunda medida, lembremos a necessidade de uma *entrevista* com um membro da diretoria ou grupo técnico.

Em terceiro lugar, seria a apresentação informal, coletiva para um contato inicial com todo o grupo de trabalho.

Essas providências iniciais teriam dupla utilidade: de um lado tornar a instituição melhor informada sobre o candidato e, de outro, fornecer ao candidato a voluntário informações reais sobre a instituição e suas atividades.

Outra forma de prover esses primeiros contatos seria constituída por visitas a diversos locais e serviços, mesmo àquelles que não estariam diretamente ligados ao seu possível trabalho, em companhia de um orientador, perfeitamente familiarizado com o movimento do estabelecimento.

TREINAMENTO — ORIENTAÇÃO — AVALIAÇÃO

Admissão e treinamento, por sua vez, exigem uma certa técnica e pessoas com tempo disponível e qualidades próprias para orientar. Exigem-se desses orientadores e treinadores — ao lado da competência na matéria e no ramo a orientar, qualidades *didáticas* e de aconselhamento prático, a fim de poder guiar pessoas novas.

É óbvio que uma das condições de um trabalhador voluntário é ser posto à vontade no novo ambiente. Ser posto em contato com o pessoal de modo que os colaboradores — remunerados ou voluntários — se conheçam mutuamente.

Logo nas primeiras semanas é preciso estabelecer-se dia e horário para reunião semanal — individual — nem que seja de

alguns minutos — 15 a 20 — para verificar como a pessoa está se adaptando, acompanhar seu comportamento, ouvir as dificuldades, necessidades e, mesmo, suas sugestões.

Convém ainda que o voluntário participe das reuniões coletivas e se inteire da rotina e atividades extras da instituição. Com isso, toma contatos mais estreitos e, talvez, encontre afinidades em algumas pessoas com que possa travar amizades. Isso, sobretudo, interessa ao voluntário, quando trabalha em regime de internato. Mais ainda, quando se trata de internato em zona rural, mais ou menos afastado dos centros urbanos e da vida social e cultural mais intensa. A monotonia e a falta de relações sociais constituem para o voluntário, às vezes, graves problemas — notadamente quando a pessoa é do tipo introvertido e com tendência à depressão.

ÁREAS DE ATIVIDADES VOLUNTÁRIAS JUNTO A EXCEPCIONAIS

São infinitas as possibilidades para o trabalho do voluntariado, tendo em vista a variedade e a multiplicidade de serviços de rotina e específicos, que se tornam mais numerosos à medida que o problema do excepcional conquista novos conhecimentos e métodos mais aperfeiçoados de assistência. Caracteriza-se esse progresso pela adoção do critério de multidimensionalidade, atacando ao mesmo tempo as mais variadas áreas de assistência e, *pari passu*, de colaboração de profissionais de diferentes ramos de trabalho e, dentro da mesma profissão, de variados graus e níveis de preparo.

Medicina — (Psiquiatria, Neurologia, Endocrinologia, Nutrologia, Fisioterapia etc.) Psicologia — (Evolutiva, Clínica, Educacional do Trabalho etc.) Pedagogia — (Emendativa, com todas as suas ramificações...); assistência ambulatorial, em externatos, internatos, semi-internatos; nos postos de puericultura, nos consultórios, clínicas, nas creches, escolas, maternais e jardins de infância, nas escolas primárias e complementares, em cursos de especialização do pessoal e de treinamento, em serviços de zona urbana ou rural, em colônia de férias e sanatórios — em todas essas áreas há serviço de sobra para um mínimo de pessoal disponível — via de regra, ainda, pouco ou malpreparado, mesmo em se tratando de profissionais.

Lembremos ainda o campo das Artes, o artesanato, o preparo para o trabalho competitivo, para o aproveitamento das horas de lazer, para a própria higiene mental...

Especificação — Assim, tentemos detalhar os inúmeros serviços que podem ser prestados por voluntários:

a) aceitação de um cargo na diretoria de uma Associação Pró-Excepcional — apesar de um tempo pessoal restrito;

b) idem, em relação a trabalhos técnicos de sua especialidade;

c) idem, num trabalho não qualificado (plantão, por exemplo, num ambulatório, como recepcionista, com horário fixo e responsabilidade definida: abrir o consultório em horas certas, atender a serviços tais como vacinação, injeções etc.);

d) fazer companhia em serviços clínicos;

e) fazer recreação aos sábados, por exemplo;

f) servir de acompanhante — para casos de internamento em clínicas (choques, psicoterapia etc.), às vezes com pessoas (especialmente crianças e adolescentes) mais ou menos atrasadas, mais difíceis de conviver, sem higiene;

g) ocupação com crianças essencialmente irrequietas, agressivas, necessitando de assistência individual;

h) colaboração num plano de pesquisas científicas (aplicação de uma prova de controle de medidas antropométricas em repetições periódicas). Acompanhamento de exercícios, banhos de piscina etc.;

i) trabalhos de secretaria — convocações telefônicas, cartas, datilografia, contabilidade, arquivo ou fichário (confidencial), confecção de livros (para cegos, por exemplo);

j) traduções, publicações, resenhas, revisões, contatos com tipógrafos, redação;

k) ser madrinha ou padrinho (tipo *Acrifar*): Amigo das Crianças da Fazenda do Rosário etc.;

l) auxílios especiais na época de Natal, Primeira Comunhão, Semana do Excepcional, Semana da Criança etc.;

m) nos laboratórios: exames periódicos, acompanhamento etc.;

n) trabalho de férias: receber na própria casa, organizar colônias, dar aulas de reforço, fazer exercícios ortopédicos, servir de monitor de alunos, promover reuniões de alunos e ex-alunos etc.;

o) música, canto — acompanhamento nas aulas de ginástica, de danças rítmicas etc.;

p) procurar donativos: revistas, livros, brinquedos, calçado para conserto na sapataria de menores, tecidos, retalhos, roupas usadas; no inverno, cobertores, agasalhos;

q) costuras: fazer roupas de cama, cobre-leitos, uniformes escolares, vestidos, traje de formatura, roupinhas de crianças pequenas etc.;

r) cobrança de mensalidades dos sócios;

s) preparo de material para bazar. Plantões nas exposições;

t) participação nos "mutirões" para consertar móveis, construir abrigos, "cerquinhas", fazer pintura de interiores; plantio de jardins etc.;

u) ensinar (trabalhos manuais, línguas, música, desenho, pintura, modelagem, confecção de material didático, etc., etc.);

v) encarregar-se da venda de produtos de uma cooperativa, de colocação de produtos no mercado, de propaganda gratuita etc.

Vimos que o campo de voluntariado na assistência ao excepcional está a exigir interesse, estudo sério e considerações de toda ordem. E este seminário é um belo exemplo do que já se está fazendo nesse sentido. Por isso Curitiba está de parabéns e merecedora do apoio de todos os que se preocupam com assistência ao excepcional de nosso País.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS

1932 — 1962 — *Notas por HELENA ANTIPOFF*

A Sociedade Pestalozzi, associação civil, sem fins lucrativos, de duração ilimitada, foi fundada em 10 de novembro de 1932, com aquisição da personalidade jurídica em 4 de março de 1933. Estatutos revistos em 1.º de junho de 1939, registrados sob o n.º 308, passou a denominar-se SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS, com sede e foro na Cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, e regendo-se pelos Estatutos aprovados pela Assembléia Geral desta Sociedade, em 16-XI-1961, em 21 de dezembro de 1961. Registro Jero Oliva n.º 2.890 — Folha 18 — Livro A-4.

O INÍCIO

Inicialmente, os fins da Sociedade visavam apenas a proteção à infância anormal e a preservação da sociedade das influências nocivas da anormalidade mental. Passou em seguida a Sociedade Pestalozzi a focalizar a assistência tanto à criança e adolescentes subnormais como supernormais, designando-os sob o termo de EXCEPCIONAIS, que assim define: o termo excepcional é interpretado de maneira a incluir crianças e adolescentes que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas ou sociais, ou quaisquer dessas, de forma a criar um problema essencial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social.

Para cumprimento de seus objetivos, a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais tem promovido uma série de atividades que poderá ser resumida no seguinte histórico, distribuído em vários períodos nos quase 30 anos de sua existência:

Em colaboração com o Laboratório de Psicologia da antiga Escola de Aperfeiçoamento e um grupo de médicos, enfermeiros, psicologistas, professoras, foi dada assistência às classes especiais para retardados dos grupos escolares de Belo Horizonte — e orientação médico-pedagógica ao professorado dessas classes através de palestras, demonstrações, exames clínicos e psicológicos dos alunos, auxílio econômico com o fornecimento de material didático às classes, algumas ferramentas para trabalhos manuais etc.

2 — *Consultório médico-psicológico* — para atendimento de crianças retardadas mentais, nervosas, epiléticas, surdas-mudas, com distúrbios de palavra, gagueira, em conflitos emocionais, dificuldades de conduta social etc., por um grupo de voluntários nos gabinetes médicos, graciosamente cedidos, em horários especiais, pelos amigos e sócios da obra nascente. Conselhos às famílias e instituições.

3 — *Palestras*, conferências públicas e cursos para despertar a atenção para com o problema da anormalidade mental e orientação em assuntos de Higiene Mental.

4 — *Publicação* de Boletim Infância Excepcional, em colaboração com a Secretaria da Educação.

5 — Instalação de uma *classe especial experimental* em anexo à Escola de Aperfeiçoamento que funcionou um ano, sob a regência da professora Maria Naytres Rezende (falecida em 1954), classe essa cheia de ensinamentos quanto à educação da criança excepcional.

6 — Inauguração do Pavilhão Noraldino Lima, em 24 de outubro de 1934, à Rua Ouro Preto n.º 624, que o governo construiu a pedido da Sociedade Pestalozzi para assistência médico-pedagógica da criança retardada e alunos que necessitem de métodos especiais de educação e tratamento.

APRENDIZAGEM E PESQUISAS — 1935-1939

As atividades se concentraram nesse pavilhão com o ato oficial do governo de Minas, criando, em 5 de abril de 1935, o Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, para externato de diversos graus de retardo mental e classes de surdos-mudos, de demutização e aprendizagem escolar. A direção do Instituto foi confiada à professora técnica e talentosa educadora D. Ester Assunção.

A Sociedade Pestalozzi continuava a dar sua ativa colaboração técnica e financeira, auxiliando no equipamento das oficinas, do laboratório de exames e pesquisas clínicas; facultando a pesquisa científica no campo da biologia; idem da psicologia; da aprendizagem e formação de hábitos em animais; inteligência verbal e sensorio-motora; elaboração de métodos de observação da conduta e experimentação natural em grupos de alunos ocupados em diversas tarefas ocupacionais (serviço doméstico, trabalhos manuais, exercícios escolares etc.), resultando desses estudos algumas publicações da autoria do Prof. Clóvis Salgado, Drs. Santiago Americano Freire, Henrique Marques Lisboa, professora Helena Antipoff, Fernando Magalhães Gomes, Aureliano Tavares Bastos, Naytres Rezende, Cora de Faria Duarte, Francisca Ottoni, Imene Guimarães e outras.

CURSOS

Intensificavam-se os cursos e palestras para pais, professoras, para o público em torno dos problemas ligados à infância anormal, merecendo a menção do "Symposium" da Sociedade Pestalozzi. Foi feita a publicação, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, em volume da Biblioteca Pedagógica Brasileira, volume 24 (307 páginas), sob o título "Aspectos Fundamentais da Educação". Foram ainda conseguidos direitos autorais para tradução em português (de francês) o livro — "A Educação de Crianças Retardadas" — da competente educadora suíça, professora Alice Descoedres; foi esta obra editada pela Secretaria da Educação, numa tiragem de 1.000 exemplares, recebendo, para renda da Sociedade, 500 exemplares, (Hoje totalmente esgotada, merece ser novamente impressa, pelo grande valor didático que encerra).

Foi ainda editada no mesmo período uma coletânea de exercícios de Ortopedia Mental, pelas professoras Helena Antipoff e Naytres Rezende, com uma nota sobre a educação de retardados. Saíram em repetidas edições as Fichas de Desenvolvimento Mental da autoria de Helena Antipoff, para guia e orientação de mães e educadores quanto a crianças de menor ou de níveis mais baixos de desenvolvimento, facultando, sem testes especiais, o pronunciamento sobre o grau de atraso ou de adiantamento global do indivíduo ou de alguns dos seus aspectos.

Digno de nota também o *Círculo de Estudos* que se organizou no seio da Sociedade Pestalozzi, reunindo-se mensalmente médicos, psicólogos, educadores, na residência do Prof. Henrique Marques Lisboa, à Rua Ceará, 1.325, para ouvir comunicações e debater problemas de maior interesse para a obra pestaloziana.

Preconizando os trabalhos manuais variados na educação dos retardados e excepcionais, de modo geral, foram incrementados esses ao ponto de permitir reuni-los em exposições de fim de ano, no Instituto Pestalozzi, ou estendê-los mais ainda, dando caráter estadual ou nacional às exposições de trabalhos manuais e de didática especializada de ensino emendativo.

ASSISTÊNCIA A EXCEPCIONAIS — 1940-1947

À medida que se formavam os alunos no curso primário do Instituto Pestalozzi, ou que esses meninos e rapazes permaneciam no mesmo por ter alcançado idade mais avançada, precisava-se pensar em seu futuro e no ajustamento social para uma existência menos dependente da família e do Estado. Interessava, mui especialmente à Sociedade Pestalozzi, o grupo de cerca de 40 alunos internados no antigo Abrigo A. Moraes, que ela atendeu, em suas classes escolares, nas oficinas de trabalhos etc. em regime de semi-internato.

Após 5 anos de trabalho no Instituto Pestalozzi, em colaboração com a Secretaria da Educação, deliberou a Sociedade, em sua assembléia geral de 1939, abrir uma nova etapa para a assistência a excepcionais. Considerando o campo o meio mais apropriado para a educação desses meninos e adolescentes, na maioria sofrendo também de carências físicas, anemias, verminoses etc., resolveu levantar um fundo monetário para aquisição de uma propriedade rural.

Os donativos que lhe chegaram de Minas e de outros estados, em grande parte graças à campanha dos Diários Associados, cujo diretor (Dr. Assis Chateaubriand) teve a gentileza de vir a Belo Horizonte, pessoalmente, e remeter a importância de mais de 80 contos de réis em moeda daquele tempo, permitiram a compra de um sítio de cerca de 45 alqueires de planta, a 26 km de distância de Belo Horizonte, via Barreiro, no distrito de Ibirité, pela importância de 120 contos de réis, e pagos a prestações, durante 5 anos. Na ocasião da escrita pública, o sítio pertencente à Fazenda do Pantana e do Sumidouro passou a ser denominada Fazenda do Rosário.

Em 2 de janeiro de 1940, um grupo de alunos do Instituto Pestalozzi, acompanhado de duas professoras do mesmo, D. Cora Duarte Faria e Yolanda Barbosa, constituíram o primeiro núcleo do internato da Fazenda do Rosário. Uma delas, D. Yolanda Barbosa, continua no cargo de diretora até a presente data, a partir de 1962.

A medida que se levantavam as construções e se edificavam novas residências, crescia o número de alunos, chegando a 120 no internato, e ultrapassando 200 na escola primária, construído seu prédio com a verba do INEP, enquanto a do primeiro com a da Campanha Nacional da Criança (MEC então). Localizadas em sítios e chácaras, oferecia o internato a seus alunos vários campos de ocupações produtivas e educacionais a uma vez. Os alunos maiores participavam das construções e benfeitorias rurais, trabalhavam nas hortas, pomares e participavam da lavoura. Foi construída naquele período a Casa de Repouso (9-5-41), graças à sábia orientação de seus dirigentes, D. Nina Sfavroviétzri, sua primeira diretora, que não pode ser esquecida neste histórico pelo muito que ela deu e fez em benefício da Fazenda do Rosário: conseguiu bom movimento de hóspedes que se tornavam dedicados sócios e amigos da obra.

A Casa de Repouso facilita acolhimento de numerosos grupos de excursionistas, estudantes, clubistas, associações etc. aos domingos e feriados, trazendo para a Fazenda do Rosário intercâmbios sociais e maior conhecimento se faz de sua obra a favor da criança excepcional indigente, necessitando de apoio moral e material da sociedade.

Infelizmente, depois de um período de intensa atuação, a Casa de Repouso, por motivos diversos, entrou em colapso, contra o qual protestam os ex-freqüentadores e pensionistas, reclamando a volta ao funcionamento de tão útil instituição.

COLABORADORES QUE SE AFASTAM

O fim de 1944 e o ano de 1945 assinalam sensíveis mudanças na vida da Sociedade Pestalozzi, com a perspectiva do afastamento de Belo Horizonte de alguns membros de sua diretoria. Assim, o Revmo. Pe. Negromonte, vice-presidente, desde a fundação, em 1932, que partiu para o Rio (assistente técnico do SAM), era também o assistente eclesiástico na Fazenda do Rosário. Dedicando-lhe um domingo por mês na época em que Ibitié não tinha ainda serviço religioso devidamente assegurado, as missas celebradas pelo Revmo. Pe. Negromonte, na Escola e na Chacrinha, batizados de crianças e casamentos regularizados, bem como a primeira comunhão de centenas de crianças, trouxeram à comunidade católica tranqüilidade moral. As práticas, os comentários do Evangelho em linguagem acessível à compreensão do povo, os sermões visando temas da vida de cada dia constituíram para a comunidade, com os conselhos de caráter particular que dava em questões delicadas, uma educação moral de considerável

efeito sobre ela, as crianças internadas, os adolescentes, o pessoal com seus problemas, e os moradores que chegavam de longe para ouvir e consultar o sacerdote.

O afastamento do nosso padre foi profundamente sentido na Fazenda do Rosário.

Edr. de nome Helena

Ia também se mudar para o Estado do Acre, na qualidade de diretora do ensino, a professora Maria Angélica de Castro, tesoureira da Sociedade Pestalozzi e grande educadora que deu às crianças da Fazenda do Rosário sua sábia assistência material e pedagógica: construiu a biblioteca, dotando de conforto a sua sala de leitura e cujos livros, revistas e gravuras tanto apreciavam as crianças e professoras da Fazenda. Como sabemos, foi esta biblioteca inteiramente destruída no incêndio de 1960.

Finalmente, mudava para o Rio de Janeiro, a serviço do Departamento Nacional da Criança, a professora Helena Antipoff, presidente fundadora da Sociedade. Além de outras funções, desempenhava espontaneamente o papel de psicologista, entrando em contato individual com cada criança do internato através dos testes, entrevistas, e orientando o professorado no estudo dessas crianças através da observação em variadas modalidades do trabalho doméstico, agrícola, artesanal etc. Aplicava os princípios de educação democrática, por meio de reuniões regulares com os adolescentes, e discutia os problemas de educação econômica através da distribuição de pecúlios que eles auferiam no trabalho produtivo da Fazenda.

RECREAÇÃO INFANTIL

Antes de partir para o Distrito Federal, a professora Helena Antipoff, com a autorização do Departamento Nacional da Criança, já na qualidade de sua funcionária, realizou com a Sociedade e Instituto Pestalozzi dois *Cursos de Recreação Infantil*, de quinze dias cada, em janeiro de 1945. Reuniu nesses cursos em Belo Horizonte e na Fazenda do Rosário dezenas de educadoras mineiras e de outros estados, de preferência as que se dedicavam à infância excepcional. É grande a importância de atividades lúdicas na vida da criança e a "creative art". Nas instituições especializadas para excepcionais com seu teatrinho de fantoches, desenho, modelagem e pintura, rodas cantadas, flautins de bambu e as bandinhas de música, são também utilíssimos os trabalhos de madeira, de fio e folha, cerâmica, tecelagem em pequenos teares manuais, cestaria com fibra de vegetais, vime e bambu... enfim, um mundo de coisas interessantes para cativar a criança

e prender a sua atenção numa atividade produtiva, na qual se projeta sua personalidade e se revelam a inteligência prática sensório-motora e as aptidões de cada um.

É possível que tenham sido esses dois primeiros cursos de Recreação Infantil do Departamento Nacional da Criança realizados em Minas, naquela ocasião, cursos pioneiros, e o ponto de partida do forte movimento em prol da recreação como fator de educação e de reeducação de excepcionais no Brasil.

Perdia também a Sociedade Pestalozzi seu secretário, na pessoa do dr. Guilherme César, que se mudava para o Rio Grande do Sul. Pelo valor pessoal e seu prestígio junto ao governo, tem-se conseguido maior compreensão dos objetivos da Fazenda do Rosário pelo então governador do Estado e obtido o primeiro auxílio oficial, inclusive na construção de um salão para a escola pela verba da Polícia Militar, de um banheiro carrapateada para o gado da Fazenda e da vizinhança, e do comissionamento de professoras na escola pública, quebrando assim o tabu que pesava durante os primeiros anos sobre a Fazenda do Rosário.

Se foram sensíveis as perdas, com o afastamento da maioria dos membros antigos da diretoria da Sociedade Pestalozzi foram certamente compensadores os benefícios que advieram da aceitação do cargo de presidente da Sociedade pelo Dr. Sandoval Soares de Azevedo no período de 5 anos e meio, de 1945 a 9 de julho de 1950, data do seu falecimento.

Ex-professor do ensino secundário, homem público, ex-secretário do Interior, diretor de um dos maiores bancos, dinâmico e realizador, mas, sobretudo, homem de coração, tomando a peito as profundas dificuldades da obra, Dr. Sandoval imprimiu à Fazenda do Rosário um ritmo de progresso e de melhoramentos consideráveis. Conseguiu vultosas verbas do governo federal e estadual, bem como elevados e variados donativos por parte de particulares e institutos privados.

ATIVIDADE AGRÍCOLA

A Fazenda do Rosário ia-se civilizando com a instalação da usina elétrica própria; depois, com a energia e luz fornecidas graciosamente da Cidade Industrial, com a construção de novos pavilhões, de uma caixa d'água de 50.000 litros, de prédio escolar, e de numerosas benfeitorias rurais, o gado bovino, aves, porcos, a cerâmica com sua chaminé alta e amplo forno de queimação etc.

A propriedade rural tomava impulso com a expansão florestal de eucalipto, com o plantio de longos cordões de fruteiras

tropicais e de clima temperado, do grande parreiral prometendo excelente uva e derivados... Tudo isso sob a orientação de um técnico agrícola e de um capataz, ambos funcionários públicos comissionados pelas repartições oficiais, sem ônus para a Sociedade.

Usando do prestígio pessoal e de grande tenacidade de esforço, obteve o Dr. Sandoval S. de Azevedo do Serviço Federal de Imigrantes a vinda de um grupo de húngaros, especializados em floricultura (4 homens) e em tapeçaria (2 senhoras), que introduziram na Fazenda do Rosário processos racionais de cultivo de plantas ornamentais e ensino elementar de floricultura, não somente com adolescentes sob o amparo da Sociedade Pestalozzi, mas também como a inúmeros trabalhadores do sexo feminino que encontravam na vizinhança para serviço da Fazenda como para a própria floricultura dos húngaros chefiados pelo Sr. Francisco Hilmann.

OS CERAMISTAS

Consegue-se também a vinda de um talentoso ceramista pernambucano, Sr. Jether Peixoto de Oliveira, de Catendo, com esposa e 4 filhos.

Nas mãos das crianças da Fazenda do Rosário, orientadas pelo mestre ceramista, a excelente argila local se transformava milagrosamente num mundo de bonecos, de cenas de cada dia observadas à beira das estradas, nos casebres, nos festejos folclóricos, nos trabalhos do campo, nos botequins... as peças de arte popular, como de utilidade doméstica — moringas, alguidares, aparelhos de café, canecas, tijelas etc. confeccionadas pelos meninos, no torno, não só eram admiradas, apreciadas, compradas, a preços bastante elevados, como serviam grandemente à reeducação de gênios mais arredios, de indisciplinados, agressivos, inconvenientes mesmo no meio de crianças menores... No trabalho criador e produtivo com a argila esses adolescentes encontravam um poderoso derivativo de seus instintos, até então mal-aproveitados. Com a confiança em suas forças nascia-lhes a segurança interior e o equilíbrio emocional nas relações com o meio social. Alguns deles se revelaram artistas pela graça de Deus. Outros foram artesãos de primeira ordem. Seu trabalho no torno nada deixava a desejar, mesmo na opinião de experimentados ceramistas. Toda remessa de moringas e tijelas de cerâmica da Fazenda do Rosário era aceita pelo comércio de Belo Horizonte sem nenhuma restrição. Ao contrário, as encomendas eram muitas e o rendimento insuficiente ainda.

ARTES DOMÉSTICAS

Enquanto os meninos ficavam ocupados na cerâmica, na lavoura, na floricultura, as meninas (que começaram, naquele período, a ser aceitas no internato da Fazenda do Rosário, até então exclusivamente reservado ao sexo masculino) se dedicavam às atividades domésticas e trabalhos femininos — cozinha, limpeza, rouparia, costura, bordados, tapeçaria... dirigidas pela especialista húngara, as meninas aprendiam a arte de tapetes de asmirna e outros aplicados, que faziam e vendiam a preços elevados. Suas amostras figuravam juntamente com os bonecos de cerâmica nas exposições artesanais da Fazenda do Rosário, na bela exposição de Belo Horizonte, no Edifício Dantés, no Ministério da Educação, nas exposições de Arte Infantil, organizadas pelo pintor Augusto Rodrigues. Alguns bonecos modelados, vidraçados e queimados pelos meninos nos fornos da Fazenda do Rosário tiveram a chance de figurar na Exposição Internacional de Bruxelas, no pavilhão do Brasil, no setor educacional...

CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO

Mas o Dr. Sandoval S. de Azevedo não deu sua alma à causa apenas da infância excepcional. Atendendo ao grande desejo da primeira presidenta desta Sociedade, incluiu nos objetivos da Fazenda do Rosário também os cuidados para com a criança do campo, tão injustamente esquecida e relegada a menosprezo em vista da idade, esposando seu plano de ensino rural e apoiando o projeto do Instituto de Organização Rural que lhe mandou de sua autoria, em 1947, a professora Helena Antipoff. O dinâmico e generoso presidente conseguiu do governo do Estado e da União pleno apoio para o início de cursos de aperfeiçoamento do professorado rural. Aqui começa novo período.

Verbas importantes foram obtidas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos para manutenção desses cursos e adaptação de prédios para alojamento.

Em 1947 entra a Sociedade Pestalozzi numa nova fase de sua história. Compreendendo a tragédia do homem rural e considerado que pouca coisa podia se modificar na vida da criança do campo sem lhe proporcionar a educação em boas escolas e por mestres esclarecidos, empenhou-se seu magnânimo presidente em oferecer recursos disponíveis da Fazenda em benefício do ensino rural. Embora, aparente e parcialmente, sacrificasse os interesses imediatos da criança excepcional, sabia ele que essa

iria beneficiar-se muito mais, pois encontraria no meio rural oportunidade em suas instituições educacionais, mais adequadas que as urbanas à natureza física e mental do *excepcional*.

E assim inicia-se, na Fazenda do Rosário, o grande movimento em prol do ensino rural, que focalizou o problema do campo "deste Brasil essencialmente rural" em Minas, impulsionando o Estado e colaborando com o grande secretário de Educação que era então o professor Abgar Renault, no governo do Dr. Milton Campos.

Em outubro de 1948 encerrava-se o primeiro Curso de Aperfeiçoamento, com um grupo de 26 professores primários. Fez-se então a triste descoberta de que havia nas escolas rurais de Minas menos de 10% de normalistas entre professores regentes de escolas rurais e que o restante, mais de 90%, nem possuía o curso completo de grau elementar: alguns tinham apenas 3 anos de escola rural, via de regra, malfeitos. Na ausência de normalistas aceitavam-se esses, semi-alfabetizados. Afortunadamente, possuíam muitos deles excelentes qualidades pessoais e virtudes de caráter que nem sempre figuram na personalidade de professoras normalistas formadas nas escolas normais sem a devida seriedade da missão que lhes cumpre executar no setor de educação, sobretudo no meio rural, que hostilizam e rejeitam à primeira oportunidade da transferência para a cidade.

Em 18 cursos passaram cerca de 1.000 professores, com uma estada de 4 meses cada uma nesta Fazenda do Rosário, considerado o centro educacional rural de Minas. A manutenção dos cursos e do internato se fazia pela verba federal do Ministério de Educação (INEP), que auxiliava também na adaptação, construção e equipamentos de prédios novos. Irradiando os benefícios em Minas, os cursos também o faziam para candidatos dos outros estados, mantidos com bolsas do INEP e da Campanha Nacional de Educação Rural mais tarde.

CURSO NORMAL REGIONAL

Na mesma época, não se satisfazendo com os cursos intensivos, Dr. Sandoval S. de Azevedo assegurou a formação de regentes de escolas em cursos regulares de estudos. Em acordo triplicado entre o Ministério da Educação, a Secretaria da Educação e a Sociedade Pestalozzi firmaram-se acordos para a conceção de prédios escolares para externato e internato do *Curso Normal Regional*, de 4 anos completos de estudos. Para ganhar o tempo enquanto se processavam as formalidades no

ministério e nas secretarias ligadas à compra de terreno, construções, planejamento de benfeitorias, etc., as candidatas eram recebidas nas chácaras e sítios da Sociedade Pestalozzi, onde obras de limpeza e de ampliação, bem como rápidas construções, resolviam as necessidades das primeiras turmas, desde julho-agosto de 1949 até fevereiro-março de 1952. Nada mais devia a escola normal à Sociedade Pestalozzi, visto que já entrava, em prédio próprio, no terreno próprio do Estado, para usufruto da escola normal oficial do estado.

A mesma emancipação se deu no setor dos cursos intensivos de professores rurais, os quais, em 1957, passaram a se realizar no próprio Estado, no prédio do Instituto Superior de Educação Rural, onde continuam com o mesmo ritmo e programas análogos dos alunos do 9.º curso ou 26.º, a contar com os que se realizaram nos prédios cedidos pela Sociedade Pestalozzi. Aliás, essa não foi prejudicada materialmente: ao contrário, ela herdou para os objetivos de sua missão prédios ampliados senão construídos totalmente, ficando para seu uso algum material, de grande utilidade, tais como: instalações elétricas, hidráulicas, plantações pequenas, benfeitorias rurais etc.

Convém assinalar outras vantagens e benefícios que prestam, embora semilegalmente, a parte oficial da Fazenda do Rosário, a Escola Normal, o ISER — toda vez que sobram mantimentos e de excelente qualidade, vão essas sobras para o consumo do internato que mantém 90% de crianças indigentes, as outras pagando taxas irrisórias, sem falar dos benefícios de ordem social, cultural e moral — tais como as festas, serviços esporádicos de professores, enfermeiras, médicos, compra de excesso de plantação, cereais, hortaliças, frutas, etc., recebimento nas férias de leite do clube agrícola, gratuitamente. Outra grande vantagem consiste nas possibilidades de dar aos alunos da Sociedade Pestalozzi melhor dotados intelectualmente oportunidades para continuação de seus estudos, nos cursos de admissão no curso normal e no próximo futuro, no curso complementar industrial e rural, de dois anos de estudos, além do Ginásio Rural e do curso de auxiliares de comunidade, no nível colegial de estudos, a serem organizados em anexos ao Instituto Superior de Educação Rural (ver adiante).

Precisa-se considerar ainda como vantagem para a Sociedade Pestalozzi ter o governo do Estado contribuído para a compra de um terreno destinado à escola normal.

Observou-se posteriormente que suas dimensões e conformação do terreno não permitiam a construção da extensa área coberta naquele local, ficando incorporado ao patrimônio da

Sociedade Pestalozzi na escritura pública daquela compra. Aliás, seria mais que justa esta incorporação como retribuição a muitos favores absolutamente desinteressados e de fundo patriótico que forneceu na sua generosidade o doutor Sandoval S. Azevedo.

Dedicou às crianças, às alunas da Escola Normal, ao pessoal todo carinho e assistência paternal sem medida. Mesmo já atingido pela terrível doença que afligia suas vias respiratórias, não deixava, até o último trimestre, de visitar a Fazenda e se transportar pela estrada poeirenta, prejudicando sua saúde. Era todo dever amar à obra e ao próximo.

Quando veio a falecer, em 9 de julho de 1952 ficaram, além da eterna gratidão e lembrança desse grande cidadão, o nome da *Escola Normal Sandoval S. de Azevedo e o Jardim de Infância 26 de Maio*, data natalícia dele.

PERÍODO DIFÍCIL

Com o desaparecimento do seu presidente, começou um período longo de dificuldades materiais e de complexos problemas que a nova diretoria, com Dr. Amintas Vidal Gomes, vice-presidente, veio a assumir durante quase dois anos. Grandes problemas representaram os acordos com o grupo de emigrantes húngaros, e a floricultura que organizaram com bastante prejuízo para os interesses da Sociedade Pestalozzi.

Outro sério assunto veio à tona com a mudança de sucessivas diretorias, e cujos membros não podiam dedicar o tempo suficiente a uma obra que ainda carecia de organização interna, de estruturas econômicas que lhe garantissem rendas para a manutenção dos alunos, em número cada vez maior, à medida que se liberavam as residências ocupadas pelos cursos oficiais. Cerca de 120 alunos no internato, além do pessoal bastante numeroso e ex-alunos nos serviços diversos, exigiam verbas regulares e elevadas para sua manutenção.

Outro acontecimento negativo para o bem-estar da Fazenda do Rosário e suas crianças foi o afastamento provisório de sua diretora pedagógica, a professora técnica D. Yolanda Barbosa, que durante dois anos se achava licenciada para prestar serviços a outra associação congênere (APAE de Volta Redonda). A substituição por outra diretora foi desastrosa para a educação e o bem-estar moral da criança e do pessoal, juntamente com outros episódios que não atingiram diretamente a criança.

Quanto ao lado positivo, convém citar os seguintes fatos de bastante valor moral na história da Sociedade:

O Seminário da Infância Excepcional, em setembro de 1952, trazendo para a Fazenda do Rosário um numeroso grupo de interessados na educação especializada, e cujo estado in loco ali e no Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte abriu novos horizontes aos representantes de outros estados e de outros estabelecimentos sobre a técnica do trabalho desenvolvido e mais humanizado, se assim se pode expressar. Realmente, na Fazenda do Rosário a criança excepcional não está segregada da criança comum. Ela se encontra com essa na escola, nos brinquedos, mesmo nas ocupações, quer seja de campo ou nas oficinas, na capela, no cinema etc.

Todos os alunos, mesmo do grau mais profundo de atraso mental, em nível de imbecilidade pronunciada ou de idiotia (sem uso da palavra), em convivência mais prolongada com os normais perdiam quase sempre sua expressão abobalhada, seus gestos estereotipados, sua ociosidade. Participavam, pelo menos, emocionados, de ocorrências e de muitas atividades, onde cada uma podia realizar qualquer coisa de sensato e de útil mesmo. Atitudes diferentes se observam com relação a esses anormais quando mantidos, imóveis, nos asilos de neuropsiquiatria, longe da realidade e do grupo social comum. Ao invés de melhorar, geralmente caem cada vez mais nos estados insanos e na confusão mental definitiva.

Felizmente, D. Yolanda Barbosa tinha voltado e as coisas se normalizaram, apesar das privações materiais, que ainda não foram superadas.

CONTRIBUIÇÃO DA ACRIFAR

Digna de louvor, de menção e de gratidão a Associação Auxiliar da Criança da Fazenda do Rosário, cuja sigla é frequentemente lembrada: ACRIFAR. Constituída de pessoas caridosas e interessadas em dar um pouco de alegria, mormente aos órfãos verdadeiros e de "pais vivos", são como que "madrinhas" que em dias de Natal, de Páscoa, da Primeira Comunhão, da Semana da Criança, organizadas pela sua diretora, d. Judith Ferreira Drumond, vice-presidente da Sociedade Pestalozzi, aliás, trazem a cada uma o que lhe convier em vestuário, calçado, objetos escolares, de higiene e em brinquedos (usados muitas vezes pelas madrinhas, mesmo consertados e renovados) mecânicos, tintas, peças etc. Grandes carros, bicicletas e velocípedes foram assim proporcionados aos meninos da Fazenda do Rosário que, de outra forma, jamais poderiam ser oferecidos novas pelo elevadíssimo preço da maioria deles.

Há naquelas festas e dias de alegria mútuas gentilezas, porque as crianças, orientadas pelas educadoras, também oferecem aquilo que podem dar às madrinhas, objetos por elas costurados ou bordados, bonitos colares feitos com sementes e cascas das plantas regionais, desenhos, caixas de cipós, bonecos e artigos de cerâmica do Rosário. Longe de serem humilhadas com os presentes recebidos, as crianças retribuem a caridade com gestos de amabilidade e de esforço próprio: presentes, bonitas danças, canções e jogos dramáticos.

Convém lembrar quanto foram apreciados os produtos das atividades artesanais das nossas crianças: a já citada cerâmica, que infelizmente parou com a saída do mestre pernambucano atraído para a Bahia, pelo Banco do Nordeste, para orientar centenas de populares daquele estado. Até hoje a Sociedade não achou meio financeiro para retribuir bons mestres, à altura de seu talento, com salários suficientes.

EXPANSÃO DO CENTRO ARTESANAL

Com a cooperação da *Campanha Nacional de Educação Rural*, foi possível trazer para a Fazenda do Rosário, em 1953-1956, um educador francês — Jean Bercy, que deu ao *artesanato* e às *atividades recreativas* forte impulso e extensão, concentrando todas essas atividades no Centro Artesanal da Fazenda do Rosário (desenho, pintura, modelagem, teatro de fantoches, de máscaras e de marionetes, tecelagem, cestaria, trabalhos de madeira, de bambu e de cipós e ainda juntando a prática dos jogos dramáticos, ao ar livre, num ambiente de grande beleza natural, danças folclóricas, coro falado, enfim, todos esses elementos da recreação que constituem excelente meio educativo para a criança normal e excepcional, para o adolescente e adulto do meio rural, e para a juventude estudantil da escola normal, dos cursos de professores e de pós-graduados que se encontram, reunidas na mesma época, alguns dias no ano, em festas tradicionais do milho e da colheita, festa da primavera e da semeadura, nas festas natalinas e juninas, ainda bastante tradicionais entre nós.

Infelizmente, nas férias, ao voltar para a França, um grave acidente de tráfego paralisou durante longos meses o talentoso educador e excelente organizador que era Jean Bercy e privou-nos para sempre de sua profíqua colaboração nas obras do Centro Artesanal.

Outros artesãos e especialistas em folclore brasileiro tiveram de abandonar a Fazenda, por motivos sobretudo de escassa e incerta remuneração que lhes oferecia a Fazenda do Rosário.

Afortunadamente, em matéria de oficinas, a Sociedade acabou de tomar algumas medidas em conjunto com a Secretaria de Educação, o Departamento Social do Menor e o ISER (setor rural do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do MEC, que foi requisitado, para o mesmo local de atividades artesanais a que nos referimos linhas acima).

CURSO COMPLEMENTAR INDUSTRIAL

Cedendo graciosamente a Sociedade Pestalozzi dois pavilhões de alvenaria, construídos na fase inicial por ela, concluindo o revestimento das paredes e acabamento interno e externo pela CNER e pelo Centro Social Rural do Ministério da Agricultura que aqui foi temporariamente instalado, serão esses pavilhões utilizados pelo curso complementar industrial, devendo nele funcionar, além de aulas escolares para 5.º e 6.º anos, atividades artesanais, numa dezena de técnicas diferentes, tais como trabalhos de madeira, metal, couro, fibras vegetais, matérias-primas regionais e outras, cartonagem, encadernação, artes gráficas, com desenho, pintura, o mosaico, esmalte, cerâmica teatro de fantoches e outros, formando um conjunto, em rodízio, para discriminação das aptidões e revelação da vocação para algumas modalidades de artes aplicadas. Já foi nomeada pela Secretaria da Educação e sua diretoria e algumas professoras foram indicadas, com o curso de especialização no Rio, pelas bolsas do INEP. É um raio forte de esperança que ilumina os educadores de excepcionais, e muitos meninos, embora sem probabilidade de progredir nos estudos escolares, serão habilitados nas atividades manuais e poderão aprender ofícios adequados às suas limitações com, no entanto, bons resultados no rendimento, parcial ou total, de suas atividades.

OFICINAS PEDAGÓGICAS

Assim, ao lado do curso complementar industrial para alunos bem-dotados intelectualmente da Fazenda do Rosario e da comunidade, que será dado sob a forma regular de ensino sistematizado, fundar-se-ão, paralelamente, dois tipos de trabalhos anexos: o de Oficinas Pedagógicas — que se saírem com êxito da primeira tentativa nesse sentido, no Rio de Janeiro, no Leme, as oficinas da Sociedade Pestalozzi do Brasil, com sede no Leme, rua Sampaio, 29.

Serão também contemplados os grupos de ex-alunos de maior idade nas Oficinas Protegidas (Protected Shelters, nos U.S.A.), além de 18 anos. Esse tipo de oficinas dará menor

atenção ao lado educativo, dando, ao contrário, mais atenção ao aspecto lucrativo do produto que se poderia auferir com maior especificação, automatização dos processos.

PROBLEMAS NOVOS E AUXÍLIOS

O ano de 1960 foi assinalado por acontecimento de grande significação para a vida da Fazenda do Rosário e a própria Sociedade Pestalozzi. Senão, vejamos em rápida enumeração;

— Incêndio do pavilhão central causado por curto-circuito proveniente de uma instalação defeituosa da rede elétrica. Traumatização do pessoal docente e dos alunos, embora nenhum acidente tenha sido constatado com nenhum dos moradores do pavilhão, onde irrompeu à noite, durante o sono de seus ocupantes;

— Atitudes de simpatia e gestos de caridade por parte da população, a ASA, Prefeitura de Belo Horizonte, instituições educacionais, etc.;

— Inutilização do pavilhão, até a presente data não reconstruído, e uso parcial de pequena área na parte mais nova do prédio, apenas;

— Promessas de subvenções e auxílios por parte da Legião Brasileira de Assistência, e de outros órgãos oficiais (Câmara Federal) — nenhuma tem levado a efeito suas intenções e promessas até hoje;

— Substituição parcial dos membros da diretoria (presidente) e atividade pouco desenvolvida, alegando-se escassa verba de manutenção. Redução com o incêndio, e na falta de maiores recursos financeiros do grupo de crianças amparadas pela Sociedade Pestalozzi, com sua reintegração na família, devolução aos hospitais de neuropsiquiatria infantil etc.;

— *Encontro Pró-Infância Excepcional*, em julho de 1960, e estudo da possibilidade de conseguir do governo federal assistência a doentes mentais através de vultosos auxílios para melhoramento e execução de um plano de medidas novas em colaboração com a Secretaria do Interior (Serviço de Menores) e a Sociedade Pestalozzi dos outros Estados, bem como as APAE de fora. Designação do emissário do Serviço de Doenças Mentais, Dr. Denys Ferraz, do Rio, da Sociedade Pestalozzi do Brasil, que aqui veio estudar o projeto *in loco*;

— No segundo semestre, no fim do ano, o pagamento mensal de vultosa soma de donativos do Dr. Marco Paulo Rabelo, com

a liberdade de ser usada da maneira como parecer mais conveniente para a obra educacional e social da Sociedade Pestalozzi.

— Encontro Preparatório Pró-Infância Excepcional, na Fazenda do Rosário, com a participação de diversos membros das diversas instituições do Rio, São Paulo, dos diversos lugares de Minas, Bahia... Encerramento oficial pelo secretário de Educação — sendo sua primeira saída pública ao investir essa pasta. Apresentação de moções concernentes, em primeiro lugar, à reconstrução do prédio incendiado e à conclusão da construção da Pestalozzi em Belo Horizonte;

— Reuniões proveitosas, visitas interessantes. Excelente êxito desse encontro — sob a influência da Sociedade Pestalozzi de Minas e da APAE de diversas regiões, cria-se, com auxílio direto da Sociedade Pestalozzi, a Associação dos Pais de Excepcionais, junto à paróquia da Igreja da Floresta. Funda-se uma escola para subdesenvolvidos, o Instituto D. Bosco, sob a direção da diretora escolar D. Alayde Melo Tibo;

— Designação do psiquiatra Dr. Hélio Alkmin para prestar assistência especializada a menores sofrendo de conflitos emocionais, distúrbios neuropsíquicos, etc.;

— Elaboração de novos estatutos e eleições de membros do Conselho Deliberativo para três anos, segundo os novos estatutos, e de alguns membros da diretoria para sua completção;

— Lutas e discussões ingloriosas e crise no seio da diretoria. Falta de unidade de vistas entre a atual diretoria e um grupo de sócios antigos ligados às primeiras fases da Sociedade Pestalozzi.

Em 1961 — inauguração do Hospitalzinho “Galba Veloso”, donativo do Banco do Brasil por intermédio da família Dr. Galba Veloso e outros donativos, — construção de pré-fabricados, juntamente com o pavilhão, a casa da diretora e sala de exames psicológicos. A maior parte desses donativos foi conseguida pela senhora Lydia Magon Villar.

O ano termina na expectativa de melhores tempos para a Sociedade Pestalozzi, que muda sua designação, especificando-se a região Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. Isso a fim de se evitar confusão com outras entidades do mesmo patrono em outros Estados e Municípios.

Obtenção de promessa de auxílio da Cademe para a realização do novo Encontro Pró-Infância Excepcional, em 1962.

O ano de 1962 inicia-se com a realização do 2.º Curso de Férias de Ensino Emendativo na Fazenda do Rosário (o

primeiro em 1951), que reúne 50 professores das classes especiais do Estado de Minas Gerais, 26 professores de outros estabelecimentos e Estados do Brasil. Alcança pleno êxito o curso que transcorre em regime de internato, e com a cooperação de um excelente corpo de especialização proveniente de Minas, São Paulo, Guanabara. O encerramento reveste-se de grande sucesso presidido pelo secretário de Educação, realiza-se no Instituto de Educação de Belo Horizonte, sendo conferencista nessa ocasião a ilustre psicóloga analista Noemi da Silveira Rudolfer.

Realçando limitações de excepcionais, leva à conclusão de quanto deve-lhes, numa sociedade civilizada de cuidados e carinho para compensar a inferioridade que os estigmatiza sob diversas formas e graus.

EXPOSIÇÃO

Uma exposição, sábia e artisticamente organizada, reúne variados trabalhos que no setor teórico e prático foram executados pelos alunos do curso. A Fazenda do Rosário foi custeada pela verba da Cademe, em 1961, de dois milhões de cruzeiros e, foi igualmente repartida entre o Estado do Pará e de Minas, sendo beneficiados, no último caso, 26 representantes de outros Estados ao lado de 50 mineiros.

Acha-se em preparação para o segundo semestre a comemoração dos 30 anos de existência da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, quando se realizará o 6.º Seminário Pró-Infância Excepcional, com importante programa de realizações em benefício da criança e adolescentes subdotados, na Fazenda do Rosário. Será ainda oportunamente iniciado o movimento a favor dos excepcionalmente bem-dotados, que terão como primeira tentativa de assistência dos bem-dotados do meio rural o acolhimento na Granja Escolar, projeto piloto em fase inicial anexo ao ISER. Nessa ocasião deverá ser lançada uma publicação para a qual já estão sendo reunidos os manuscritos e que esperam auxílio financeiro para entrar no prelo.

EDUCAÇÃO DOS EXCEPCIONAIS E SUA INTEGRAÇÃO NA COMUNIDADE RURAL

Helena Antipoff

Partindo dos princípios modernos de Pedagogia e adaptando-os às necessidades e recursos de cada indivíduo excepcional — quer do retardado mental, do particularmente bem-dotado, do sensorialmente deficitário, do defeituoso físico ou, ainda, do que sofre desequilíbrios emocionais e desajustes sociais — quase todos exigem uma suplementação de tratamento de modo a constituir uma formação mais completa e harmoniosa possível, que os integre na sociedade.

Nessa educação integral e integrativa, convém distinguir os seguintes aspectos, cujo conjunto deve-se levar sempre à consideração do pessoal que trata dos excepcionais:

1 — Educação física e conservação da saúde, formação dos hábitos de higiene.

2 — Formação de hábitos de vida e de relativa independência (no vestir, nas refeições, na aquisição de certa autonomia, etc.).

3 — Educação perceptiva e de inteligência prática.

4 — Educação intelectual e da linguagem como meios de comunicação e formação dos conceitos.

5 — Escolarização no sentido de os estudos servirem para a aquisição de instrumentos úteis de cultura e de comunicação na sociedade. Do contrário, nos retardados não se justificam esforços excessivos e contínuas frustrações; sua energia deve ter outras aplicações, mais condizentes com os interesses e capacidades de excepcionais. Tornar este item bem patente, tanto para os pais como para os regentes de classes.

6 — Educação social, em suas variadas modalidades de relações humanas: no lar, na escola, na comunidade, nos brinquedos, nas ocupações, no trabalho, na recreação...

7 — Educação econômica — para zonas rurais: estudo e aproveitamento usual dos recursos naturais e materiais; sempre que possível, com a produção de valores ou rendimentos em atividades agrícolas, artesanais, industriais caseiras; seriadas em gradativa progressão de dificuldades e esforços, permitem a participação dos mal como dos bem-dotados.

8 — Educação artística — nos variados setores de aplicação. Tanto na vivência estética, na contemplação da natureza, como na música, dança, teatro, nas artes plásticas... despertando no excepcional sentimento de beleza e exercitando aptidões, não raro de apreciável valor. O indivíduo sentir-se-á mais feliz com a utilização do patrimônio cultural que o aproxime dos demais membros da sociedade. Os critérios de beleza, precedendo os critérios éticos — constituem elementos valiosos na educação do excepcional.

9 — Educação cívica e moral — com a participação do excepcional nas manifestações da vida cívica, nas comemorações de datas de cunho familiar, regional, de acontecimentos dignos de exaltar o amor filial, o valor moral na localidade, no país; praticando “boas ações”, auxílio aos fracos, doentes, necessitados. A sensibilidade afetiva para com as alegrias, a infelicidade, o sofrimento dos outros; a bondade patente em muitos excepcionais, bem como o desejo e a capacidade de ser úteis ao próximo podem ser desenvolvidos nessas criaturas limitadas intelectualmente e aproveitadas em atividades sociais de auxiliar de educadores, nos serviços hospitalares, na recepção de alunos novatos, visitas, etc....

10 — Educação religiosa — esta, na medida da compreensão e do desejo do próprio excepcional, não pode ser descuidada. O excepcional não deverá ser deixado fora da vida religiosa da família, da escola ou da comunidade, pois seu afastamento compulsório pode criar nele o sentimento de rejeição e de inferioridade, reprimido ou pronto a se voltar contra seus pais ou educadores.

Fatores de primordial importância na realização da *Educação Integral*:

I — *Do Pessoal* — Seleção, preparo, estágios do educador e auxiliares na educação do excepcional.

Os cursos de formação e preparo do pessoal devem ser seguidos de um período de estágios probatórios bastante prolongado para fazer sentir ao candidato o grau de adequação ao tipo de trabalho exigido por esse ramo de assistência, a fim

de evitar fracassos pedagógicos, e preservar a sua própria saúde do esgotamento nervoso, não rara vez observado entre educadores de excepcionais.

São eles chamados a exercer a função de educadores de excepcionais mentalmente retardados, de crianças com defeitos sensoriais e motores, nervosas, inquietas e instáveis, social e emocionalmente desajustadas, etc... Devem ser indivíduos desprovidos de complexos; pessoas pacientes, que gostem verdadeiramente dessas crianças como seres humanos; otimistas e com fé na educação. Estudiosas e possuidoras de bastante cultura pedagógica especializada e geral, devem ter mãos habilidosas e capazes de estimular a aprendizagem da criança sem perda da serenidade. Devem ter bastante idealismo e possuir uma fâsca de espiritualidade para acender nela, quando preciso, verdadeiros atos de heroísmo e de humildade.

AOS EDUCADORES COMPETE:

1 — Criar ambiente propício para a educação e o "clima" mais favorável ao tipo de alunos que terá sob a sua responsabilidade, sempre, porém, numa atmosfera de confiança e de simpatia.

2 — Aplicar técnicas educativas e apropriá-las devidamente para cada caso e fato ocorrido; imaginar novos processos, aproveitando as ocorrências e os recursos disponíveis. Controlar seu efeito no aluno.

3 — Observar os fatos da conduta humana; interessar-se por eles e registrar, como cientista, a fim de compreendê-los e contribuir, paulatinamente, para o advento da pedagogia especializada, como arte sutil baseada na paciente experiência.

NB — O último tópico é bastante importante: escolas para excepcionais não são simples escolas. São estabelecimentos privilegiados onde se educam as crianças, onde se estudam problemas e processos de educação e de tratamento e onde se formam educadores e demais auxiliares.

II — *Ambiente* — Escolas para excepcionais devem, ao nosso ver, funcionar fora das cidades. O local natural é o campo. Espaços abertos favorecem movimentos livres, mais amplos, harmoniosos. Os ritmos da vida são ali melhor percebidos; melhor que os relógios e sinais, o sol dita os horários convidando os homens para se levantar, para o trabalho, o sono...

principais vícios da excepcional

Longe do tumulto da cidade, dos perigos do trânsito, da abertura espacial, a vida no campo oferece à criança infinitas oportunidades para seus jogos ao ar livre, o cultivo da imaginação, por mais limitada que seja a criança. Ela gosta dessa vida campestre, das árvores, dos animais, da paisagem e sabe apreciar a beleza através de uma espécie de sentimento cósmico que se pode observar nos olhares de crianças, por vezes, profundamente retardadas.

III — *Atividades de orientação para o trabalho* — A vida rural oferece ainda ao excepcional ricas possibilidades para o trabalho e a sua participação nas atividades lucrativas do campo.

Os variados recursos naturais em matéria-prima e as ocupações de caráter utilitário praticadas pelos deficientes mentais contribuem grandemente para a educação e preparo dos adolescentes para a vida adulta do egresso, mais ou menos livre, ou asilado. Em ambos os casos, será menos parasitária a sua existência e sentir-se-á mais feliz na comunidade.

A cuidadosa procura de ocupações para cada indivíduo deficiente por meio de rodízios nos diversos serviços de estabelecimento rural para excepcionais, tais como a Fazenda do Rosário da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, poderia desempenhar uma tríplice finalidade:

a) — *Educativa* — com o exercício das funções biopsíquicas e sociais do adolescente em diversos ambientes de trabalho, com materiais e ferramentas variadas utilizadas para fins de aprendizagem;

b) — *Científica* — pelo método de experimentação natural e outros métodos de pesquisas vocacionais em torno de ocupações e sua compatibilidade com os níveis de desenvolvimento mental e de aptidões, tipos de deficientes, anomalias, distúrbios nervosos e emocionais, bem como de suas condições econômico-sociais;

c) — *Econômica* — por mais vivo e/ou limitado que seja o excepcional, sua participação adequada nos trabalhos e serviços da Fazenda do Rosário, como instituto rural de educação emendativa, pode resultar numa apreciável ajuda econômica para o estabelecimento, ao mesmo tempo que salutar para o bem-estar moral do adolescente.

Há uma infinidade de trabalhos no campo, onde a mão-de-obra infantil, quando dosada em seus esforços e horários, representa uma valiosa contribuição na economia rurícola, sem prejuízo da saúde e da escolaridade da criança. Na apanha de frutas e sementes; no trato dos animais de pequeno porte, tais como aves,

coelhos; na floricultura, por exemplo, a mão da criança melhor do que a do adulto pode conseguir transplântio de delicadas mudinhas.

O adolescente do campo se enquadra perfeitamente em muitos trabalhos, agradáveis para sua idade.

Temos encontrado, entre deficientes mentais, meninos de grande responsabilidade no trato de animais, muitas vezes superior àquela que, nas mesmas condições se pedia aos meninos normais de inteligência e de conduta, geralmente mais brincalhões e menos atentas aos serviços obrigatórios.

Além de atividades agrícolas, o meio rural favorece toda espécie de *trabalhos manuais*, de *artesanatos* e de *indústrias rurais*. É opinião comum que a riqueza vegetal no Brasil não foi, até hoje, bastante aproveitada nem na indústria, nem no comércio interno, nem na exportação.

É também a nossa opinião constatar o pouco interesse que lhe consagram educadores brasileiros, e a ignorância com que tratam do assunto quando chamados a utilizá-la nas atividades pedagógicas. Felizmente, despertada a atenção e treinadas as técnicas de aplicações didáticas para concretização do ensino, os professores, nos cursos de especialização em educação rural ou nos de educação emendativa, revelam rápida aprendizagem e boa qualidade, desde os primeiros ensaios, dos artigos artesanais confeccionados nessas aulas. Testemunho dessa habilidade natural são as já famosas exposições do artesanato rural nas Festas do Milho e da Colheita, cujos produtos se vendem com facilidade, por preços comerciais. O mesmo pode-se observar no mostruário artesanal das crianças, deficientes mentais e desajustadas, que se esmeram nos trabalhos de bambu, cipós, na cestoria, nos artigos de fibras vegetais, de milho, de bananeira, nos "mosaicos" com grãos e sementes, etc.

Eis aqui uma prova cabal da imensa possibilidade de aprendizagem e de criação livre graças aos recursos naturais, muitos dos quais, nativos, oferecem aos educandários de excepcionais, do ponto de vista pedagógico-econômico e de equipamento técnico, condições excepcionalmente vantajosas.

A matéria-prima animal, também de fácil encontro no meio rural, permite trabalhos de bastante utilidade em couro, peles, chifres, ossos, penas, etc.

Talvez a mais valiosa para nossa zona seja a matéria-prima mineral e muito especialmente o *barro*, visto serem argilosas as baixadas, e de excelente qualidade para a cerâmica. A presença de um ceramista que veio, como um dom precioso, de Pernambuco,

da Usina de Catende, à Fazenda do Rosário, polarizou a atenção dos educadores e artistas visitantes nos bonecos de barro que saíam profusamente das mãos criadoras dos meninos débeis mentais “bem-comportados”, ou dos garotos inteligentes porém de péssima conduta; todos se sentiam à vontade atraídos pelo barro e pelo incomparável mestre Jether Peixoto. Sua arte consistia em deixar a criança livre para exprimir o que lhe passava n'alma. A orientação discreta na aprendizagem técnica de cerâmica popular não tolia a criança, pois, geralmente, era usada a pedido da própria criança quando a reclamava na solução de uma dificuldade nova.

Os “bonecos” que representavam, à maneira de Vitalino, coisas vistas, cenas observadas com especial e espontâneo interesse pelas crianças, lembranças de seu passado familiar, de miséria material, mas cheias de afeto filial, repercutiam no trabalho criador da criança e se integravam em sua formação.

Para alguns adolescentes, entre os mais difíceis e anti-sociais, a cerâmica funcionou como uma verdadeira tábua de salvação na modificação brusca de sua conduta, e, quiçá, do próprio caráter.

Fator de não pouca importância eram as exposições (permanentes e esporádicas) desses trabalhos que, além de provocar apreço e admiração, constituíram também oportunidades e renda. Há quinze anos atrás, os “bonecos” de barro da Fazenda do Rosário, procurados pelos colecionadores de arte popular, se vendiam a preço alto, a duzentos, quinhentos e mais cruzeiros, no tempo da moeda ainda alta no Brasil.

Não havia maior prazer para os nossos meninos que o de *comerciar* seus produtos nas feiras da Fazenda do Rosário ou nos povoados vizinhos, para onde os levavam, aos domingos, de caminhão, tijelas, alguidares, moringas habilmente torneadas no torno rústico por alguns meninos especializados.

A *Pedra-Sabão* — ou esteatite, é outra excelente matéria-prima regional, pois as suas jazidas se encontram em Congonhas do Campo, a menos de 3 horas de viagem da Fazenda do Rosário. É de fácil encomenda e transporte. Por ser macia, a pedra-sabão deixa-se esculpir com simples canivete. Haja vista os meninos de 10 a 12 anos trabalhando e produzindo coisas de utilidade, artigos de religião ou objetos de ornamentação, com relativa facilidade e resultado.

O *Ferro* — é outra matéria-prima profusamente encontrada na Zona Metalúrgica de Minas Gerais. Infelizmente, ainda se faz dele relativamente pouco uso artesanal; no entanto, os trabalhos de “ferro forjado” seriam de grande alcance na educação de excep-

cionais, sobretudo dos que necessitam de trabalhos de força para a descarga de suas energias explosivas, em atividades construtivas.

A *Construção* — só para o *sexo masculino*. Uma vez tentamos introduzir elementos de construção rústica no Curso de Treinamento de Professores Rurais. Não encontramos mestres que quisessem ensinar a mulheres, pois declararam que é o “ofício do homem”. A construção pode ser com facilidade introduzida no meio rural, por causa da presença de material necessário para a construção de abrigos, para a guarda de ferramentas agrícolas, de caramachões, de barracas para exposição ou venda de comestíveis nas festas ao ar livre, e mesmo para a confecção de rústicas moradias. Nessas construções, a mão-de-obra dos adolescentes deficientes mentais pode ser bem útil, uma vez que haja bom mestre pedreiro que os oriente nos serviços de ajudantes. Tivemos oportunidade de ver retardados mentais desempenhar esses trabalhos com bastante interesse e êxito. Na falta freqüente da mão-de-obra profissional, na Zona Rural, esses rapazes são procurados pela população e não lhes faltam encomendas.

Indústrias rurais — estas beneficiam principalmente adolescentes do sexo feminino. Não faltam produtos vegetais e animais como matéria-prima para isso. Exigem educadores competentes e algum aparelhamento, além da higiene do ambiente em que tais indústrias possam ser praticadas.

É-nos agradável constatar que o Ministério da Agricultura acha-se fortemente empenhado na formação técnica do elemento feminino para ministrar economia doméstica rural nos cursos primários complementares, nos ginásios orientados para o trabalho e nos colégios e ginásios normais (em cursos vocacionais). Na própria Fazenda do Rosário, desde 1966, funciona, com esta finalidade, o Colégio Técnico de Economia Doméstica Rural, cujas diplomadas, depois de três anos de estudos seriados, poderão ser aproveitadas nas escolas e institutos de educação emendativa no setor feminino, nos cursos para “donas de casa”, de auxiliares da educação e atendentes, entre as quais poderão figurar, como aluna também, as mocinhas com retardo mental de grau leve. Custa a crer como estas aulas transformam as moças. Mesmo com “déficit” mental, aparentemente profundo, nas aulas “acadêmicas”, nas quais demonstram absoluto desinteresse, atitudes grosseiras e preguiça, sua aparência e comportamento mudam radicalmente nas atividades domésticas e nas aulas práticas de costura,

culinária, jardinagem, horticultura, etc. Suas fisionomias animam-se de uma expressão mais bonita e simpática, os movimentos tornam-se mais ágeis; no contato com pessoas, ficam mais confiantes. Recebem as visitas, servem à mesa, oferecem seus préstimos com atitudes sociais agradáveis de boas "donas-de-casa", convidam a visitar suas "granjinhas", etc.

Não é nossa intenção enumerar todas as espécies de ocupação e aprendizados para adolescentes, condizentes com a vida do campo, que tanto preconizamos para deficientes e desajustados. Tivemos oportunidades de observar na Fazenda do Rosário, através de variados exemplos, o seu comportamento nas múltiplas atividades que lhes foram proporcionadas. Nem tudo foi bem-sucedido: houve casos admiráveis de êxito e de recuperação de indivíduos gravemente atingidos em seu "déficit" mental ou desvios de conduta. Mas houve também bastante desperdício na maneira como foram levados, por mestres incompetentes, ou educadores improvisados nessas atividades.

Graças ao zelo e imaginação da primeira diretora técnica, Dona Yolanda Barbosa (já hoje aposentada), que tanta importância dava ao trabalho da criança interna na Fazenda do Rosário e tantas oportunidades descobria para atender às diferenças individuais de cada uma, foram experimentadas e observadas várias dezenas dessas atividades.

Em continuação aos trabalhos estudados em Belo Horizonte, no Instituto Pestalozzi, entre 1935-40, no setor de trabalhos manuais e domésticos, principalmente feitos pelos alunos do sexo masculino, os estudos de atividades agrícolas, sobretudo, chamaram nossa atenção, através do método de Lazourski. Seus primeiros resultados foram publicados a título de ilustração, apenas.

Até hoje faltaram aqui pessoal e meios para a pesquisa sistemática do trabalho agropecuário, artesanal, praticado pela população rural e, mais especialmente, pela sua infância e adolescência. A isso seria acrescentado o estudo do deficiente mental e desajustado de diversas idades, culminando a pesquisa no levantamento de escalas de trabalho para diversas idade e tipos de trabalhadores, normais ou deficientes.

Como sabemos, a pesquisa exige pessoal preparado e disciplinado e não poucas despesas para sua remuneração, transporte, documentação fotográfica, apuração estatística, trabalhos de datilografia, etc. Não perdemos a esperança de que, um dia, se consigam auxílios através do Conselho Nacional de Pesquisas e orientação técnica por órgãos competentes.

Afortunadamente, cada dia mais sente-se, por parte da sociedade e dos poderes públicos, maior compreensão da importância da zona rural e de sua população, tanto tempo deixada sem assistência e educação. Acreditamos que as atividades hortigranjeiras e artesanatos executados em condições de melhor higiene (problemas de esquistossomose e de verminose, em geral, para as primeiras) e de maior conforto e equipamento das moradias rurais (para as segundas), trariam para as localidades vizinhas dos grandes centros urbanos (como é o caso da Fazenda do Rosário) oportunidades econômicas bastantes significativas para seu bem-estar material e social.

Além disso, a situação econômica brasileira apresenta-se bastante favorável para a realização de grandes obras de infraestrutura, especialmente no setor de energia elétrica, saneamento básico e transportes. O crescimento econômico recente tem permitido a obtenção de recursos necessários para a execução desses projetos, além de atrair investimentos estrangeiros. A melhoria da infraestrutura é fundamental para o desenvolvimento sustentável do país, promovendo a geração de empregos e o aumento da produtividade econômica.

Em relação ao setor de energia, o Brasil possui uma grande reserva potencial hídrica, o que possibilita a construção de grandes usinas hidrelétricas. Além disso, o desenvolvimento de fontes renováveis de energia, como a energia solar e eólica, tem ganhado destaque nos últimos anos. A diversificação da matriz energética é essencial para garantir a segurança energética e reduzir a dependência de combustíveis fósseis importados.

No setor de saneamento, o Brasil enfrenta desafios significativos, especialmente em relação ao acesso à água potável e ao tratamento de esgoto. No entanto, a implementação de programas de saneamento básico em áreas urbanas e rurais tem mostrado resultados positivos. A melhoria das condições de saneamento é crucial para a saúde pública e a sustentabilidade ambiental.

Por fim, o setor de transportes também apresenta oportunidades para investimentos em infraestrutura. A construção de novas rodovias, ferrovias e aeroportos é essencial para melhorar a conectividade entre as regiões do país e facilitar o comércio exterior. A modernização da infraestrutura de transportes é um fator determinante para a competitividade econômica do Brasil.

COLOCAÇÃO FAMILIAR DE DEFICIENTES MENTAIS NA ZONA RURAL

A implantação de educandários para excepcionais na zona rural não só facilita a educação integral e a integração na comunidade dos deficientes mentais e desajustados. Isso exigiria um sério planejamento e uma sólida organização de aproveitamento da população rural vizinha dos estabelecimentos para excepcionais. Mas seria uma maneira de solucionar o problema espinhoso de educação, assistência e garantia no futuro na idade adulta de maior número de deficientes mentais.

O plano de colocação familiar, na Fazenda do Rosário, surgiu da constatação de que o crescente número de pedidos de internamento em seu estabelecimento não poderá ser jamais liquidado por seus próprios recursos e a palavra *descentralização* se implantou como palavra de ordem: descentralização regional e descentralização local. Cada região administrativa do Estado (através de suas delegacias de Ensino, de Saúde, dos juizados, núcleos da LBA, associações religiosas e assistenciais, etc.) deve promover algo em favor de uma infância excepcional, evitando que massas de candidatos ao tratamento médico-pedagógico e social se acumulem, desesperadamente, à espera de uma vaga em consultórios, internatos, clínicas especializadas, etc. As sedes dessas entidades administrativas devem se interessar pela sorte desses seres e tentar solucionar suas necessidades com seus próprios meios, deixando para a capital do Estado e quicá, do País, os casos que exigem assistência extraordinária. Esse desengestionamento dos serviços centrais por processos de descentralização regional ajudaria os centros a fazer um melhor trabalho, de maior competência técnica, preparando o pessoal, estudando, pesquisando e descobrindo processos mais adequados de tratamento e de assistência à infância excepcional.

Outra modalidade de descentralização seria a comunal. Os estabelecimentos de assistência médico-psicopedagógica e social para o excepcional, como o Instituto de Educação Emendativa do Rosário, da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, está abarrotado;

faltam acomodações para o internato, faltam salas e equipamento para as atividades escolares e artesanais para alunos internos e semi-externos (que duas Kombis transportam diariamente de Belo Horizonte, distante 26 Km por uma estrada ainda não asfaltada...). Não é fácil a uma sociedade privada atender devidamente a esses 200 alunos matriculados. O problema é maior ainda em dar providências para que mais 600 pedidos, dos quais bom número com exame de serviço social, médico, psicólogo já prontos, sejam recebidos como novos clientes, sejam atendidos a tempo, isso é, em menos de um semestre, ou um ano, no máximo. No entanto, esses clientes esperam, alguns, mais tempo ainda e quando, porventura, abre-se uma vaga, o candidato já se acha com a idade fora do limite de 12 anos estipulada como máxima para o internamento...

Como aliviar esse acúmulo de pedidos nas capitais e amenizar o drama do excepcional na entrada para o estabelecimento, como na saída? Para o problema do egresso do internato é dos mais complexos e dolorosos, sobretudo quando se trata de órfãos verdadeiros, "órfãos de pais vivos", ou "filhos de vento"... O internamento em estabelecimentos é sobremaneira dispendioso e a criança não encontra neles o ambiente propício para sua educação integral. Aí vem à tona a solução pela colocação familiar nos lares rurais circunvizinhos. Sabemos que o assunto é dos mais delicados e necessitaria talvez de muitos anos de organização do sistema e do preparo de lares para seu normal e frutuoso andamento.

TUDO O QUE SE FIZER EM FAVOR DA CRIANÇA EXCEPCIONAL REVERTERÁ EM BENEFÍCIO DE MASSAS DE CRIANÇAS COMUNS E DO BEM-ESTAR DA COMUNIDADE

Este lema, que tão acertadamente se verificou no terreno pedagógico, de higiene mental, de tratamentos específicos, etc., não deixará de se verificar também nesse serviço de colocação familiar rural. De colocação familiar temos experiência com crianças comuns, observando o seu sistema na França (1953), no Uruguai (1945) e aqui no Brasil, na Bahia (1946). Embora em menor extensão, a experiência brasileira orientada pelo Departamento Nacional da Criança e o pranteado dr. Álvaro Bahia pareceu-nos mais humano e de melhor alcance, em alguns casos.

O projeto da Fazenda do Rosário com relação à colocação de deficientes mentais nos lares rurais tem duplo objetivo: a educação da criança e sua integração na comunidade, de um lado; do outro, a orientação da família rural e sua progressiva civilização dentro do ambiente mais higiênico, mais próspero,

econômico e social. Portanto, a família é mais habilitada para a educação dos filhos deficientes dos outros, como dos próprios filhos.

Orientados nos cuidados de um ou dois deficientes mentais *pari passu* saberão melhor tratar dos 4-5 filhos carnais, da família rural.

Caberia ao setor do Serviço Social do Instituto Superior de Educação Rural (ISER), juntamente com órgãos disponíveis na região (ACAR, Circunscrição Agrícola do M.A. etc.), assumir a responsabilidade dessa transformação do lar rural para a prosperidade, e, com a orientação do Instituto Emendativo da Fazenda do Rosário, orientar a família para adequados cuidados dos meninos excepcionais colocados. Tarefa complexa, repetimos, pois visa à boa seleção, sistemática orientação e controle dos resultados. Acreditamos que será esta medida (internamento em lares rurais) a que permitirá resolver melhor os problemas de educação da criança deficiente ou defeituosa que, até a idade de 16 anos, terá a assistência direta nas classes escolares, nas oficinas, nas atividades hortigranjeiras, bem como nas atividades recreativas, religiosas, etc. do Instituto Emendativo, em regime de semi-internato ou de externato, segundo a natureza do aluno. Terminado seu estágio e aprendizado no Instituto, passará a ficar sob a orientação do IEEFAR na família rural e ainda, fato importante, a gozar de todos os serviços e privilégios que a Fazenda do Rosário como comunidade organizada deve a seus moradores e componentes.

económico e social. Portanto, a família é mais debilitada
para a educação das crianças, deixando-as em condições
deploráveis. (Lerner, 1977, p. 100)

Estudo realizado nos Estados Unidos em 1970, realizado
em famílias pobres, mostrou que 45 filhos entraram
para o ensino superior.

Devido ao setor do Serviço Social do Instituto Superior
de Educação (ISEP), juntamente com outros departamentos
do ISEP, foram criados cursos de M.A. e D.E. visando
a responsabilização dos pais em relação ao seu papel na pro-
teção e ao cuidado do Instituto Tecnológico de Lisboa
de Lisboa, orientar a família para situações críticas das
mesmas, especialmente no que diz respeito a problemas de
ordem social, situações de violência e controle das
relações. Acreditamos que esta seja medida importante de
apoio à família, pois permite melhor compreensão de
situações de crise, de forma a possibilitar que não se
degrade a qualidade da vida das crianças, mas
obtenha, nas situações críticas, um apoio nas atividades
educativas, religiosas, etc. do Instituto Tecnológico, em termos
de encaminhamento ou de extensão, segundo a natureza do caso.
Portanto, em relação a este trabalho, no Instituto Tecnológico
tem-se a criação do ISEP, na família rural e urbana.
Este trabalho é feito em todos os serviços e instituições que
a família de Lisboa como comunidade organizada deve a seus
serviços e componentes.

CORPORAÇÕES ARTESANAIS E HORTIGRANJEIRAS

Do ponto de vista econômico e do trabalho lucrativo para os ex-alunos do IEEFAR e outros egressos das instituições para excepcionais, das diversas associações em convênio com a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, o sistema de lares adotivos para colocação familiar trará certamente benefícios marcantes com a condição, todavia, de que o projeto obedeça a um estudo e planejamento de técnicos e pessoas competentes em assuntos educacionais, econômicos e sociais.

Este projeto sobre o assunto de trabalho artesanal e cooperativismo que preconizamos durante mais de 20 anos em conferências, publicações, mesas-redondas, para seu uso com excepcionais, deverá constituir em breve um dos temas do futuro Seminário das Sociedades Pestalozzi, no Brasil. Talvez sejam necessários assessores de organizações latino-americanas, ou internacionais, visto que o problema é universal e urge dar-lhe maior atenção. Somente o sistema de cooperativismo poderia ser adotado. Para isso alguns estudos já estão sendo promovidos nos cursos do ISER, com a colaboração dos serviços do Ministério da Agricultura, que pôs à disposição da Fazenda do Rosário seus técnicos, agrônomos, professores de economia, e meios materiais para estudos e execução de alguns programas parciais ainda com professores primários, cursos normais complementares e de especialidade de economia doméstica, etc.

Que este artigo sirva de apelo aos interessados e que o mais breve possível possam se encontrar em torno do problema de assistência aos excepcionais, mas que, ao mesmo tempo, de grande alcance geral, possa beneficiar as comunidades rurais vizinhas de estabelecimentos educacionais de vulto que incluem em seus programas a assistência a excepcionais, seu estudo e preparo do pessoal.

CORPORACIONES ARTESANALES E INDUSTRIALES

El punto de vista económico e industrial localiza para los estudios de IBERIA y otros grupos de actividades para el desarrollo de diversas actividades en contacto con el sector artesanal de Lima (ver el informe de las actividades para el desarrollo familiar para entender mejor el estado y el progreso, tanto de que el progreso obedece a un estado y el desarrollo de técnicas o personas comprometidas en actividades económicas y sociales.

Este trabajo sobre el estado de trabajo artesanal e industrial por presentarse durante más de 20 años en los centros educativos, presentándose con un gran éxito, como se puede apreciar en los temas de trabajo de los estudiantes de IBERIA, en Lima. El nivel de las actividades de organización de actividades en las actividades visto que el problema es universal e interdisciplinario, siendo el sistema de cooperación de los estudiantes de IBERIA. Para eso, algunos estudios de caso serán presentados por el autor de IBERIA con la colaboración del sector de IBERIA de la Universidad que por a disposición de la Facultad de Ingeniería, agrónomos, profesores de economía e historia, así como algunos de algunos programas parciales de IBERIA para estudios e ejercicios de algunos programas parciales de IBERIA con profesores de IBERIA, entre otros complementarios e de especialidad de economía doméstica, etc.

Que este artículo sirve de guía para investigaciones y que a los que se desea conocer se encuentran con temas de problemas de asistencia en las actividades que, en el mismo tiempo, de estado de las cosas, para permitir la comprensión de estos que incluyen algunas de las actividades económicas de estos que incluyen en sus programas e actividades e especialidad, con estado e progreso de personas.

SOCIEDADE PESTALOZZI DE MINAS GERAIS
Comemorações do 35.º ano de fundação
Belo Horizonte, 9 a 12 de novembro de 1967

TEMAS PARA ESTUDO EM GRUPOS

1 — Revisão das conclusões e recomendações dos seminários, encontros, jornadas realizadas desde 1951 pelas Sociedades Pestalozzi e associações congêneres.

2 — Devem as Sociedades Pestalozzi e associações congêneres se constituir em uma entidade nacional unificada?

3 — Glossário de termos para o uso de equipes poliprofissionais pró-infância excepcional.

4 — Equipes profissionais de nível superior. Estudo de assuntos relativos à **infância excepcional; assistência e orientação.**

5 — Problema dos egressos das instituições médico-pedagógicas para infância excepcional.

6 — Métodos especializados do ensino emendativo.

7 — Problema dos bem-dotados.

8 — Estudo do temário para o próximo Seminário Pró-Infância Excepcional, em julho de 1968.

9 — Sugestões para o curso de férias pró-infância excepcional para equipes de nível superior (poliprofissionais) em 1968.

TEMAS PARA ESTUDO EM GRUPOS

- 1 — História das condições e transformações das condições
econômicas, jurídicas, religiosas desde 1851 pelas sociedades
Políticas e Associações Comunitárias.
- 2 — Deveres das Sociedades Políticas e Associações Comu-
nitárias em relação com uma entidade nacional religiosa?
- 3 — História do tema para o uso de empresas políticas
religiosas e profissionais excepcionais.
- 4 — Impacto econômico da nível superior, Estado de
assuntos relativos à infância excepcional; assistência e orientação.
- 5 — Relações das empresas das instituições médicas
profissionais para infância excepcional.
- 6 — Métodos experimentais de ensino vocacional.
- 7 — Trabalho dos pais-dados.
- 8 — Estado do ensino para o próximo século
religioso excepcional em julho de 1958.
- 9 — Exigências para o ensino de letras pro-
fissionais excepcionais para ensino de nível superior (colégios)
em 1958.

RECOMENDAÇÕES AOS PESTALOZIANOS

1. Continuar corajosamente o trabalho, dando, cada um, o melhor de si.

2. Procurar melhorar sempre o trabalho, nunca descansando na rotina, mas, em todas as atividades, descobrir caminhos mais retos e soluções que maior eficiência representam, dentro de um conjunto harmonioso.

3. Colaborar de maneira mais estreita possível, uns com os outros, colhendo dessa cooperação resultados novos, que, isoladamente, não seriam possíveis.

4. Enaltecer as atitudes autenticamente democráticas em que à responsabilidade pessoal junta-se a consciência da responsabilidade coletiva e fazendo com que a obra toda surja como produto de cada um e de todos ao mesmo tempo. Criar assim o "espírito de corpo", de caráter definido, e alimentado por princípios sadios. No caso, educação da criança, por mais empecada que seja, ajustamento do adolescente que, padecendo de distúrbios mais graves, possa, na idade adulta, ser útil a si e à coletividade. Provar que toda criatura humana tem valor e todos os homens podem contribuir, cada um com seu "talento", ao progresso da humanidade. Mostrar ainda que o valor humano não se limita apenas ao aspecto intelectual, mas que outros caracteres, como os dons morais, o esforço, a humildade, os sentimentos altruístas, que tantas vezes encontramos em crianças ditas excepcionais, constituem apreciável tesouro social em tempos principalmente em que domina o egoísmo, a ganância e exploração do fraco pelo forte. A obra pestaloziana assim aparece como uma obra de justiça e de compensação para males que se infiltram cada vez mais na vida social. Os fracos, porém justos, têm assim voz ativa nos destinos do mundo.

5. A educação da criança, dos jovens dependentes, nunca alcançará o alvo se o educador não tiver a constante preocupação de se educar ele mesmo e progredir como indivíduo e como profissional. Tornar sua personalidade coesa e dinâmica, aprimorar suas aptidões, aperfeiçoar seus métodos de trabalho, elevar sua cultura pedagógica, apurar os princípios e diretrizes da ação social — é uma necessidade imprescindível numa obra como a nossa, que tem a pretensão de constituir-se numa escola pedagógica *sui generis*. Somente assim poderá ela ter influência no movimento pedagógico de nossos dias e irradiar, além dos limites estreitos da assistência ao excepcional, os benefícios que aqui se cultivam, a toda criança, no lar como na escola.

6. Toda atividade pedagógica realizada na Pestalozzi merece ser melhor estudada, analisada, meditada em seus meios e resultados. Portanto, devem ser cuidadosamente observadas, registradas e discutidas as manifestações da conduta infantil, as condições do ambiente, as atividades e os processos que o educador introduz voluntária ou espontaneamente em seu trabalho. Cada setor de atividades tendo, na Pestalozzi, seu encarregado especial, deve, em estreita colaboração com seus companheiros, reunir os dados, conseguindo tirar dos registros e relatórios de cada um ensinamentos úteis e sugestões necessários ao melhoramento dos trabalhos.

7. Lembrar que nenhum progresso social verdadeiro pode ser solidamente alcançado sem a ciência e que a ciência exige a consciência dos problemas, o conhecimento da realidade e a interpretação objetiva e leal dos resultados significativos da pesquisa organizada ou de observações isoladas. Portanto, é obrigação nossa não perder oportunidade nenhuma para levantar dúvidas, formular problemas e ensaiar respostas em contato direto com os fatos em experiências provocadas, em estudos dos outros, sempre que esses estudos sejam de primeira mão e feitos com a intenção honesta de vencer a ignorância dum campo ainda obscuro, porém necessário à compreensão, já para formar a nossa opinião, já para permitir interferência pedagógica mais acertada. Dali também a necessidade de participar dos grupos de estudos afins, de outras organizações, congressos ou seminários, ou dos mesmos promovidos por esta sociedade. Participar dos debates de maneira ativa, contribuindo para a ciência com sua própria experiência e o cabedal de conhecimentos digeridos e assimilados em se tratando da ciência que poderemos chamar de segunda mão, colhida nos cursos, conferências, nas leituras e estudos bibliográficos.

8. Manter o espírito alerta, a imaginação viva; cultivar a iniciativa, pondo-a ao serviço da comunidade, com coragem e humildade a uma vez. Aceita a medida proposta, perseverar na sua realização com esforços próprios, contaminando os outros com seu entusiasmo e a fé nos benefícios que espera alcançar. No campo de pedagogia e de ação social os progressos são infinitos, como o são em outros domínios da civilização. Da educação a humanidade auferiu ainda poucos benefícios porque poucos foram os esforços e bem-acanhadas as iniciativas, se os confrontarmos com aquilo que os homens forneceram em outros campos.

... a matter of public interest, the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...

... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...

... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...

... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...
... the Commission is required to ...

A EDUCAÇÃO DO DEFICIENTE MENTAL

(Plano de aula proferido por Helena Antipoff a universitários)

Disciplina: Educação do Deficiente Mental

Definição: Verificar no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa

Verificar no Dicionário de Lafon

Quais as maiores *dificuldades* para manter a disciplina nas classes de retardados? (Agitação, gritaria, choro, desordem, agressividade, destruição de material e de objetos, grosseria, palavrões, fugas...)

(Desobediência aos regulamentos e às autoridades...)

Essas dificuldades devem ser encaradas sob diversos ângulos:

A) ALUNOS: grande diversidade e cada um deve ser atendido em suas necessidades, possibilidades e inclinações. Alunos desde os mais brandos e de meio familiar harmonioso até os casos de maior e grave retardo, desvios de conduta neuropatológica, desajustamentos emocionais e procedência de ambientes anarquizados, infernais (segundo Sta. Teresa, inferno é o lugar onde não há amor), ambientes miseráveis de miséria econômica e moral, ao lado de outros alunos talentosos em algumas áreas.

B) EDUCADOR: sua personalidade, suas habilidades, possível liderança, forma de tratar as crianças, seu preparo e competência pedagógica, sua personalidade.

Exemplos de casos: Koletor de Petrogrado: 30 alunos desamparados, durante um mês conservados numa "suíte", e depois, distribuídos em instituições próprias para cada um, assistidos por uma equipe multidisciplinar: um médico para cada grupo de 4

crianças, duas enfermeiras, dois psicólogos e quatro pedagogos educacionais se revezando de 6 em 6 horas durante as 24 horas diárias.

Exemplo de Nilza: técnicas criativas da Escolinha de Arte.

O educador é o fator essencial. A capacidade de educar deve ser nata e responder a uma vocação, mas a arte de educar exige treino, além de seleção inicial.

Exemplo de Aramita: fracasso inicial na carreira de mestra, mas vence-se com esforço de ser humano, amar a criança, compreendê-la, ter confiança na natureza humana e na educação. Aprende-se através de fracassos iniciais e "bons erros". Um dos sinais de bom educador é não ter medo da criança, nem de fracassos.

Exemplo: Grupoterapia de Slawson: auto-educação do educador em permanente trabalho de aperfeiçoamento pessoal e de confiança nos esforços.

Exemplo: Ficar sentado de costas para as crianças.

Atividades educacionais e seus métodos e processos, com relação à disciplina. Liberdade sem medo — Experiência de Summerhill. Grupoterapia de Slawson — Granja das Oliveiras ou disciplina militarizada. Diferença dentro da escola e fora da escola; no dia de hoje, no dia de amanhã. Método de liberdade é um método a longo prazo. Disciplina interna — de acordo com os interesses da criança e suas preferências individuais de trabalho. Aplicação do método relativo ao condicionamento reflexológico. Skinner (Não tenho maiores conhecimentos pessoais — Sei de uma experiência malograda individual por uma psicóloga-aluna).

Exemplo de "Anieia" — com hábito de chupar dedo, enfian-do-o profundamente na garganta (espécie de masturbação bucal) — A experiência demasiadamente curta, sem resultado).

Exemplo do método reflexológico, na Granja das Oliveiras, em Brasília, com alunos internos, uns retardados mentais, outros abandonados sociais, com grandes atrasos escolares.

Todo e qualquer serviço dos internos, por mínima que seja a ordem dada ou o pedido — se fazia contra o bônus de G.C. (espécie de moeda com circulação dentro da instituição G.C.). A falta de obediência chegou às raias do absurdo: apanhar um lenço, um objeto caído, escovar dentes e demais atos de higiene pessoal, fazer limpeza da sala, passar o espanador na parede...

Exemplo: Estágio de um grupo de 6 professores que acabavam o curso de Educação Emendativa de um ano de duração, na Fazenda do Rosário e que vieram a meu pedido, em consequência do relatório de um universitário — 3.º ano de Psicologia da Unde (Brasília), para a leitura do qual fui convidada a ouvir e opinar (pensei que as professoras iriam ajudar também nas férias de Natal, antes de voltar para seus próprios lares, passando por Brasília, Amazonas, Maranhão, duas para Pará e uma religiosa alegre e enérgica para o Ceará. Levaram fantoches, jogos ao ar livre, trabalhos de caráter criativo interessante. Não conseguiu o grupo nem que fosse lavado o assoalho sujíssimo do salão onde deviam representar e brincar com fantoches, máscaras, realizar danças folclóricas, concursos de desenhos, modelagem... Duas professoras tinham que lavar o chão, ajudadas por um único menino de uns 80 k e que se deixou cativar pelas gentis professoras... O grau de desobediência, a falta de disciplina mais elementar, a anarquia e a sujeira chegaram a assustar os mais corajosos.

Atividades extra-escolares para retardadas mentais femininas.

Exemplo de meninas arrogantes, preguiçosas e grosseiras — do Leme.

C) PESSOAL: na equipe técnica, mas também no resto da casa, desde o diretor-geral aos mais humildes servidores, que entram em contato com as crianças — deve “pairar uma atmosfera de respeito mútuo, de cumprimento do dever de cada um, em permanente aprendizagem de seu metier e melhoramentos de seu serviço”.

Uma casa de Educação de deficientes mentais: deve ser como uma congregação, uma sociedade cristã de pessoas de boa vontade. Esse ambiente contribui grandemente à educação pela atmosfera moral, harmonia humana.

Casa da Amizade, onde a criança se sente emocionalmente amparada e segura.

D) AMBIENTE FÍSICO: pode ser fechada, dentro da cidade — com um mínimo de espaço vital para cada atividade, para cada criança. Deve ser aberta, ao meu ver, *no campo* — Vantagens da área livre — Oxigênio — Possibilidade de usar a área individual ou coletivamente em pequenos grupos ou grupos maiores. Dar a possibilidade à auto-educação da criança — na escolha de atividades adequadas às necessidades de cada um.

Exemplo negativo de Leopoldina: crianças se dispersavam e a educadora competente não dava conta de mantê-los, todos, juntos a si. Precisou cercar a área, por meio de um curralzinho em torno de um frondoso jatobá para manter o grupo.

Educação através da *beleza da natureza*, com variedade de ocupações. Exemplo dos Construtores (Carlos Boca Larga e o grupinho de seus serventes de pedreiros, construtores).

Cabanas de 3 andares — granjinhas escolares — Viver a vida primitiva, aprendendo, por si, a maior parte do necessário a cada um. Educar com a beleza, pois que há crianças estetas, artistas. (É mais fácil dizer bonito, que mal). Ex.: João Batista. No caso de ambiente urbano (melhor "rurbano") com pequena chácara, nas proximidades de um centro e com bom transporte.

Cada classe deveria ter, além do salão para atividades coletivas, saleta para atividades individuais. Conselho de Montessori para crianças que fizer distúrbio de disciplina escolar. Considerar necessário não o castigo e sim, ambiente favorável para trabalho individual.

Exemplo: moderníssimo prédio para deficientes mentais da APAE em São Paulo não adotou com unanimidade essa espécie de classe, alegando, precisamente, esse possível aspecto punitivo. Mas a saleta deve ser atraente e com educadora individual para este tipo de trabalho (como itinerante para estes casos).

E) EQUIPAMENTO MÍNIMO NECESSÁRIO: para a execução dos métodos tais quais Montessori — ASEM — Casa del Bambi — Maison des Petits em Genebra — Melles Audemars e Lafendel (falecidas no ano de 1971, ambas no mesmo dia).

RESPONDENDO A UNIVERSITÁRIOS SOBRE EDUCAÇÃO PARA EXCEPCIONAL

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL — DÉCADA DE 1970

por Helena Antipoff

Ao iniciar a resposta às duas primeiras questões a respeito de Recuperação do Excepcional, convém previamente conceituar os termos empregados. Segundo o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa (9.ª Edição), recuperação quer dizer recobrar o perdido; adquirir novamente; restaurar-se. No Boletim n.º 34, de junho de 1970, da SPB — Sociedade Pestalozzi do Brasil, encontra-se a seguinte definição para o termo excepcional: a expressão Infância Excepcional é interpretada de maneira a incluir os seguintes tipos: os mentalmente deficientes; todas as crianças fisicamente empecadas, as emocionalmente desajustadas, bem como as crianças superiormente dotadas; enfim, todas as que requerem consideração especial no lar, na escola e na sociedade.

A APAE da Guanabara adotou a seguinte definição contida no vocabulário de termos psicológicos e psiquiátricos do dr. Clóvis de Faria Alvim, página 85, edição 1971: Excepcional é interpretado de maneira a incluir crianças, adolescentes e pessoas de mais idade que se desviam acentuadamente para cima ou para baixo da norma de seu grupo em relação a uma ou várias características mentais, físicas, sociais ou qualquer combinação dessas, de forma a criar um problema especial com referência à sua educação, desenvolvimento e ajustamento ao meio social.

Como se vê, é amplo o sentido do termo Excepcional, que se aplica. Muitas vezes, erroneamente como sinônimo de criança ou qualquer pessoa menos dotada de inteligência, raciocínio, memória, comportamento social desejável... Anteriormente, não se usava o termo *excepcional* e sim o termo *anormal*, como se pode comprovar lendo o 1.º capítulo do Estatuto da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, fundada em 1932, em seu artigo 1.º: Fica instituída nessa Capital (Belo Horizonte) uma sociedade civil, desti-

nada a proteger a infância anormal e preservar a sociedade e a raça das influências nocivas da anormalidade". Em dezembro de 1934, o fascículo II, Boletim 16 de "Infância Excepcional", tratava dos subnormais e desamparados. Depois, no III fascículo, já foram incluídos os delinqüentes, crianças retardadas, surdos-mudos.

Dessas rápidas considerações fica patente que, para uma resposta mais exata à primeira pergunta, necessário será definir o grau de retardo mental, de distúrbio funcional ou emocional de cada paciente, ficando uma resposta mais completa, dependendo de estudo de cada caso, por psicólogos, pedagogos, médicos, assistentes sociais, professores, mestres de ofício. Para uma pequena demonstração de como as diferenças são diversas entre os excepcionais, citaremos um estudo feito no Consultório Médico-Pedagógico da SPB em 1945, baseando-nos em dados sobre os primeiros casos, entre os assistidos por esse consultório: 1.000.

Retardo mental	245
Retardo escolar	27
Enfraquecimento geral	140
Abandono social	85
Nervosismo	57
Gagueira	32
Outros defeitos de linguagem	25
Surdez (ou logicamente mudez)	56
Distúrbios de crescimento	41
Convulsões, vertigens	36
Incontinência de urina	26
Defeitos de caráter, vícios	26
Paresias e distúrbios motores	12
Sentidos	3
Inteligência: supernormais	8
Outros motivos	183

N.B.: Alguns clientes indicavam mais de 1 defeito.

Nem todo excepcional para menos chegará a uma recuperação nem mesmo razoável, que o coloque de forma equilibrada entre os normais, porque há fatores irremovíveis às vezes que provocaram o desvio da normalidade. No entanto, mesmo entre esses é preciso descobrir algo que lhes cause paz e alegria como algo que possam realizar. Poderemos citar, entre inúmeros, o caso de um aluno da Sociedade Pestalozzi, interno na Fazenda do Rosário que, incapaz de compreender qualquer ensinamento intelectual ou braçal, tocava, no entanto, com boa harmonia, uma gaitinha.

Muitos seminários, congressos, encontros vêm sendo realizados em âmbito local, regional ou nacional. Temos uma bem recente lei federal que instituiu a Semana da Criança Excepcional.

Surge uma conscientização geral acerca do problema que o excepcional representa no lar, na escola, no trabalho, na sociedade e as forças procuram unir-se para uma adequada solução. E o que é muito importante, ajudando a família do excepcional a aceitá-lo como parte integrante dela, despertando entre pais, irmãos, parentes, o sentido de solidariedade humana. Muito já se conseguiu, principalmente pelas APAEs, que vêm unindo as famílias atingidas, afastando a rejeição muitas vezes existente.

Sob alguns aspectos deveremos encarar honestamente com seriedade o problema no Brasil:

a — a assistência precoce ao excepcional para menos, pois disso depende sua maior possibilidade de recuperação.

b — a assistência periódica ao egresso das instituições educacionais, único fator realmente positivo para sua permanente adaptação ao trabalho que já está realizando, seja adolescente ou adulto. E as Leis Trabalhistas deverão estender-se a eles, uma vez que estão trabalhando como empregados ou como patrões (temos vários egressos da Fazenda do Rosário que têm sua própria indústria, seu próprio artesanato, sua empresa comercial pequena etc.).

c — o atendimento ao excepcional para mais, o bem-dotado, tão importante para que se evitem desajustes às vezes irreversíveis.

Como conclusão, gostaríamos de indicar um rumo aos jovens universitários — a ajuda à solução desses problemas, por estudos sérios, pesquisas, contato direto com excepcionais, análise dos métodos e processos usados e sua reformulação, sempre oportuna, ingresso nas associações dedicadas ao assunto para o conhecimento de como funcionam, a *formação de equipes de voluntários*, que ajudem efetivamente tais obras. Como no evangelho, a messe é grande e os operários são poucos, a tarefa é difícil e cabe aos jovens de boa vontade contribuir para torná-la mais fácil e eficaz.

Que seja introduzido na área da Psicologia e Pedagogia o estudo amplo do excepcional, com estágios obrigatórios nas instituições que o assistem.

Fizemos nossa parte; outros trabalharam e trabalham ainda conosco; alguns têm sua própria equipe em novas obras. Sobre vocês, universitários, recai, também a grande responsabilidade de ingressar efetivamente na prestação de serviços de assistência aos excepcionais.

nos excepcionais
diferença. Efectivamente, no período de existência
você, antecessor, você também a grande possibilidade de
conceder alguns em sua própria opinião. Sobre
TINCEMOS, não há parte entre trabalho e trabalho, aliás
lugares que o assistem.

Um rei introduzido na era da liberdade e liberdade
foam de boa vontade, embora seja possível, não é fácil
é grande e os operários são poucos e limitados a cada um
que ainda relativamente são poucos. Como no trabalho, a massa
meio de como funcionam a formação de grupos de voluntários,
têm-se em associação, federações no mesmo grau de conexão
métodos e processos novos e sua introdução, sendo oportuna
autores, pesquisas, coisas ditas com excepcionais, aliás, de
universitários -- a coisa é sempre mesma, profissões, por vezes
Como crucifixo, gostamos de indicar um grupo de jovens

do importante para que se criem condições de vida
cooperativas.

o - o alinhamento no excepcional para não se demor-
ar (etc).

indústria, seu próprio trabalho, sua empresa, comercial, pedre-
iros, vários grupos de trabalho de trabalho que têm sua própria
vez que estão trabalhando como cooperativas, ou como pedreiros
adultos. E as leis trabalhistas devem ser aplicadas em relação ao
adaptação ao trabalho que já está realizado e a situação em
condição, então, labor, técnicas novas, seu desenvolvimento
B - a assistência jurídica no caso, nas instituições edu-
cacionais, então, labor, técnicas novas, seu desenvolvimento
dessa dependo em maior possibilidade de recuperação.

estabelece o equilíbrio no Brasil.

Por alguns aspectos devemos, efectivamente, não
das atividades, visando a criação de uma situação
conveniente, especialmente para ATAF, que tem a vida as suas
trabalhos, ou mesmo de colaboração, mesmo não se
trabalho como parte integrante do trabalho, não há
debe a ser feita, procurando antes para uma situação melhor,
o excepcional, especialmente no caso, no trabalho, no trabalho, no
Sobre um cooperativismo, sendo possível, de trabalho, de
trabalho em âmbito local, mesmo em alguns casos, mas não
trabalho de trabalho que tenham a mesma situação, especialmente

LENTIDÃO NA EXECUÇÃO DOS PROJETOS PRÓ-EXCEPCIONAIS

Ao findar os 15 anos desde a data do 3.º *Seminário Pró-Excepcional* e ao rever os trabalhos apresentados naquele ano de 1953, na capital de São Paulo, vejo que os planos e projetos então discutidos não envelheceram ao ponto de considerá-los superados e imprestáveis para os nossos dias.

Ainda hoje, poderiam ser executados em benefício do pré-egresso e egresso, segundo a denominação, um tanto ambígua, que demos naquela ocasião, isso é, pré-egressos, os jovens excepcionais, um a dois anos antes de seu desligamento da instituição e — os egressos — necessitando de uma assistência especial — também durante mais um a dois anos — depois de deixar o estabelecimento, por ter atingido a maturidade suficiente e maior independência na vida.

Considera-se a idade entre 16 e 18 anos para os primeiros, depois de 18 a 20 anos para o segundo grupo, em média, podendo se tolerar limites maiores ou menores, conforme características pessoais, como as condições econômico-sociais da família ou dos responsáveis.

O que nos entristece, ao rever o trabalho por nós apresentado, é o pouco que fizemos daquilo que foi proposto. Quinze anos se passaram; outros seminários e encontros trataram novamente do assunto do egresso.

Apesar de a situação ter melhorado para excepcionais, sentindo-se melhor compreendidos e respeitados, apesar de uma série de decretos e dispositivos legais terem penetrado nos códigos de trabalho e da Previdência Social, ao deixar a escola, a oficina pedagógica, o centro de aprendizagem ocupacional, continuam a constituir motivo de angústia para os pais e educadores: "Como será a existência do filho excepcional, quando os pais, envelhecidos, sem recursos ou falecidos, não poderão mais lhe dar o necessário amparo vital?"

Ventilaram-se e foram propostas novas soluções: haja vista o Projeto de Instituto do Excepcional, apresentado pela deputada Marta Nair Monteiro à Assembléia Estadual de Minas Gerais — em outubro de 1965. As finalidades do Instituto seriam: abrigar, manter, tratar e educar excepcionais de qualquer idade ou sexo, além de, especificamente, gerir o patrimônio e cuidar dos interesses dos menores.

As instituições previstas no projeto prestariam serviços na medida de suas possibilidades a associados contribuintes, tão logo faleçam seus pais naturais ou adotivos, ou a partir do momento em que esses, por invalidez ou doença, se vejam impossibilitados de cuidar do filho.

Art. 6.º — Será condição para inscrição como associado contribuinte do Instituto a nomeação da entidade como donatária da metade do patrimônio do excepcional, desde que lhe sejam prestados pelo menos 15 anos de assistência como interno seu ou se o mesmo vier a falecer quando aos cuidados do Instituto.

Esse projeto, como vemos, apresenta certa originalidade e preenche de certo modo a lacuna a que nos referimos acima: garantir aos filhos excepcionais a proteção vital, mesmo na ausência dos pais, quando falecidos estes.

Ver o Boletim “Infância Excepcional” n.º 7 (Pestalozzi)

Fabenda do Rosário, Ibitiré, 1965, pág. 16

Faço votos para que as medidas revistas ou propostas neste encontro de maio de 1968 não fiquem apenas na fase de projetos.

Ficaremos grandemente satisfeitos ao saber que obras já estão se construindo!

Que ao excepcional adulto, ao término de sua estada em instituições médico-psicopedagógicas, as Sociedades Pestalozzi, as APAEs, bem como instâncias oficiais, dediquem também a devida atenção. Isso certamente diminuiria as angústias dos pais, dos educadores, em cuja responsabilidade dezenas de jovens vem-se apoiando, esperando o dia de sua “liberação” e entrada na vida de adulto.

EDUCAÇÃO DO EXCEPCIONAL

Manual para Professores

(em dois volumes)

por *Otilia Braga Antipoff*

Edições Pestalozzi — Rio de Janeiro — 1974

PREFÁCIO

por *Helena Antipoff*

Há livros que se folheiam rapidamente para logo deixá-los descansar nas estantes mais como ornamentação; outros há cuja leitura prende de tal modo o leitor que esse vem sorvendo seu conteúdo até a última página, com crescente interesse; outros livros servem para formar o espírito de quem os possui. São guardados como tesouros, junto aos outros volumes — amigos, mestres de predileção; há obras que nos formam profissionalmente: são repositório de conhecimentos básicos, indispensáveis ao desempenho da profissão; há ainda aqueles que são nossos servidores a toda hora, os *vade mecum*, aos quais recorremos para lembrar fatos esquecidos ou que ajudam nas dificuldades com informações práticas.

Os autores de *Educação do Excepcional* confiaram-me generosamente o prefácio dessa obra. Formando uma equipe dinâmica de competentes técnicos na área de Psicopedagogia do Excepcional, posso dizer que seu trabalho encerra um precioso cabedal de noções teóricas, de conhecimentos da realidade concernente ao excepcional em seus diversos aspectos e uma orientação segura para seu tratamento e ajustamento social. Não é um compêndio sistemático, mas abrange os assuntos mais importantes dessa complexa área de educação emendativa.

Destina-se, sobretudo, à normalista, no período de sua formação, e beneficiará a professora especializada, nos cursos intensivos ou em estudos seriados dos cursos de Pedagogia. Nas bibliotecas das instituições para excepcionais, esse livro será freqüentemente consultado.

Apresentado em linguagem acessível ao leitor culto, interessará aos pais preocupados em compreender seus filhos diferentes dos comuns e servirá à necessidade de dar-lhes uma educação especial em estabelecimentos para eles criados.

Interessará este livro à comunidade para poder ajuizar sobre a necessidade desses estabelecimentos e animar as campanhas pró-excepcionais e de higiene mental, essas últimas visando às medidas preventivas contra a deficiência mental e desajustamento.

Será de utilidade para o médico, o assistente social, os professores especializados em educação física, artes, trabalhos manuais e utilíssimo, quando todos esses profissionais formando, junto aos psicólogos e educadores, uma equipe de trabalho, tiverem que se decidir por esse ou aquele sistema de reeducação ou adotar, em comum, definidas maneiras de tratar o excepcional confiado ao estabelecimento. Uma obra como essa, baseada em boa parte de seus capítulos na experiência própria de cada um dos autores ou do estabelecimento de que constituem seu corpo técnico — pode servir como ponto de partida para novas equipes. São depoimentos verídicos, e neles se sente a vivência e autenticidade. Mesmo quando se trata de transcrições de outras publicações — os métodos e técnicas descritos — as mais das vezes foram experimentados, aplicados ou adaptados às condições e ambientes novos, mais condizentes com a atualidade.

Apreciaríamos ainda mais se o emprego de cada método e processo psicopedagógico fosse acompanhado dum estudo paralelo de verificação de seus efeitos, a prazo curto e longo. Mas para isso o corpo técnico deveria contar com um pessoal especializado em pesquisa dessa natureza.

Talvez seja ainda cedo para reclamar esse personagem — o cientista — para os estabelecimentos de excepcionais. Mas à medida que crescer a matrícula nos institutos de Psicologia e de Pedagogia Científica poder-se-á, futuramente, contar com maior número de estagiários e especialmente orientados para pesquisas na área do deficiente mental e excepcional em geral.

Desde já, reconhecemos com satisfação que o estudo objetivo da criança mereceu a atenção de alguns psicopedagogos, encontrando nesse volume dados estatísticos por eles mesmos

colhidos, entre alunos do Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte, sobre o nível e quociente intelectual, o respectivo grau de escolaridade.

Como a criança não é um homem em miniatura, o *homunculus*, na conceituação dos antigos, também o deficiente mental não é um indivíduo que simplesmente parou nos degraus inferiores da escala de desenvolvimento psíquico. Ele não é a redução quantitativa do homem comum: é um ser diferente. Há crianças que dão a impressão de retardados, e a literatura registra casos notáveis de um glorioso futuro desses falsos retardados. É que o "olho clínico" não soube perceber algo de superior nos olhares ausentes da criança, nem os testes psicológicos alcançar algo de original nas respostas "pueris" do futuro talento. Por duas vezes, na prática do consultório do Instituto J. J. Rousseau de Genebra e outra, no Centro de Orientação Juvenil do Rio de Janeiro, tive pessoalmente surpreendente descoberta desse fenômeno, que todo examinador poderá experimentar se não tiver atitudes rígidas, mesmo perante grandes retardados mentais", cujos pais ou mestres trazem para a educação emendativa.

A *Educação do Excepcional* acautela sobremaneira seus leitores sobre o pronunciamento e juízo dos técnicos quer médicos, quer psicólogos, recomendando evitar quanto possível os diagnósticos precipitados sobre o cliente do consultório ou de avaliação das aptidões e habilidades por psicopedagogos.

A personalidade do excepcional surge com maior clareza depois da convivência com ele, em situações diversas, em ambientes e com pessoas diferentes. Assim recomendam os autores estudos individuais prolongados ou em pequenos grupos e com auxílio da assistente social que o possa observar em seu lar familiar. Somente na base de um conhecimento mais íntimo e exato é que se poderá programar um plano de reeducação por estímulos mais adequados a cada um.

Assim, ao estudo do aluno se deve destinar bastante tempo. É esse conhecimento que vai sugerir métodos e processos ao mestre que saberá incorporar ao cabedal dos conhecimentos adquiridos na escola, nos livros, conhecimentos novos, inéditos ainda, gerados no contato com seus próprios alunos, tirados de sua própria experiência. Há um mundo de revelações, sobre a natureza humana, através da observação de excepcionais, e uma variedade de processos didáticos poderá nascer do contato com eles.

Essas conclusões podem ser úteis aos educadores que desanimam depressa no trabalho com seres deficientes, achando-o monótono demais, além de deprimente. Concordamos com alguns, cuja vocação exige trabalho mais estimulante e resultados "escolares" ou progressos dentro de uma predeterminada área de funções. Mas certos excepcionais, quando devidamente observados — repetimos — podem abrir novos caminhos para o educador.

Digno de atenção especial mais este tópico, que a *Educação do Excepcional* focaliza com clareza: a necessidade de ocupar os alunos não só com trabalhos manuais, mas também com atividades de vida prática. Nulos na área verbal ou incapazes de qualquer raciocínio matemático, resolvem problemas concretos, motivados pela necessidade da vida com bastante êxito. Melhor ainda se saem das dificuldades quando entra em jogo o fator afetivo, tal como amizade para com seu professor, fidelidade ao amigo que deseja ajudar, ou mesmo o sentimento de dever para com uma tarefa pela qual se responsabilizou. Esse aspecto afetivo é de considerável importância no trabalho do excepcional e da formação de novos hábitos.

As lições de vida prática, sempre motivadas dentro de um contexto vital e interesses do excepcional, nunca devem ser esquecidas e sim praticadas sistematicamente, dentro de um horário bastante amplo, segundo observações dos autores deste volume e depoimentos de pedagogos estrangeiros, que subscrevemos inteiramente.

Assinalemos, com satisfação, mais um aspecto tratado neste volume: os cuidados com o ambiente físico e o aspecto estético de tudo que entra em contato com a criança excepcional — o prédio, as salas de aulas, os jardins — tudo deve impressioná-la com a ordem, limpeza impecável, beleza. Para o retardado mental, o conceito do "bonito e feio" é mais familiar que o de "bom e de mau". Corresponde isso ao nível mais baixo da escala de desenvolvimento ainda sincrético, aliás, pois durante alguns anos, ainda, as noções éticas se confundem com as estéticas e mesmo com os estados afetivos de alegria e de tristeza, positivas e negativas, respectivamente.

Observam-se indivíduos e certos grupos de excepcionais com uma sensibilidade pronunciada à beleza quer do ambiente natural, duma paisagem, de um colorido pôr-do-sol, estampa na parede ou ilustrações de livros, sem falar das peças de vestuário, ou ainda, o rosto bonito de uma professora elegantemente vestida... Nas páginas de *Educação do Excepcional*, os autores valorizam com insistência a necessidade da estética do ambiente

e, nisso, acompanham os preceitos de Montessori, que exigiam dos fabricantes mobiliário e material didático com o mais perfeito acabamento, a fim de educar e alegrar os alunos das famosas *casas dei Bambini* e favorecer, assim, o desenvolvimento harmonioso da criança dos meios pobres do operariado italiano.

Ao ambiente cuidadoso e bonito, os excepcionais reagem com bons modos. Sua educação se torna mais fácil, uma vez que seus educadores também zelam, com sinceridade, para mantê-lo em ordem com asseio e arranjo harmonioso.

Também na esfera musical é do conhecimento bastante generalizado que os excepcionais gostam de ouvir música, canto, conjuntos, e participar de bandinhas rítmicas e charangas. Cedem, aprendem a localizar nos aparelhos de rádio ou da televisão os programas musicais de sua preferência, como também a identificar as peças ouvidas. Nem sempre podem vocalizar e cantar com exatidão mas, quando possuem boa audição e coordenação audiovocal, cantam com entusiasmo e seus conjuntos produzem efeitos bem agradáveis.

O grupo de crianças mongólicas se destaca pela sua predileção pela música. De vozes roucas e mal controladas, geralmente não participam dos conjuntos corais. Mas é digna de admiração sua habilidade em reproduzir ritmos de toda espécie ou inventar os seus próprios.

Apreciadores de coisas bonitas, os nossos excepcionais da Fazenda do Rosário, logo de início, começam a apreciar sua variada paisagem, extasiando-se visivelmente, como o fazia um dos mais atrasados ao passar junto aos canteiros de petúnia, de matizes e cores variadas, e parando perto de algumas que mais agradavam sua vista. Nunca vi criança comum, normal, dar tamanha mostra de seu sentido estético, que, aliás, também se refletia em suas pinturas — manchas coloridas espalhadas nas amplas folhas do papel. Eram tão admiráveis as misturas cromáticas desse adolescente, profundamente atingido em sua esfera intelectual, que não foi uma vez, mas repetidas vezes que desapareciam das exposições de pintura dos alunos excepcionais seus trabalhos, sumindo na pasta de algum freqüentador, seu admirador.

No presente volume sobre *Educação do Excepcional*, o estudioso encontrará exemplos e referências a outros aspectos da educação pela arte, de tamanha importância como a educação prática e de trabalhos manuais, em que a criatividade e a produção de valores reais e tangíveis se aliam, harmoniosamente, aos requisitos dessa educação em que a *palavra* figura em menor proporção que as demais funções na vida humana e do excepcional, sobretudo.

Com prazer, evocaremos, nesta altura do prefácio, uma instituição que, a nosso ver, deveria existir em cada estabelecimento médico-psicopedagógico para excepcionais, uma *escolinha de arte*. Criada há mais de 20 anos, no Rio de Janeiro, pelo pintor Augusto Rodrigues, seguidor entusiasta da filosofia de *educação pela arte*, de Herbert Read, o artista brasileiro revelou autêntica fibra de educador. Seriamente preocupado com os problemas da formação da infância e juventude, dia-a-dia se aprofundando nos mistérios desse mister de servir às novas gerações em ambientes e regimes de liberdade no trabalho e na arte, ao próprio sabor, Augusto Rodrigues, *pari passu*, se reflete em muitas dezenas, senão centenas de outras escolinhas espalhadas pelo País e em centenas ou, talvez, milhares de educadores que receberam a influência direta do mestre, na Escolinha de Arte do Brasil (Guanabara) ou nos inúmeros cursos, congressos e seminários de estudos, dos quais esse educador-artista nunca — creio — recusou participar. Os 20 anos da Escolinha de Arte do Brasil, celebrados em 1969, e o Congresso Brasileiro de Educação Artística realizado em 1970 em Porto Alegre (RS), constituem justa consagração desse generoso e sempre animado criador das escolinhas de arte.

Nelas impera, soberanamente, o que mais as caracteriza, a criatividade. Este pássaro azul só tem vez quando o homem e a criança se sentem ao abrigo de toda imposição, de toda pressão externa, de crítica e mesmo da indiscriminada aprovação. O influxo se origina dentro de cada um e algo de espontâneo se projeta em atividades próprias de cada ser que age. Então, a gente pode experimentar algo de peculiar nesse regime de respeito às manifestações da livre e espontânea vontade. Há como que uma transfiguração que se opera nos alunos ou professores dessas escolinhas.

Ambientes caóticos, barulhentos e desarranjados; gente agitada ou parada; conversas altas, risos descontrolados, gargalhadas vulgares e palavras nem sempre apropriadas — inibições? brinquedos como material de trabalho, derramamento de tintas nos móveis e no chão... Eis as cenas observadas, facilmente, na fase inicial de uma escolinha de arte. Sinal de imaturidade da primeira etapa do uso da liberdade e de atividades produtivas. Podem ser também sinal de privação mais ou menos crônica da liberdade e de atividades em regime de disciplina externa.

Em muitos — ditos excepcionais — a conduta dos “retardados”, desajustados, dos infratores de leis e da ordem pública e privada, mais das vezes ainda, provavelmente, o protesto contra a disciplina rígida, a... rejeição, ambientes sem amor — “inferno”

— lugar onde não há amor”, segundo escritos e ditos de Santa Tereza de Ávila — são responsáveis diretos por muita infelicidade desses excepcionais.

Sem alongar demasiado este prefácio, sinto-me na necessidade de deixar mais algumas linhas sobre a vida espiritual da educação de excepcional.

Não sei a que ponto os exercícios tão apreciados de ioga no Instituto Educacional do CEMP (Centro de Educação Médico-Pedagógicas), aplicados mesmo a crianças do mais baixo nível intelectual — podem ser considerados como exercícios espirituais. Notei, ouvindo referências dos dirigentes e educadores desse estabelecimento, sincera apologia desse método e, pessoalmente, fico impressionada pela expressão das crianças (mongolóides, inclusive), tão absorvidas internamente por algo que parece alcançar alturas ou profundidades de todo o seu ser. Que se passa com eles? Quem o dirá? Os resultados estão provando benefícios patentes no comportamento na escola, como no lar. Necessitaria de verificações menos esporádicas. Creio que o método que no CEMP foi aplicado entre os primeiros estabelecimentos de Belo Horizonte, pelo menos, merece um estudo sistemático, com observações periódicas, a fim de nos convencer-mos do seu valor pedagógico e social, com uma análise mais objetiva dos resultados. Isso poderia trazer benefícios imensos ao se verificar que a ioga é de real valor para o desabrochar da personalidade.

Apraz-nos dedicar algumas linhas, ainda, neste final do prefácio, à obra da *Educação do Excepcional* cuja principal autora, psicóloga e pedagoga especializada, Ottilia Braga Antipoff, tanto se esforçou com seus colaboradores — professora Eunice Rabelo Mourão e psicólogo Daniel Antipoff — em instruir seus leitores, professores e educadores, para que, orientados, pudessem trazer ao excepcional compreensão e tratamento “sob medida”, e não desprezando pormenores e, contudo, evitando o uso de termos demasiadamente técnicos a fim de não desanimar da leitura aqueles que se preparam para essa tarefa educativa.

Em nossos dias, vimos, trabalha-se de preferência em grupos “formando harmoniosas equipes de profissionais”, cada um firme em sua especialidade, mas todos necessitando entrar ligeiramente na especialidade do outro para se enquadrar na complexa tarefa da assistência e reeducação do excepcional. Em estabelecimentos mais bem organizados e progressistas, todo o pessoal, desde o mais competente psiquiatra ao servidor menos qualificado, trabalham integrados, afinando seu serviço pelo mesmo diapasão. Ninguém pode destoar na maneira de tratar a

criança, nem introduzir qualquer elemento que possa contrariar o plano da casa ou pôr-se em contradição com a ética da instituição, por mais humilde que pareça, à primeira vista. Infelizmente, fatos curiosos se observam em estabelecimentos para excepcionais, nesse sentido, e as mais grosseiras extravagâncias dessa heterogeneidade, quer por ignorância ou por má fé (de alguma, apenas) que vêm anular o valor da entidade.

No caso de ser este livro utilizado apenas por estudantes de Pedagogia ou estudos normais, seria, ainda, de desejar, funcionando, nos respectivos cursos, também, classes, escolas ou instituto de educação emendativa para demonstração dos métodos empregados e a possível verificação de sua eficácia.

A ampla bibliografia consultada pelos autores deste volume representa mais um dado positivo de bastante utilidade.

Nesse prefácio, procurei dar uma colaboração detendo-me menos na obra em si que juntando referência a outras experiências, pondo em relevo alguns aspectos da educação da infância "diferente" dos padrões comuns.

Fazenda do Rosário, julho de 1972

HELENA ANTIPOFF

Reconhecimento de Valores

A Professora Maria Ivette Correa de Vasconcelos

Pode ser considerada, hoje, no Brasil como uma representante das mais acreditadas nesta especialidade de educação do excepcional. Aliando a competência em instituição privada que fundou — Escola Santa Cecília — tem revelado capacidade criadora na maneira de organizar ambientes adequados aos portadores da deficiência de audição e na invenção do processo didático.

A referida professora deveria ser aproveitada em campos mais amplos de trabalho e em estabelecimento de caráter público, a fim de que seu trabalho tenha maior repercussão e utilidade na formação de educandos especializados no assunto.

ISER — Fazenda do Rosário, 29 de julho de 1963

Helena Antipoff

Comunicação apresentação ao 1.º Simposium sobre Reabilitação dos Deficientes de Audição — INES, Rio, maio de 1964

IOLANDA MARTINS

por Helena Antipoff

(Extraído do BSPB — N.º 45 — Pág. 53)

D. Iolanda Martins e Silva é uma mensageira de uma educação reformulada, menos em seu sentido técnico e didático, que no propósito da busca séria, aprofundada, da maneira de cada indivíduo, poder ser autenticamente feliz.

CORRESPONDENCIA DE HELENA ANTIPOFF
PARA TERCEIROS

Escuela de Nocturno 18 de Maio de 1888

Amo de 1888
Cidade de São Paulo

Mãe querida

Respeito à Mãe

Quando que a noite saíam do apartamento a noite que
em seguida sempre a noite de amanhã, depois de
deitar nos quartos sempre em casa e não saía
de casa para os estudos de noite e não saía para
de fora para estudar em casa, por alguns minutos
depois que os estudos em casa estavam sempre a noite
percebidos por que sempre saíam para estudar e
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite
depois que os estudos de noite estavam sempre a noite

Uma mãe sempre sempre sempre sempre sempre sempre
com a filha sempre sempre sempre sempre sempre sempre
com a filha sempre sempre sempre sempre sempre sempre
com a filha sempre sempre sempre sempre sempre sempre

Mãe sempre sempre sempre sempre sempre sempre

Respeito à Mãe sempre sempre sempre sempre sempre sempre

Helena Antioff

**CORRESPONDÊNCIA DE HELENA ANTIPOFF
PARA TERCEIROS**

Fazenda do Rosário, 18 de Maio de 1972

Ilma. Srta. Vera Lúcia Ezagui
NESTLÉ Ind. e Com. Ltda.
BELO HORIZONTE

Mui Prezada

Senhorita Vera,

Sempre que o nosso serviço de assistência à criança fica em dificuldade, vem-nos à mente as generosas dádivas da Nestlé para pedir-lhe socorro. Parece haver crise nesta época, pois, apesar dos esforços da nossa boa Clara Borich, voluntária da Paz (que continue ainda conosco, por algumas semanas apenas, visto que os prazos de sua permanência foram, a nosso pedido, prorrogados por um semestre), esforços grandes, não conseguimos leite em pó para os pequenos clientes da cantina. Temos uma pequena reserva, apenas para 2-3 dias apenas. No entanto, nascem e continuam a nascer crianças cujas mães, carentes, elas mesmas, de uma alimentação suficiente, não conseguem nutrir seus filhos, sem o suplemento do leite em pó ou de leite fresco da vaca, nem sempre de boa qualidade e de preço bem elevado.

Dona Clara provavelmente ainda terá tempo de se entender com a firma Nestlé e por seu intermédio, Dona Vera talvez consiga alguns quilos para superar a crise.

Muito grata pela atenção.

Subscrevo-me cordialmente,

Helena Antipoff

CORRESPONDENCIA DE HELENA ANTIPOFF
PARA TERCEIROS

Revista de Literatura 13 de Maio de 1973

Revista de Literatura
13 de Maio de 1973
LIT. 13/5/73

Mãe Helena

Querida Mãe,

Quando que o nome de uma pessoa se encontra a referir-se
em documentos, sempre é sempre a primeira, embora de
leitura não possamos esquecer. Porém, neste caso, a
sua mãe, não esquecer de saber que há uma diferença
de um grau de parentesco entre os dois. Quando
isto que se chama de um parentesco há um grau de
parentesco entre os dois. Quando isto que se chama
parentesco há um grau de parentesco entre os dois.
Quando isto que se chama de um parentesco há um grau
de parentesco entre os dois. Quando isto que se chama
de um parentesco há um grau de parentesco entre os
dois. Quando isto que se chama de um parentesco há
um grau de parentesco entre os dois. Quando isto que
se chama de um parentesco há um grau de parentesco
entre os dois.

Quando isto que se chama de um parentesco há um grau
de parentesco entre os dois. Quando isto que se chama
de um parentesco há um grau de parentesco entre os
dois. Quando isto que se chama de um parentesco há
um grau de parentesco entre os dois. Quando isto que
se chama de um parentesco há um grau de parentesco
entre os dois.

Com muito amor e carinho,

Helena Antipoff

Helena Antipoff

TRECHOS DE CARTAS REDIGIDAS POR HELENA ANTIPOFF

Tema: O EXCEPCIONAL

— A melhor educação para o excepcional é o ar livre.

— O excepcional, no mais das vezes, é um individuo cuja personalidade carece de organização interna harmoniosa. Esta não se elaborará senão num ambiente onde ele é considerado como um todo, como uma pessoa e como tal sempre digno de consideração e de trabalho.

— Tudo que se fizer para um excepcional reverterá para milhares de crianças normais.

— (Nas classes especiais, afirmava...) A parte educativa deve certamente primar sobre o ensino propriamente dito. Trata-se muito menos de instruir a criança do que organizá-lhe a personalidade, educando-lhe os instintos, canalizando-lhe os interesses, formando hábitos de observar, fixar a atenção, refletir, dominar-se, coordenando o funcionamento psíquico.

Cumprê pôr em segundo lugar a preocupação de ensinar a criança a ler e escrever, coisas imensamente difíceis para ele. Outras preocupações são mil vezes mais úteis para ele, como o trabalho manual, a cultura física e mental, a socialização.

— A educação da criança excepcional não poderia surtir efeito duradouro e a assistência a diversas categorias de jovens desajustados seria ilusória se não houvesse à sua disposição um centro pedagógico capaz de promover uma série de medidas, visando, de um lado, a formação de educadores, e, de outro, a criação de obras e serviços médico-pedagógicos e sociais, recursos permanentes, de caráter preventivo e emendativo a uma vez, da comunidade.

— Aos educadores que terão a responsabilidade de um grupo de adolescentes excepcionais, caberá:

- 1.º) criar um ambiente propício para a educação, o "clima" mais favorável ao tipo de alunos que recebem;

- 2.º) imaginar e realizar processos e técnicas educativas, a cada caso e fato ocorrido;
- 3.º) compreender a experiência, *registrar*, como cientistas, fatos objetivos a fim de construir, pouco a pouco, a pedagogia, como arte baseada na experiência.

— Escolas para excepcionais não são simples escolas. São estabelecimentos onde se estudam problemas e processos educativos e onde se formam educadores.

— Há 36 anos atrás, trazendo da cidade para o campo adolescentes e crianças desajustadas, limitadas em seu desenvolvimento físico e mental, socialmente abandonadas e infelizes — conseguimos, creio, dar à grande maioria, senão a todos, um recanto cheio de beleza natural, de águas cantantes e de recantos a gosto de cada um — tão variada é a paisagem desta famosa Fazenda do Rosário, de Ibirité.

— Mais do que uma criança normal, a criança oligofrênica deve ser bombardeada pelo estímulo sensorial e motor, deve viver em ambientes solícitos de oportunidades múltiplas, sobretudo de caráter social, pois nessas circunstâncias ela, via de regra, se torna menos apática.

— Sempre reclamei horas de atividades domésticas para nossas meninas, de maior idade, horas diárias praticadas na limpeza, no serviço de mesa, na cozinha, na ida ao mercado. Assim pedido ao corpo docente, pensava eu, mais no lado da *utilidade* isto é, de coisas a serem ensinadas para mocinhas em preparação para a vida de adulto. Mas pecava eu e aqui vai o *mea culpa*, *mea maxima culpa*, contra a Lei da Autonomia da Conduta. A educação não é preparo para a vida, é a vida mesma, lei que Jean Jacques Rousseau formulou no século XVIII e Claparède, em sua *Educação Funcional*, tão energicamente reclamou, em sua aplicação prática e real da escola moderna.

Os excepcionais, uma vez que se lhes procuram métodos apropriados, logo se beneficiam, como também os normais.

— Ao lado da Escola de Inteligência de cunho verbal e abstrato, há grande interesse para o educador em dispor de uma escola para avaliação de outras habilidades de seus educandos. As relações humanas, a personalidade devem ser valorizadas, bem como o trabalho produtivo da terra, nas oficinas, na comunidade onde os deficientes mentais também podem progredir, alcançando resultados que não são menos importantes que os daqueles que falam bem e têm vivacidade intelectual.

PENSAMENTOS DE HELENA ANTIPOFF

Tema: OS EXCEPCIONAIS

— A escola de quatro paredes, vazia de estímulos para os sentidos, para a ação e vivência social, para a vida afetiva mais desenvolvida, esta escola é o túmulo do excepcional, mais do que de uma criança normal...

— A criança oligofrênica deve ser bombardeada pelo estímulo sensorial e motor, deve viver em ambientes solícitos de oportunidades múltiplas, sobretudo de caráter social, pois nessas circunstâncias ela, via de regra, se torna menos apática.

— Os excepcionais, uma vez que se lhes procuram métodos apropriados, logo beneficiam também os normais.

— Escolas para excepcionais não são simples escolas. São estabelecimentos privilegiados onde se educam as crianças, onde se estudam as crianças, onde se estudam problemas e processos de educação e de tratamento, e onde se formam educadores e demais auxiliares.

— Nas escolas especiais, a parte educativa deve certamente primar sobre o ensino propriamente dito. Trata-se muito menos de instruir a criança, do que organizar-lhe a personalidade, educando-lhe os instintos, canalizando-lhe os interesses, formando hábitos de observar, fixar a atenção, refletir, dominar-se coordenando o funcionamento psíquico. Cumpre, em segundo lugar a preocupação de ensinar a criança a ler e escrever, coisa imensamente difícil para ela. Outras ocupações são mil vezes mais úteis para elas, como o trabalho manual, a cultura física e mental, a socialização.

— A educação da criança excepcional não poderia surtir efeito duradouro e a assistência a diversas categorias de jovens desajustados seria ilusória se não houvesse à sua disposição um centro pedagógico capaz de promover uma série de medidas, visando, de um lado, a formação de educadores, e do outro, a

criação de obras e serviços médico-pedagógicos e sociais, recursos indispensáveis, de caráter preventivo e emendativo, a uma vez, de comunidade.

Para que a arte possa ser usada com a devida eficiência, junto às crianças deficientes ou com distúrbios mais ou menos graves de conduta, ou ainda com a motricidade rígida, descontrolada, precisamos de artistas-educadores para o trabalho que ora iniciamos.

Acreditamos que esses meios ativos de reeducação da personalidade doente são mais eficientes, em grande número de casos, que os remédios técnicos ou sedativos que deixam a personalidade em estado passivo, sem integrá-la em estados melhor organizados.

Quando tivermos alguns especialistas em recreação, nossa tarefa com as crianças deficientes ou perturbadas terá maior probabilidade de ser eficiente.

Nada, absolutamente, nada poderá ser feito, se não tivermos um pessoal técnico, médico-pedagógico e social de primeira qualidade.

Nesta seleção — já temos alguma experiência, obtida em Minas Gerais de que as qualidades de caráter, em igualdade de condições, valem mais que a competência técnica, propriamente dita. Nem os diplomas, nem o preparo profissional e mesmo talento podem concorrer com certos requisitos de formação moral — os quais sem o pedagogo nunca passará de profissional e não logrará o título de educador ou de mestre — amigo da criança e zeloso de seu futuro.

A esse preparo e seleção de educadores daremos uma atenção cada vez maior, até conseguirmos um corpo de colaboradores para realizar a difícil tarefa — reeducação do anormal, reajustamento do anti-social, reformador de uma coletividade.

REVISÃO FINAL:
RESPONSABILIDADE DO AUTOR

IMPrensa OFICIAL
BELO HORIZONTE — 1992